

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA



REAL E RACIONAL EM HEGEL
Para uma elucidação dos conceitos na fundação de uma ontologia
dialéctica e idealista

Carolina Nogueira Martins

Dissertação

MESTRADO EM FILOSOFIA

2013

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA



REAL E RACIONAL EM HEGEL

Para uma elucidação dos conceitos na fundação de uma ontologia
dialéctica e idealista

Carolina Nogueira Martins

Dissertação orientado pelo Professor José Barata-Moura

MESTRADO EM FILOSOFIA

2013

Resumo

A presente dissertação tem como principal objectivo expor nos seus traços fundamentais a concepção ontológica de Hegel expressa na afirmação da identidade de real-efectivo e racional. Incidindo, sobretudo, nas implicações doutrinárias e na problemática implicada na mesma, pela análise do horizonte de inteligibilidade compreendido e constituído pelos dois conceitos, pretende-se mostrar como ambos concorrem de uma forma determinante e incontornável para a perspectiva desenvolvida por Hegel, em especial na fundação de uma ontologia simultaneamente dialéctica e idealista.

Palavras-chave: real-efectivo, racional, dialéctica, idealismo, ontologia.

Abstract

This dissertation has as main purpose to demonstrate in its fundamental features the ontological conception of Hegel expressed in the affirmation of the identity of actual and rational. Focusing primarily on the doctrinal implications and problems involved in it, through the analysis of the horizon of intelligibility comprised and created by these two concepts, is intended to show how both compete in a decisive and unavoidable way for the perspective developed by Hegel, especially in the creation of an simultaneously dialectic and idealistic ontology.

Key-words: actual, rational, dialectics, idealism, ontology.

Índice

Abreviaturas.....	IV
-------------------	----

Introdução.....	1
-----------------	---

I Parte – Real-efectivo

1. Ser

§ 1. Ser, Nada, Devir.....	9
§ 2. Imediatez e mediação.....	13
§ 3. Ser-aí e Realidade.....	15
§ 4. Algo e outro.....	18
§ 5. Limite e Dever-ser.....	23
§ 6. Finito e Infinito.....	27
§ 7. Quantidade.....	29

2. Essência

§ 8. Essência: aparência e reflexão.....	34
§ 9. Identidade e diferença.....	37
§ 10. Contradição.....	41
§ 11. Fundamento	45
§ 12. Condição e <i>Coisa</i>	50
§ 13. Existência e coisa-em-si.....	53
§ 14. Fenómeno.....	57
§ 15. Relação.....	60
§ 16. Realidade-efectiva: Absoluto.....	61
§ 17. Possibilidade, Contingência, Necessidade.....	64
§ 18. Substância e causalidade.....	69
§ 19. Realidade-efectiva.....	72

II Parte – Racional

§ 20. Conceito.....	75
§ 21. Sujeito.....	77
§ 22. Conceito: Universal, Particular e Singular.....	81
§ 23. Abstracção.....	85
§ 24. Juízo.....	87
§ 25. Silogismo.....	90
§ 26. Objectividade.....	93

§ 27. Mecanismo.....	96
§ 28. Quimismo.....	99
§ 29. Teleologia.....	101
§ 30. Finalidade e sua Realização.....	104
§ 31. Ideia.....	107
§ 32. Razão.....	110
§ 33. Razão e dialéctica.....	115
§ 34. Razão especulativa.....	120

III Parte – Idealismo e dialéctica

§ 35. Unidade especulativa.....	124
§ 36. Ser e pensar.....	126
§ 37. Ideia: vida e conhecimento.....	128
§ 38. Real-efectivo e racional.....	131
§ 39. Idealismo.....	135
§ 40. Idealismos antigos: Parménides, Heraclito, Anaxágoras.....	138
§ 41. Platão, Aristóteles.....	140
§ 42. Idealismos modernos: Descartes, Espinosa, Leibniz.....	143
§ 43. Idealismo transcendental.....	146
§ 44. Schelling.....	149
§ 45. Idealismo hegeliano.....	153
§ 46. Consequências ontológicas.....	156
Conclusão.....	160
Bibliografia.....	164
Índice de Nomes.....	171

Abreviaturas das obras de Hegel

W: *Werke*, red. Eva Moldenhauer e Karl Markus Michel, Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag, vv. dd.

Wissenschaft der Logik (1812): *Wissenschaft der Logik. Erste Band. Die objektive Logik* [1812], Nürnberg, Johann Leonhard Schrag, 1812.

Wissenschaft der Logik, I-I, W 5: *Wissenschaft der Logik, Erste Teil. Die objektive Logik. Erstes Buch* [1832], *Werke*, vol. 5.

Wissenschaft der Logik, I-II, W 6: *Wissenschaft der Logik, Erste Teil. Die objektive Logik. Zweites Buch*, *Werke*, vol. 6.

Wissenschaft der Logik, II, W 6: *Wissenschaft der Logik, Zweiter Teil. Die subjektive Logik*, *Werke*, vol. 6.

Enzyklopädie, W 8: *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse* (1830), *Erste Teil. Die Wissenschaft der Logik mit den mündlichen Zusätzen*, *Werke*, vol. 8.

Introdução

A afirmação de que o real é racional e o racional é real¹, formulada no “Prefácio” às *Linhas Fundamentais de Filosofia do Direito* e retomada na *Enciclopédia*² é expressão da concepção ontológica e do horizonte de inteligibilidade que Hegel elabora acerca de “o que é” (*das, was ist*). A sua perspectiva, dialéctica e idealista, encontra-se aqui resumida a uma identidade que, quando analisada nas suas implicações conceptuais e doutrinárias, revela uma complexidade e multiplicidade de aspectos que caracterizam e constituem toda a *Lógica* hegeliana, concorrendo decisivamente para a sua apreensão da realidade.

Longe de representar uma aceitação acrítica e imediata do real como tal, afirmando a sua racionalidade sem mais, ou que tudo o que é racional, tudo o que é concebível ou pensável, é erigido em real, independentemente da sua efectivação ou correspondência verdadeira à realidade como tal, a equação pressupõe precisamente que, por um lado, nem *todo* o racional é real e, por outro, nem *todo* o real é racional. Só o que é verdadeiramente racional, em sentido hegeliano, é real-efectivo (*wirklich*) e inversamente. Deste modo, exclui-se da identidade o racional que não assume uma configuração real-efectiva, assim como se rejeita a atribuição de um carácter de racionalidade a toda e qualquer instância de realidade.

É com base nesta concepção que Hegel estabelece a sua crítica à noção habitual de *dever-ser* (*Sollen*) – nomeadamente à sua configuração na filosofia crítica – entendido como um ideal, ou racional, que não alcança a realidade, que não é efectivado, seja o mesmo considerado como ilusão ou “quimera”, produto da imaginação subjectiva, seja porque a sua natureza, ou demasiado elevada, ou meramente impotente, não permite a sua realização³.

Do mesmo modo, segundo Hegel, “uma existência accidental não merecerá o enfático nome de um real-efectivo [*ein Wirkliches*]”⁴, assim como o “erro” (*Irrtum*) ou o “mal” (*Böse*), os quais, como tal, não devem ser tomados como se constituíssem por si mesmos uma realidade-efectiva. Esta não corresponde, portanto, a qualquer elemento ou momento do que é, mas representa, no seio da concepção hegeliana, uma figura específica no todo que constitui a sua ontologia e, entre os diversos modos de dizer o ser⁵, é uma “categoria”⁶ fundamental na complexa inteligibilidade que o sistema hegeliano edifica.

Contra as habituais interpretações da identidade em questão, por um lado uma leitura conservadora (*conservative reading*) que atribui à afirmação hegeliana uma dimensão de

¹ «O que é racional é real-efectivo, e o que é real-efectivo é racional.» – «Was vernünftig ist, das ist wirklich; und was wirklich ist, das ist vernünftig.» G. W. F. HEGEL, *Grundlinien der Philosophie des Rechts oder Naturrecht und Staatswissenschaft im Grundrisse*, Vorrede, W 7, p. 24.

² G. W. F. HEGEL, *Enzyklopädie*, §6, W 8, p. 47.

³ Cf. HEGEL, *Enzyklopädie*, § 6, W 8, p. 48.

⁴ «Aber auch schon einem gewöhnlichen Gefühl wird eine zufällige Existenz nicht den emphatischen Namen eines Wirklichen verdienen». HEGEL, *Enzyklopädie*, § 6, W 8, p. 48.

⁵ Cf. ARISTÓTELES, *Metafísica*, Γ, 2, 1003a 33.

⁶ «A categoria é, segundo a sua etimologia e a definição de Aristóteles, aquilo que é dito, afirmado do que é [ente, *Seienden*].» – «Die Kategorie ist, ihrer Etymologie und der Definition des Aristoteles nach, dasjenige, was von dem Seienden gesagt, behauptet wird.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 36.

“quietismo” e acomodação à realidade constituída, por outro lado uma consideração da mesma enquanto expressão de uma posição “progressista” (*progressive*)⁷, na medida em que, estando nela implicada a distinção fundamental na ontologia hegeliana entre mera realidade (*Realität*) existente e o que Hegel entende por realidade-efectiva (*Wirklichkeit*), critica o que simplesmente é (real) e apela para o que real-efectivamente é (ou há-de vir a ser), Robert Stern avança uma “leitura neutra” (*neutral reading*) em que a problemática relativa a um qualquer tipo de apreciação de valor (*right, good*) ou “normatividade” é posta de parte, defendendo que o essencial da afirmação hegeliana diz respeito à posição da filosofia face ao que é, enquanto “tem que [*must*] estar comprometida [*committed*] com [a] razão nos seus métodos de investigação”⁸ e, como tal, constitui “uma defesa de [um] racionalismo filosófico”⁹.

De facto é o que sugere o texto da *Filosofia do Direito* onde se enquadra a afirmação da identidade de real-efectivo e racional. Aqui, Hegel defende que “precisamente porque a filosofia é o compreender [*Ergründen*] do racional, ela é o apreender [*Erfassen*] do presente e do real e não a construção de um além que se encontraria sabe Deus onde”¹⁰, e que corresponderia àquele dever-ser que não assume uma configuração real-efectiva. A filosofia pressupõe, pois, um compromisso com a própria realidade, precisamente enquanto apreensão racional da mesma.

Contudo, a *Enciclopédia* mostra resumidamente as implicações que, segundo Hegel, a perspectiva expressa pela afirmação compreende em si mesma – e que os defensores da interpretação progressista tendem a salientar – nomeadamente, o alertar para o facto de que nem tudo o que é real é real-efectivamente e cumpre à filosofia “distinguir” “do amplo reino do ser-aí [*Dasein*] externo e interno, o que é unicamente *fenómeno*, fugaz e insignificante, e o que em si merece verdadeiramente o nome de *realidade-efectiva*”¹¹, bem como a “necessidade” de a filosofia se pôr em “consonância [*Übereinstimmung*] com a realidade-efectiva e a experiência [*Erfahrung*]”¹².

⁷ «Além disso, o Hegel antiquado não faz, de modo nenhum, do mundo um príncipe petrificado, muito menos, como se recorda, na sua frase de que o racional é real-efectivo. Esta frase contém, pelo contrário, um dever-ser propulsor contra aquilo que no real-efectivo não é racional.» – «Auch der antiquarische Hegel macht nicht überall, durchaus nicht überall, aus der Welt einen versteinerten Prinzen, so am wenigsten, wie erinnerlich, in seinem Satz, daß das Vernünftige wirklich ist. Dieser Satz enthält gegen dasjenige im Wirklichen, das nicht vernünftig ist, vielmehr ein fortreibendes Sollen.» Ernst BLOCH, *Subjekt – Objekt. Erläuterung zu Hegel, Gesamtausgabe*, vol. 8, Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag, 1977, p. 442.

⁸ «My claim will be that when Hegel identifies what is actual with what is rational in the *Doppelsatz*, his intention is not to offer a normative assessment of what is actual (as both the conservative and progressive readings assume, differing only over what exactly is being normatively endorsed); rather, it is to suggest that genuine philosophy must be committed to reason in its methods of inquiry». Robert STERN, *Hegelian Metaphysics*, Oxford, Oxford University Press, 2009, p. 81.

⁹ «The *Doppelsatz* is thus a defence of philosophical rationalism, rather than a normative claim about ‘*was ist wirklich*’ in either a conservative sense (as simply what is) or a progressive sense (as what is when properly realized).» STERN, *Hegelian Metaphysics*, p. 82.

¹⁰ «die Philosophie, weil sie das Ergründen des Vernünftigen ist, eben damit das Erfassen des Gegenwärtigen und Wirklichen, nicht das Aufstellen eines Jenseitigen ist, das Gott weiß wo sein sollte». HEGEL, *Grundlinien der Philosophie des Rechts oder Naturrecht und Staatswissenschaft im Grundrisse*, Vorrede, W 7, p. 24.

¹¹ «Eine sinnige Betrachtung der Welt unterscheidet schon, was von dem weiten Reiche des äußeren und inneren Daseins nur *Erscheinung*, vorübergehend und bedeutungslos ist, und was in sich wahrhaft den Namen der *Wirklichkeit* verdient.». HEGEL, *Enzyklopädie*, § 6, W 8, p. 47.

¹² «Indem die Philosophie von anderem Bewußtwerden dieses einen und desselben Gehalts nur nach der Form unterschieden ist, so ist ihre Übereinstimmung mit der Wirklichkeit und Erfahrung notwendig.». HEGEL, *Enzyklopädie*, §6, p. 47.

Esta reivindicação está, portanto, associada à perspectiva que Hegel tem da própria filosofia e o modo por que esta deve ser conduzida. Como Stern não deixa de evidenciar¹³, é no âmbito da sua crítica a outras “filosofias” ou ao estado “actual” da filosofia que Hegel refere repetidamente que o objecto ou, mais precisamente, o “conteúdo” da filosofia “é a *realidade-efectiva*”¹⁴ enquanto esta é considerada racionalmente. O que isto significa em termos hegelianos é um dos aspectos centrais do presente estudo.

Se a afirmação de que o real-efectivo é racional e vice-versa não implica necessariamente uma normatividade, no sentido em que decorreria da mesma uma elaboração do que e como deveria ser a realidade com vista a ser racional, nem mesmo uma valorização (positiva ou negativa) do real tal como se apresenta imediatamente, compreende no entanto uma tomada de posição face ao que é e o modo como este é compreendido. Em última instância, a identidade entre real-efectivo e racional não é simplesmente um apelo à racionalidade, ao pensar de um posto de vista da razão, face nomeadamente às filosofias baseadas essencialmente no entendimento ou ainda ao que Hegel chama “saber imediato” (*unmittelbares Wissen*), mas uma afirmação acerca da natureza de o que é (*das, was ist*), uma proposição verdadeiramente ontológica, e não apenas metodológica¹⁵, que condiciona (e resulta de) todo um complexo campo de apreensão e compreensão do real.

É justamente este o objecto de estudo desta investigação que se coloca, tal como Stern, de um ponto de vista neutro no que respeita às implicações normativas, procurando, contudo, centrar-se naquilo que são as implicações ontológicas da afirmação hegeliana, deixando de lado as consequências que a mesma apresenta no domínio da Filosofia do Direito, da Ética e outras esferas da Filosofia ou expressões humanas¹⁶, mas que ainda assim tentará problematizar a forma como Hegel perspectiva aquilo que é e o modo como o pensar (filosófico) se constitui na sua relação com isso que, segundo Hegel, é (real-)efectivamente.

Tendo em conta o posicionamento do pensar em relação ao ser, no quadro de uma concepção filosófica, e a possibilidade daquele expressar (ou corresponder) correctamente (a)o último, a perspectiva hegeliana situa-se no interior de um paradigma idealista que configura e inevitavelmente determina o modo de abordagem e tratamento das questões em causa. Desta forma, a *Ciência da Lógica*, na medida em que pretende constituir um pensar e um saber acerca daquilo que é fundado em e a partir de si mesmo, surge, simultaneamente, como lógica do ser e lógica do

¹³ Cf. STERN, *Hegelian Metaphysics*, pp. 99-100.

¹⁴ «ihr Inhalt die Wirklichkeit ist». HEGEL, *Enzyklopädie*, § 6, W 8, p. 47.

¹⁵ É este o sentido que Robert Stern atribui ao termo “racional”: «the narrower suggestion I want to make here, is that when Hegel comes to use the term ‘rational’ in the *Doppelsatz* in the Preface to the *Philosophy of Right*, it may be wrong to assume he is using it normatively; rather, he may be using the term purely *methodologically*» STERN, *Hegelian Metaphysics*, p. 85.

Mais à frente o autor atribui ainda uma dimensão “epistemológica” (*epistemological*), na medida em que a «compreensão racional é para ser encontrada no real-efectivo [*actual*], em vez de em aparências, em que estas são demasiado contingentes e transitórias para ser incorporadas plenamente no interior de um sistema racional de investigação». – «he therefore seems to be making an epistemological rather than a normative point, that rational comprehension is to be found in the actual, rather than in appearances, where these are too contingent and transitory to be incorporated fully within a rational system of inquiry». STERN, *Hegelian Metaphysics*, pp. 102- 103.

¹⁶ «Ontologia e política associam-se aqui claramente em toda esta concepção de Hegel, apesar das cautelas e ambiguidades de algumas fórmulas, sobremaneira quando tomadas de per si e isoladas de toda esta movimentação histórica do pensar no sentido de uma concretização universal/social da liberdade.» José BARATA-MOURA, *A «Realização da razão». Um programa hegeliano?*, Lisboa, Caminho, 1990, p.123.

pensar, sendo, por conseguinte, as categorias que a enformam verdadeiramente *onto-lógicas*, isto é, compreendem simultaneamente uma dimensão “ôntica”, enquanto correspondentes àquilo que *é*, e uma dimensão lógica, discursiva, enquanto constituem o pensar e o modo como este apreende o real, o que, na filosofia hegeliana, resulta numa convergência de ambas.¹⁷

A concepção que separa no conhecer forma e conteúdo, como se de duas coisas independentes, provenientes de fontes diversas, se tratasse e atribui à Lógica o estudo das *formas* e operações subjectivas do conhecimento sem se ocupar do conteúdo das mesmas¹⁸ é, na perspectiva de Hegel, substituída por uma consideração simultânea e interdependente (ou concomitante) de forma e matéria, do pensar e dos objectos ou coisas.¹⁹ Desta forma, Hegel recupera o que defende ser característico da “metafísica antiga”, em que “o pensar e as determinações do pensar” constituem “a essência dos objectos”, “que o pensar nas suas determinações imanentes e a verdadeira natureza das coisas são um e o mesmo conteúdo”²⁰.

Normalmente considerada como representando um regresso a uma metafísica pré-crítica, pré-kantiana – e que conduz a divergentes interpretações entre os comentadores acerca da natureza e estatuto da Lógica (ontológica) hegeliana – em que o verdadeiro ser das coisas é em si mesmo cognoscível, não se reduzindo o conhecimento ao domínio do fenómeno para o qual concorre a estrutura transcendental do sujeito (formas *a priori* da sensibilidade e do entendimento), a perspectiva de Hegel não significa a postulação de uma separação entre a realidade, as coisas ou objectos de conhecimento, e a sua verdade, a sua essência como algo imutável e eterno. A “verdadeira natureza das coisas” não é, como em Kant, transcendente²¹, algo subsistente em si mesmo e que permanece para lá do que aparece na esfera transcendental (*Erscheinung*, fenómeno) enquanto “coisa-em-si” (*Ding-an-sich*). A lógica hegeliana, como se verá, não implica a

¹⁷ «das Denken in der Philosophie nicht mehr bloß Gegenstand für ein gleichsam äußerliches philosophierendes Subjekt ist, sondern mit dessen subjektiv denkender Tätigkeit identifiziert wird.» Hans Friedrich FULDA, “Spekulatives Denken dialektischer Bewegung von Gedankenbestimmungen” in Dieter Wandschneider (Hrsg.), *Das Problem der Dialektik*, Bonn, Bouvier Verlag, 1997, pp. 19-31, p. 21.

¹⁸ Cf. HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 36.

¹⁹ Tenha-se em conta a superação da diferença entre sujeito (ou consciência) e objecto, entre certeza e verdade, realizada pela *Fenomenologia do Espírito* cujo resultado é, justamente, a reconciliação ou reconhecimento da unidade constitutiva dos mesmos, ou da imanência do objecto ao sujeito. É na pressuposição desta resolução que a *Ciência da Lógica* é desenvolvida, correspondendo à primeira parte do Saber Absoluto, ou Sistema das Ciências Filosóficas.

²⁰ «Diese Metaphysik hielt somit dafür, daß das Denken und die Bestimmungen des Denkens nicht ein den Gegenständen Fremdes, sondern vielmehr deren Wesen sei oder daß die *Dinge* und das *Denken* derselben (wie auch unsere Sprache eine Verwandtschaft derselben ausdrückt) an und für sich übereinstimmen, daß das Denken in seinen immanenten Bestimmungen und die wahrhafte Natur der Dinge ein und derselbe Inhalt sei.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 38.

A título de exemplo poder-se-ia salientar a filosofia platónica, em que a verdadeira realidade não é a multiplicidade devenida, mas a Ideia imutável e eterna, o inteligível de que o sensível participa e que constitui o objecto mais excelente, porque em si mesmo permanente e idêntico, da ciência mais elevada, ou seja, a filosofia ou dialéctica. Como tal, as ideias ou essências são somente apreendidas na contemplação ou inteligência intuitiva (νοῦς), o pensar que dispensa qualquer dado sensível ou particular, movendo-se apenas no domínio das ideias. Cf., PLATÃO, *La République*, VI, 507b.

Também em Aristóteles se verifica, de certa forma, a característica que Hegel atribui à metafísica antiga, na medida em que a essência dos indivíduos ou coisas singulares é por aquele perspectivado como “substância formal”, portanto, “forma”, noção ou ideia que, de acordo com a ontologia aristotélica, se encontra nas coisas mesmas e não separada destas. Cf. ARISTÓTELES, *Metafísica*, A, 9, 991b 1-3.

Sobre este ponto ver o tratamento mais detalhado das diferentes posições acerca da relação entre o ser e o pensar, III Parte, § 38.

²¹ «La transformation de l’ancienne métaphysique en Logique signifie la négation d’un être transcendant que la raison pourrait connaître, mais que serait un monde intelligible en face de cette raison.» Jean HYPOLITE, *Logique et existence. Essai sur la logique de Hegel*, Paris, Presses Universitaires de France, 2002², p. 70.

hipostasiação de uma realidade outra para além do real aparente²² e, portanto, a instauração de um dualismo fundamental em que o verdadeiro é o inatingível e irrealizável como tal, compreendendo antes uma identificação do ser com o pensar, que justifica a atribuição do nome Lógica ao que até então se denominava Metafísica²³.

Uma das possíveis perspectivas evocadas por Robert B. Pippin consiste em considerar a Lógica hegeliana como uma mera “análise categorial, uma consideração pelo pensar de si mesmo, e só isso”²⁴, ou uma mera “teoria do conhecimento”. Esta interpretação não toma, no entanto, em consideração o verdadeiro estatuto da identidade no quadro da ontologia de Hegel²⁵ que, longe de deixar de lado a realidade existente, pretende apreendê-la na imanência do próprio pensar.²⁶ Pippin propõe, então, contra esta visão, o que caracteriza como uma “interpretação não-metafísica” (*nonmetaphysical*) da “filosofia especulativa hegeliana”, em que esta é considerada como um “idealismo”,²⁷ isto é, tal como o entende, uma perspectiva fundada essencialmente na noção kantiana da “unidade transcendental da apercepção” (*transcendental unity of apperception*).²⁸ O idealismo hegeliano seria, assim, segundo Pippin, não metafísico, uma vez que, ao desenvolver uma investigação acerca do pensar na sua determinação interna, exclui da sua concepção toda e qualquer transcendência relativamente à consciência.

Hans Friedrich Fulda, por seu lado, defende que a “lógica especulativa” constitui uma “metafísica sem ontologia”²⁹, na medida em que pela última se entende uma “doutrina [*Lehre*] do “ente no modo do ente” [*seienderweise Seienden*]³⁰, e a *Ciência da Lógica*, no expor a ideia do

²² «The aim of [the holistic] approach, then, is ‘to articulate an alternative vision of reality – and not a vision of some alternative reality’ [David BELL, “Is Empirical Realism Compatible With Transcendental Idealism?” in Ralph Schumacher (ed.), *Idealismus als Theorie der Repräsentation?*, Paderborn, Mentis, 2001, pp. 167-179, p. 177], so that far from being a form of preKantian metaphysics that tries to claim access to some extramundane absolute, Hegel’s idealism is a form of absolute-theory that can be treated as in line with the transcendental turn, of giving us a conception of the world that will show the need for explanation can be satisfied without going beyond it.» STERN, *Hegelian Metaphysics*, p. 61.

²³ A identificação da Metafísica com a Lógica verifica-se já, como refere Hegel, na “filosofia crítica”. Esta, no entanto, acentua, segundo Hegel, o teor subjectivo em detrimento do objecto. «A filosofia crítica faz já, na verdade, da Metafísica a Lógica, mas ela dá, como o idealismo posterior, [...] por medo do objecto [*Objekt*], às representações lógicas um significado essencialmente subjectivo» – «Die kritische Philosophie machte zwar bereits die *Metaphysik* zur *Logik*, aber sie wie der spätere Idealismus gab, wie vorhin erinnert worden, aus Angst vor dem Objekt den logischen Bestimmungen eine wesentliche subjektive Bedeutung». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 45.

²⁴ «there is another plausible way to interpret the task of the *Logic*, quite popular in recent years, that also does not rely so heavily on Hegel’s Kantian origins. The *Logic* simply appears to be a peculiar kind of category analysis, an account by thought of itself, and just that.» Robert B. PIPPIN, *Hegel’s Idealism. The Satisfactions of Self-Consciousness*, Cambridge, Cambridge University Press, 1989, p. 177.

²⁵ «O limite da interpretação [enquanto] teoria do conhecimento reside, sem dúvida, em que tomada por si nada expressa sobre o significado das categorias lógicas» – «Die Grenze der erkenntnistheoretischen Interpretation liegt freilich darin, dass sie für sich genommen nichts über die Bedeutung der logischen Kategorien aussagt.» Georg SANS, *Die Realisierung des Begriffs. Eine Untersuchung zu Hegels Schlusslehre*, Berlin, Akademie Verlag GmbH, 2004, p. 16.

²⁶ «The whole point of the transition from the standpoint of the *PhG* to the *Logic* had been to prevent our understanding the *Logic* as a category theory alone.» PIPPIN, *Hegel’s Idealism. The Satisfactions of Self-Consciousness*, p. 178.

²⁷ «I also propose to defend a nonmetaphysical interpretation of Hegel, but one that does not see Hegel as primarily a philosopher of social change or as a category theorist. Put most simply, I want to understand Hegel’s speculative philosophy as an “idealism”.» PIPPIN, *Hegel’s Idealism. The Satisfactions of Self-Consciousness*, p. 6.

²⁸ Cf. PIPPIN, *Hegel’s Idealism. The Satisfactions of Self-Consciousness*, p. 6.

²⁹ «In gewissen Sinne kann man sagen, Hegels Metaphysik sei Metaphysik ohne Ontologie. Sie will es jedenfalls sein.» Hans-Friedrich FULDA, “Ontologie nach Kant und Hegel” in Dieter Henrich und Rolf-Peter Horstmann (eds.), *Metaphysik nach Kant?*, Stuttgart, Ernst Klett Verlag, 1988, pp. 44-82, p. 49.

³⁰ «[Hegels “Wissenschaft der Logik”] versteht sich auch nicht als Ontologie im Sinn einer Lehrer des “seienderweiser Seienden”, sondern vielmehr als eine Disziplin, die diese Lehre durch diejenige des wahrhaft Wahren ersetzt». Hans Friedrich FULDA, “Spekulative Logik als “die eigentliche Metaphysik”. Zu Hegels Verwandlung des neuzeitlichen Metaphysikverständnisses” (doravante: “Spekulative Logik”) in Detlev Pätzold und Arjo Vanderjagt (eds.), *Hegels Transformation der Metaphysik*, Köln, Dinter, 1991, pp. 9-27, p. 14.

que é enquanto ideia que se determina “*em e para si*”³¹, não toma em consideração as coisas em si mesmas, de modo que, à semelhança da “*filosofia transcendental*” kantiana que se constitui como um “tribunal da razão” que pretende investigar as condições de possibilidade (subjectivas) do conhecimento em geral, contra as “pretensões do conhecimento da metafísica pré-crítica” ou “dogmatismo”³², é “tão pouco quanto” aquela uma “ontologia”.³³

Pode, ainda assim, defender Fulda, ser considerada como uma “metafísica”³⁴, enquanto “puro conhecimento racional [*Vernunftbegriff*] a partir de conceitos” e “ciência que ensina a progredir do conhecimento do sensível para o do supra-sensível [*Übersinnliche*]”³⁵. Mas sobretudo, a lógica especulativa hegeliana é, na perspectiva de Fulda, “a verdadeira metafísica” (*die eigentliche Metaphysik*)³⁶, ao contrário da “metafísica moderna, pré-crítica e crítica” que é, mais propriamente, uma “ante-física” (*Ante-Physik*)³⁷, pois “surge no lugar não só da filosofia transcendental kantiana e da ontologia pré-crítica, mas no lugar de *toda* a metafísica anterior”³⁸. A “Lógica” constitui, assim, uma metafísica que, sendo simultaneamente a “filosofia primeira” (*erste Philosophie*) e a “última disciplina filosófica”³⁹, se revela, como pretende Hegel, como “a verdadeira metafísica”⁴⁰.

Hans Heinz Holz defende, porém, um ponto de vista distinto, ao afirmar, contra Fulda, que ao invés de a Lógica hegeliana representar uma “transformação” (*Transformation*) da metafísica em que esta é “substituída” por aquela (tese de Fulda), “a lógica especulativa conserva [*beibehält*] o conjunto [*Grundriß*] dos objectos [*Gegenständen*] da metafísica e por causa do seu conteúdo, nomeadamente da realidade-efectiva no elemento do pensar, tem mesmo de conservar”⁴¹. Deste modo, “a antiga metaphysica generalis ou ontologia é transportada [*überführt*] para a lógica

³¹ «Die Logik» é «die Wissenschaft der Idee an und für sich». HEGEL, *Enzyklopädie*, § 18, W 8, p. 63.

³² «Hegel concorda com Kant no [seu] juízo acerca das pretensões do conhecimento da metafísica pré-crítica: Elas eram pretensões de um dogmatismo que não é de justificar.» – «Hegel stimmt mit Kant in dessen Urteil über die Erkenntnisansprüche der vorkritischen Metaphysik überein: Sie waren Ansprüche eines Dogmatismus, der nicht zu rechtfertigen ist.» FULDA, “Spekulative Logik”, p. 14.

³³ «[A] “Ciência da Lógica” de Hegel não se entende como investigação do que pertence “ao”, i. e. a todo o ser-aí como tal nele mesmo, consequentemente tão pouco quanto a filosofia transcendental de Kant como ontologia.» – «Hegels “Wissenschaft der Logik” versteht sich nicht als Erforschung dessen, was “dem”, d.h. allem Seienden als solchem an ihm selbst zukommt, mithin ebensowenig wie Kants Transzendentalphilosophie als Ontologie.» FULDA, “Spekulative Logik”, p. 14.

³⁴ Também Georg Sans afirma que Hegel é, acima de tudo, “metafísico”. «In erster Linie ist Hegel weder Erkenntnistheoretiker noch Sprachphilosoph, sondern Metaphysiker.» SANS, *Die Realisierung des Begriffs. Eine Untersuchung zu Hegels Schlusslehre*, p. 19.

³⁵ «Metaphysik aber ist diese Transzendentalphilosophie nach wie vor, und zwar in dem doppelten Sinn einer Rede von Metaphysik als reiner Vernunftbegriff, sowie im Sinn einer Wissenschaft, die lehrt, von der Erkenntnis des Sinnlichen zu derjenigen des Übersinnlichen fortzuschreiten.» FULDA, “Spekulative Logik”, p. 13.

³⁶ A “ciência lógica» (*logische Wissenschaft*) «constitui a verdadeira metafísica ou filosofia especulativa pura» (*die eigentliche Metaphysik oder reine spekulative Philosophie ausmacht*). HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 16.

³⁷ «Die neuzeitliche, vorkritische und kritische Metaphysik hingegen ist mit der fundamentalen Stellung, die sie der metaphysica generalis gibt, eigentlich gar nicht mehr in einem überzeugenden Sinne Metaphysik. Sie ist in Wahrheit “Ante-Physik” und muß für die “eigentliche” Metaphysik eine Verstandesansicht “übersinnlicher” Vernunftgegenstände ausgeben.» FULDA, “Spekulative Logik”, p. 24.

³⁸ «eine Selbstaufklärung der einen, nicht mehr bloß endlichen und subjektiven Idee der Vernunft, die nun an die Stelle nicht nur der Kantischen Transzendentalphilosophie und vorkritischen Ontologie tritt, sondern an die Stelle der *ganzen* vormaligen Metaphysik.» FULDA, “Spekulative Logik”, p. 25.

³⁹ «Indem diese Logik aber nicht mehr nur die erste Philosophie ist, sondern sich im methodischen, durch sie ermöglichten Aufbau eines Ganzen der Philosophie auch als die *letzte* philosophische Disziplin erweist, kann man ihr mit vollem Recht wieder den Namen “Metaphysik” geben.» FULDA, “Spekulative Logik”, p. 25.

⁴⁰ «die spekulative Logik sei also – als die letzte philosophische Wissenschaft – die *eigentliche* Metaphysik.» FULDA, “Spekulative Logik”, p. 25.

⁴¹ «Diese Transformation ist für Fulda eine Ablösung der Metaphysik durch die spekulative Logik, während nach meiner Auffassung die spekulative Logik den Grundriß der Gegenständen der Metaphysik beibehält und aus Gründen ihres Inhalts, nämlich der Wirklichkeit im Elemente des Denkens, auch beibehalten muß.» Hans Heinz HOLZ, “Hegels Konzept der ‘eigentlichen Metaphysik’” in Detlev Pätzold, Arjo Vanderjagt (Hrsg.), *Hegels Transformation der Metaphysik*, Köln, Jürgen Dinter, 1991, pp. 28-42, p. 35.

especulativa”⁴² e, na medida em que “a ideia é a forma especulativa do mundo ou, dito de outro modo, o aspecto intensional [*intensional*] do mundo extensional [*extensional*] e inversamente o mundo o aspecto extensional da intensionalidade [*Intensionalität*] da ideia”, Holz afirma que “na sua transformação em lógica especulativa a metafísica devem autofundante [*selbstbegründend wird*]”⁴³.

Uma leitura convergente com a última é defendida por Robert Stern que afirma que o “idealismo de Hegel envolve uma reivindicação [*claim*] sobre o que fundamentalmente existe”⁴⁴. Como tal, a lógica hegeliana pode ser considerada como compreendendo um conteúdo ontológico, senão mesmo metafísico, no sentido em que Fulda usa o termo metafísica, ou seja, como conhecimento racional do supra-sensível, não enquanto transcendência, mas enquanto conhecimento de e por conceitos que, segundo Hegel, apreendem a realidade na sua natureza interna e essência mais profunda. A sua Lógica não significa um afastamento ou renúncia relativamente “àquilo que é”, podendo, portanto, assumir-se como ontológica.⁴⁵

A Lógica hegeliana é, por conseguinte, uma lógica do conceito, mas do conceito que expressa verdadeiramente a realidade porque a constitui imanentemente,⁴⁶ ou seja, uma lógica do “conceito enquanto ser” e, simultaneamente, uma lógica “do conceito enquanto conceito”, isto é, o conceito na sua dimensão “subjectiva”, por oposição à primeira, a “objectiva”.⁴⁷ A *Ciência da Lógica* reúne, assim, defende Hegel, a Metafísica e a Lógica habituais. A primeira surge como “lógica objectiva”⁴⁸, a última é incorporada na “lógica subjectiva” sem, contudo, a esgotar.

⁴² «Das bedeutet, daß in dieser Transformation die alte Metaphysica generalis oder Ontologie in spekulative Logik überführt wird». HOLZ, “Hegels Konzept der ‘eigentlichen Metaphysik’”, p. 35.

⁴³ «die Idee die spekulative Form der Welt oder, anders gesagt, der intensionale Aspekt der extensionalen Welt und umgekehrt die Welt der extensionale Aspekt der Intensionalität der Idee ist. Das bedeutet zugleich, daß in ihrer Transformation in spekulative Logik die Metaphysik selbstbegründend wird.» HOLZ, “Hegels Konzept der ‘eigentlichen Metaphysik’”, p. 42.

⁴⁴ «Instead, I suggest, Hegel’s idealism involves a claim about what fundamentally exists». STERN, *Hegelian Metaphysics*, p. 34.

⁴⁵ «Pela minha parte, permito-me entender que não estamos perante uma anunciada exclusão principal e liminar do registo “ontológico”, mas, pelo contrário, que esta re-solução ou dissolução hegeliana do *ser* em *pensar* corresponde, precisamente, a uma modalidade – idealista, sem dúvida – de responder à pergunta por “aquilo que é”.» José BARATA-MOURA, *Estudos sobre a ontologia de Hegel. Ser, Verdade, Contradição*, Lisboa, Editorial «Avante!», 2010, p. 62.

⁴⁶ «La structure de la pensée est donc déterminée par la structure de l’Être qu’elle révèle.» Alexandre KOJÈVE, *Introduction à la lecture de Hegel. Leçons sur la Phénoménologie de l’Esprit professées de 1933 à 1939 à l’École des Hautes-Études*, ed. Raymond Queneau, Paris, Gallimard, 1971, p. 448.

«Lógica do pensamento e lógica do real identificam-se». José BARATA-MOURA, “Hegel: Idealismo, Materialismo e Dialéctica” in *Ideia e Matéria. Comunicações ao Congresso Hegel – 1976*, Lisboa, Livros Horizonte, 1978, pp. 99-135, p. 119.

⁴⁷ «Die Logik wäre hiernach zunächst in die Logik des Begriffs als Seins und des Begriffs als Begriffs oder - indem wir uns der sonst gewöhnlichen, obgleich der unbestimmtesten und darum der vieldeutigsten Ausdrücke bedienen - in die objektive und subjektive Logik einzuteilen.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 58.

«Na tentativa de definir os conceitos do conceito e da realidade-efectiva hegelianos, coloca-se evidentemente o problema da tautologia da identidade hegeliana de Lógica e Ontologia: uma definição do conceito hegeliano do conceito conduz ao conceito da realidade-efectiva, e uma definição do conceito hegeliano da realidade-efectiva conduz de volta ao conceito do conceito.» – «Beim dem Versuch, die Hegelschen Begriffe des Begriffs und der Wirklichkeit zu definieren, stellt sich offensichtlich das Problem der Tautologie der Hegelschen Identität von Logik und Ontologie: Eine Definition des Hegelschen Begriffs des Begriffs führt zu dem Begriff der Wirklichkeit, und eine Definition des Hegelschen Begriffs der Wirklichkeit führt zurück zu dem Begriff des Begriffs.» Rüdiger BRAUCH, *Hegels “Wissenschaft der Logik”. Untersuchung zum Verhältnis von Logik und Ontologie*, Dissertation zur Erlangung des Grades eines Doktors der Philosophie der Eberhard-Karls-Universität Tübingen der Philosophischen Fakultät, 1986, p. 6.

⁴⁸ «A lógica objectiva toma assim antes o lugar da *metafísica* anterior, como aquela que era o edifício científico acerca do mundo que devia ser construído somente por *pensamentos*.» – «Die objektive Logik tritt damit vielmehr an die Stelle der vormaligen *Metaphysik*, als welche das wissenschaftliche Gebäude über die Welt war, das nur durch *Gedanken* aufgeführt sein sollte.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 61.

Enquanto parte do Sistema hegeliano a Lógica é “a ciência do pensar puro que tem por seu princípio *o saber puro*”⁴⁹, ou seja, encontra-se imersa no elemento do puro pensar, o que significa que as suas determinações são as determinações do próprio pensar, descobertas em e a partir dele mesmo. Por conseguinte, o objecto da metafísica, de que fazia parte a ontologia em sentido estrito⁵⁰, encontra-se num plano de imanência relativamente ao pensar ou, na medida em que as determinações deste que se revelam ao longo da *Lógica* são, simultaneamente, as determinações das coisas, o discurso (*logos*) acerca daquilo que é não se distingue, verdadeiramente, do discurso acerca do pensar aquilo que é, razão pela qual se caracteriza o sistema hegeliano como *panlogismo*⁵¹. A rejeição de uma transcendência do pensar relativamente ao ser e vice-versa, que representa uma refutação do dualismo epistemológico⁵² e a consequente superação da teoria kantiana, implica que ser e pensar, ou ser e o pensar acerca do ser, são, aqui, uma e a mesma coisa⁵³.

A presente dissertação tem, pois, por principal objectivo expor e analisar a concepção ontológica hegeliana implicada na afirmação da identidade de real-efectivo e racional, incidindo sobretudo nos elementos que constituem o horizonte categorial compreendido em ambos os termos, com vista a determinar o papel dos mesmos na edificação da filosofia de Hegel na sua configuração eminentemente idealista e dialéctica. Partindo da análise dos conceitos de real-efectivo (*wirklich*) e racional (*vernünftig*), assim como da densa conjuntura implicada em cada um deles, procurar-se-á revelar o alcance e implicações doutrinárias da afirmação da sua identidade e expor, desta forma, os traços fundamentais da ontologia hegeliana.

⁴⁹ «Die Logik bestimmte sich danach als die Wissenschaft des reinen Denkens, die zu ihrem Prinzip *das reine Wissen* habe». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 57.

⁵⁰ Cf. HEGEL, *Enzyklopädie*, §§ 33 e ss.

⁵¹ «A expansão mundial da conceptualidade no seu conjunto tem a sua origem no panlogismo hegeliano, na equação completa entre o pensar verdadeiro e o ser real-efectivo.» – «Die Weltausdehnung der Begrifflichkeit insgesamt hat ihren Ursprung in Hegels Panlogismus, in der restlosen Gleichung von wahren Denken und wirklichem Sein.» BLOCH, *Subjekt – Objekt. Erläuterung zu Hegel*, p. 135.

«A tradição histórico-filosófica da segunda metade do século passado conhece Hegel como o grande racionalista, como o panlogista, que pronunciou: o que é real-efectivo, isso é racional – i. e. o que opera e agindo, ‘configura [o] mundo’, é o Logos na sua qualidade-de-absoluto metafísica, que ultrapassa largamente a realidade-efectiva psico-física que é somente a sua obra.» – «Die philosophiegeschichtliche Tradition der zweite Hälfte des verflorenen Jahrhunderts kennt Hegel als den großen Rationalisten, als den Panlogiker, der das Wort gesprochen hat: Was wirklich ist, das ist vernünftig – d. h. was wirkt und wirkend, ‘Welt gestaltet’, das ist der Logos in seiner metaphysischen, über die psycho-physische Wirklichkeit, die ja erst sein Werk ist, weit hinausgehenden Absolutität.» Hermann GLOCKNER, *Der Begriff in Hegels Philosophie. Versuch einer logischen Einleitung in das metalogische Grundproblem des Hegelianismus*, Tübingen, Verlag von J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1924, p. 4.

⁵² «Esta ultrapassagem ou superação do dualismo [de uma] teoria-do-conhecimento e [de uma] teoria-da-consciência é, segundo a pretensão hegeliana, o alcançar de uma esfera lógico-ontológica da imanência do pensar e do conceito.» – «Diese Überwindung oder Aufhebung erkenntnistheoretischer und bewußtseinstheoretischer Dualismen ist nach dem Hegelschen Anspruch das Erreichen einer logisch-ontologischen Sphären der Denk- und Begriffsimmanenz.» Rüdiger BRAUCH, *Hegels “Wissenschaft der Logik”. Untersuchung zum Verhältnis von Logik und Ontologie*, pp. 2-3.

⁵³ «La pensée de la pensée est spéculativement pensée de l’être autant que la pensée de l’être est une pensée de la pensée.» HYPPOLITE, *Logique et existence. Essai sur la logique de Hegel*, p. 63.

I Parte – Real-efectivo

1. Ser

§ 1. Ser, Nada, Devir

A primeira categoria, a partir da qual todo o pensar do que *é* se constitui, é, segundo Hegel, “*ser*” (*Sein*). Enquanto tal, o “ser é o imediato indeterminado”¹, desprovido de determinação ou qualidade, é “ser puro”, “igual a si mesmo”, sem “diversidade dentro de si nem para fora”². Desta forma, Hegel reconhece que “não há nada nele para intuir, se pode ser falado aqui de intuição; ou ele é apenas esta intuição pura, vazia. Tão pouco há nele algo para pensar, ou ele é do mesmo modo apenas este pensar vazio”³.

Hegel coloca, assim, no começo da sua Lógica uma noção de ser mais radical do que o “ser” de Parménides. Se bem que a ausência de diferenciação seja característica comum das duas posições, o ser parmenidiano era ainda qualificado como uno, contínuo, não gerado, incorruptível⁴. O ser como categoria inicial da Lógica hegeliana não recebe ainda qualquer atributo, é “ser” simplesmente, puro ser ou, numa ressonância também eleática, puro pensar.⁵

Na total ausência de característica, pode-se, na perspectiva de Hegel, afirmar que o ser puro “é de facto *nada* e não mais nem menos do que nada”⁶. Surge, deste modo, a segunda categoria onto-lógica imediatamente a partir da primeira ou, mais precisamente, o *ser* “passa” (*übergeht*) ao “nada” (*Nichts*). O *nada* não é, pois, algo que se oponha irremediavelmente ao ser, como seu contrário lógico, mas deriva ou surge a partir do ser, na medida em que este não é mais que “pura indeterminidade e vazio” (*Leere*)⁷.

Por seu lado, “nada” é ele mesmo “nada puro”, “igualdade simples consigo mesmo, vacuidade completa, ausência de determinação e conteúdo”⁸. O nada não é, portanto, o impensável, como

¹ «Das Sein ist das unbestimmte Unmittelbare». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 82.

² «*Sein, reines Sein*, - ohne alle weitere Bestimmung. In seiner unbestimmten Unmittelbarkeit ist es nur sich selbst gleich und auch nicht ungleich gegen Anderes, hat keine Verschiedenheit innerhalb seiner noch nach außen.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 82.

³ «Es ist *nichts* in ihm anzuschauen, wenn von Anschauen hier gesprochen werden kann; oder es ist nur dies reine, leere Anschauen selbst. Es ist ebensowenig etwas in ihm zu denken, oder es ist ebenso nur dies leere Denken.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, pp. 82-83.

Tendo em conta a natureza do pensar (*Denken*), em especial na sua configuração especulativa, no quadro da concepção hegeliana, como o que implica o desenvolvimento e a progressiva determinação dialéctica do conceito, Bernhard Lakebrink defende que o “ser não é ainda pensar, mas porventura pensamento” (*das Sein ist also noch nicht Denken, wohl aber Gedanken*), “completamente indeterminado, não-formado, indiferenciado, vazio-de-conteúdo” (*völlig Unbestimmte, Umgeformte, Ununterschiedenen, Inhaltsleeren*). Bernhard LAKEBRINK, *Studien zur Metaphysik Hegels*, Freiburg, Verlag Rombach, 1969, p. 21.

⁴ Cf. PARMÉNIDES, *Fragmento B 8* (DK).

⁵ PARMÉNIDES, *Fragmento B 3* (DK): “pois o mesmo é pensar e ser”. Tradução portuguesa de José Trindade dos Santos, *Da Natureza*, Parménides, Queluz, Alda Editores, 1997, pp. 18-19.

⁶ «Das Sein, das unbestimmte Unmittelbare ist in der Tat *Nichts* und nicht mehr noch weniger als *Nichts*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 83.

⁷ «Es ist die reine Unbestimmtheit und Leere.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 82.

⁸ «*Nichts, das reine Nichts*; es ist einfache Gleichheit mit sich selbst, vollkommene Leerheit, Bestimmungs- und Inhaltslosigkeit; Ununterschiedenheit in ihm selbst.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 83.

afirmava Parmênides, mas o próprio pensar da “indiferenciação” (*Ununterschiedenheit*) absoluta, de modo que representa o “mesmo intuir ou pensar vazio que o ser puro”⁹.

O ser passa, então, imediatamente ao nada e este, por sua vez, ao ser, na medida em que são idênticos ou indiferenciados quanto ao que os caracteriza. Desta forma, é possível, segundo Hegel, afirmar que o “*ser puro e o nada puro são, portanto, o mesmo*”¹⁰. Contudo, ser e nada constituem categorias distintas, irredutíveis uma à outra, ainda que a ausência de conteúdo determinado lhes seja comum.¹¹

Surge, assim, na perspectiva hegeliana, uma contradição entre ser e nada, uma vez que são, simultaneamente, o mesmo e não o mesmo. A “verdade” (*Wahrheit*) de ambos não poderá, por conseguinte, ser a sua mera dissolução no outro, que extinguiria a diferença entre eles, mas o incessante “passar” ou “transitar” (*Übergehen*) de um ao outro. Como refere Hegel, “o que é a verdade é nem o ser nem o nada, mas que o ser – não passa, mas passou ao nada e o nada ao ser”¹². Este movimento entre ser e nada é precisamente a expressão da contradição que irrompe com as primeiras categorias da Lógica, e constitui, mais que os seus extremos tomados cada um em e por si mesmo, o fundamental na perspectiva ontológica desenvolvida por Hegel.

Este passar ou “desaparecer imediato” do ser no nada, e inversamente, não é senão o que Hegel entende por “devir” (*Werden*), em que a contradição entre ambos se resolve sem desaparecer absolutamente, ou seja, em termos hegelianos, é incorporada no movimento que compreende aqueles como seus elementos. O devir, constitui, assim, a verdade tanto do ser como do nada, enquanto ambos se dirigem imediatamente um para o outro e a sua diferença é indissociável da sua inseparabilidade. No devir, a diferença entre ser e nada é ao mesmo tempo dissolvida e mantida¹³, e a contradição *superada* na mediação constante de ambos os termos.

⁹ «vielmehr ist es das leere Anschauen und Denken selbst und dasselbe leere Anschauen oder Denken als das reine Sein.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 83.

¹⁰ «Das reine Sein und das reine Nichts ist also dasselbe.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 83.

«Ambos os conceitos, o ser e o nada, não são momentos separados que existissem um perante o outro e “passassem” ao outro: mas representam apenas duas expressões correlativas da mesma existência lógica fundamental.» – «Beide Begriffe, das Sein und das Nichts, sind nicht getrennte Momente, deren eines vor dem anderen bestünde und in das andere “überginge”: sondern sie stellen nur zwei korrelative Ausdrücke desselben logischen Grundbestandes dar.» Ernst CASSIRER, *Das Erkenntnisproblem in der Philosophie und Wissenschaft der neueren Zeit. Dritter Band. Die Nachkantischen Systeme*, Hildesheim – New York, Georg Olms Verlag, 1974, p. 332. (Doravante: *Das Erkenntnisproblem*)

«O paradoxal da exposição de Hegel consiste, portanto, neste ponto, não tanto em que ela põe *identifica* o “ser puro” e o “nada puro” *identicamente*, como, pelo contrário, em tratá-los ambos, em geral, no modo de elementos subsistentes por si, cuja síntese seria somente de realizar e alcançar.» – «Die Paradoxie der Hegelschen Darstellung besteht daher an diesem Punkte nicht sowohl darin, daß sie das “reine Sein” und das “reine Nichts” *identisch* setzt, als vielmehr darin, daß sie beide überhaupt in der Art für sich bestehender Einzelemente behandelt, deren Synthese erst zu vollziehen und zu erreichen wäre.» CASSIRER, *Das Erkenntnisproblem*, p. 332.

¹¹ «Porém a verdade não é tanto a sua indiferenciação, mas que eles *não* são *o mesmo*, que são *absolutamente diferentes*, mas do mesmo modo não-separados e inseparáveis e imediatamente *cada um desaparece no seu contrário*.» – «Aber ebensovsehr ist die Wahrheit nicht ihre Ununterschiedenheit, sondern daß *sie nicht dasselbe*, daß sie *absolut unterschieden*, aber ebenso ungetrennt und untrennbar sind und unmittelbar *jedes in seinem Gegenteil verschwindet*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 83.

¹² «Was die Wahrheit ist, ist weder das Sein noch das Nichts, sondern daß das Sein in Nichts und das Nichts in Sein – nicht übergeht, sondern übergegangen ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 83.

¹³ «A sua verdade é portanto este *movimento* do desaparecer imediato de um no outro: *o devir*; um movimento em que ambos são diferentes, mas através de uma diferença que do mesmo modo se dissolveu imediatamente.» – «Ihre Wahrheit ist also diese *Bewegung* des unmittelbaren Verschwindens des einen in dem anderen: *das Werden*; eine Bewegung, worin beide unterschieden sind, aber durch einen Unterschied, der sich ebenso unmittelbar aufgelöst hat.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 83.

É justamente este o sentido do conceito de *superção* (*Aufhebung*) na dialéctica hegeliana, de extrema importância¹⁴, que compreende tanto uma componente positiva como negativa, significando, simultaneamente, “guardar, conservar” (*aufbewahren, erhalten*) e “fazer cessar, pôr um fim” (*aufhören lassen, ein Ende machen*)¹⁵. Assim, aquilo que se supera é conservado ao mesmo tempo que negado, isto é, a sua condição autónoma, independente dá lugar à constitutiva relação ao seu contrário e no reconhecimento da contradição da sua subsistência e da sua incompletude o mesmo é incluído numa entidade englobante enquanto “momento” (*Moment*) ou parte da mesma.¹⁶ Desta forma, “o que se supera não se torna por isso nada. Nada é o *imediato*; um superado, pelo contrário, é um *mediado*” (*Vermitteltes*)¹⁷.

O devir é, por conseguinte, simultaneamente a negação do ser e do nada enquanto entidades separadas e a (re)união ou unidade dos dois, que nele *superam* a sua imediatez e abstracção inicial. Desta forma, ser e nada, imediatamente distintos, encontram-se agora numa mediação constante como “momentos” de uma unidade, o movimento em que consiste o devir.

Hegel reivindica, desta forma, não só a possibilidade de um pensar acerca do devir, da incessante mudança, do contínuo movimento entre ser e nada, mas a própria necessidade do mesmo como resultado da imediatez do primeiro “ser”. Opõe-se, portanto, a uma concepção que recusa a possibilidade de um pensar acerca do nada ou não-ser, na medida em que o nada como tal não pode constituir objecto de pensamento¹⁸, como sucede, nomeadamente, na filosofia eleata¹⁹, em que se afirma a univocidade e imutabilidade do ser, assim como a falsidade da “via” intermédia que pretende pensar aquilo que é e não é ao mesmo tempo, ou seja, a aparência²⁰. Do mesmo modo, a afirmação, a que “foi conferido grande significado”, de que “*de nada nada vem*” (*Ex nihilo nihil fit*)²¹, e que implica, segundo Hegel, que nada será sempre nada, absolutamente vazio e indeterminado²², é também refutada, enquanto expressão de uma “tautologia desprovida de conteúdo” (*gehaltlose Tautologie*) conducente ao “panteísmo abstracto” (*abstrakter Pantheismus*)

¹⁴ «Superar e o superado (o ideal) é um dos conceitos mais importantes da filosofia» – «Aufheben und das Aufgehobene (das Ideelle) ist einer der wichtigsten Begriffe der Philosophie». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 113.

¹⁵ «Aufheben hat in der Sprache den gedoppelten Sinn, daß es soviel als aufbewahren, *erhalten* bedeutet und zugleich soviel als aufhören lassen, *ein Ende machen*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 114.

¹⁶ «Algo é apenas superado na medida em que entrou na unidade com o seu contraposto; nesta determinação mais precisa como um reflectido ele pode convenientemente ser chamado *momento*.» – «Etwas ist nur insofern aufgehoben, als es in die Einheit mit seinem Entgegengesetzten getreten ist; in dieser näheren Bestimmung als ein Reflektiertes kann es passend *Moment* genannt werden.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 114.

¹⁷ «Was sich aufhebt, wird dadurch nicht zu Nichts. Nichts ist das *Unmittelbare*; ein Aufgehabenes dagegen ist ein *Vermitteltes*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 113.

¹⁸ «O nada converte-se de facto em algo enquanto é pensado ou dito. Dizemos algo, pensamos algo, quando queremos pensar e dizer o nada» – «Das Nichts verkehrt sich in der Tat in etwas, indem es gedacht oder gesagt wird. Wir sagen etwas, denken etwas, wenn wir das Nichts denken und sagen wollen.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 18, p. 288.

¹⁹ Refere Hegel, «especialmente *Parménides*» (*vorzüglich Parmenides*). HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 84. Cf. PARMÉNIDES, *Fragmento B 6* (DK).

²⁰ Cf. PARMÉNIDES, *Fragmentos B 2 e B 6* (DK).

²¹ «“*Ex nihilo nihil fit*” ist einer der Sätze, denen in der Metaphysik große Bedeutung zugeschrieben wurde.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 85.

Já Aristóteles defendia a impossibilidade de geração a partir do que não é (μὴ ὄν). ARISTÓTELES, *Metafísica*, B, 4, 999b 8.

²² Contrariamente ao não-ser que compreende já uma relação ao ser enquanto negação deste, o *nada* propriamente dito é «a negação abstracta, imediata, o nada puramente para si, a negação desprovida de relação» – «die abstrakte, unmittelbare Negation, das Nichts rein für sich, die beziehungslose Verneinung». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 84. E na medida em que o nada é perspectivado como esta abstracção total, nega-se a possibilidade do devir e de qualquer futura determinação, “pois Nada permanece aí Nada” (*denn Nichts bleibt darin Nichts*). Cf. HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 85.

característico das concepções por Hegel denominadas como “Sistemas de identidade” (*Identitätssysteme*)²³.

Uma perspectiva distinta é, porém, expressa por Heraclito, “o profundo *Heraclito*” que, na perspectiva de Hegel, “salientou contra aquela abstracção simples e unilateral”, ou ser puro, “o conceito total mais elevado do devir”, afirmando que “*o ser é tão pouco quanto o nada*, ou ainda: tudo *flui*, ou seja: tudo é *devir*”²⁴. A verdade não é, pois, como em Parménides, associada à simples afirmação do ser, ao que não compreende em si mesmo a negação, a transformação, o “processo”, mas ao próprio movimento que vai de um ao outro que é seu contrário, do ser ao não-ser. É esse “processo” (*Prozeß*) e “dialéctica” (*Dialektik*)²⁵ que, enquanto devir dos opostos ou “unidade dos contrapostos”, constitui a verdadeira natureza do real aparente.²⁶

É, portanto, na esteira de Heraclito que Hegel coloca, logo desde os primeiros momentos da (sua) exposição do que é, o devir como verdade do ser. Está, desta forma, dado o mote de todo o desenvolvimento posterior, na medida em que, como refere Hegel, “esta unidade de ser e nada se encontra uma vez por todas no fundamento como primeira verdade e constitui o elemento de tudo o que se segue, assim, para além do devir ele mesmo, todas as demais categorias lógicas: ser-aí, qualidade, em geral todos os conceitos da filosofia são exemplos desta unidade”²⁷. Hegel constitui, assim, um horizonte de inteligibilidade que assenta fundamentalmente numa perspectiva essencialmente “dialéctica”, processual, em que uma categoria determinada se refere e passa, necessariamente, à sua contrária, por oposição a uma lógica da simples identidade.

Esta dialéctica, contudo, não é apanágio de uma “reflexão exterior” (*eine Dialektik der äußeren Reflexion*) ao real, como sucede, por exemplo, em Platão²⁸, mas constitutiva do próprio ser, na medida em que este não se encontra absolutamente separado do nada, permanecendo nessa oposição. A dialéctica consiste mais propriamente, na perspectiva hegeliana, no “movimento racional superior”, que não é, contudo, exclusivo de um pensar subjectivo mas expressa por este

²³ Hegel refere-se, neste caso, tanto à escola eleata como ao espinosismo.

«A perspectiva filosófica, para a qual “ser é somente ser, nada é somente nada” vale como princípio merece o nome sistema de identidade; esta identidade abstracta é a essência do panteísmo.» – «Die philosophische Ansicht, welcher “Sein ist nur Sein, Nichts ist nur Nichts” als Prinzip gilt, verdient den Namen Identitätssystem; diese abstrakte Identität ist das Wesen des Pantheismus.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 85. Para o desenvolvimento desta problemática v. *infra*, § 9. Identidade e diferença, p. 38.

²⁴ «Der tiefsinnige Heraklit hob gegen jene einfache und einseitige Abstraktion den höheren totalen Begriff des Werdens hervor und sagte: *das Sein ist sowenig als das Nichts*, oder auch: *Alles fließt*, das heißt: *Alles ist Werden*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 84.

Numa formulação muito semelhante: «Dieser kühne Geist hat zuerst das tiefe Wort gesagt: “Das Sein ist nicht mehr als das Nicht-sein”, es ist ebensowenig; oder Sein und Nichts sei dasselbe, das Wesen sei die Veränderung.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 18, p. 323.

E ainda, «Heraklit sagt nämlich: “Alles fließt (πάντα ῥεῖ), nichts besteht, noch bleibt es je dasselbe”.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 18, p. 324.

²⁵ «Heraclito apreende então o absoluto ele mesmo como este processo, como dialéctica mesma.» – «Heraklit faßt nun das Absolute selbst als diesen Prozeß, als Dialektik selbst auf.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 18, p. 319.

²⁶ «[O devir] é o primeiro concreto, o absoluto enquanto a unidade dos contrapostos nele » – «[Das Werden] ist das erste Konkrete, das Absolute als in ihm die Einheit Entgegengesetzter.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 18, p. 320.

²⁷ «Da nunmehr diese Einheit von Sein und Nichts als erste Wahrheit ein für allemal zugrunde liegt und das Element von allem Folgenden ausmacht, so sind außer dem Werden selbst alle ferneren logischen Bestimmungen: Dasein, Qualität, überhaupt alle Begriffe der Philosophie, Beispiele dieser Einheit.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 86.

²⁸ Hegel dá como exemplo de uma obra eminentemente dialéctica, justamente, o diálogo platónico *Parménides*. Mas esta dialéctica não é ainda relativa ao próprio real, mas meramente uma “ciência”, o modo de conhecer próprio do inteligível. Cf. HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, pp. 105-106.

enquanto imanente ao próprio ser²⁹, “no qual tal aparentes pura e simplesmente separados passam por si mesmos um ao outro, pelo que são”, superando-se deste modo a oposição inicial. A verdadeira dialéctica, segundo Hegel, opõe-se assim ao que denomina de “*sofisticaria*” (*Sophisterei*)³⁰, o “pressupor da absoluta separação” e o “preservar da oposição de ser e nada”³¹.

§ 2. Imediatez e mediação

A exposição hegeliana que a partir do ser puro estabelece o devir como verdade necessária do primeiro, instaurando uma perspectiva eminentemente dialéctica do ser e do real em geral, é por Robert Pippin caracterizada como “a primeira transição dialéctica infame” (*infamous*), justificando tal adjectivação pela “artificialidade” que a mesma patenteia³². Como sugere, “toda a questão do Idealismo Alemão de Kant em diante é [...] a negação por todos aqueles pensadores de que pode haver algo como “imediatez imediata” [*unmediated immediacy*]”, de modo que, ao estabelecer o devir como natureza essencial do ser, “Hegel simplesmente, neste ponto de vista, reformula o manifesto desse movimento filosófico”³³.

Em Fichte, nomeadamente, mas desde logo em Kant, a questão essencial da filosofia ou da metafísica consiste, precisamente, na fundamentação última ou no estabelecer do primeiro princípio a partir do qual todo o restante desenvolvimento se constitui. É este o sentido que adquire a noção kantiana de “transcendental” (*Transscendental*)³⁴, na medida em que se refere ao que, anterior a toda a experiência, não é mediado pela mesma, ou de “incondicionado” (*Unbedingte*), que surge como exigência da razão enquanto constituindo o fundamento último e o princípio do que é condicionado.³⁵ É esse ainda o intuito fichteano que encontra na “intuição intelectual” (*intellectuelle Anschauung*) uma imediatez fundante para toda a mediação consequente, como posição originária, puro acto (*Thathandlung*) que não é senão a afirmação imediata do sujeito.³⁶

²⁹ «O pensamento não é dialéctico senão na medida em que revela correctamente a dialéctica do ser que *é* e do real que *existe*.» – «La pensée n'est dialectique que dans la mesure où elle révèle correctement la dialectique de l'Être qui *est* et du Réel qui *existe*.» KOJÈVE, *Introduction à la lecture de Hegel*, pp. 448, 455.

³⁰ «O raciocínio citado, que faz a falsa pressuposição da separação absoluta do ser e [do] não-ser e permanece na mesma, não é dialéctica, mas *sofisticaria*.» – «Das angeführte Raisonement, das die falsche Voraussetzung der absoluten Getrenntheit des Seins und Nichtseins macht und bei derselben stehenbleibt, ist nicht *Dialektik*, sondern *Sophisterei* zu nennen.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 111.

³¹ «Es ist hierbei gleichfalls die absolute Trennung des Seins und Nichts angenommen.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 111.

³² «Hegel calls this instability “becoming” and so completes the infamous first dialectical transition.»; «It is infamous for a number of reasons. Most simply, the whole thing seems so artificial.» PIPPIN, *Hegel's Idealism. The Satisfactions of Self-Consciousness*, p. 183.

³³ «After all, one way of putting the whole point of German Idealism from Kant on is to note the denial by all those thinkers that there can be anything like “unmediated immediacy.” The denial of the possibility of immediacy, or an intuitive apprehension of pure being, is the heart of the program. [...] Hegel simply, on this view, restates the manifesto of that philosophical movement, and so again reveals his idealist commitments.» PIPPIN, *Hegel's Idealism. The Satisfactions of Self-Consciousness*, p. 183.

³⁴ Ou *Transzendental*. Manter-se-á a versão que representa a transliteração directa do original.

³⁵ «Pois o que nos leva necessariamente a transpor os limites da experiência e de todos os fenómenos é o *incondicionado*, que a razão exige necessariamente e com plena legitimidade nas coisas em si, para tudo o que é condicionado, a fim de acabar, assim, a série das condições.» – «Denn das, was uns nothwendig über die Grenze der Erfahrung und aller Erscheinungen hinaus zu gehen treibt, ist das *Unbedingte*, welches die Vernunft in den Dingen an sich selbst nothwendig und mit allem Recht zu allem Bedingten und dadurch die Reihe der Bedingungen als vollendet verlangt.» Immanuel KANT, *Kritik der reinen Vernunft, Gesammelte Schriften*, ed. Königlich-Preussische Akademie der Wissenschaften, Berlin, Reimer, vol. III, 1911, B XX.

³⁶ «Consequentemente o filósofo encontra esta intuição intelectual como facto [*Faktum*] da consciência (para ele é facto [realidade, *Thatsache*]; para o Eu originário acto), não imediatamente, como facto isolado da sua consciência, mas na medida em que ele

De facto, a problemática do “começo” (*Anfang*) da Lógica³⁷, que se pressupõe sem pressuposição alguma, isto é, para constituir um verdadeiro começo a primeira categoria onto-lógica tem de ser, necessariamente, uma categoria imediata que não implique uma outra anterior, mais originária, de que derive, é significativa no quadro doutrinal hegeliano. A *Ciência da Lógica*, doutrina e obra, constitui a esfera do que é na sua inteligibilidade, ou seja, enquanto se deixa apreender pelo pensar, mas um pensar que simultaneamente é o que é pensado. Como “saber puro” (*reines Wissen*), trata-se aqui de uma “unidade” em que forma e matéria, método e conteúdo são o mesmo, em que, como refere Hegel, se “superou toda a relação a um outro e à mediação”³⁸.

A diferença entre o subjectivo e o objectivo no conhecer pertence à natureza da consciência e a *Fenomenologia do Espírito* expõe, precisamente, a elevação de uma consciência imediata, superficial, à verdadeira autoconsciência como indiferenciação de sujeito e objecto ou ao “saber absoluto” (*absolutes Wissen*) que reconhece que o que é e o que pensa-conhece são um e o mesmo. Deste modo, a ciência do pensar puro ou Lógica, superou a diferença, a mediação, a dialéctica que é a própria experiência da consciência nas suas sucessivas figuras desde o primeiro ao último estágio do seu desenvolvimento. Ela começa, portanto, por ser uma imediatez como resultado dessa mesma superação da mediação.

Ora, o “ser” é, por conseguinte, um imediato ou, como refere Hegel, enquanto primeira categoria, “o imediato [ele] mesmo” (*das Unmittelbare selbst*)³⁹, e como qualquer imediato na perspectiva hegeliana, é em si mesmo abstracto, superficialmente determinado, incompleto⁴⁰. Como tal, pertence à sua verdadeira natureza, neste caso a indeterminação absoluta, algo mais, isto é, algo que expressa igualmente a natureza daquele mas que ultrapassa a primeira imediatez. Este algo é o nada que, enquanto partilha das mesmas características que o ser puro, é também ele imediato, abstracto, a indeterminação completa e, portanto, a contradição de ser igual mas simultaneamente diferente do primeiro ser. Hegel chega, deste modo, ao devir como movimento

distingue o que na consciência comum ocorre unido e dissolve o todo nos seus componentes.» – «Sonach findet der Philosoph diese intellektuelle Anschauung als Faktum des Bewusstseyns (für ihn ist es Thatsache; für das ursprüngliche Ich Thathandlung), nicht unmittelbar, als isolirtes Faktum seines Bewusstseyns, sondern, indem er unterscheidet, was in dem gemeinen Bewusstseyn vereinigt vorkommt, und das Ganze in seine Bestandtheile auflöst.» FICHTE, *Zweite Einleitung in die Wissenschaftslehre*, Werke, vol. I, ed. Immanuel Hermann Fichte, reprod. Berlin, Walter de Gruyter, 1971, p. 465.

³⁷ «Só nos tempos modernos surgiu a consciência de que é uma dificuldade encontrar um *começo* na filosofia, e a razão desta dificuldade assim como da possibilidade de a solucionar foi muitas vezes falada. O começo da filosofia tem de ser ou um *mediato* ou *imediato*, e é fácil dizer que não pode ser nem um nem outro.» – «In neueren Zeiten erst ist das Bewußtsein entstanden, daß es eine Schwierigkeit sei, einen *Anfang* in der Philosophie zu finden, und der Grund dieser Schwierigkeit sowie die Möglichkeit, sie zu lösen, ist vielfältig besprochen worden. Der Anfang der Philosophie muß entweder ein *Vermitteltes* oder *Unmittelbares* sein, und es ist leicht zu sagen, daß er weder das eine noch das andere sein könne». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 65.

³⁸ «Das reine Wissen, als in diese *Einheit* zusammengegangen, hat alle Beziehung auf ein Anderes und auf Vermittlung aufgehoben». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 68.

³⁹ «Er muß daher schlechthin ein Unmittelbares sein oder vielmehr nur *das Unmittelbare selbst*». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 69.

⁴⁰ «Desta necessidade resulta que o *começo* é o *menos constituído*, determinado e *desenvolvido* em si, [é] antes o mais pobre, o mais *abstracto*». – «Aus dieser Notwendigkeit ergibt [sich], daß der *Anfang* das am *wenigsten Gebildete*, in sich Bestimmte und *Entwickelte*, vielmehr das *Ärmste, Abstrakteste* ist». HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 510.

«A tese hegeliana de que os “começos” apresentam incontornáveis caracteres de imediatez e abstracção não se limita a visar, no plano gnosiológico, uma crítica das concepções transcendentalistas que ambicionavam um fundamento incondicionado e condicionante meramente subjectivo para a originação e reconstrução de todo o saber, nem a exigir, no plano epistemológico, a constitutiva integração da passagem do abstracto ao concreto no processo da ciência, em geral, no quadro de uma nítida demarcação relativamente às pretensões “inspiradas” ou “intuicionistas” de uma apreensão “momentânea” do todo.» BARATA-MOURA, *A “Realização da razão”. Um programa hegeliano?*, pp. 108-109.

que vai de um a outro dos extremos, enquanto permite, por um lado, pôr em relação ou anular a posição excluinte que habitualmente se estabelece entre ser e nada e, por outro, manter cada um dos elementos sem dissolver a sua diferença. Afirma-se a sua constitutiva natureza relacional, negando-se a sua aparente separação e autonomia.

É pois, de certo modo, possível afirmar que o ser, tal como Hegel o entende, pressupõe o devir como seu resultado, ou que, como sugere Pippin, Hegel “tira esse coelho da cartola porque o põe lá”⁴¹. A questão parece ser que, não obstante o começo lógico, para se fundar em si mesmo, ser sem pressupostos, pelo menos um pressuposto é impossível pôr de lado, e este é o facto de que, para Hegel, toda a positividade imediata é em si mesma algo de não verdadeiro, de não completo, é somente um abstracto que, na sua condição parcial, implica algo mais ou um outro que, juntando-se à primeira imediatez, permite a sua mediação e a constituição de uma nova realidade que, compreendendo as anteriores, é mais rica, mais completa, mais concreta e, por conseguinte, mais verdadeira.

§ 3. Ser-aí e Realidade

À semelhança do primeiro momento em que o pensar não permanece no ser puro, mas passa às categorias do nada e do devir, também relativamente a este último, Hegel não se detém no movimento que o constitui, mas introduz uma nova categoria que, resultante do “não-reposou” (*Unruhe*)⁴², surge sob a forma de um novo imediato, um imediato mediado, que constitui a unidade de ser e nada: o “*ser-aí*” (*Dasein*).⁴³

Como entidade que superou a oposição das duas instâncias anteriores, constituindo-se simultaneamente pelo ser e o nada, de modo que *é* ao mesmo tempo que *não é*, o ser-aí é “ser determinado”, “*algo* por oposição a um *outro*”, “*finito*”. Na sua “determinidade” (*Bestimmtheit*) ou “qualidade” (*Qualität*), o ser-aí é limitado e determinado não tanto por relação a um outro exterior, mas essencialmente em si mesmo, ou seja, a componente negativa que deriva do não-ser (*Nichtsein*), o nada na sua relação com o ser⁴⁴ e, por conseguinte, enquanto presente no próprio ser do ser-aí, opera uma negação que é relativa ao ser ele mesmo como ser determinado, ou seja, a negação é uma negação “nele” (*an ihm*) que o define.⁴⁵

⁴¹ «the suspicion has always been that he is pulling that rabbit out of the hat because he put it there.» PIPPIN, *Hegel's Idealism. The Satisfactions of Self-Consciousness*, p. 184.

⁴² «O devir é um incessante não-reposou que se abisma num resultado em repouso.» – «Das Werden ist eine haltungslose Unruhe, die in ein ruhiges Resultat zusammensinkt.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 113.

⁴³ «O ser-aí é o simples ser-um do ser e [do] nada.» – «Das Dasein ist das einfache Einssein des Seins und Nichts.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 116.

⁴⁴ «O resultado é que o nada deve deixar de ocorrer como indeterminado e sem relação com o ser e passar a ser entendido como relação estável ao ser.» Diogo Falcão FERRER, *Lógica e Realidade em Hegel. A Ciência da Lógica e o Problema da Fundamentação do Sistema*, Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2006, p. 161.

⁴⁵ «Ser-aí é ser *determinado*; a sua determinidade é determinidade *que-é, qualidade*. Pela sua qualidade *é algo* face a um *outro*, *é mutável e finito*, não somente perante um outro, mas determinado simplesmente negativamente nele mesmo.» – «Dasein ist *bestimmtes* Sein; seine Bestimmtheit ist *seiende* Bestimmtheit, *Qualität*. Durch seine Qualität ist *Etwas* gegen ein *Anderes*, ist *veränderlich* und *endlich*, nicht nur gegen ein *Anderes*, sondern an ihm schlechthin negativ bestimmt.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 115.

O ser-aí compreende, portanto, tanto o ser como o não-ser que o determinam, respectivamente, positiva e negativamente, constituindo a sua qualidade ou “determinidade *que é*” (*seiende Bestimmtheit*). Assim, a qualidade do ser-aí diferencia-se, segundo Hegel, em dois momentos:

a primeira constitui o que Hegel denomina por “*realidade*” (*Realität*)⁴⁶ que, “enquanto qualidade com o acento de ser um ente [o que é, *seiende*]”, “vale por isso apenas como algo positivo do qual são excluídas negação, limitação, falta”⁴⁷;

a segunda é a “negação” (*Verneinung, Negation*) que, por sua vez, “vale como uma falta” (*Mangel*)⁴⁸.

A qualidade do ser-aí é, por conseguinte, composta por realidade e negação como seus elementos resultantes, respectivamente, do ser e do não-ser enquanto naquele presentes imediatamente.⁴⁹ Tecnicamente, a *realidade* constitui, assim, uma dimensão do ser-aí, um momento da totalidade que é a determinidade do mesmo, a par da negação.

É este o sentido que o conceito de *Realität* assume na Lógica de 1832. Contudo, a formulação de 1812 é ligeiramente distinta, nomeadamente no que Hegel expressa por “realidade”.

Na primeira edição da *Ciência da Lógica*, realidade aparece como sinónimo ou intermutável com o conceito de ser-aí⁵⁰. Deste modo, realidade não é um dos momentos de uma totalidade, a qualidade, como sucede em 1832, mas uma totalidade composta pelos elementos “ser-em-si” (*Ansichsein*) e “ser-para-outro” (*Sein-für-Anderes*) que correspondem, aqui, ao ser e ao não-ser na unidade imediata do ser-aí⁵¹.

A concepção estrutural parece ser semelhante em 1812 e 1832, uma vez que Hegel apresenta nos dois casos a determinidade do ser-aí como unidade de dois momentos, correspondentes ao ser e ao não-ser. A principal diferença surge ao nível dos conceitos usados para expressar cada um dos elementos, tanto a unidade como os seus constituintes, o que inevitavelmente implica uma inteligibilidade distinta do conceito de realidade num e noutro texto.

No texto de 1812, a totalidade é a *realidade* cujos componentes são *ser-em-si* e *ser-para-outro*; em 1832, a totalidade é *qualidade* e os seus momentos *realidade* e *negação*. Em 1812, porém, estes elementos implicam, no modo como Hegel os apresenta, uma dimensão relativa,

⁴⁶ O conceito de realidade, enquanto positividade imediata, está, naturalmente, associado à noção de *res* ou coisa. Na filosofia cartesiana, por exemplo, *res* surge como designação das substâncias fundamentais, substância pensante (*res cogitans*), substância extensa (*res extensa*) e Deus (*res divina*). Cf. DESCARTES, *Meditationes De Prima Philosophia*, *Euvres*, vol. VII, ed. Charles Adam e Paul Tannery, Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 1996.

Também Espinosa se refere aos atributos e modos da substância através do termo *res*: «rem extensam et rem cogitatem vel Dei attributa esse, vel (*per Axiom. I.*) affectiones attributorum Dei.» Benedicti de SPINOZA, *Ethica*, I, prop. XIV, cor. II, *Opera Quotquot Reperta Sunt*, ed. J. Van Vloten e J. P. N. Land, Hagae, Martinus Nijhoff, vol. I, 1914³, p. 47.

⁴⁷ «*Realität* als Qualität mit dem Akzente, eine *seiende* zu sein [...]; die Realität gilt daher nur als etwas Positives, aus welchem Verneinung, Beschränktheit, Mangel ausgeschlossen sei.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 118.

⁴⁸ «enquanto marcada por uma negação, *negação* em geral, ela é igualmente uma qualidade, mas que vale como uma falta, determina-se além disso como limite, barreira.» – «sie als mit einer Verneinung behaftet, *Negation* überhaupt, [ist] gleichfalls eine Qualität, aber die für einen Mangel gilt, sich weiterhin als Grenze, Schranke bestimmt.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 118.

⁴⁹ Realidade e negação são também em Kant categorias da qualidade, a par da limitação. Cf. KANT, *Kritik der reinen Vernunft*, A 80 / B 106.

⁵⁰ «Somente ela é o ser-aí em geral.» – «Allein sie ist das Daseyn überhaupt.» G. W. F. HEGEL, *Wissenschaft der Logik* (1812), p. 56.

⁵¹ «O ser-aí é, enquanto realidade, a diferenciação de si mesmo em ser-em-si e ser-para-outro.» – «Das Daseyn ist als Realität ist die Unterscheidung seiner selbst in Ansichseyn, und Seyn-für-Anderes.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik* (1812), p. 57.

Estes conceitos são, em 1832, transferidos para a esfera seguinte, em que Hegel trata das categorias “algo” e “outro”. Cf. § seguinte.

relacional, que parece não estar presente nos conceitos de realidade e negação na segunda versão da obra.

No caso do conceito de *ser-para-outro*, é evidente a transposição do não-ser no ser-aí enquanto representando fundamentalmente uma relação de alteridade relativamente ao ser, ou ao que é o ser-aí enquanto *sendo*. Quanto ao “ser-em-si”, a exposição hegeliana fá-lo derivar do “ser-outro” (*Anderssein*) e do “ser-para-outro” enquanto expressa uma dimensão de igualdade consigo mesmo, por oposição à relação com o outro de si, resultante da superação dessa mesma alteridade.⁵² A realidade surge, assim, como “ser-aí-reflectido”⁵³, uma vez que os seus momentos implicam mediação e reflexão, retirando o ser-aí da “forma primeira da imediatez” (*erste Form der Unmittelbarkeit*).

Ora, realidade e negação não parecem implicar esta dimensão de relação ou reflexividade na versão de 1832. Aqui, o não-ser não assume a forma da alteridade, ser-outro do mesmo, mas de simples negação, pura limitação do ser-aí em si mesmo, nem a determinação correspondente ao ser implica uma relação a si mediada pelo outro, como em 1812, mas surge como mera positividade imediata, simples realidade.

Hegel parece reconhecer, na segunda edição da obra, uma componente mais imediata e abstracta nas determinações do “ser-aí como tal” (*Dasein als solches*), guardando a relação de alteridade e a própria reflexividade, presentes nesta esfera na edição de 1812, para a relação entre dois “seres-aí” (entes-aí, *Daseiende*) e a esfera da essência, respectivamente⁵⁴.

Realidade expressa, portanto, algo ligeiramente distinto em cada uma das edições, sendo a principal diferença a maior acentuação do seu carácter imediato e abstracto na segunda versão, na medida em que o que era uma totalidade reflectida (1812) passa a um momento, um dos elementos de uma unidade (1832) como mera positividade, presença imediata do ser na esfera do ser-aí. Realidade não é, afinal, o mesmo que ser determinado, nem ser-aí reflectido, mas o positivo nesse ser determinado que, como tal, compreende ainda a negação ou o não-ser.

Com efeito, realidade e negação, no ser-aí, encontram-se numa relação de diferença e oposição⁵⁵, mas, verdadeiramente, as diferenças na qualidade “são nulas [*nichtig*] e superadas”, uma vez que, segundo Hegel, a realidade, na medida em que é limitada, é ser determinado, “ser-aí”, e não “ser indeterminado, abstracto”, “contém ela mesma a negação”⁵⁶. Por seu lado, a negação não

⁵² «Algo é em-si na medida em que, a partir do ser-para-outro, ele regressou a si.» – «An-sich ist etwas, insofern es aus Seyn-für-Anderes heraus, in sich zurückgekehrt ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik* (1812), p. 55.

⁵³ «Enquanto este ser-aí reflectido ele é realidade.» – «Als diß reflectirte Daseyn ist es Realität.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik* (1812), p. 54.

⁵⁴ HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 125. Parece corroborar esta leitura o facto de Hegel retomar os conceitos de “ser-em-si” e “ser-para-outro” mais à frente quando trata da “Finitude” e da relação entre seres-aí, nomeadamente no subcapítulo intitulado “Algo e um outro”. V. § seguinte.

Diogo Ferrer defende que Hegel, na edição de 1832, «evita assim o emprego do termo “reflexão”, reservando-o para a lógica da essência onde pode receber o seu sentido pleno.» FERRER, *Lógica e Realidade em Hegel*, p. 165.

⁵⁵ «A negação encontra-se imediatamente face [contra] à realidade.» – «Die Negation steht unmittelbar der Realität gegenüber.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 121.

⁵⁶ «Die Realität enthält selbst die Negation, ist Dasein, nicht unbestimmtes, abstraktes Sein.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 122.

é puro nada mas “negação *determinada*”⁵⁷, não-ser *que é* ou ser-aí, compreendendo, portanto, a positividade inerente à realidade. A realidade implica negação, a negação (determinada) implica realidade.

Encontra-se aqui subjacente a afirmação de Espinosa de que “toda a determinação é negação” (*Omnis determinatio est negatio*), “princípio” a que Hegel atribui uma “importância infinita” (*unendlicher Wichtigkeit*)⁵⁸. De facto, a determinação implica uma (de)limitação, uma configuração que pressupõe, necessariamente, a negação ou exclusão de toda uma série de outras determinações, ou, neste caso, simplesmente da condição indeterminada que caracteriza o puro ser. O aspecto positivo, a determinação ou característica propriamente dita, que Hegel chama realidade, não é senão o lado afirmativo de um processo que implica em si mesmo uma negação. Realidade e negação encontram-se, assim, numa unidade fundamental, na medida em que se determinam recíproca e concomitantemente.

Mais uma vez, a interdependência da realidade e da negação, como positivo e negativo no ser determinado, pretende fundar uma perspectiva do real que não se priva de atribuir à própria realidade o negativo e a negação, habitualmente atribuídos exclusivamente ao pensar e ao discurso. A negação não é, portanto, negação absoluta da realidade que, como tal, conduziria ao “nada abstracto”, ao “nulo”, mas antes negação que, tendo ainda “um *conteúdo*”, estabelece e implica uma realidade, algo de positivo.⁵⁹ Como tal, Hegel não deixa de salientar a importância da negação e do seu crucial papel no quadro de uma ontologia dialéctica.

§ 4. Algo e outro

O movimento dialéctico, que conduz de uma categoria à seguinte, e desta, por sua vez, a uma outra, constitui-se, portanto, como processo de diferenciação no seio de uma unidade imediata e a sua superação (*Aufhebung*) numa unidade agora mediada, e assim sucessivamente. Desta forma, o ser-aí é imediatamente, “ser-aí desprovido de diferença”; a sua determinidade diferencia-se, de seguida, em realidade e negação; contudo, ele é “*de novo* igual a si mesmo, *pelo superar* [*Aufheben*] *da diferença*, a simplicidade do ser-aí *mediada* [*vermittelt*] por este superar”⁶⁰. Com isto, a diferença não é “suprimida” (*weggelassen*) mas incorporada numa unidade por ela mediada e o ser-aí “como tal” dá origem a uma nova categoria.

⁵⁷ «Enquanto o resultante, a negação é negação *determinada*, ela tem um *conteúdo*.» – «Indem das Resultierende, die Negation, bestimmte Negation ist, hat sie einen *Inhalt*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 49.

⁵⁸ «Dieser Satz ist von unendlicher Wichtigkeit». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 121.

⁵⁹ Como refere Hegel, «o negativo é do mesmo modo positivo», na medida em que não consiste na negação absoluta, conducente ao vazio abstracto, mas no quadro de uma ontologia dialéctica como é a hegeliana, todo o positivo, enquanto um determinado, implica uma negação, do mesmo modo que o negativo, porque negação determinada, “é” ainda algo de real. (Cf. *infra*, p. 40) «das Negative ebenso sehr positiv ist oder daß das sich Widersprechende sich nicht in Null, in das abstrakte Nichts auflöst, sondern wesentlich nur in die Negation seines *besonderen* Inhalts». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 49.

⁶⁰ «das Dasein nicht als unterschiedlos, wie anfangs, sondern als *wieder* sich selbst gleich, *durch Aufheben des Unterschieds*, die Einfachheit des Daseins *vermittelt* durch dieses Aufheben.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 123.

A categoria que surge a partir da diferença superada entre realidade e negação é, segundo Hegel, “algo” ou “*o-que-é-aí*” (*sendo-aí* ou *ente-aí*, *Daseiende*)⁶¹, o que expressa uma maior determinação e concreção face à abstracção característica do ser-aí. Não obstante, “algo” representa, ainda assim, como refere Hegel, à semelhança de “*realidade e negação*, o ser-aí e sua determinidade”, uma “determinação superficial”, “totalmente abstracta”, ainda não desenvolvida, no todo que é a *Lógica*⁶².

Isto não impede, contudo, que “algo” surja como a “*primeira negação da negação*”⁶³ ou “negatividade concreta, *absoluta*” face à “negatividade *abstracta*” ou “negação em geral” que caracteriza a qualidade do ser-aí⁶⁴. “Negação da negação” (*Negation der Negation*)⁶⁵ ou, o que significa o mesmo, “dupla negação” (*gedoppelte Negation*) são as expressões usadas por Hegel para referir uma entidade que resultou da mediação e superação de não apenas uma instância imediata, mas ainda da negação da última por que uma outra imediatez surge como se opondo à primeira. A dupla negação não reconduz, contudo, à primeira entidade, não implicando, portanto, a anulação da primeira negação.⁶⁶

A negação da negação constitui, deste modo, uma nova positividade não já imediata ou abstracta, mas, enquanto resultante da dupla negação, uma positividade transformada, que contém em si o devir da sua mediação. O que compreende em si o processo de mediação e constitui uma unidade deveniente de momentos opostos é o que, na perspectiva hegeliana, assume a figura de concreto, negativo, e cada novo elemento surge, face ao anterior, como um movimento a partir da imediatez e da abstracção em direcção a uma maior concreção e mediação.

“Algo” constitui-se, deste modo, por uma “*mediação de si consigo mesmo*” (*Vermittlung seiner mit sich selbst*)⁶⁷, na medida em que *supera* a primeira negação e, por conseguinte, a oposição entre realidade e negação como momentos do ser-aí. Mas, novamente, “algo” compreende em si dois momentos, ou duas determinações diferentes, correspondentes, mais uma vez, aos conceitos imediatos de ser e não-ser.

Ao contrário do que sucede no ser-aí, em que realidade e negação representam ainda determinações abstractas, imediatas, no caso de “algo”, as dimensões que expressam o ser e o

⁶¹ «Este ser-superado da diferença é a determinidade própria do ser-aí; assim ele é *ser-dentro-de-si* ; o ser-aí é *ente-aí*, *algo*.» – «Dies Aufgehobensein des Unterschieds ist die eigene Bestimmtheit des Daseins; so ist es *Insichsein*; das Dasein ist *Daseiendes*, *Etwas*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 123.

⁶² «Jedoch ist *Etwas* noch eine sehr oberflächliche Bestimmung; wie *Realität* und *Negation*, das Dasein und dessen Bestimmtheit zwar nicht mehr die leeren - Sein und Nichts -, aber ganz abstrakte Bestimmungen sind.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 123.

⁶³ «Das *Etwas* ist die *erste Negation der Negation*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 123.

⁶⁴ «Aber dabei ist die *Negation* als *erste*, als *Negation überhaupt* wohl zu unterscheiden von der zweiten, der *Negation der Negation*, welche die konkrete, *absolute* Negativität, wie jene erste dagegen nur die *abstrakte* Negativität ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 124.

⁶⁵ A noção de “negação da negação” surge na edição 1832 no lugar de “reflexão”, o que, admitindo-se a hipótese de Diogo Ferrer, pode ser resultado do facto de Hegel pretender guardar o conceito de reflexão para a esfera da *Essência*, o que, contudo, não se verifica absolutamente. Cf. § anterior, nota 54.

⁶⁶ A negação da negação não deve, por conseguinte, ser identificada com a dupla negação da lógica formal, como salienta Kristina Engelhard no artigo “Das Problem des Widerspruchs in Hegels System”: «die *Negation der Negation* bei Hegel: sie ist nicht wie die doppelte *Negation* in der klassischen Aussagenlogik äquivalent mit der *Position*.» Kristina ENGELHARD, “Das Problem des Widerspruchs in Hegels System” in Christoph Jamme, Yohichi Kubo (eds.), *Logik und Realität. Wie systematisch ist Hegels System?*, München, Wilhelm Fink Verlag, 2012, pp. 207-231, p. 219.

⁶⁷ HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 124.

não-ser surgem agora sob a forma de relação ou enquanto mediadas uma pela outra. Deste modo, o que em “algo” é positivo, “ser”, é-o por meio da sua relação ao seu “outro”, o não-ser, e inversamente. Esta relação recíproca de mediação de um elemento pelo outro é expressa, justamente, pelos conceitos de “ser-em-si” (*Ansichsein*) e “ser-para-outro” (*Sein-für-Anderes*), momentos constitutivos do que “é-aí”⁶⁸.

Estas categorias pressupõem a determinação implicada na relação entre “algo e um outro”, que é, em primeira instância, exterior, uma relação entre dois “algo” ou dois “entes-aí”⁶⁹. A alteridade é, porém, interiorizada e passa a ser constitutiva de cada um dos entes-aí, de modo que, algo é e não é, simultaneamente, “outro”. Por um lado, o “outro” é “algo” exterior, *um outro*; por outro lado, cada “algo” é em si mesmo “outro” por relação ao outro de si, compreendendo, portanto, o “ser-outro” (*Anderssein*) no seu próprio ser⁷⁰. Este “ser-outro” não é, portanto, apenas característica do que é enquanto se refere a um outro “algo” exterior a ele⁷¹, mas este “outro” é ele mesmo, o mesmo “algo” como “outro” de si mesmo, o que traduz a dimensão de alteridade no interior do próprio ente que é. O “ser-outro” é “momento próprio” do “algo”⁷².

A alteridade constitui, desta forma, a configuração própria do não-ser naquilo que Hegel entende por “algo”, na medida em que configura uma esfera de relação ou mediação que não se encontra ainda presente no ser-aí como tal. O não-ser não é, neste caso, o contrário de ser (nada), ou mesmo simples negação, como sucedia na configuração do ser-aí, mas o “outro” do que é.

O não-ser surge, precisamente, no *Sofista* de Platão, como alteridade ou “o outro” (τό ἕτερον)⁷³ por relação tanto ao “ser”, como aos restantes géneros, “movimento”, “repouso” e “o mesmo”, na medida em que, do ponto de vista das ideias, se distingue e, simultaneamente, permite distinguir (de) cada um daqueles. Enquanto contrário ao ser, o não-ser corresponderia, como defendia Parménides, ao irreal, ao não-verdadeiro, a “via” impossível, uma vez que a verdade era perspectivada ontologicamente e, como tal, identificada com o que é absolutamente, o pura e simplesmente afirmativo, que não se altera, que não sofre aumento ou diminuição, que não devém algo diferente ou outro (o que antes não é) do que é ou que passa a não ser o que agora é.⁷⁴ Contudo, como “outro” o não-ser passa a poder ser pensado como ainda sendo, algo de diferente, é certo, do que é ou do “ser”, sem, no entanto, significar nada ou não ter referente.

⁶⁸ «Sein-für-Anderes und Ansichsein machen die zwei Momente des Etwas aus.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 128.

⁶⁹ «Algo e outro são ambos em primeiro lugar entes-aí ou algo.» – «Etwas und Anderes sind beide *erstens* Daseiende oder *Etwas*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 125.

⁷⁰ «O outro para si é o outro nele mesmo, com isto o outro de si mesmo, portanto o outro do outro [...]. Mas do mesmo modo ele permanece idêntico consigo.» – «Das Andere für sich ist das Andere an ihm selbst, hiermit das Andere seiner selbst, so das Andere des Anderen [...]. Aber ebenso bleibt es identisch mit sich.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 127.

⁷¹ «Algo e outro caem fora um do outro.» – «Etwas und Anderes fallen auseinander.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 128.

⁷² «Algo relaciona-se assim a partir de si mesmo ao outro, porque o ser-outro é posto nele como seu momento próprio.» – «Etwas verhält sich so *aus sich selbst* zum Anderen, weil das Anderssein als sein eigenes Moment in ihm gesetzt ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 135.

⁷³ PLATÃO, *Sophiste*, 258b. Para efeitos de maior clareza, os géneros encontram-se entre “ ”.

⁷⁴ A impossibilidade postulada pelos eleatas de se pensar o não-ser e a identificação da verdade ao ser, o que, por conseguinte, tornava de raiz impossível constituir um conhecimento falso do que só pode ser verdadeiramente, era justamente o argumento que, segundo Platão, os Sofistas usavam na legitimação do seu próprio saber. Platão procura, assim, justificar que o que estes proclamavam ser um conhecimento verdadeiro, não o é de facto, não por se referir ao que é impossível que seja (o não-ser absoluto ou nada), mas por no seu discurso se referirem a algo “outro” relativamente à verdadeira realidade.

O princípio platónico é, então, muito semelhante ao de Hegel: o não-ser como género “o outro”, permite, como se disse, a distinção dos diferentes géneros, na medida em que cada um destes participa do “outro”, não se confundindo com nenhum dos restantes. Desta forma, o “ser”, enquanto não é o mesmo que o “movimento” ou o “repouso”, pois pode misturar-se tanto com um como com outro, participa do “outro” por relação àqueles. Mas participa ainda do “outro” por relação ao “mesmo”, pois este constitui um género em si mesmo distinto do “ser”⁷⁵. Do mesmo modo, “o mesmo” é outro por relação aos restantes géneros, mas cada um é o mesmo por relação a si mesmo. Todos os géneros participam, portanto, também do “mesmo”⁷⁶, enquanto idênticos “em-si” mesmos, para voltar à terminologia hegeliana, assim como “o mesmo” participa do “outro” por relação aos outros géneros.

Mas o interessante para a concepção expressa por Hegel é o facto de, para além de os géneros poderem, no caso do mesmo e do outro, participar ao mesmo tempo de géneros “contrários”, Platão formular a ideia de que é por participar num outro género – o género “o mesmo” – que o “ser”, o “movimento” ou qualquer outro género, inclusive “o outro”, são eles mesmos idênticos ou os mesmos por relação a si, o que significa que a figura da mesmidade (para não recorrer à categoria da identidade que na Lógica hegeliana é constitutivamente uma categoria reflexiva da esfera da essência), já em Platão implica ou *pressupõe* (outra categoria eminentemente hegeliana) “o outro”, compreende uma relação de alteridade, neste caso um outro que é (o género) “o mesmo”.

Ora, os conceitos hegelianos de “ser-em-si” e “ser-para-outro” ou “ser-outro” representam um dispositivo doutrinário muito semelhante ao que é expresso por Platão nas considerações acerca da natureza da relação entre ser e não-ser, entre os géneros ou formas em geral. Dizem agora respeito, não às Ideias⁷⁷, mas ao ser determinado que é, o qual se determina, justamente, enquanto essencialmente numa relação com um outro.

“Algo” é, portanto, em si mesmo constitutivamente “ser-para-outro”. Mas, ao mesmo tempo que contém em si a negação, a alteridade, “algo” compreende ainda, necessariamente, enquanto “é”, uma dimensão de “igualdade consigo face [contra, *gegen*] à sua desigualdade”, isto é, o momento positivo relativo ao ser.⁷⁸ Este é expresso, agora, pela categoria “ser-em-si” (*Ansichsein*), resultante da mediação de algo com o seu “ser-outro” ou, como refere Hegel, esta “relação a si, a igualdade consigo, é agora não mais imediata, mas relação a si apenas como não-ser do ser-outro (enquanto ser-aí reflectido em si) [*in sich reflektiertes Dasein*]”⁷⁹, ou não-ser do não-ser, ou seja,

⁷⁵ «O ser e o outro penetram através de todos e compenetraram-se mutuamente.» PLATÃO, *Sophiste*, 259a. O mesmo poder-se-ia dizer do “mesmo”.

⁷⁶ Cf. PLATÃO, *Sophiste*, 256 a-b.

⁷⁷ A investigação platónica, embora trate preferencialmente das relações entre géneros, tem ainda por fim investigar os modos por que o discurso/conhecimento e as coisas sensíveis participam de Ideias diferentes, reflectindo a mistura que as próprias formas permitem entre si.

⁷⁸ «Ele conserva-se no seu não-ser-aí e é ser, porém não ser em geral, mas como relação a si face à sua relação a outro, como igualdade consigo face à sua desigualdade.» – «Es erhält sich in seinem Nichtdasein und ist Sein, aber nicht Sein überhaupt, sondern als Beziehung auf sich *gegen* seine Beziehung auf Anderes, als Gleichheit mit sich *gegen* seine Ungleichheit.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 128.

⁷⁹ «Sein, die Beziehung auf sich, die Gleichheit mit sich, ist jetzt nicht mehr unmittelbar, sondern Beziehung auf sich nur als Nichtsein des Andersseins (als in sich reflektiertes Dasein).» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 128.

negação da negação. O “ser-em-si” compreende, portanto, um “regresso” do que é-aí a si mesmo a partir do seu “ser-para-outro”.⁸⁰

Ser-em-si e ser-para-outro constituem, por conseguinte, as determinações de algo, respectivamente, enquanto relação consigo mesmo através da superação da relação a outro e relação a esse outro que é ele mesmo. Enquanto “*algo*” e “*outro*” representam a “ausência de relação da sua determinidade”, isto é, expressam a relação somente exterior entre duas entidades distintas, “ser-em-si” e “ser-para-outro” são “essas determinações [*algo* e *outro*] enquanto *momentos* postos de um e do mesmo, como determinações que são relações e permanecem na sua unidade, na unidade do ser-aí”⁸¹.

Verifica-se, desta forma, uma unidade fundamental entre os dois conceitos, na medida em que surgem enquanto mediados um pelo outro como momentos de uma mesma entidade. O “ser-para-outro” pressupõe e implica o “ser-em-si” como o que representa a identidade de algo consigo mesmo e, simultaneamente, o que é “em-si” é necessariamente mediado e constituído pelo outro.

Esta unidade mediada expressa uma dimensão fundamental da concepção hegeliana, nomeadamente no modo de considerar o que é “*em-si*” (*an sich*), determinando como constitutiva deste a relação a um outro. Algo *em-si* não o é na ausência de relação, na imanência absoluta do seu ser, mas, pelo contrário, só é aquilo que é por meio do outro. O ser mais íntimo do que é implica sempre, na perspectiva ontológica hegeliana, uma relação, uma referência a um outro de si mesmo.

É precisamente mediante este princípio que se estabelece a crítica hegeliana à noção de “*coisa-em-si*” (*Ding-an-sich*), um aspecto fundamental da filosofia kantiana, na medida em que é perspectivada como o que escapa à intuição sensível do sujeito, o que não devém objecto de conhecimento, permanecendo intacta e incognoscível, constituindo a linha de demarcação do idealismo transcendental relativamente à metafísica tradicional.⁸² Como refere Hegel, a filosofia transcendental, enquanto delimita o campo do conhecimento possível à experiência sensível e estabelece como conhecimento verdadeiro aquele que tem por objecto meros “fenómenos” (*Phaenomena, Erscheinungen*)⁸³, considera como “uma sabedoria muito valiosa” (*eine vielgeltende Weisheit*) o facto de não se “saber o que as coisas são em si” (*nicht wissen, was die Dinge an sich sind*)⁸⁴. Na concepção hegeliana, uma coisa simplesmente “em-si” implica a “abstracção” (*Abstraktion*) de “todo o ser-para-outro, o que significa em geral, enquanto elas são pensadas sem

⁸⁰ «*Em-si* é algo, na medida em que a partir do ser-para-outro, regressou em si.» – «*Ansich* ist Etwas, insofern es aus dem Sein-für-Anderes heraus, in sich zurückgekehrt ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 129.

⁸¹ «das Sein-für-Anderes und das Ansichsein sind daher jene Bestimmungen als *Momente* eines und desselben gesetzt, als Bestimmungen, welche Beziehungen sind und in ihrer Einheit, in der Einheit des Daseins bleiben.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 128.

⁸² Sobre a crítica que Fichte desenvolve relativamente à coisa-em-si kantiana, v. *infra*, III Parte, § 43. Idealismo transcendental, pp. 147-148.

⁸³ «daí não podermos ter conhecimento de nenhum objecto, enquanto coisa em si mesma, mas tão somente como objecto da intuição sensível, ou seja, como fenómeno». – «folglich wir von keinem Gegenstande als Dinge an sich selbst, sondern nur so fern es Object der sinnlichen Anschauung ist, d. i. als Erscheinung, Erkenntniß haben können». KANT, *Kritik der reinen Vernunft*, B XXVI.

⁸⁴ HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 129.

qualquer [*ohne alle*] determinação, como nada *[Nichtse]*”⁸⁵. Ora, como tal, são naturalmente incognoscíveis ou, como refere Hegel, não são “nada mais do que abstracções desprovidas de verdade [*wahrheitslose*], vazias”⁸⁶.

O conceito “em-si” (*an sich*), correspondente à condição do que é necessariamente também para-outro e que enquanto tomado isoladamente deste não é mais que a referida abstracção, é ainda identificado com “o que algo é no seu conceito” (*was etwas in seinem Begriffe ist*), isto é, o ser não desenvolvido, não exposto pelo processo dialéctico que caracteriza o real e que constitui a própria Lógica⁸⁷. O que é simplesmente em-si tem, na lógica dialéctica, de se tornar outro de si mesmo, exteriorizar ou alienar, para, por intermédio dessa mediação, regressar a si mesmo e superar a imediatez abstracta que o caracterizava. Só através da determinação progressiva do que é imediatamente de forma apenas abstracta, ou seja, só mediante o seu devir concreto é que algo pode ser conhecido em toda a sua determinidade e, como tal, realizar-se plenamente. O que não sai da abstracção total, como “aquele absoluto de que nada se sabe”⁸⁸, não pode, naturalmente ser conhecido. Ora, a Lógica é, justamente, segundo Hegel, o patentear desse processo que é o devir concreto do imediato abstracto na sua inteligibilidade ou dimensão conceptual, ou seja, o conhecer da *coisa* nos seus múltiplos e diversos aspectos e determinações.

O ser-em-si é, portanto, em Hegel, indissociável do ser-para-outro e da relação neste implicada. Não é simplesmente uma identidade desprovida de diferença, uma entidade isolada, vazia, mas uma identidade que compreende em si a alteridade e a relação.

§ 5. Limite e Dever-ser

O conceito que, por sua vez, expressa o ser “reflectido e desenvolvido em si”⁸⁹ que surge pela dupla negação, e que pressupõe ou compreende o movimento operado pelos conceitos de ser-em-si e ser-para-outro, é “*ser-dentro-de-si*” (*Insichsein*). A sua proximidade com o *ser-em-si* (*Ansichsein*) é manifesta. Hegel afirma mesmo que “o ser-dentro-de-si [*Insichsein*] do algo como

⁸⁵ «Die Dinge heißen an-sich, insofern von allem Sein-für-Anderes abstrahiert wird, das heißt überhaupt, insofern sie ohne alle Bestimmung, als Nichtse gedacht werden.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, pp. 129-130.

⁸⁶ «sie sind als solche nichts als wahrheitslose, leere Abstraktionen.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 130.

Ivan Soll salienta dois “argumentos” na crítica que Hegel realiza à coisa-em-si kantiana: como resultado da “identidade-própria despida”, que se exclui de toda a relação, a coisa-em-si constitui-se ainda pelo “seu carácter completamente negativo”.

«Hegel’s argument is that both the thing-in-itself and the noumenal self amount to nothing more than bare self-identity.»; «A second, similar argument for the knowability of the thing-in-itself follows from its completely negative character. Since the thing-in-itself is defined solely as the negation of all phenomenal qualities, Hegel argues that ist conceptual content amounts to nothing more than the abstract conception of negation.» Ivan SOLL, *An Introduction to Hegel’s Metaphysics*, Chicago – London, The University of Chicago Press, 1969, p. 79.

⁸⁷ «O que, porém, a coisa-em-si é na verdade, o que é verdadeiramente em-si, disso é a Lógica a exposição, pela qual, todavia, é melhor entendido sob *em-si* como a abstracção, nomeadamente o que algo é no seu conceito.» – «Was aber das Ding-an-sich in Wahrheit ist, was wahrhaft an sich ist, davon ist die Logik die Darstellung, wobei aber unter *Ansich* etwas Besseres als die Abstraktion verstanden wird, nämlich was etwas in seinem Begriffe ist». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 130.

⁸⁸ «Das Ding-an-sich ist dasselbe, was jenes Absolute, von dem man nichts weiß.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 130.

⁸⁹ «Mas *algo* ou o ser é posto não mais abstractamente, mas reflectido e desenvolvido em si como ser-dentro-de-si». – «Aber *Etwas* oder das Sein ist nicht mehr abstrakt gesetzt, sondern in sich reflektiert und entwickelt als *Insichsein*». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 142.

negação da negação é o seu *ser-em-si* [*Ansichsein*]]⁹⁰. Contudo, a categoria *Insichsein* compreende uma dimensão que o simples *Ansichsein* parece não expressar. Enquanto *Ansichsein*, “algo” é na medida em que se relaciona a um outro, é a sua identidade consigo mesmo na mediação dessa alteridade. Porém, *Insichsein* representa esse mesmo ser e esse mesmo desenvolvimento que constitui o ser-em-si de algo como regresso a si, como resultado ou processo acabado, o que permite conferir ao “ser-dentro-de-si” uma dimensão de “finitude” (*Endlichkeit*) enquanto característica ou determinação procedente daquele.

Desta forma, afirma Hegel, o ser que se determinou como “ser-dentro-de-si”, que compreende em si mesmo a mediação ao seu outro e, por conseguinte, a reflexão do seu ser-em-si inicial, “tem nele uma determinação e compleição [*Beschaffenheit*], e ainda mais determinadamente [*bestimmter*], [...] tem nele um limite [*Grenze*], o qual, como constituindo o imanente do algo e a qualidade do seu ser-dentro-de-si, é a finitude”⁹¹. Ser-dentro-de-si representa, portanto, a interioridade limitada do que é, ou “algo” enquanto se referindo a si mesmo na sua imanência delimitada, finita.

O “limite” constitui a categoria central desta fase da exposição, uma vez que é, simultaneamente, como em geral na dialética hegeliana, o operador que possibilita tanto uma nova determinação, como o ultrapassar desta. Enquanto estabelece a dimensão da finitude, o limite introduz ao mesmo tempo uma contradição no seio da determinação que funda, contradição que será o motor da passagem (transição, *Übergang*) à determinação seguinte.

O limite é o que faz de algo um finito. Como tal, é a “determinidade” pela qual no algo se nega o outro que lhe é exterior e, por conseguinte, “é idêntico com o ser-dentro-de-si dos algo”⁹². Além disso, na medida em que delimita e distingue algo de um outro, o limite “junta[-os] [*Zusammenschließt*] a partir deles mesmos e do mesmo modo separa[-os] um do outro, cada um negando o outro”⁹³. Assim, o limite, uma vez que se encontra entre dois “algo”, é simultaneamente o que estabelece a relação entre eles, o que os liga enquanto outros um do outro, e o que os separa ou distingue.

É neste sentido que Hegel caracteriza o “desenvolvimento deste conceito” (*Entwicklung dieses Begriffs*) como “complicação e contradição” (*Verwicklung und Widerspruch*)⁹⁴, o que remete, evidentemente, para as perspectivas dialéticas de Nicolau de Cusa ou Giordano Bruno, nomeadamente na figura da dupla conceptual *complicação-explicação* (*complicatio, explicatio*), dispositivo que permite pensar a unidade e a separação dos opostos como dois aspectos de uma

⁹⁰ «das Insichsein des Etwas als Negation der Negation ist sein *Ansichsein*». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 135.

⁹¹ «Aber *Etwas* oder das Sein ist nicht mehr abstrakt gesetzt, sondern in sich reflektiert und entwickelt als Insichsein, das eine Bestimmung und Beschaffenheit an ihm hat, und noch bestimmter, daß es eine Grenze an ihm hat, welche, als das dem Etwas Immanente und die Qualität seines Insichseins ausmachend, die Endlichkeit ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 142.

⁹² «Es ist eine Bestimmtheit derselben, welche sowohl mit dem Insichsein der Etwas identisch [ist]». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 135.

⁹³ «sie aus ihnen selbst zusammenschließt und ebenso voneinander, jedes das Andere negierend, abscheidet». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 135.

⁹⁴ «Die Entwicklung dieses Begriffs ist zu sehen, welche sich aber vielmehr als Verwicklung und Widerspruch zeigt.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 136.

mesma totalidade.⁹⁵ Enquanto a primeira expressa a realidade do ponto de vista da “unidade”, da “identidade”, da “igualdade” ou da “simplicidade”, a segunda refere-se à exposição ou desdobramento do *complicado* ou compreendido nessa mesma unidade agora como multiplicidade, “diversidade”, “desigualdade”, “divisão” e “discrição”.⁹⁶ O mais fundamental é, contudo a “unidade infinita”⁹⁷ “complicação de tudo”, ou seja, “Deus” que “complica tudo pelo facto de que tudo está nele” e “que tudo explica pelo facto de que ele está em tudo”⁹⁸.

Em Hegel verifica-se, por um lado, que “o limite como negação reflectida em si [*in sich*] do algo contém *idealmente* [*ideell*] nele o momento do algo e do outro” e, por outro lado, “estes enquanto momentos diferentes são postos na esfera do ser-aí como *realmente* [*reell*], *qualitativamente diferentes*”⁹⁹. As expressões *ideal* e *real* não são senão o modo especificamente hegeliano de tomar em consideração as duas dimensões que em Cusa e Bruno surgem, respectivamente, como complicação e explicação.

O limite é, por conseguinte, o que determina o que algo não é, excluindo desse algo o que é outro. Mas “algo é ao mesmo tempo pelo seu limite”¹⁰⁰, ou seja, o limite não só determina negativamente algo, como esse determinar negativo implica o determinar positivo, ou o que algo é¹⁰¹. Ao primeiro momento (exclusão do outro) Hegel associa a “negação simples ou a *primeira* negação”; ao segundo, “a negação da negação, o ser-dentro-de-si do algo”¹⁰², à semelhança do que sucede nas determinações anteriores.

Deste modo, pode afirmar-se que algo “é e não é”, simultaneamente, “no seu limite”¹⁰³ ou, como acrescenta Hegel, “algo tem o seu ser-aí *fora* (ou, como também se representa, *dentro* [*innerhalb*]) do seu limite”¹⁰⁴, o que significa que este, tal como é apresentado, implica uma contradição, em Hegel, a contradição específica da condição de finito. Na medida em que o limite

⁹⁵ «Assim o repouso é a unidade que complica o movimento, que é o repouso seriadamente ordenado [...]. O movimento é, por isso, a explicação do repouso.» – «Ita quidem quies est unitas motum complicans, qui est quies seriatim ordinata [...]. Motus igitur est explicatio quietis.» Nicolai de CUSA, *De docta ignorantia. Die belehrte Unwissenheit*, II, III, 106, Lateinisch-deutsch, Hamburg, Felix Meiner Verlag, 1977. (Tradução portuguesa: Nicolau de CUSA, *A Doutra Ignorância*, trad., introd. e notas João Maria André, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.)

«Toda a potência e, portanto, [o] acto, que no princípio está como complicado, unido e uno, nas outras coisas está explicado, disperso e multiplicado.» – «Ogni potenza dunque ed atto, che nel principio è come complicato, unito e uno, nelle altre cose è esplicato, disperso e multiplicato.» Giordano BRUNO, *De la Causa, Principio e Uno*, III, *Dialoghi italiani. Dialoghi metafisici e dialoghi morali*, ed. Giovanni Aquilecchia, Firenze, Sansoni, 1958³, pp. 281-282.

⁹⁶ «Assim também a identidade é a complicação da diversidade, a igualdade da desigualdade e a simplicidade a complicação das divisões ou das discrições.» – «Ita identitas est diversitatis complicatio, aequalitas inaequalitatis, et simplicitas divisionum sive discretionum.» CUSA, *De docta ignorantia*, II, III, 106.

⁹⁷ «O perfeito vem antes de todo o imperfeito, e assim o repouso antecede o movimento, a identidade a diversidade, a igualdade a desigualdade e o mesmo se passa com o que é convertível com a unidade, que é a própria eternidade.» – «Perfectum enim omne imperfectum antecedit, ita quies motum, identitas diversitatem, aequalitas inaequalitatem, et ita de reliquis, quae cum unitate convertuntur, quae est ipsa aeternitas.» CUSA, *De docta ignorantia*, II, III, 107.

⁹⁸ «Deus ergo est omnia complicans in hoc, quod omnia in eo. Est omnia explicans in hoc, quod ipse in omnibus.» CUSA, *De docta ignorantia*, II, III 107.

⁹⁹ «die Grenze als in sich reflektierte Negation des Etwas die Momente des Etwas und des Anderen in ihr *ideell* enthält, und diese als unterschiedene Momente zugleich in der Sphäre des Daseins als *reell*, *qualitativ unterschieden* gesetzt sind.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 136.

¹⁰⁰ «so ist Etwas zugleich durch seine Grenze.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 136.

¹⁰¹ «este [algo] é por ele [limite] o que ele [algo] é.» – «dieses ist durch sie das, was es ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 136.

¹⁰² «die Negation der Negation, das Ineinander des Etwas.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 136.

¹⁰³ «Insofern nun Etwas in seiner Grenze *ist* und *nicht ist*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 137.

¹⁰⁴ «Etwas hat sein Dasein *außer* (oder, wie man es sich auch vorstellt, *innerhalb*) seiner Grenze.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 137.

é, enquanto “meio termo [*Mitte*] *entre*” algo e um outro, aquilo “em que eles acabam (cessam, *aufhören*)”, e que o que algo não é funda isso mesmo que ele é, aqueles “têm o *ser-aí além* um do outro e *do seu limite*”¹⁰⁵.

Revela-se, assim, a natureza do finito como o que se encontra permanentemente em relação com o que está para além de si mesmo, o que é exterior ao seu limite, constituindo o que Hegel perspectiva como a “inquietação [*Unruhe*] do algo ser no seu limite, em que ele é imanente, a *contradição* que o manda sair [*impele, hinaussschickt*] para além de si mesmo”¹⁰⁶. O finito é essencialmente o tender para lá do seu limite, o negar a sua finitude. Esta condição do finito é o que Hegel caracteriza como relação “negativa” consigo mesmo, ou negar-se a si mesmo, de modo que a “verdade” do “ser” (*Sein*) das “coisas finitas” é “o seu *fim* [*termo, Ende*]”¹⁰⁷, ou o não-ser.

É desta forma que o limite se revela como “barreira” (*Schranke*)¹⁰⁸, limiar que separa e liga, possibilitando precisamente o “ultrapassar” desse mesmo limite (*über sie hinausgehen*)¹⁰⁹, o que corresponde, segundo Hegel, enquanto relação negativa do finito ao seu limite, à natureza do “dever-ser” (*Sollen*).

O dever-ser surge, assim, como determinação fundamental de todo o finito. Este, justamente porque “deve ser, *é e não é* ao mesmo tempo”¹¹⁰. Ou o que é, na medida em que é finito e tende para lá do seu limite deve ser o que ainda não é. O dever-ser pode, assim, ser identificado com o ser-em-si (*Ansichsein*), na medida em que este corresponde ao que se encontra ainda encerrado no interior do que é, ainda não se expôs ou desenvolveu, portanto, ainda não é completamente¹¹¹.

A figura do dever-ser é, contudo, peculiar na medida em que, “enquanto *dever-ser* algo é, pois, *elevado* [*erhaben*] *acima da sua barreira*, inversamente, porém, ele tem somente *como dever-ser* a sua *barreira*”¹¹². O dever-ser é, pois, por um lado, a natureza própria do finito enquanto indissociável do seu limite, por outro, o negar e ultrapassar desse mesmo limite que o constitui, o que reflecte o carácter contraditório da finitude e do próprio dever-ser. É desta forma que o dever-ser, longe do ideal que se impõe ao real como norma ou imperativo (como na razão prática

¹⁰⁵ «Sie ist die *Mitte zwischen* beiden, in der sie aufhören. Sie haben das *Dasein jenseits* voneinander und von ihrer *Grenze*». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 137.

¹⁰⁶ «Die andere Bestimmung ist die *Unruhe* des Etwas in seiner Grenze, in der es immanent ist, der *Widerspruch* zu sein, der es über sich selbst hinaussschickt.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 138.

¹⁰⁷ «As coisas finitas *são*, mas a sua relação a si mesmas é que elas se relacionam a si mesmas como *negativas*, precisamente nesta relação a si mesmas se projectam além de si, além do seu ser. Elas *são*, mas a verdade deste ser é o seu *fim*.» — «Die endlichen Dinge *sind*, aber ihre Beziehung auf sich selbst ist, daß sie als *negativ* sich auf sich selbst beziehen, eben in dieser Beziehung auf sich selbst sich über sich, über ihr Sein, hinauszuschicken. Sie *sind*, aber die Wahrheit dieses Seins ist ihr *Ende*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 139.

¹⁰⁸ «O limite próprio de algo, assim posto por ele como um negativo que é ao mesmo tempo essencial, não é apenas limite como tal, mas *barreira*.» — «Die eigene Grenze des Etwas, so von ihm als ein Negatives, das zugleich wesentlich ist, gesetzt, ist nicht nur Grenze als solche, sondern *Schranke*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, pp. 142-143.

¹⁰⁹ «Para que o limite, que é em geral no algo, seja barreira, ele tem simultaneamente em si mesmo de o *ultrapassar* nele mesmo, relacionar-se a si como a um *não-ser*.» — «Daß die Grenze, die am Etwas überhaupt ist, Schranke sei, muß es zugleich in sich selbst *über sie hinausgehen*, sich an ihm selbst auf sie als auf ein *Nichtseiendes* beziehen.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 143.

¹¹⁰ «Was sei soll, *ist* und *ist* zugleich *nicht*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 143.

¹¹¹ «O ser-em-si de algo na sua determinação reduz-se portanto ao *dever-ser* pelo [facto] de que o mesmo que constitui o seu ser-em-si numa e mesma consideração é enquanto *não-ser*.» — «Das Ansichsein des Etwas in seiner Bestimmung setzt sich also zum *Sollen* herab dadurch, daß dasselbe, was sein Ansichsein ausmacht, in einer und derselben Rücksicht als *Nichtsein* ist. HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 144.

¹¹² «Als *Sollen* ist somit Etwas *über seine Schranke* *erhaben*, umgekehrt aber hat es nur *als Sollen* seine *Schranke*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 144.

kantiana), ou como realidade outra e alhures, representa, na filosofia hegeliana, a condição constitutivamente contraditória do que é finito ou limitado.

§ 6. Finito e Infinito

O dever-ser é, por conseguinte, a contradição por resolver própria do finito. Contudo, como tal, o dever-ser é também, conforme se manifesta, o momento em que “começa o ultrapassar da finitude”, ou seja, segundo Hegel, com o dever-ser começa “a infinitude”¹¹³. Não obstante, na medida em que o dever-ser impele o finito a ultrapassar a sua condição presente, o seu limite actual, este “ultrapassar [é] ele mesmo apenas *finito*”¹¹⁴, o que conduz a um “progresso ao infinito” como sucessão de estados finitos. Deste modo, a finitude não é verdadeiramente ultrapassada mas sucessivamente restabelecida.

Segundo Hegel, este progresso ao infinito como reposição do finito é o que caracteriza a “filosofia kantiana e fichteana” na medida em que esta “declara [*gibt an*] o *dever-ser* como o ponto mais elevado [*den höchsten Punkt*] da resolução [*Auflösung*] das contradições da razão, o que porém é antes somente o ponto de vista [*Standpunkt*] do perseverar [*Beharren*] na finitude e por isso na contradição”¹¹⁵. Esta progressão ao infinito que não é mais que o reiterar da finitude constitui, na perspectiva hegeliana, o “*mau-infinito*” (*Schlecht-Unendliche*) ou “infinito do entendimento” (*das Unendliche des Verstandes*) que, ao colocar o infinito “face ao finito”¹¹⁶, numa oposição em que ambos permanecem “outros um ao outro” enquanto entidades autónomas, “dois mundos” (*zwei Welten*), constitui “somente a uniformidade que se repete [*wiederholende Einerleiheit*], uma e a mesma *alternância* [*Abwechslung*] deste finito e infinito”¹¹⁷.

Este não representa, portanto, uma verdadeira *superação* da finitude mas, pelo contrário, mantém-se “na contradição irreconciliada [*unversöhnte*], irresolvida [*unaufgelöste*], absoluta [*absolute*]”¹¹⁸. O infinito que deste modo se encontra numa “determinação recíproca” (*Wechselbestimmung*) face ao finito, que permanece perante este, não é senão, “*ele mesmo infinito finito*”, uma vez que é “determinado” ou limitado pelo próprio finito que se lhe opõe.¹¹⁹ Como tal, não foi (re)estabelecida uma nova identidade, uma vez que a “negação da negação” não foi levada

¹¹³ «Im Sollen beginnt das Hinausgehen über die Endlichkeit, die Unendlichkeit.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 145.

¹¹⁴ «ein selbst nur *endliches Hinausgehen*». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 147.

¹¹⁵ «Die Kantische und Fichtesche Philosophie gibt als den höchsten Punkt der Auflösung der Widersprüche der Vernunft das *Sollen an*, was aber vielmehr nur der Standpunkt des Beharens in der Endlichkeit und damit im Widerspruche ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 148.

¹¹⁶ «So das Unendliche gegen das Endliche in qualitativer Beziehung von Anderen zueinander gesetzt, ist es das *Schlecht-Unendliche*, das Unendliche des *Verstandes* zu nennen». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 152.

¹¹⁷ «Der Progreß ins Unendliche ist daher nur die sich wiederholende Einerleiheit, eine und dieselbe langweilige *Abwechslung* dieses Endlichen und Unendlichen.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 155.

¹¹⁸ «in dem unversöhnten, unaufgelösten, absoluten Widerspruche sich befindet». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 152.

¹¹⁹ «Esta contradição está aí presente em que face ao infinito o finito permanece enquanto ser-aí; são portanto *duas* determinidades; *há* dois mundos, um infinito e um finito, e na sua relação o infinito é somente limite do finito e é, por isso, apenas um determinado, *ele mesmo infinito finito*.» – «Dieser Widerspruch ist sogleich darin vorhanden, daß dem Unendlichen das Endliche als Dasein gegenüberbleibt; es sind damit *zwei* Bestimmtheiten; es *gibt* zwei Welten, eine unendliche und eine endliche, und in ihrer Beziehung ist das Unendliche nur *Grenze* des Endlichen und ist damit nur ein bestimmtes, *selbst endliches Unendliches*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 152.

a cabo, mas, como refere Hegel, “está presente um ultrapassar abstracto que permanece incompleto, na medida em que não é ultrapassado *este ultrapassar* ele mesmo”¹²⁰.

O “*verdadeiro infinito*” (*wahrhafte Unendliche*) não é, portanto, aquele que mantém enquanto determinidades opostas, separadas, finitude e infinitude, passando de uma a outra indefinidamente, mas “o ser afirmativo” que é “*identidade consigo*”¹²¹ que, ultrapassando verdadeiramente, isto é, *superando* o finito, se constitui como “sua *determinação afirmativa*, o que ele é verdadeiramente em-si [*an sich*]”¹²².

Ao contrário do infinito do entendimento, que consiste num mero “juntar exterior” (*äußerliches Zusammenbringen*)¹²³ e, como tal, permanece na dualidade entre finito e infinito, o verdadeiro conceito de infinitude caracteriza-se por uma “unidade”, não enquanto “igualdade-a-si-mesma sem-movimento abstracta” (*abstrakte bewegungslose Sichselbstgleichheit*)¹²⁴, mas como “devir” em que finito e infinito se encontram como momentos, cada um deles uma unidade de si com o seu outro. Este é, segundo Hegel, “o infinito da razão” (*das Unendliche der Vernunft*) que, longe de postular um “*além*” (*Jenseits*) “inatingível”, “inalcançável” (*unerreichbar*), e como tal, “não-verdadeiro” (*Unwahr*)¹²⁵, afirma como “verdadeira infinitude” a “*realidade* num sentido mais elevado do que a anteriormente *simplesmente* determinada”¹²⁶, porque correspondente à negação da negação, ao superar da negação abstracta que caracteriza a “realidade que é o ser-aí finito”¹²⁷.

Desta forma, Hegel afirma que “o finito não é o real [*Reale*], mas o infinito”¹²⁸ enquanto unidade deveniente de finito e infinito, “movimentação infinita”¹²⁹, ou superação verdadeira da finitude e sua contradição intrínseca, por que a mesma é negada enquanto determinação autónoma e conservada como momento. No entanto, esta inclusão do finito no infinito verdadeiro significa, segundo Hegel, que a “negação é assim determinada como idealidade”¹³⁰, ou seja, o finito como *momento* de uma unidade mediada é “*ideal*” (*ideial* ou da natureza da Ideia, *das Ideelle*).¹³¹ Para Hegel, não é, portanto, o infinito, enquanto unidade que compreende em si como momento a

¹²⁰ «Es ist ein abstraktes Hinausgehen vorhanden, das unvollständig bleibt, indem *über dies Hinausgehen* nicht selbst *hinausgegangen* wird.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 155.

¹²¹ «Diese *Identität mit sich*, die Negation der Negation, ist affirmatives Sein.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, pp. 148-149.

¹²² «Die Unendlichkeit ist seine *affirmative Bestimmung*, das, was es wahrhaft an sich ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 150.

¹²³ HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 160.

¹²⁴ HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, pp. 163-164.

¹²⁵ HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 164.

¹²⁶ «Die wahrhafte Unendlichkeit so überhaupt als *Dasein*, [...] ist die *Realität* in höherem Sinn als die früher *einfach* bestimmte». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 164.

¹²⁷ «damit ist sie selbst jener Realität, die das endliche Dasein ist, gegenübergesetzt.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 165.

¹²⁸ «Das Endliche ist nicht das Reale, sondern das Unendliche.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 164.

¹²⁹ «A esta movimentação infinita da infinitude e a sua conexão interna Hegel chama idealidade.» – «Diese unendliche Bewegtheit der Unendlichkeit und ihren inneren Zusammenhang nennt Hegel Idealität.» Xaver BRENNER, *Die Kategorie des Werdens in der Hegelschen Logik des Seins*, Inaugural-Dissertation zur Erlangung des Doktorgrades der Philosophie an der Ludwig-Maximilians-Universität München, München, Xaver Brenner, 1987, p. 180.

¹³⁰ «Die Negation ist so als Idealität bestimmt». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 165.

¹³¹ Hegel distingue em nota *Ideale* e *Ideelle*. O primeiro tem “um significado mais determinado”, como acontece por exemplo no conceito de “Belo” (*des Schönen*), enquanto o segundo refere o que assume em geral a forma da idealidade, da Ideia. Cf. HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 165, nota.

finitude, que constitui uma idealidade¹³², mas o próprio finito enquanto momento do verdadeiro infinito.¹³³ Este é, segundo Hegel, precisamente o princípio que caracteriza o *idealismo*.¹³⁴

Enquanto “superar da finitude”, superação que não implica a dissolução do “ser-aí finito”¹³⁵, mas somente da sua condição auto-subsistente, e, simultaneamente, da “infinitude que apenas lhe faz face (*gegenüberstehende*), somente negativa”, o verdadeiro infinito representa um “regresso a si” (*Rückkehr in sich*), uma “relação a si mesmo, ser”¹³⁶. Este ser que regressa a si mesmo pela superação do seu ser limitado face a um outro e que é “essencialmente negação da negação” é por Hegel “denominado *ser-para-si*” (*Fürsichsein*)¹³⁷.

§ 7. Quantidade

O ser-para-si, na medida em que supera o seu ser-outro, enquanto ultrapassa verdadeiramente o seu limite, a sua finitude, representa a superação da “esfera da diferença, do dualismo” que caracteriza o ser-aí.¹³⁸ Ele é o resultado e, como tal, o “concluir” da esfera da determinidade, do “*ser qualitativo*”¹³⁹. O ser passa, então, a ser considerado do ponto de vista da sua determinidade “indiferente” (*gleichgültig*), da determinidade que não influi directamente na sua qualidade, isto é, segundo Hegel, a “grandeza” (*Größe*) ou “quantidade” (*Quantität*). E na medida em que o ser-para-si se constitui, como unidade cuja natureza é justamente a “ausência de diferença” (*Unterschiedslosigkeit*), uma imediatez em que “desaparece a sua significação interior”, a quantidade é mero “limite totalmente abstracto de si mesmo”, ou seja, o que é “*um*” ou “*o uno*” (*das Eins*)¹⁴⁰.

A “passagem da qualidade à quantidade” (*Übergang der Qualität in die Quantität*) é, assim, realizada pelas noções de uno e múltiplo, atracção (*Attraktion*) e repulsão (*Repulsion*), conceitos

¹³² Esta é a perspectiva, para Hegel, mais habitual, da qual se demarca, na medida em que conduz ao mau- infinito. «Em relação à realidade e idealidade é, porém, apreendida a oposição do finito e infinito de modo que o finito vale como o real, o infinito vale, porém, como o ideal [*Ideelle*], como também mais adiante o conceito é considerado como um ideal, e na verdade como um *somente* ideal, o ser-aí em geral, pelo contrário, como o real.» – «In Beziehung auf Realität und Idealität wird aber der Gegensatz des Endlichen und Unendlichen so gefaßt, daß das Endliche für das Reale gilt, das Unendliche aber für das Ideelle gilt, wie auch weiterhin der Begriff als ein Ideelles, und zwar als ein *nur* Ideelles, das Dasein überhaupt dagegen als das Reale betrachtet wird.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 165.

¹³³ «O ideal é o finito, na medida em que é no infinito verdadeiro.» – «das Ideelle ist das Endliche, wie es im wahrhaften Unendlichen ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 165.

¹³⁴ «A proposição de que o finito é ideal constitui o idealismo.» – «Der Satz, daß das Endliche ideell ist, macht den Idealismus aus.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 172. O desenvolvimento deste tópico encontra-se na III Parte do texto.

¹³⁵ «A “infinitude afirmativa” é, assim, idealidade, infinitude preenchida e não a negação do ser-aí finito.» – «Die “afirmative Unendlichkeit” ist somit Idealität, erfüllte Unendlichkeit und nicht die Negation des endlichen Daseins.» Xaver BRENNER, *Die Kategorie des Werdens in der Hegelschen Logik des Seins*, p. 175.

¹³⁶ «Als Aufheben der Endlichkeit, d. i. der Endlichkeit als solcher und ebenso sehr der ihr nur gegenüberstehenden, nur negativen Unendlichkeit ist diese Rückkehr in sich, *Beziehung auf sich selbst, Sein*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 166.

¹³⁷ «Da in diesem Sein Negation ist, ist es *Dasein*, aber da sie ferner wesentlich Negation der Negation, die sich auf sich beziehende Negation ist, ist sie das *Dasein*, welches *Fürsichsein* genannt wird.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 166.

¹³⁸ «O ser-aí é por isso a esfera da diferença, do dualismo, o campo da finitude.» – «Das Dasein ist darum die Sphäre der Differenz, des Dualismus, das Feld der Endlichkeit.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 174.

¹³⁹ «No ser-para-si o ser qualitativo é concluído.» – «Im Fürsichsein ist das qualitative Sein vollendet.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 174.

¹⁴⁰ «O ser-para-si é então *ser-que-é-para-si* e, na medida em que nesta imediatez desaparece a sua significação interna, o limite totalmente abstracto de si mesmo, – o *uno*» – «Das Fürsichsein ist so *Fürsichseiendes* und, indem in dieser Unmittelbarkeit seine innere Bedeutung verschwindet, die ganz abstrakte Grenze seiner selbst, – das *Eins*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 182.

Utilizar-se-á o conceito de *uno* para traduzir *Eins* ao longo desta secção por parecer ser mais indicado que *um*, expressando o que se caracteriza pela unidade.

tratados ainda no capítulo “ser-para-si”, o último da “secção” “Determinidade (Qualidade)”. Pela repulsão ou “autodispersão do uno [...] em muitos” (*die Selbstzersplitterung des Eins zunächst in Viele*)¹⁴¹ constitui-se a multiplicidade, o que reflecte uma perspectiva não atomística em que a multiplicidade de unidades seria primordial, colocando, pelo contrário, a unidade como anterior e fundadora do múltiplo. Rejeita-se, desta forma, uma visão do real em que a multiplicidade existente possuiria a sua unidade, a sua interligação como característica secundária, derivada, ou mesmo recebida exteriormente (como acontece, por exemplo, em Leibniz, ao postular uma “harmonia pré-estabelecida” segundo a qual a multiplicidade variada se liga e conforma), para se afirmar o carácter fundamental e originário da unidade e o enraizamento do múltiplo no uno. Hegel recupera, assim, um dos principais temas da ontologia, posicionando-se do lado de um monismo originário que constitui a partir de si a pluralidade, à semelhança do que se verifica, nomeadamente, em Heraclito em que a unidade é mais fundamental que a multiplicidade aparente¹⁴².

Esta repulsão encontra-se, contudo, numa unidade fundamental com a atracção, na medida em que esta representa a relação que os “muitos unos” mantêm entre si na sua dispersão uns face aos outros¹⁴³, enquanto “pôr-se-em-um-uno” (*Sich-in-ein-Eines-Setzen*)¹⁴⁴, “o um Uno da atracção” (*das eine Eins der Attraktion*). A atracção realiza, assim, segundo Hegel, a idealidade do ser-para-si, enquanto a repulsão, que é esta como simples dever-ser, constitui o desenvolver, o exteriorizar, ou seja, a “explicação (*Explikation*)” – novamente a dupla dimensão da *complicatio* - *explicatio* – dos seus momentos.¹⁴⁵

Deste modo, repulsão e atracção são, respectivamente, a “realidade dos unos” (*Realität der Eins*) e a “idealidade posta daqueles”¹⁴⁶, o que significa que são, como tal, “diferentes” ao mesmo tempo que se “pressupõem” ou se encontram numa relação em que “cada uma contém em si a outra como momento”¹⁴⁷. Não existe, portanto, repulsão sem atracção e inversamente. A verdade de cada uma destas é a sua relação enquanto movimentos interdependentes, como momentos da idealidade que caracteriza o ser-para-si.

A quantidade, por oposição à qualidade ou determinidade imediata, é, segundo Hegel, a determinidade que “é em geral *exterior a si*, um pura e simplesmente *exterior*”¹⁴⁸, isto é, uma

¹⁴¹ HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 193.

¹⁴² «ouvindo não a mim, mas ao *lógos*, é sábio concordar ser tudo-um». Heraclito, *Fragmento B 50* (DK). Tradução portuguesa: HERACLITO, *Fragmentos Contextualizados*, trad. de Alexandre Costa (Edição bilingue), Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005, p. 83.

¹⁴³ «Repulsão, se bem que negativa, é portanto essencialmente *relação*; o impedir e afastar recíproco não é a liberação do que é impedido e afastado, o excludente encontra-se ainda *em união com o* que é excluído dele.» – «Repulsion ist, obgleich negative, doch wesentlich *Beziehung*; das gegenseitige Abhalten und Fliehen ist nicht die Befreiung von dem, was abgehalten und geflohen, das Ausschließende steht *mit dem* noch *in Verbindung*, was von ihm ausgeschlossen wird.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 196.

¹⁴⁴ «Este pôr-se-em-um-uno dos muitos unos é a *atracção*.» – «Dies *Sich-in-ein-Eines-Setzen* der vielen Eins ist die *Attraktion*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 192.

¹⁴⁵ «A repulsão de si mesmo do uno é a explicação do que o uno é em-si.» – «Die Repulsion des Eins von sich selbst ist die *Explikation* dessen, was das Eins an sich ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 188.

¹⁴⁶ «Beide, Repulsion und Attraktion, sind zunächst unterschieden, jene als die Realität der Eins, diese als deren gesetzte Idealität.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 194.

¹⁴⁷ «Este pressupor-se-a-si-mesmo de ambas as determinações, cada uma para si, é além disso que cada uma contém em si a outra como momento.» – «Dieses *Sich-selbst-Voraussetzen* der beiden Bestimmungen, jeder für sich, ist ferner dies, daß jede die andere als Moment in sich enthält.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 197.

¹⁴⁸ «so ist die Bestimmtheit überhaupt *außer sich*, ein sich schlechthin *Äußerliches*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 209.

determinidade que não se refere ao que aquilo que é é em si mesmo, representando a quantidade um movimento de exteriorização face à qualidade. Ela corresponde, portanto, ao “ser-para-si superado”¹⁴⁹.

É no âmbito da quantidade como tal, ou “pura quantidade” (*reine Quantität*) que Hegel trata das categorias de “discreção” (*Diskretion*) e “continuidade” (*Kontinuität*) enquanto decorrentes dos momentos de repulsão e atracção, respectivamente. Enquanto o real é considerado do ponto de vista da repulsão como múltiplo, é uma “grandeza discreta” (*diskrete Größe*); na medida em que se perspectiva como atracção, como unidade de multiplicidade, é uma “grandeza contínua” (*kontinuierliche Größe*). Continuidade e discreção são, por conseguinte, ambas verdadeiras, reais, como momentos da quantidade¹⁵⁰. Esta não é ou absolutamente discreta ou absolutamente contínua, mas tanto uma como outra determinação, consoante o modo como se considera a grandeza em questão, ora como “todo”, como “ser-fora-um-do-outro [*Außereinandersein*] enquanto se prolongando sem negação, como uma conexão [*Zusammenhang*] igual em si mesma”, ora como “um”, ou seja, “esta exterioridade como não contínua, como interrompida [*unterbrochen*]”¹⁵¹.

Ora, tal como se verifica na esfera qualitativa, o superar da diferença das duas determinações, isto é, a quantidade que é simultaneamente discreta e contínua, é quantidade limitada, “real” (*reale*), ou seja, “uma quantidade, ou quantum [*Quantum*] – a quantidade enquanto um ser-aí e algo”¹⁵².

A quantidade limitada, que é “em primeiro lugar” “número” (*Zahl*)¹⁵³, determina-se, por sua vez, “extensiva” e “intensivamente”. O quantum extensivo (*extensives*) corresponde à quantidade numericamente determinada que, do ponto de vista da discreção, é denominada por *Anzahl*¹⁵⁴, quando considerada sob o aspecto da continuidade é “unidade” (*Einheit*), enquanto o quantum intensivo (*intensives*) é expresso pelo “grau” (*Grad*) enquanto “determinade simples” (*einfache Bestimmtheit*)¹⁵⁵. Mais uma vez, estas determinações revelam-se como fazendo constitutivamente parte de uma mesma identidade, na medida em que o grau, o “Um simples dos muitos” (*einfaches*

¹⁴⁹ «Die Quantität ist das aufgehobene Fürsichsein». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 211.

¹⁵⁰ «A quantidade é a unidade destes momentos, da continuidade e discreção». – «Die Quantität ist die Einheit dieser Momente, der Kontinuität und Diskretion». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 212.

Hegel resolve, assim, a problemática expressa na “antinomia do espaço, do tempo ou da matéria” (*Antinomie des Raums, der Zeit oder der Materie*) relativa à “divisibilidade” (*Teilbarkeit*) infinita dos mesmos, tematizada por Kant na secção dedicada aos conflitos da razão. Cf. HEGEL, *Enzyklopädie*, § 100, W 8, p. 213. Sobre as antinomias kantianas, v. II Parte, § 33. Razão e dialéctica, pp. 117-118.

¹⁵¹ «Die Quantität ist Außereinandersein an sich, und die kontinuierliche Größe ist dies Außereinandersein als sich ohne Negation fortsetzend, als ein in sich selbst gleicher Zusammenhang. Die diskrete Größe aber ist dies Außereinander als nicht kontinuierlich, als unterbrochen.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 228.

¹⁵² «Die reale diskrete Quantität ist so eine Quantität oder Quantum, - die Quantität als ein Dasein und Etwas.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 230.

¹⁵³ «O quantum – em primeiro lugar quantidade com uma determinidade ou limite em geral – é na sua determinidade completa o número». – «Das Quantum – zunächst Quantität mit einer Bestimmtheit oder Grenze überhaupt – ist in seiner vollkommenen Bestimmtheit die Zahl.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 231.

¹⁵⁴ Os tradutores franceses optam pela expressão “nombre-numéré”. HEGEL, *Science de la Logique. Premier tome – la Logique objective. Premier livre. La doctrine de l'Être – Version de 1832*, trad. apres. e notas Gwendoline Jarczyk e Pierre-Jean Labarrière, Paris, Éditions Kimé, 2007, p. 212.

¹⁵⁵ HEGEL, *Enzyklopädie*, §§ 102, 103, W 8, pp. 214, 216.

Eins der Mehreren) “contém” em si mesmo a quantidade-numérica (*Anzahl*)¹⁵⁶ e, simultaneamente, o que “é grandeza extensiva é do mesmo modo como intensiva”¹⁵⁷.

Deste modo, e em paralelo com a secção do ser-aí no interior da determinidade como qualidade, a quantidade determinada extensiva e intensivamente supera a duplicidade que lhe é inerente e passa à infinitude quantitativa, em que o quantum é “posto em continuidade absoluta com a sua exterioridade, com o seu ser-outro”,¹⁵⁸ “transforma-se [*verändert sich*] e devém um outro quantum”,¹⁵⁹ e assim “continua ao infinito [*ins Unendliche fortgeht*]”¹⁶⁰.

Novamente, o progresso ao infinito quantitativo como tal, à semelhança do que sucede no qualitativo, é “expressão da contradição” da “determinação-recíproca [*Wechselbestimmung*] do infinito e do infinito” e não a sua verdadeira “resolução”¹⁶¹. O verdadeiro infinito quantitativo é, portanto, aquele que não só ultrapassa o quantum determinado, mas também o mau-infinito como progresso ao infinito, ou o infinito ele mesmo finito como mera sucessão de quantuns.

No verdadeiro infinito, quantum finito e o que lhe é exterior “como além” (*als Jenseits*) estão, por conseguinte, contidos como momentos de uma só unidade. Ora, o outro do quantum não é senão, segundo Hegel, a determinidade qualitativa. Deste modo, o infinito quantitativo efectua a negação da primeira negação, por que se passou da qualidade à quantidade¹⁶², e completa a esfera da quantidade que representa, segundo Hegel, justamente o restabelecer da qualidade¹⁶³.

O “quantum infinito” consiste, assim, como verdadeiro infinito, na “unidade dos dois momentos, a determinidade quantitativa e a qualitativa” e dá origem ao que se estabelece como “relação” (*Verhältnis*)¹⁶⁴. Enquanto unidade imediata dos dois componentes, a relação constitui uma esfera de mediação em que, como sucede nas categorias anteriores, se revela a constitutiva imanência e recíproca determinação do que aparece em primeiro lugar como dual. Desta dialéctica resulta, segundo Hegel, a “medida” (*Maß*) enquanto unidade em que qualidade e quantidade “são (re)unidas” (*Vereinigt*), de modo que, por um lado, a “indiferença exterior” que caracteriza a quantidade é superada e interiorizada (“tomada de volta em/dentro si”, *in sich zurückgenommene*),

¹⁵⁶ «Grandeza extensiva e intensiva são, portanto, uma e a mesma determinidade do quantum; elas são apenas diferentes pelo facto de que uma tem a quantidade-numérica [*Anzahl*] como interior a ela, a outra o mesmo, a quantidade-numérica [*Anzahl*] como fora dela.» – «Extensive und intensive Größe sind also eine und dieselbe Bestimmtheit des Quantums; sie sind nur dadurch unterschieden, daß die eine die Anzahl als innerhalb ihrer, die andere dasselbe, die Anzahl als außer ihr hat.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 254.

¹⁵⁷ «was extensive Größe ist, ist ebenso sehr als intensive, und umgekehrt.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 103, W 8, p. 216.

¹⁵⁸ «Ein Quantum ist also seiner Qualität nach in absoluter Kontinuität mit seiner Äußerlichkeit, mit seinem Anderssein gesetzt.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 259.

¹⁵⁹ «Das Quantum verändert sich und wird ein anderes Quantum.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 260.

¹⁶⁰ HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 260.

¹⁶¹ «Der unendliche Progreß ist nun nur der Ausdruck dieses Widerspruchs, nicht die Auflösung desselben.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 262.

¹⁶² «Já o primeiro superar, a negação da qualidade em geral, por que o quantum é posto, é *em-si* o superar da negação – o quantum é limite qualitativo superado, portanto negação superada, – mas é ao mesmo tempo apenas isto *em-si*», – «Schon das erste Aufheben, die Negation der Qualität überhaupt, wodurch das Quantum gesetzt wird, ist *an sich* das Aufheben der Negation – das Quantum ist aufgehobene qualitative Grenze, somit aufgehobene Negation –, aber es ist zugleich nur *an sich* dies». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 277.

¹⁶³ «Muito em geral: o quantum é a qualidade superada; mas o quantum é infinito, ultrapassa-se, é a negação de si; este seu ultrapassar é, portanto, *em-si* a negação da qualidade negada, o restabelecimento da mesma». – «Ganz überhaupt: das Quantum ist die aufgehobene Qualität; aber das Quantum ist unendlich, geht über sich hinaus, es ist die Negation seiner; dies sein Hinausgehen ist also *an sich* die Negation der negierten Qualität, die Wiederherstellung derselben». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 279.

¹⁶⁴ «Das unendliche Quantum ist als die Einheit beider Momente, der quantitativen und qualitativen Bestimmtheit, zunächst *Verhältnis*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 372.

constituindo o próprio “momento qualitativo”. Assim, a medida é quantidade qualitativa ou, inversamente, qualidade quantitativa¹⁶⁵.

∴

O resultado da doutrina do ser consiste no que Hegel apresenta como “indiferença absoluta” (*absolute Indifferenz*), não já a “indiferença abstracta” (*abstrakte Gleichgültigkeit*) que é o ser anterior a qualquer determinidade, o ser puro do início da *Lógica*¹⁶⁶, mas a indiferença que “pela negação [*Negation*] de todas as determinidades do ser, da qualidade e quantidade e da sua unidade em primeiro lugar imediata, da medida, *se medeia consigo* até à unidade simples”¹⁶⁷. Ele é, deste modo, “o concreto” (*das Konkrete*) que superou a condição imediatamente abstracta que é a sua própria determinidade, ou seja, “o nele mesmo mediado consigo pela negação de todas as determinações do ser”¹⁶⁸.

Esta indiferença absoluta como superação das diversas determinações, e que é, como tal, uma “unidade” como “totalidade do determinar”, constitui, na perspectiva de Hegel, “a última determinação do *ser*”¹⁶⁹. Na medida em que contém em si “todas as determinações do ser”, ainda que como superadas, esta indiferença é a “contradição omnilateral” (*allseitige Widerspruch*)¹⁷⁰ ou a “totalidade negativa”, isto é, “relação [*Beziehung*] simples negativa e infinita a si, a incompatibilidade [*Unverträglichkeit*] dela com ela mesma, repelir [*Abstoßen*] dela mesma [a partir] de si mesma”¹⁷¹.

A exterioridade imediata que caracteriza toda a Doutrina do Ser é, assim, superada e a consequente interiorização da determinidade, em que as diversas determinações são agora como momentos de uma unidade negativa, é o que caracteriza e dá lugar à esfera da essência, “o ser como ser simples consigo pelo superar do ser”¹⁷².

¹⁶⁵ «A medida ainda como tal é ela mesma a unidade *que é* do qualitativo e quantitativo». – «Das Maß noch als solches ist selbst die *seiende* Einheit des Qualitativen und Quantitativen». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 391.

¹⁶⁶ «O ser é a indiferença abstracta – por que, já que por si deve ser pensada como ser, foi usada a expressão *indiferença* –, em que não deve ainda estar qualquer espécie de determinidade.» – «Das Sein ist die abstrakte Gleichgültigkeit – wofür, da sie für sich als Sein gedacht werden soll, der Ausdruck *Indifferenz* gebraucht worden ist –, an der noch keine Art von Bestimmtheit sein soll». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 445.

¹⁶⁷ «die Indifferenz aber, welche die absolute genannt werden kann, ist [die], die *durch die Negation* aller Bestimmtheiten des Seins, der Qualität und Quantität und deren zunächst unmittelbarer Einheit, des Maßes, *sich mit sich* zur einfachen Einheit *vermittelt*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, pp. 445-446.

¹⁶⁸ «Und zwar ist sie so das Konkrete, das in ihm selbst durch die Negation aller Bestimmungen des Seins mit sich Vermittelte.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 446.

¹⁶⁹ «Die absolute Indifferenz ist die letzte Bestimmung des *Seins*». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 456.

¹⁷⁰ «Diese Einheit, so gesetzt als die Totalität des Bestimmens, wie sie selbst darin als Indifferenz bestimmt ist, ist der allseitige Widerspruch». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 451.

¹⁷¹ «Gesetzt hiermit als das, was die Indifferenz in der Tat ist, ist sie einfache und unendliche negative Beziehung auf sich, die Unverträglichkeit ihrer mit ihr selbst, Abstoßen ihrer von sich selbst.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, pp. 456-457.

¹⁷² «so ist das Sein zum *Wesen* bestimmt, das Sein als durch Aufheben des Seins einfaches Sein mit sich.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 457.

2. Essência

§ 8. Essência: aparência e reflexão

O movimento que vai do ser à essência constitui, portanto, um interiorizar da determinidade, o superar da exterioridade e imediatez que predomina na esfera do ser. Como refere Hegel, “somente na medida em que o saber se recorda [literalmente, interioriza, dirige-se para dentro, *erinnert*] a partir do ser imediato, através desta mediação ele encontra a essência”¹⁷³.

A essência é, assim, o que se encontra “*por detrás*” do ser como “fundo” (*Hintergrund*)¹⁷⁴, como o que foi (*gewesen*), o que é “tempo passado” (*vergangene Zeit*), mas um “passado desprovido de tempo [*zeitlos*]”¹⁷⁵. A essência (*Wesen*) é ser que foi (*ge-wesen*), não se encontrando, no entanto, separada ou afastada do ser que é imediatamente presente. Pelo contrário, o fundo essencial acompanha a manifestação ou imediatez que surge à superfície enquanto exterioridade. A essência é ela mesma “o movimento infinito do ser” (*die unendliche Bewegung des Seins*)¹⁷⁶.

É neste sentido que, na perspectiva hegeliana, a essência é “*em primeiro lugar reflexão*”¹⁷⁷, ou seja, “automovimento” (*Selbstbewegung*), relação negativa consigo mesma ou “negatividade” (*Negativität*) por que a essência se determina, isto é, “põe” as suas determinações “perante” si. Deste modo, o movimento que conduz a uma determinação, o “devir-determinado” não é já “um transitar [*Übergehen*], nem transformação exterior [*äußerliche Veränderung*], nem um *surgir* [*Hervortreten*] das determinações”¹⁷⁸, como na esfera do ser, mas um “*pôr*” (*Setzen*) pela reflexão que caracteriza a relação da totalidade que é a essência consigo mesma.

O pôr da essência estabelece, então, o que Hegel denomina “aparência” (*Schein*), a qual não é senão “o aparecer [*Scheinen*] da essência nela mesma”¹⁷⁹. O que é posto (*gesetzt*) não é, portanto, “um exterior, outro para a essência”¹⁸⁰, mas a “essência mesma na determinidade do ser”¹⁸¹ ou reflexão “enquanto imediata”¹⁸², “o desprovido-de-essência” (*das Wesenlose*)¹⁸³. A aparência é,

¹⁷³ «Erst indem das Wissen sich aus dem unmittelbaren Sein *erinnert*, durch diese Vermittlung findet es das Wesen.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 13.

¹⁷⁴ «*por detrás* deste ser é ainda outra coisa que o ser ele mesmo, [...] este fundo constitui a verdade do ser.» –«*hinter* diesem Sein noch etwas anderes ist als das Sein selbst, [...] dieser Hintergrund die Wahrheit des Seins ausmacht.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 13.

¹⁷⁵ «A língua [alemã] conservou no verbo *ser* a essência no tempo passado, “foi”; pois a essência é o ser passado, mas ser passado desprovido de tempo.» – «Die Sprache hat im Zeitwort *sein* das Wesen in der vergangenen Zeit, “*gewesen*”, behalten; denn das Wesen ist das vergangene, aber zeitlos vergangene Sein.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 13.

¹⁷⁶ HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 14.

¹⁷⁷ «Das Wesen ist *erstens Reflexion*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 17.

¹⁷⁸ «Das Bestimmen und Bestimmtwerden ist nicht ein Übergehen, noch äußerliche Veränderung, noch ein *Hervortreten* der Bestimmungen an ihr, sondern ihr eigenes Beziehen auf sich, das die Negativität ihrer selbst, ihres Ansichseins ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 457.

¹⁷⁹ «Das Scheinen des Wesens in ihm selbst ist die *Reflexion*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 17.

¹⁸⁰ «dieser Schein ist nicht ein Äußerliches, dem Wesen Anderes, sondern er ist sein eigener Schein.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 17.

¹⁸¹ «Der Schein ist das Wesen selbst in der Bestimmtheit des Seins.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 22.

¹⁸² «Der Schein ist dasselbe, was die *Reflexion* ist; aber er ist die Reflexion als *unmittelbare*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 24.

¹⁸³ «Der Schein ist das Nichtige oder Wesenlose.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 25.

A aparência é, constitutivamente, o que não possui consistência própria mas, evanescente, desaparece tal como aparece, é em si mesma “nulidade” (*Nichtigkeit*) ou “não-ser-á imediato” (*unmittelbares Nichtdasein*). Cf. HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 19.

assim, o que surge pelo “movimento do devir e do transitar que permanece em si mesmo”, constituindo, enquanto “ser-posto” (*Gesetztsein*), o que “na esfera da essência” “corresponde ao ser-aí” da doutrina do ser.¹⁸⁴ A verdadeira natureza do ser-aí revela-se agora como “ser-posto”, portanto, como imediato resultante do movimento por que a essência aparece.¹⁸⁵

A reflexão que caracteriza a essência e constitui o seu movimento como negatividade em si mesma assume três formas distintas. A primeira, que Hegel denomina de “reflexão que-põe” (*setzende Reflexion*), é aquela por que a essência, na sua negação de si mesma, “põe” um imediato como “superar do negativo” (*Aufheben des Negativen*) que é própria reflexão essencial¹⁸⁶. Este superar implica, porém, na medida em que reflexão e aparência não são senão dois aspectos da unidade negativa que é a essência, um “retorno” (*Rückkehr*) no seu próprio superar-se. Desta forma, a reflexão é constitutivamente, “como superar do negativo, superar do seu *outro*”, ou seja, “da imediatez”¹⁸⁷ e, por conseguinte, “regresso a si” (*Rückkehr in sich*) mesma. O ser-posto é, pois, esta imediatez que, “puramente apenas [*rein nur*] como *determinidade* ou como reflectindo--se”, como “regresso do negativo a si”, constitui a aparência¹⁸⁸.

No entanto, na medida em que a reflexão regressa a si mesma, isto é, enquanto consiste no “superar do pôr no seu pôr”¹⁸⁹, por meio do qual “coincide consigo” (vai junto consigo, *Zusammengehen mit sich*), a reflexão é, assim, um “pressupor [*Voraussetzen*] do que a partir do qual ela é retorno”¹⁹⁰, em que este pressuposto é por ela “encontrado” (*Vor-gefundene*) como “um imediato” previamente aí perante si (*vor*)¹⁹¹, por conseguinte, como algo exterior. Deste modo, a reflexão introduz uma distinção entre a essência ela mesma como relação negativa consigo e a imediatez posta por ela, pressupondo um outro a partir do qual “começa”. Este processo é o que Hegel denomina “reflexão exterior” (*äußere Reflexion*)¹⁹² ou “reflexão real” (*reale Reflexion*).

A reflexão exterior consiste, então, na relação entre “o imediato e a reflexão em si”, é o silogismo destes, na medida em que parte do momento que corresponde ao pôr daquele imediato sem ter em consideração esse mesmo pôr (que é o seu) que caracteriza a reflexão anterior. Desta forma, os dois “extremos” em relação na reflexão exterior encontram-se separados e o “termo médio” deste silogismo, que é, segundo Hegel, o “imediato determinado”, encontra-se dividido

¹⁸⁴ «Dem Dasein entspricht in der Sphäre des Wesens das Gesetzsein.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 32.

¹⁸⁵ «O ser-aí é somente ser-posto; isto é a proposição da essência do ser-aí.» – «Das Dasein ist nur Gesetzsein; dies ist der Satz des Wesens vom Dasein.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 32.

¹⁸⁶ «A relação do negativo a si mesmo é, portanto, o seu regresso a si; ela é imediatez como superar do negativo». – «Die Beziehung des Negativen auf sich selbst ist also seine Rückkehr in sich; sie ist Unmittelbarkeit als das Aufheben des Negativen.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 26.

¹⁸⁷ «Die Reflexion ist als Aufheben des Negativen Aufheben ihres Anderen, der Unmittelbarkeit.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 26.

¹⁸⁸ «Dies ist das Gesetzsein, die Unmittelbarkeit rein nur als Bestimmtheit oder als sich reflektierend. Diese Unmittelbarkeit, die nur als Rückkehr des Negativen in sich ist, ist jene Unmittelbarkeit, welche die Bestimmtheit des Scheins ausmacht.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 26.

¹⁸⁹ «sie hebt also ihr Setzen auf, und indem sie das Aufheben des Setzens in ihrem Setzen ist, ist sie Voraussetzen.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 27.

¹⁹⁰ «Oder die Reflexion-in-sich ist wesentlich das Voraussetzen dessen, aus dem sie die Rückkehr ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 27.

¹⁹¹ «Die Reflexion also findet ein Unmittelbares vor.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 27.

¹⁹² «[a reflexão] é, enquanto tem segundo esta determinação uma pressuposição e começa do imediato como seu outro, *reflexão exterior*.» – «sie ist, indem sie nach dieser Bestimmtheit eine Voraussetzung hat und von dem Unmittelbaren als ihrem Anderen anfängt, *äußere Reflexion*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 28.

pelos dois extremos, “uma parte do mesmo, a imediatez, cabe [zukommt] a um extremo, a outra, a determinidade ou negação, apenas ao outro extremo”¹⁹³.

Mas a verdade desta relação é que aquilo “de que [von dem] ela parece começar como de um estranho [von einem Fremden], é somente neste seu começar”¹⁹⁴, ou seja, o imediato é posto ou “determinado pela reflexão como seu negativo ou como seu outro, mas é ela mesma que nega este determinar”¹⁹⁵. Isto significa que o que imediatamente é perspectivado como autonomamente determinado por relação à reflexão essencial se revela como posto pela última, de modo que a determinidade imediata, à primeira vista fundada em si mesma, surge agora como essencialmente dependente da mediação em que consiste a reflexão, isto é, a sua relação com a última não é simplesmente exterior, efectuada *a posteriori* e sem influência na sua determinação, mas fundamentalmente constitutiva da sua posição. Mais uma vez, o imediato não o é absolutamente, mas insere-se numa rede de mediação e reflexão que é aquele fundo essencial que se encontra por detrás e na raiz de toda a imediatez. Por conseguinte, a “exterioridade” constitutiva deste segundo tipo de reflexão é “superada” (*aufgehoben*)¹⁹⁶ e a reflexão até aqui exterior é agora “reflexão imanente [immanente Reflexion] à imediatez ela mesma”, revelando-se como “reflexão determinante” (*bestimmende Reflexion*)¹⁹⁷. A verdadeira natureza do imediato é, assim, segundo Hegel, compreender em si (dentro de si, *in sich*) a mediação que o constitui.

A reflexão revela-se, por conseguinte, no quadro da ontologia hegeliana característica própria e fundamental de tudo o que surge sob uma configuração imediata. A verdadeira reflexão não é, portanto, simplesmente a que um pensar realiza sobre dados imediatos, permanecendo, por isso, exterior aos mesmos, mas aquela que, ainda que enquanto pensar, patenteia a reflexividade própria, interna, de toda a realidade aparentemente imediata.¹⁹⁸

Correspondente “em geral” à “unidade da reflexão *que-põe* e [da reflexão] *exterior*”¹⁹⁹, a reflexão determinante surge como aquela em que o ser-posto ou o imediato que resulta da negação que caracteriza a reflexão não é já outro face à reflexão, mas revela-se como “pôr da determinidade *como dela mesma*”²⁰⁰. A imediatez resultante do movimento por que a reflexão põe esta

¹⁹³ «die Mitte desselben ist die Beziehung beider, das bestimmte Unmittelbare, so daß der eine Teil derselben, die Unmittelbarkeit, nur dem einen Extreme, die andere, die Bestimmtheit oder Negation, nur dem anderen Extreme zukommt.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 29.

¹⁹⁴ «dieses, von dem sie als von einem Fremden anzufangen schien, ist erst in diesem ihrem Anfangen.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 29.

¹⁹⁵ «Es ist nämlich durch die Reflexion als ihr Negatives oder als ihr Anderes bestimmt, aber sie ist es selbst, welche dieses Bestimmen negiert.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, pp. 29-30.

¹⁹⁶ «É, portanto, superada a exterioridade da reflexão face ao imediato». – «Es ist damit die Äußerlichkeit der Reflexion gegen das Unmittelbare aufgehoben». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 30.

¹⁹⁷ «die äußere Reflexion nicht äußere, sondern ebensosehr immanente Reflexion der Unmittelbarkeit selbst ist [...]. So ist sie *bestimmende Reflexion*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 30.

¹⁹⁸ A reflexão exterior, enquanto característica determinante de sistemas filosóficos, é fortemente criticada por Hegel, nomeadamente em Leibniz. V. II Parte, § 27. Mecanismo, pp. 97-99.

¹⁹⁹ «Die bestimmende Reflexion ist überhaupt die Einheit der *setzenden* und *äußeren* Reflexion.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 32.

²⁰⁰ «Mas o pôr está agora em unidade com a reflexão exterior; esta é nesta unidade pressupor absoluto, isto é, o repelir da reflexão de si mesma ou pôr da determinidade *como dela mesma*.» – «Aber das Setzen ist nun in Einheit mit der äußeren Reflexion; diese ist in dieser Einheit absolutes Voraussetzen, d. h. das Abstoßen der Reflexion von sich selbst oder Setzen der Bestimmtheit *als ihrer selbst*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 33.

determinidade compreende, desta forma, simultaneamente uma dimensão de mediação, é ela mesma negação e, como tal, “reflectida em si” (*in sich reflektierte*).

A reflexão determinante é, deste modo, a reflexão em que o ser-posto devém “*determinação-de-reflexão*” (*Reflexionsbestimmung*)²⁰¹, precisamente, unidade entre o “ser-posto, a negação como tal”, como toda a determinação²⁰², e a “reflexão em si”. A determinação-de-reflexão ou determinação essencial compreende, portanto, tanto um superar de si mesma enquanto reflexão, na medida em que é um pôr de um imediato que se distingue desta, como, ao mesmo tempo, um “subsistir” (*Bestehen*) na sua reflexividade, ou seja, “ser-reflectido”²⁰³. Ela é, desta forma, simultaneamente, “ser-posto” e “o ser-superado deste, relação infinita a si”²⁰⁴ ou, o que é o mesmo, imediatez mediada, positividade reflectida.²⁰⁵

Este ser-posto, que constitui o âmbito da aparência ou aparecer da essência, não é, portanto, senão o “negativo em-si” da própria essência que pela reflexão se diferencia e determina. Desta forma, as determinações da essência não são, como na determinidade do ser, exteriores umas às outras e ao próprio pôr das mesmas, mas “determinações-de-reflexão” ou “essencialidades” (*Wesenheiten*) que, na negação que funda o pôr dessas mesmas determinações, compreende um “tomar” ou “curvar de volta” (*zurückgenommen, zurückbeugt*) a “relação a outro”, ou seja, cada determinação essencial é “a unidade de si mesma e do seu outro”²⁰⁶, como se verá no decorrer da exposição.

§ 9. Identidade e diferença

À semelhança do ser puro como primeira categoria da doutrina do ser, cuja natureza é a indeterminação, a primeira determinação-de-reflexão é, igualmente, a determinação da essência precisamente enquanto “ausência de determinação” (*Bestimmlosigkeit*), o que, na medida em que é agora relativa à reflexão, se revela como “relação simples a si mesma”, ou seja, “pura identidade” (*reine Identität*)²⁰⁷. Uma vez que não se verifica ainda qualquer distinção ou diversidade no interior da essência, a pura relação consigo mesma, a mera reflexão ou negação de si mesma, por que “surge” e “desaparece”, simultaneamente, uma diferença²⁰⁸, “um diferenciar por que nada é

²⁰¹ «So ist das Gesetzsein *Reflexionsbestimmung*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 33.

²⁰² Cf. *supra*, p. 17.

²⁰³ «Esta sua reflexão e aquele ser-posto são diversos; o seu ser-posto é antes o seu ser-superado; o seu ser-reflectido em si [*in sich*], porém, é o seu subsistir.» – «Diese ihre Reflexion und jenes Gesetzsein sind verschieden; ihr Gesetzsein ist vielmehr ihr Aufgehobensein; ihr Reflektiertsein in sich aber ist ihr Bestehen.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 35.

²⁰⁴ «Sie ist also Gesetzsein, Negation, aber als Reflexion-in-sich ist sie zugleich das Aufgehobensein dieses Gesetzseins, unendliche Beziehung auf sich.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 35.

²⁰⁵ «[A determinação essencial] é, efectivamente, uma primeira síntese entre a essência e o ser, levada a efeito pela reflexão e, por isso, Hegel fala de “reflexão determinante” e de “determinações da reflexão”.» FERRER, *Lógica e Realidade em Hegel*, p. 250.

²⁰⁶ «Sie ist *Gesetzsein*, Negation, welche aber die Beziehung auf Anderes in sich zurückbeugt, und Negation, die sich selbst gleich, die Einheit ihrer selbst und ihres Anderen und nur dadurch *Wesenheit* ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 35.

²⁰⁷ «Das Wesen ist *zuerst* einfache Beziehung auf sich selbst, reine *Identität*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 36.

²⁰⁸ «um não-ser e [uma] diferença que no seu surgir desaparece». – «ein Nichtsein und Unterschied, der in seinem Entstehen verschwindet.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 40.

diferenciado” (*ein Unterscheiden, wodurch nichts unterschieden wird*), é identidade, isto é, “a essência [ela] mesma” (*das Wesen selbst*)²⁰⁹.

A identidade é, portanto, expressa pela proposição “positiva $A=A$ ”²¹⁰, proposição que, segundo Hegel, representa uma “tautologia vazia” (*leere Tautologie*), “sem conteúdo” (*ohne Inhalt*), meramente “formal”, “abstracta”, “incompleta”²¹¹. Habitualmente tomada como princípio fundamental ou “primeira lei do pensar” (*erste Denkgesetz*)²¹², necessariamente verdadeira em si mesma, esta identidade abstractamente postulada é, porém, criticada por Hegel e associada ao “pensar que se detém na reflexão exterior”²¹³, e que, como tal, não apreende a natureza dialéctica, reflexiva, que constitui immanentemente toda a realidade. Tal como se viu a propósito do conceito de “ser-dentro-si” (*Insichsein*) da esfera do ser, o qual pressupunha as categorias de “outro”, “ser-outro” e “ser-para-outro”, todo o afirmativo implica uma negação, remetendo para uma alteridade. Assim, numa formulação muito semelhante às realizadas por Platão acerca da relação entre os géneros²¹⁴, Hegel defende que “a identidade é um diverso” na medida em que ela mesma “é diversa da diversidade”²¹⁵. Ela compreende, em si mesma, o outro, o diferente dela mesma.

Assim, na perspectiva hegeliana, a identidade “apenas na unidade da identidade com a diversidade é completa”²¹⁶. Hegel considera, portanto, que a proposição da identidade compreende em si mesma, como seu segundo momento, a diversidade, implicando “mais do que a identidade simples, abstracta”. Na identidade “reside este movimento puro da reflexão, em que o outro [o diferente] surge apenas como aparência, como desaparecer imediato [*unmittelbares Verschwinden*]”²¹⁷.

Hegel passa, assim, à segunda determinação-de-reflexão, a “diferença” (*Unterschied*), como o que resulta da negatividade que é a própria essência, enquanto “momento essencial da identidade mesma que se determina ao mesmo tempo enquanto negatividade dela mesma e é diferente da

²⁰⁹ HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 40.

²¹⁰ A «outra expressão» da identidade, sob «forma negativa» corresponde, por sua vez, ao habitual «princípio de contradição»: «A não pode ser ao mesmo tempo A e não-A». – «Der andere Ausdruck des Satzes der Identität, A kann nicht zugleich A und Nicht-A sein, hat negative Form; er heißt der Satz des Widerspruchs.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 45.

Desde logo na filosofia aristotélica o princípio de contradição surge como o «mais firme». ARISTÓTELES, *Metafísica*, Γ, 3, 1005b 22.

²¹¹ «Es wird zugegeben, daß der Satz der Identität nur eine einseitige Bestimmtheit ausdrücke, daß er nur die formelle, eine abstrakte, unvollständige Wahrheit enthalte.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, pp. 41-42.

²¹² HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 41.

²¹³ «Tal pensar tem sempre apenas a identidade abstracta perante si e fora e ao lado da mesma a diferença.» – «Solches Denken hat immer nur die abstrakte Identität vor sich und außer und neben derselben den Unterschied.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 39.

²¹⁴ PLATÃO, *Sophiste*. V. *supra*, § 4. Algo e outro, pp. 20-21.

²¹⁵ «Eles não vêem que dizem já aqui que a identidade é um diverso; pois dizem que a identidade é diversa da diversidade». – «Sie sehen nicht, daß sie schon hierin selbst sagen, daß die Identität ein Verschiedenes ist; denn sie sagen, die Identität sei verschieden von der Verschiedenheit.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 41.

²¹⁶ «In diesem richtigen Urteil liegt aber unmittelbar, daß die Wahrheit nur in der Einheit der Identität mit der Verschiedenheit vollständig ist und somit nur in dieser Einheit bestehe.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 42.

²¹⁷ «Encontra-se portanto na forma da proposição, em que a identidade é expressa, mais do que a identidade simples, abstracta; encontra-se aí este puro movimento da reflexão, em que o outro surge apenas como aparência, como desaparecer imediato». – «Es liegt also in der Form des Satzes, in der die Identität ausgedrückt ist, mehr als die einfache, abstrakte Identität; es liegt diese reine Bewegung der Reflexion darin, in der das Andere nur als Schein, als unmittelbares Verschwinden auftritt.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 44.

diferença” (*unterschieden vom Unterschied*)²¹⁸. A diferença é, deste modo, não uma diferença face a um outro exterior, mas “diferença *em e para si*, a diferença *absoluta*, a diferença *da essência*”²¹⁹.

A diferença é, portanto, “a sua [diferença] *de si mesma* [*seiner von sich selbst*]”, de modo que “não é ela mesma, mas o seu outro”²²⁰. Ora, o que é diferente da própria diferença é, justamente, a identidade, de modo que a diferença é o diferenciar do mesmo, a diferença entre identidade e diferença. Estas são, portanto, ambas momentos da diferença, do mesmo modo que a identidade compreende como momentos da sua unidade ela mesma e o seu outro que é a diferença.

Desta forma, identidade e diferença contêm-se mutuamente enquanto momentos, sendo a identidade como “todo” (*Ganze*)²²¹ identidade da identidade e da diferença e, inversamente, a diferença é diferença de identidade e diferença. Este compreender e determinar recíproco da identidade e da diferença é o que constitui, na perspectiva de Hegel, a “natureza essencial da reflexão e [o] *fundamento-originário* [*Urgrund*] *determinado de toda a actividade e automovimento*”²²². É na medida em que identidade e diferença não se excluem absolutamente mas constituem uma mesma unidade, a unidade reflexiva que é a essência e o seu determinar-se, que é possível uma mesma coisa modificar-se, devir diferente, mantendo-se ela mesma idêntica em si.

Identidade e diferença são, por conseguinte, determinações “em si” (*in sich*) mesmas “reflectidas” (*reflektierte*), cujos momentos são, por sua vez, simultaneamente, a identidade e a diferença elas mesmas²²³. Como tal, elas são em si mesmas “diversas” (*verschiedene*), isto é, tanto identidade como diferença, enquanto “se referem a si” (*sich auf sich beziehende*)²²⁴, portanto, fora da sua relação uma com a outra²²⁵, contêm já a diferença da própria reflexividade e são, assim, “indiferentes uma face à outra” (*gleichgültige gegeneinander*)²²⁶.

A “diversidade” (*Verschiedenheit*) é, justamente, a diferença (*Unterschied*) que, como indiferença (*Gleichgültigkeit*), caracteriza a reflexão exterior²²⁷. Ora, esta é, como se viu, a reflexão em que se parte de um “*ser-posto*” (*Gesetzsein*) enquanto “outro” (exterior) da reflexão essencial,

²¹⁸ «Der Unterschied ist die Negativität, welche die Reflexion in sich hat, das Nichts, das durch das identische Sprechen gesagt wird, das wesentliche Moment der Identität selbst, die zugleich als Negativität ihrer selbst sich bestimmt und unterschieden vom Unterschied ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 46.

²¹⁹ «Dieser Unterschied ist der Unterschied *an und für sich*, der *absolute* Unterschied, der *Unterschied des Wesens*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 46.

²²⁰ «so ist er die Negativität seiner selbst, der Unterschied nicht von einem Anderen, sondern *seiner von sich selbst*; er ist nicht er selbst, sondern sein Anderes.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, pp. 46-47.

²²¹ «A diferença é o todo e o seu próprio *momento*, como a identidade é igualmente o seu todo e o seu momento.» – «Der Unterschied ist das Ganze und sein eigenes *Moment*, wie die Identität ebenso sehr ihr Ganzes und ihr Moment ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 47.

²²² «Dies ist als die wesentliche Natur der Reflexion und als *bestimmter Urgrund aller Tätigkeit und Selbstbewegung* zu betrachten.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 47.

²²³ Cada uma delas é ao mesmo tempo «a sua reflexão-em-si e seu momento» (*seine Reflexion-in-sich und sein Moment ist*). HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 47.

²²⁴ «Verschiedene sind sie als in sich selbst reflektierte, *sich auf sich beziehende*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 48.

²²⁵ «a identidade não está relacionada com a diferença, nem a diferença relacionada com a identidade.» – «die Identität ist nicht bezogen auf den Unterschied, noch ist der Unterschied bezogen auf die Identität.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 48.

²²⁶ «Os diversos comportam-se um com o outro, portanto, não como identidade e diferença, mas somente como *diversos*, que são indiferentes um face ao outro e face à sua determinidade.» – «Die Verschiedenen verhalten sich also nicht als Identität und Unterschied zueinander, sondern nur als *Verschiedene* überhaupt, die gleichgültig gegeneinander und gegen ihre Bestimmtheit sind.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 48.

²²⁷ «Na diversidade como a indiferença da diferença a *reflexão* tornou-se em geral *exterior*.» – «In der Verschiedenheit als der Gleichgültigkeit des Unterschieds ist sich überhaupt die *Reflexion äußerlich* geworden.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 48.

ou reflexão que deveio “exterior a si” mesma²²⁸. Esta é, então, “diferença determinada”, isto é, reflexão em que identidade e diferença são “determinações” já não absolutas, mas somente momentos “postos exteriormente”²²⁹.

Desta forma, a identidade deixa de ser mera identidade “em e para si” (*an und für sich*), e passa a “identidade exterior” ou “igualdade” (*Gleichheit*), enquanto a diferença, como “diferença exterior”, é agora “desigualdade” (*Ungleichheit*)²³⁰. Estas representam, portanto, enquanto momentos da diferença, a dupla determinação-de-reflexão característica da reflexão exterior, como “perspectiva de um terceiro que cai fora” das suas determinações, ou seja, uma reflexão “alienada de si” (*sich entfremdeten*)²³¹.

A diferença absoluta da essência determina-se, por conseguinte, em diversidade e esta, enquanto exterior, devém, por sua vez, desigualdade. Mas a diferença apenas se “completa” (*vollendet*) naquilo que Hegel considera ser “a unidade da identidade e da diversidade”, ou seja, uma diversidade cujos momentos – identidade e diferença, igualdade e desigualdade – são agora enquanto “reflectidos-em-si”, isto é, cada um deles “a unidade da igualdade e da desigualdade”²³². Ora, a diferença determinada de tal modo que os momentos diferenciados se encontram “numa identidade” é, na perspectiva de Hegel, o que constitui a “oposição” (*Gegensatz*)²³³.

Igualdade e desigualdade encontram-se, deste modo, ao mesmo tempo, “num e no mesmo” ou “a diferença que cai fora um do outro [*außereinanderfallende*] é simultaneamente uma e a mesma relação [*Beziehung*]”, de modo que a oposição daqueles pode ser perspectivada mais precisamente, segundo Hegel, como uma “contraposição” (*Entgegensetzung*), uma oposição ou diferença que é interior a um mesmo elemento²³⁴.

Identidade e diferença, que na reflexão exterior são igualdade e desigualdade, passam agora, na oposição, a “positivo” (*Positive*) e “negativo” (*Negative*). Como momentos da oposição que caracteriza a reflexão determinada, o positivo e o negativo são, por conseguinte, o “ser-posto como reflectido” respectivamente “na igualdade consigo” e na “desigualdade”²³⁵, ou seja, são como “opostos” que se contêm e determinam reciprocamente²³⁶. Deste modo, cada um dos “ser-posto” é

²²⁸ «O ser-posto é a reflexão exterior a si». – «Das Gesetzsein ist die sich äußerliche Reflexion». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 49.

²²⁹ «Die äußere Reflexion dagegen ist der bestimmte Unterschied [...]; seine beiden Momente, die Identität und der Unterschied selbst, sind so äußerlich gesetzte, nicht an und für sich seiende Bestimmungen.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 49.

²³⁰ «Diese äußerliche Identität nun ist die Gleichheit und der äußerliche Unterschied die Ungleichheit.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 49.

²³¹ HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 50.

²³² «Ihre Reflexion-in-sich besteht darin, daß jedes an ihm selbst die Einheit der Gleichheit und Ungleichheit ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 56.

²³³ «[A oposição] é a unidade da identidade e da diversidade; os seus momentos são diversos numa identidade». – «Er ist die Einheit der Identität und der Verschiedenheit; seine Momente sind in einer Identität verschiedene». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 55.

²³⁴ «Es ist somit die Bestimmung vorhanden, daß beide Momente, die Gleichheit und die Ungleichheit, in einem und demselben verschieden oder daß der außereinanderfallende Unterschied zugleich eine und dieselbe Beziehung ist. Somit ist sie in Entgegensetzung übergegangen.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 54.

²³⁵ «Das Positive ist das Gesetzsein als in die Gleichheit mit sich reflektiert [...] Das Negative ist das Gesetzsein als in die Ungleichheit reflektiert.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 56.

²³⁶ «Ambos, portanto, o ser-posto reflectido consigo na igualdade tem a desigualdade, e o ser-posto reflectido consigo na desigualdade tem também a igualdade nele.» – «Beide also, das in die Gleichheit mit sich reflektierte Gesetzsein hat die Ungleichheit, und das in die Ungleichheit mit sich reflektierte Gesetzsein hat auch die Gleichheit an ihm.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 56.

simultaneamente ele mesmo e o seu oposto, o que significa que cada um deles é a “reflexão em si do *todo*”, ou seja, “positivo e negativo são, assim, os lados da oposição [que] se tornaram [devieram, *gewordenen*] autônomos [*selbständig*]”, porque totalidades em si mesmos²³⁷. Eles são, portanto, “determinações-de-reflexão autônomas” que se determinam “nelas mesmas, indiferentemente uma perante outra”, “excluindo-se mutuamente”²³⁸.

A oposição caracteriza-se, portanto, por, por um lado, conter a identidade e a diferença como momentos enquanto se determinam “um pelo outro”²³⁹ e, por outro, na medida em que aqueles se determinam como positivo e negativo, a oposição representa uma relação entre determinações autônomas, indiferentes. Ela é, por conseguinte, “*contradição*” (*Widerspruch*) em que os momentos são, simultaneamente, mediados um pelo outro, determinando-se reciprocamente, e excluídos um do outro²⁴⁰.

§ 10. Contradição

A contradição consiste, deste modo, numa oposição em que os elementos contrapostos excluem de si mesmos o seu oposto, surgindo cada um deles como autônomo, mas uma oposição que não permanece na separabilidade dos seus termos. Pelo contrário, a contradição implica, ao mesmo tempo, uma relação (negativa), uma mediação daqueles, mediação que possibilita a resolução ou superação da própria contradição numa nova unidade devenida, mediada. A contradição não conserva, portanto, a oposição estática dos elementos contraditórios, mas dá origem a um novo elemento como algo positivo.

A “representação” (*Vorstellung*) que “permanece reflexão exterior”, ou seja, que passa de uma determinação a outra mantendo-as separadas, sem apreender o próprio “transitar [*Übergehen*], o qual é o essencial e contém a contradição”²⁴¹, deve, por isso, segundo Hegel, ser substituída pelo “pensar especulativo” que não descarta mas “mantém a contradição e atém-se [*festhalten*] a ela”²⁴², que ultrapassa a unilateralidade das determinações contraditórias e reconhece que “toda a

²³⁷ «Das Positive und das Negative sind so die selbständig gewordenen Seiten des Gegensatzes.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 57.

²³⁸ «sie sind ebenso sehr bestimmt an ihnen selbst, gleichgültig gegeneinander und sich gegenseitig ausschließend: die *selbständigen Reflexionsbestimmungen*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 64.

²³⁹ «na oposição como tal eles são lados da diferença, um determinado apenas pelo outro, portanto apenas momentos». – «im Gegensatz als solchem sind sie Seiten des Unterschiedes, eines nur durchs andere bestimmt, somit nur Momente». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 64.

²⁴⁰ «O positivo e negativo, porém, são a contradição *posta*, porque são, enquanto unidades negativas eles mesmos, o pôr deles e aí cada um é o seu superar e o pôr do seu oposto». – «Das Positive und Negative aber sind der *gesetzte* Widerspruch, weil sie als negative Einheiten selbst das Setzen ihrer [sind] und darin jedes das Aufheben seiner und das Setzen seines Gegenteils ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 65.

²⁴¹ «Sie hält diese beiden Bestimmungen einander äußerlich gegenüber und hat *nur sie*, nicht aber das *Übergehen*, welches das Wesentliche ist und den Widerspruch enthält, im Sinne.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, pp. 77-78.

²⁴² «O pensar especulativo consiste apenas em que o pensar mantém a contradição e atém-se nela, não porém como acontece com a representação que se deixa dominar por ela e [deixa]-se por ela dissolver a sua determinação somente noutro ou em nada.» – «Das *spekulative Denken* besteht nur darin, daß das Denken den Widerspruch und in ihm sich selbst festhält, nicht aber, daß es sich, wie es dem Vorstellen geht, von ihm beherrschen und durch ihn sich seine Bestimmungen nur in andere oder in nichts auflösen läßt.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 76.

determinação, todo o concreto, todo o conceito é essencialmente uma unidade de momentos diferentes e diferenciáveis que pela *diferença determinada, essencial* passam a contraditórios”²⁴³.

O enraizamento da contradição na diferença, como determinação resultante do movimento que é a própria reflexividade essencial, constitui, na perspectiva de Tilman Wegerhoff, o ponto crucial na compreensão da dialética, e, em última instância, do próprio idealismo hegeliano²⁴⁴, como um “procedimento da diferenciação posicional” (*Verfahren der positionalen Differenzierung*). O autor defende, desta forma, que a “negatividade” característica da “reflexão lógica-essencial” (*wesenslogische Reflexion*), não é tanto uma “oposição contraditória” (*kontradiktorischer Gegensatz*) ou “contrária” (*konträre*), mas “diferença posicional” (*positionale Differenz*)²⁴⁵, entendendo por esta uma diferença de “posição” (lugar, *Stelle*) de um mesmo conteúdo na sequência ou “ordem temporal do pensar” (*zeitliche Ordnung des Denkens*)²⁴⁶, o que, resultando num esbatimento da categoria da diferença na da simples alteridade (como ser-outro, *Anderssein*), tematizada na esfera do ser, parece contrariar o que se encontra em causa no proposto por Hegel na tentativa de fundar um nível de inteligibilidade que passa justamente por pensar a diferença na sua radicalidade, não como o que sucessivamente se repete e distingue somente numericamente (como a diferença entre $A_1 - A_2$)²⁴⁷, mas o que, na continuidade do que processualmente se determina, surge sob configurações distintas, patenteia um conteúdo diverso e, na medida em que se encontra em constante relação com o que é posto anteriormente, nega e contradiz o determinadamente diferente.

A contradição não é, pois, na perspectiva hegeliana, “como uma anormalidade (*Abnormität*) que aparecesse aqui e ali”²⁴⁸ e que se devesse eliminar ou considerar como não verdadeiro ou “nulo” (*Null*) que nada contém de positivo, mas “expressa antes a verdade e a essência das coisas”²⁴⁹. Como tal, ela pode e deve ser pensada²⁵⁰ na sua essencialidade como integrando o real.

A contradição não é ainda, portanto, algo que apenas tem lugar no pensar ou na razão que toma em consideração o real (como é o caso no uso dialético da razão segundo Kant, que cai inevitavelmente em contradição consigo mesma quando pretende conhecer o que não lhe é dado

²⁴³ «Vielmehr jede Bestimmung, jedes Konkrete, jeder Begriff ist wesentlich eine Einheit unterschiedener und unterscheidbarer Momente, die durch den *bestimmten, wesentlichen Unterschied* in widersprechende übergehen.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 79.

²⁴⁴ «Ich denke, dass das Verfahren der positionalen Unterscheidung, das Hegel im Reflexionskapitel der Wesenslogik explizit entwickelt, das spezifische Merkmal des Hegelschen Idealismus darstellt und grundlegend für seine so genannte ‘dialektische Methode’ ist.» Tilman WEGERHOFF, *Hegels Dialektik. Eine Theorie der positionalen Differenz*, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 2008, p. 31

²⁴⁵ «Insbesondere muss die “Negativität” der wesenslogischen Reflexion in diesem Sinne aufgefasst werden. Sie ist weder als kontradiktorischer noch als konträrer Gegensatz, sondern als positionale Differenz zu verstehen.» WEGERHOFF, *Hegels Dialektik. Eine Theorie der positionalen Differenz*, p. 31.

²⁴⁶ WEGERHOFF, *Hegels Dialektik. Eine Theorie der positionalen Differenz*, p. 111.

²⁴⁷ É este o modo por que Wegerhoff exemplifica a sua linha de interpretação. Cf. WEGERHOFF, *Hegels Dialektik. Eine Theorie der positionalen Differenz*, p. 111.

²⁴⁸ «Er ist aber ferner nicht bloß als eine Abnormität zu nehmen, die nur hier und da vorkäme.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 76.

²⁴⁹ «esta proposição contra as restantes expressa antes a verdade e a essência das coisas.» – «dieser Satz gegen die übrigen vielmehr die Wahrheit und das Wesen der Dinge ausdrücke.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 74.

²⁵⁰ «O que em geral move o mundo, é a contradição, e é ridículo dizer que a contradição não se deixa pensar.» – «Was überhaupt die Welt bewegt, das ist der Widerspruch, und es ist lächerlich zu sagen, der Widerspruch lasse sich nicht denken.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 119, Zusatz 2, W 8, p. 247.

intuir sensivelmente²⁵¹) mas, pelo contrário, pertence essencialmente às coisas mesmas, ao real como tal. Hegel vai mesmo mais longe ao afirmar que é por ela que algo é “vivo” (*lebendig*) e (um) concreto²⁵².

A contradição constitui, assim, defende Hegel, o próprio princípio ou “raiz de todo o movimento e vitalidade [*Lebendigkeit*]”²⁵³, revelando a importância da contradição no quadro duma ontologia dialéctica. A contradição é parte integrante e fundamental da própria realidade, e o “movimento sensível exterior é o seu ser-aí imediato”²⁵⁴. A concepção kantiana, transcendental, representa, por isso, para Hegel, uma “ternura demasiado grande pelo mundo”, na medida em que passa por “afastar dele a contradição, transferi-la em contrapartida para o espírito, para a razão e deixar aí subsistir irresolvida”²⁵⁵.

A “proposição da contradição” (*Satz des Widerspruchs*), que afirma que “Todas as coisas são em-si mesmas contraditórias [*widersprechend*]”²⁵⁶ é, portanto, para Hegel, “tão essencial” quanto a proposição de identidade, contrariamente ao que Hegel defende ser “um dos preconceitos fundamentais da lógica até hoje e do representar habitual”²⁵⁷, que se fundam numa lógica não dialéctica, puramente identitária. Hegel defende mesmo que “se se tratasse de hierarquia e fosse de manter-firmemente ambas as determinações como separadas, então a contradição seria de tomar por o mais profundo e mais essencial”²⁵⁸, tendo em conta que, na ontologia dialéctica hegeliana, “somente enquanto algo tem em si mesmo uma contradição se move, tem impulso [*Trieb*] e actividade [*Tätigkeit*]”, enquanto a identidade é “apenas a determinação do imediato simples, do ser morto”²⁵⁹.

A contradição não é, portanto, algo de estaticamente definitivo, uma contraposição petrificada, mas essencialmente o movimento, o processo por que o real se transforma, o que liga o diferente e separa o idêntico.²⁶⁰ É, assim, motor do processo dialéctico em geral e da determinação da essência no âmbito do movimento que caracteriza a sua reflexão. E na medida em que a contradição é superada e a essência regressa a si mesma a partir do seu ser-posto, é restabelecida a unidade por que a essência se determina como fundamento.

A contradição é, desta forma, além de um dispositivo metodológico que percorre toda a série de categorias desde o primeiro ser imediato até à conclusão da *Ciência da Lógica* na ideia absoluta,

²⁵¹ Para um tratamento mais detalhado da contradição e da dialéctica da razão em Kant e a crítica hegeliana da mesma v. *infra*, II Parte, § 33. Razão e dialéctica, pp. 117-118.

²⁵² «Algo é, portanto, vivo apenas na medida em que contém em si a contradição». – «Etwas ist also lebendig, nur insofern es den Widerspruch in sich enthält». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 76.

²⁵³ «er aber ist die Wurzel aller Bewegung und Lebendigkeit». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 75.

²⁵⁴ «Die äußerliche sinnliche Bewegung selbst ist sein unmittelbares Dasein.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 76.

²⁵⁵ «Es ist dies eine zu große Zärtlichkeit für die Welt, von ihr den Widerspruch zu entfernen, ihn dagegen in den Geist, in die Vernunft zu verlegen und darin unaufgelöst bestehen zu lassen.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 276.

²⁵⁶ «Alle Dinge sind an sich selbst widersprechend». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 74.

²⁵⁷ «Es ist aber eines der Grundvorurteile der bisherigen Logik und des gewöhnlichen Vorstellens, als ob der Widerspruch nicht eine so wesenhafte und immanente Bestimmung sei als die Identität». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 75.

²⁵⁸ «wenn von Rangordnung die Rede und beide Bestimmungen als getrennte festzuhalten wären, so wäre der Widerspruch für das Tiefere und Wesenhaftere zu nehmen.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 75.

²⁵⁹ «Denn die Identität ihm gegenüber ist nur die Bestimmung des einfachen Unmittelbaren, des toten Seins; [...] nur insofern etwas in sich selbst einen Widerspruch hat, bewegt es sich, hat Trieb und Tätigkeit.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 75.

²⁶⁰ «a contradição é a própria contraposição em acto, em processo, de dar-se. [...] é, fundamentalmente, um processo». BARATA-MOURA, *Estudos sobre a ontologia de Hegel. Ser, Verdade, Contradição*, pp. 166-7.

dispositivo que permite superar dialecticamente as diversas configurações abstractamente determinadas e conduz a exposição lógica para estádios cada vez mais concretos do real, sistematicamente tratada como categoria específica na Lógica da Essência. Os dois “aspectos” não se encontram absolutamente dissociados mas, como defende Kristina Engelhard, “a categoria da contradição é resultado do desenvolvimento do sentido [*Bedeutungsentfaltung*] dialéctico das categorias precedentes e, portanto, produto mesmo daquele método”²⁶¹.

A mesma comentadora apresenta três modos diferentes de “interpretação” (*Interpretation*) da concepção hegeliana da contradição – uma (1) “*interpretação dialecteísta*” (*dialetheistische* [sic] *Interpretation*), (2) uma “*interpretação parcialmente dialecteísta*” (*partiell dialetheistische Interpretation*) e (3) uma “*interpretação antidiacleteísta*” (*antidialetheistische Interpretation*) – consoante se perspectiva a existência (1) ou não existência (2,3) da contradição no real ele mesmo, (2) somente no “pensar-do-entendimento” (*Verstandesdenken*) como expressão da “natureza objectiva do pensar finito” ou ainda (3) o que, surgindo no pensar finito, é ultrapassado (*überwinden*) e não contido (*beinhalten*) pela dialéctica²⁶².

Ora, Hegel afirma repetidamente que é a contradição que confere vitalidade e movimento ao real, sem a qual este seria algo meramente estático, inerte, morto, de modo que aquela não é simplesmente um operador subjectivo do pensar, mas existe efectivamente nas coisas reais. Se é certo que a dialéctica hegeliana consiste na resolução da contradição pela superação do carácter imediato dos contrapostos, enquanto processo decorrente do próprio reconhecimento da contradição, o seu objectivo não pode, no entanto, ser o de impedir que novas contradições surjam, pois isso constituiria o negar da própria natureza contraditória, dialéctica, potencialmente transformadora do próprio real existente que é, justamente, o fundametal da perspectiva ontológica que Hegel propõe. A contradição existe no real e existe no pensar que apreende a realidade na sua verdadeira configuração, e a dialéctica hegeliana, por que as diferentes determinações, porque finitas e em si mesmas abstractas, são superadas na sua unilateralidade, além de método lógico, enraiza-se e reflecte a dialecticidade ontológica, verdadeiramente existente (ou efectivamente real), que é constitutiva do próprio real²⁶³.

²⁶¹ «Die Kategorie des Widerspruchs ist Resultat der dialektischen Bedeutungsentfaltung der vorausgegangenen Kategorien und somit selbst Produkt jener Methode.» ENGELHARD, “Das Problem des Widerspruchs in Hegels System”, p. 216.

²⁶² ENGELHARD, “Das Problem des Widerspruchs in Hegels System”, p. 224.

²⁶³ «Porque a realidade-efectiva é uma totalidade processualmente mediada de singulares, há uma dialéctica-real.» – «Weil die Wirklichkeit eine prozessual vermittelte Ganzheit von Einzelnen ist, gibt es eine Realdialektik.» Hans Heinz HOLZ, *Aufhebung und Verwirklichung der Philosophie I. Die Algebra der Revolution. Von Hegel zu Marx*, Berlin, Aurora Verlag, 2010, p. 34.

§ 11. Fundamento

O fundamento surge, então, como “última” determinação-de-reflexão que não é senão o superar das anteriores determinações e o resolver da contradição²⁶⁴. Ele é, portanto, a identidade e a diferença superadas na unidade mediada das mesmas, o que o constitui como uma “*totalidade*”²⁶⁵.

A passagem da contradição ao fundamento, “muito pouco intuitiva”, de acordo com Diogo Ferrer, é explicada pela relação que se estabelece entre os princípios de (não-)contradição, princípio meramente formal ou lógico, em sentido não hegeliano, e o princípio de razão-suficiente (*zureichender Grund*)²⁶⁶, princípio que, nomeadamente na filosofia de Leibniz, está intimamente ligado à questão fundamental da metafísica “*Porque há antes alguma coisa que nada?*”²⁶⁷. Face à validade puramente formal do princípio de contradição que constitui a possibilidade de algo, o princípio de razão introduz uma dimensão propriamente ontológica, na medida em que se aplica, não já a meros conceitos ou essências ideais, mas ao real existente.

O fundamento representa, assim, o momento em que a essência é considerada como constituindo verdadeiramente a realidade, “entra” no domínio da existência.²⁶⁸ Deste modo, o fundamento expressa, segundo Hegel, uma “*mediação real* da essência consigo”, enquanto a reflexão, relação negativa da essência em si mesma, “é a *mediação pura* em geral”²⁶⁹, ou seja, uma mediação que não constitui uma realidade “fora” da essência, uma outra instância. É somente na medida em que a essência “vai ao fundo” (*zugrunde geht*) de si mesma, o que pode ser visto como um “afundar-se” que é também um “aprofundar-se”²⁷⁰, por que a essência, simultaneamente, supera o momento presente e se eleva a uma configuração mais rica, que a contradição que a caracteriza é verdadeiramente superada e a essência se constitui “enquanto identidade positiva consigo” e o

²⁶⁴ «Der Grund ist daher selbst eine der Reflexionsbestimmungen des Wesens, aber die letzte, vielmehr nur die Bestimmung, daß sie aufgehobene Bestimmung ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 80.

«Durch das Aufheben der sich an sich selbst widersprechenden Bestimmungen des Wesens ist dieses wiederhergestellt». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 68.

«Der Begriff, der das Positive und das Negative als in sich selbst widersprüchliche enthält, ist die Kategorie des Grundes.» ENGELHARD, “Das Problem des Widerspruchs in Hegels System”, p. 222.

²⁶⁵ «Ele é a essência posta como *totalidade*.» – «Er ist das Wesen als *Totalität* gesetzt.» HEGEL, *Enzyklopädie*, §121, W 8, p. 248.

²⁶⁶ «Hegel retomará, de modo integralmente transformado, a doutrina metafísica – que em Kant é pré-crítica – segundo a qual aquilo que se entende normalmente por fundamento pode ser dito a partir da noção da contradição». FERRER, *Lógica e Realidade em Hegel*, pp. 260-261.

²⁶⁷ «Posto este princípio, a primeira questão que temos direito fazer será *Porque há antes qualquer coisa que nada?* Pois o nada é mais simples e mais fácil que alguma coisa. Além disso, suposto que as coisas devem existir, é preciso que se possa explicar, porque elas devem existir assim, e não diferentemente.» – «Ce principe posé, la première question qu’on a droit de faire, sera, *Pourquoy il y a plutôt quelque chose que rien?* Car le rien est plus simple et plus facile que quelque chose. De plus, suppose que des choses doivent exister, il faut qu’on puisse rendre raison, pourquoy elles doivent exister ainsi, et non autrement.» LEIBNIZ, *Principes de la Nature et de la Grace, fondés en raison*, 7, *Die Philosophischen Schriften* (doravante: PS), vol. VI, ed. Gerhardt, Hildesheim – New York, Georg Olms Verlag, 1978, p. 602.

Para além do princípio da contradição e da razão suficiente, Leibniz fala ainda de um “*princípio da conveniência*” (*principe de la convenance*), relativo à “escolha da sabedoria” (*choix de la sagesse*) por que Deus confere existência ao melhor dos mundos possíveis. Cf. LEIBNIZ, *Principes de la Nature et de la Grace, fondés en raison*, 11, PS VI, p. 603.

²⁶⁸ Diogo Ferrer salienta ainda que, na medida em que a exposição hegeliana passa da negatividade que caracteriza a essência em si mesma, poder-se-ia dizer, da simples interioridade reflexiva, à exterioridade por ela posta, ao “outro” dela mesma, i. é, a existência, pode ser visto como em paralelo com o próprio lugar da Lógica no Sistema por relação à “filosofia real” – da Natureza e do Espírito – justificando a sua anterioridade. Ou ainda, a “relação da própria lógica com o real”, uma vez que a existência é derivada a partir das categorias “lógicas” como identidade, diferença, contradição, etc. FERRER, *Lógica e Realidade em Hegel*, pp. 262-263.

²⁶⁹ «Die Reflexion ist die reine Vermittlung überhaupt, der Grund ist die reale Vermittlung des Wesens mit sich.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 81.

²⁷⁰ Cf. FERRER, *Lógica e Realidade em Hegel*, p. 272.

movimento de pôr um outro que não é senão a essência ela mesma revela a essência como fundamento²⁷¹.

A “proposição do fundamento” ou “princípio de razão” (*Satz des Grundes*) é então formulada do seguinte modo: “*Tudo tem a sua razão suficiente [zureichenden Grund]*”²⁷², o que, em Hegel, significa que o que é real não é um “imediato”, mas deve antes ser “considerado” como “posto” (*Gesetztes*)²⁷³, isto é, o “seu ser” depende de um outro que é a sua razão de ser, o seu fundamento²⁷⁴. Na ontologia dialéctica hegeliana, tudo o que é, tudo o que chega a existir é mediado por um outro, de modo que o desenrolar da existência é como um encadeamento de razões suficientes em que cada elemento é, simultaneamente, fundado por e fundamento de uma nova entidade.

Hegel reconhece na filosofia leibniziana o mérito de conferir ao “princípio de razão” um “sentido mais profundo e [um] conceito mais importante do que habitualmente lhe é atribuído” ao fazer deste um “axioma [ou princípio fundamental, *Grundsatz*] de toda a sua filosofia”²⁷⁵. Contudo, segundo Hegel, o princípio de razão suficiente assume, em Leibniz, uma dimensão “mecânica”, “exterior”, “contingente” (*zufällige*), na medida em que a verdadeira relação, “a qual constitui o essencial de uma existência, não está contida nas causas do mecanismo”, mas é colocada, enquanto “unidade essencial”, no “conceito”, ou seja, “na finalidade” (*Zweck*)²⁷⁶. A razão última da realidade, bem como das relações reais, encontra-se, em Leibniz, fora dessa mesma realidade actual, uma vez que se funda no entendimento divino, o lugar de todas as séries possíveis de acontecimentos ou mundos possíveis (*compossibilidade*), o que constitui um dos aspectos cruciais que Hegel critica na ontologia leibniziana²⁷⁷.

Hegel pretende fundar uma perspectiva em que o fundamento não está fora da realidade que funda, o que é desde logo evidenciado pela relação fundamental que, no início da Doutrina da

²⁷¹ «O fundamento é a essência enquanto identidade positiva consigo; mas que se refere a si ao mesmo tempo como negatividade, determina-se, portanto, e faz-se ser-posto excluído.» – «Der Grund ist das Wesen als die positive Identität mit sich; aber die sich zugleich als die Negativität auf sich bezieht, sich also bestimmt und zum ausgeschlossenen Gesetzsein macht». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 69.

²⁷² «*Alles hat seinen zureichenden Grund.*» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 82. Segundo a formulação leibniziana, «nada se faz sem razão suficiente» – «rien ne se fait sans raison suffisante». LEIBNIZ, *Principes de la Nature et de la Grace, fondés en raison*, 7, PS VI, p. 602.

²⁷³ «was ist, ist nicht als seiendes Unmittelbares, sondern als Gesetztes zu betrachten». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 82.

²⁷⁴ «tem o seu ser num outro» – «es sein Sein in einem Anderen hat». HEGEL, *Enzyklopädie*, § 121, W 8, p. 248.

«Esta dependência do singular de outro é expressa no principium rationis sufficientis.» – «Diese Angewiesenheit des einzelnen auf anderes wird im principium rationis sufficientis ausgesagt.» HOLZ, “Hegels Konzept der ‘eigentlichen Metaphysik’”, p. 31.

²⁷⁵ «Allein Leibniz, dem das Prinzip des zureichenden Grundes vornehmlich am Herzen lag und der es sogar zum Grundsatz seiner ganzen Philosophie machte, verband damit einen tieferen Sinn und wichtigeren Begriff, als gewöhnlich damit verbunden wird». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 82.

²⁷⁶ «Diese Beziehung, das Ganze als wesentliche Einheit, liegt nur im Begriffe, im Zwecke.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 83.

²⁷⁷ «Assim, é preciso que a Razão suficiente, que não tem mais necessidade de uma outra Razão, esteja fora dessa série de coisas contingentes, e se encontre numa substância que é a sua causa, ou que seja um ser necessário que transporta a razão da sua existência consigo; de outro modo não teríamos ainda uma razão suficiente em que pudéssemos parar. E essa razão das coisas é chamada *Deus*.» – «Ainsi il faut que la Raison suffisante, qui n’ait plus besoin d’une autre Raison, soit hors de cette suite des choses contingentes, et se trouve dans une substance, qui en soit la cause, ou qui soit un Etre nécessaire, portant la raison de son existence avec soy ; autrement on n’aurait pas encore une raison suffisante, où l’on puisse finir. Et cette dernière raison des choses est appelée *Dieu*.» LEIBNIZ, *Principes de la Nature et de la Grace, fondés en raison*, 8, PS VI, p. 602. Para a crítica hegeliana ao sistema de Leibniz v. *infra*, II Parte, § 29. Mecanismo, pp. 97-99 e III Parte, § 42. Idealismos modernos: Descartes, Espinosa, Leibniz, pp. 145-146.

Essência, é estabelecida entre essência e aparência.²⁷⁸ Estas não são como entidades separadas, não comunicantes, como nas concepções em que a série ideal das essências é transposta não se sabe bem para onde, como se pairasse algures para lá da realidade²⁷⁹, mas são como dois aspectos de uma mesma realidade. É o movimento da essência que faz com que esta apareça, se manifeste enquanto existência.

O fundamento é, em primeiro lugar, “fundamento absoluto” ou, como refere Hegel, a essência enquanto “base em geral para a relação-fundamental”.²⁸⁰ Esta compreende, contudo, um fundamento e um “fundado” (*Begründeten*), um “não-ser-posto” e um “ser-posto”, o que constitui a determinidade “dupla” (*gedoppelte*) da essência enquanto fundamento²⁸¹.

Assim, a mediação que caracteriza o fundamento contém, segundo Hegel, aspectos constituintes da reflexão determinante, pela qual as determinações são postas como “subsistentes” mas, na medida em que essas mesmas determinações não assumem uma autonomia face ao movimento que as põe na relação-fundamental, ela é simultaneamente reflexão pura, em que não existe diferenciação ou esta é somente enquanto na unidade do próprio movimento que é a reflexão²⁸².

Na medida em que a mediação essencial que constitui o fundamento resulta numa posição, num acto de pôr uma determinação como determinação de um posto (*Gesetzt*), o fundamento implica uma determinidade. Esta determinidade é, segundo Hegel, a “forma” (*Form*) da essência e distingue-se, assim, da pura “identidade simples” que é a essência ela mesma²⁸³.

Não se distinguindo verdadeiramente (ou, como sugerem os tradutores franceses, numa “unidade real”²⁸⁴) forma e essência representam, no entanto, duas dimensões da própria essência como fundamento: enquanto a essência é o que permanece como “base simples” (*einfache Grundlage*), “indeterminada e *inactiva*, na qual as determinações formais têm o subsistir ou a reflexão-em-si”, a forma é “a negatividade *essencial* que se refere a si mesma”, “o *que-põe* e o

²⁷⁸ «O acto filosoficamente revolucionário de Hegel, a descoberta e o colocar-no-ponto-central das determinações-de-reflexão, consiste sobretudo na eliminação ontológica do abismo absolutamente separador entre fenómeno e essência.» – «Die philosophisch revolutionäre Tat Hegels, die Entdeckung und das In-den-Mittelpunkt-Stellen der Reflexionsbestimmungen, besteht vor allem in der ontologischen Entfernung des absolut trennenden Abgrunds zwischen Erscheinung und Wesen.» Georg LUKÁCS, “Hegels falsche und echte Ontologie”, *Zur Ontologie des gesellschaftlichen Seins, Werke*, vol. 13, Darmstadt - Neuwied, Hermann Luchterhand Verlag, 1984, pp. 468-558, p. 533.

²⁷⁹ Mundo inteligível, intelecto divino, são exemplos desta transposição que se funda na separação entre essência e realidade aparente.

²⁸⁰ «Der Grund ist zuerst absoluter Grund, in dem das Wesen zunächst als *Grundlage* überhaupt für die Grundbeziehung ist». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 82.

²⁸¹ «Die Bestimmtheit des Wesens als Grund wird hiermit die gedoppelte, des *Grundes* und des *Begründeten*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 84.

²⁸² Cf. HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 85.

²⁸³ «A essência tem uma forma e determinações da mesma.» – «Das Wesen hat eine Form und Bestimmungen derselben.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 85.

²⁸⁴ HEGEL, *Science de la Logique. Premier tome – la Logique objective. Deuxième livre. La doctrine de l'Essence*, trad., apres. e notas Gwendoline Jarczyk e Pierre-Jean Labarrière, nota 32, p. 121.

determinante” (*das Setzende und Bestimmende*)²⁸⁵. Forma e essência são, assim, como “diferenças” que “não são senão *momentos* da relação formal [*Formbeziehung*]”²⁸⁶.

Hegel acentua, contudo, a distinção no interior desta relação entre forma e essência ao mostrar como esta última, na medida em que se encontra perante a forma e constitui o indeterminado, ou antes, é “*determinada* como a identidade desprovida [de] forma [*formlose*]”, se converte em “matéria”, inaugurando, desta forma, um novo par conceptual, de ressonâncias evidentemente aristotélicas: forma e matéria²⁸⁷.

A matéria (*Materie*) é, por conseguinte, a essência determinada como “identidade desprovida de diferença simples” como “o outro da forma”²⁸⁸. Como tal, não é algo separado ou proveniente de uma origem distinta da própria forma, mas, segundo revela a exposição hegeliana, forma e matéria são, assim, dois aspectos da essência determinada como fundamento. A base inerte, o substrato, é o mesmo que o princípio determinante, enformador, uma vez que é a própria essência que ao se dar uma determinidade se distingue ela mesma em fundamento e fundado e, por conseguinte, em forma e matéria.

A formulação de Hegel procura, deste modo, fundar uma perspectiva em que forma e matéria são consideradas não meramente em abstracto, como se “se encontra[ssem] ambas [...] face uma à outra exteriormente e contingentemente” (*äußerlich und zufällig*), como se fossem “*eternas*” em si mesmas²⁸⁹, mas pelo contrário, assim como a matéria pressupõe uma forma para ser “*matéria determinada*” (e algo como matéria não determinada é “um pura e simplesmente *abstracto*”, *ein schlechthin Abstraktes*)²⁹⁰, também “a forma *pressupõe* uma matéria”, pois enquanto se distingue e “relaciona” com a identidade simples que é a matéria como “a um outro”, a forma “põe-se como superado”²⁹¹, ou seja, mediado por essa mesma matéria. Ainda que a matéria, enquanto “indiferente”, seja “o *passivo*” (*das Passive*) e a forma, perante esta, algo de “*activo*” (*Tätiges*)²⁹², elas “pressupõem-se reciprocamente” (*gegenseitig*), uma vez que, como refere Hegel, a “*matéria tem portanto que ser formada [formiert], e a forma tem de se materializar [materialisieren]*”²⁹³.

²⁸⁵ «Als die *wesentliche* sich auf sich selbst beziehende Negativität gegen dies einfache Negative ist sie das *Setzende und Bestimmende*; das einfache Wesen hingegen ist die unbestimmte und *untätige* Grundlage, an welcher die Formbestimmungen das Bestehen oder die Reflexion-in-sich haben.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 87.

A concepção da forma como o activo e determinante é expressa, desde logo, na filosofia aristotélica. V. *infra*, III Parte, § 41. Platão, Aristóteles, p. 142.

²⁸⁶ «Diese Unterschiede, der Form und des Wesens, sind daher nur *Momente* der einfachen Formbeziehung selbst.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 88.

²⁸⁷ «So ist es nicht das Wesen, das die absolute Reflexion an ihm selbst ist, sondern *bestimmt* als die formlose Identität; es ist die *Materie*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 88.

²⁸⁸ «Die *Materie* ist also die einfache unterschiedslose Identität, welche das Wesen ist, mit der Bestimmung, das Andere der Form zu sein.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 88.

²⁸⁹ «Aber darum *finden* sich beide nicht äußerlich und zufällig einander gegenüber; weder die *Materie* noch die *Form* ist aus sich selbst oder, in anderer Sprache, *ewig*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 89.

²⁹⁰ «Die *Materie* ist ein schlechthin *Abstraktes*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 88.

²⁹¹ «Die *Form* *setzt* die *Materie* voraus, eben darin, daß sie sich als aufgehobenes *setzt*, somit sich auf diese ihre Identität als auf ein Anderes bezieht.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 89.

²⁹² «Die *Materie*, das als gleichgültig Bestimmte, ist das *Passive* gegen die *Form* als *Tätiges*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 89.

²⁹³ «Die *Materie* muß daher *formiert* werden, und die *Form* muß sich *materialisieren*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 90.

Forma e matéria constituem, desta forma, uma unidade que não é já a simples “unidade absoluta consigo do fundamento”, mas, simultaneamente, uma “unidade posta”²⁹⁴, porque resultante da pressuposição mútua e do superar da relação entre ambas como face a outro. Esta unidade posta de matéria e forma é o que Hegel apresenta como “conteúdo” (*Inhalt*), ou seja, “matéria (en)formada” (*formierte Materie*)²⁹⁵. A natureza de cada uma destas realiza-se, portanto, na sua relação com a outra, na medida em que ambas só se determinam plenamente quando concomitantemente articuladas numa mesma entidade por elas constituída.

O fundamento absoluto passa, assim, a “fundamento determinado” (*bestimmter Grund*) na medida em que “tem um conteúdo determinado” (*ein bestimmter Inhalt*). Este é, porém, em primeiro lugar, “fundamento formal” (*formeller Grund*), uma vez que as diferenças anteriores (fundamento/fundado, forma/essência, forma/matéria) se resolveram na unidade que é o conteúdo que, como refere Hegel, é como “*imediato* simples perante [*gegen*] a *mediação* da forma”²⁹⁶, o que faz “desaparecer” a determinidade própria de cada um dos momentos mantendo-se apenas a “*mediação formal*” (*formelle Vermittlung*) como resultado da superação daqueles.

O acento encontra-se, pois, na relação e não nos elementos, e na medida em que fundamento e fundado se encontram na identidade que é a “forma total” ou “mediação total” (*ganze Form, ganze Vermittlung*) “o fundamento é *suficiente*”²⁹⁷. Isto significa, segundo Hegel, que “não está nada no fundamento que não esteja no fundado, assim como nada [está] no fundado que não esteja no fundamento”²⁹⁸, ou seja, não se verifica qualquer intervenção exterior, nada se junta a partir de fora tanto ao fundamento como ao fundado. O fundamento formal é, portanto, aquele em que o conteúdo do que funda e do que é fundado não se distingue, ou seja, é “um e o mesmo” (*einer und derselbe ist*) conteúdo.

Isto, porém, do ponto de vista da relação ou mediação formal. Pois “considerando-se” a mesma identidade do ponto de vista do conteúdo (*von Seite des Inhalts betrachtet*), verifica-se, por sua vez, uma “diferença formal [*Formunterschied*] nele [*an ihm*] mesmo”, na medida em que o conteúdo é “enquanto fundamento um outro que enquanto fundado”²⁹⁹. O fundamento deixa, então, de ser meramente formal para ser fundamento “realizado” (*realisiert*), isto é, “fundamento real” (*reale Grund*). Enquanto o fundamento formal representa, enquanto identidade de conteúdo, uma

²⁹⁴ «Die formierte Materie oder die Bestehen habende Form ist nun nicht nur jene absolute Einheit des Grundes mit sich, sondern auch die gesetzte Einheit.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 93.

²⁹⁵ «Der Inhalt ist ferner *bestimmt* an ihm selbst [...] als die formierte Materie.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 95.

²⁹⁶ «das einfache *Unmittelbare* gegen die *Vermittlung* der Form.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 96.

²⁹⁷ «Por causa desta identidade do fundamento e do fundado, tanto segundo o conteúdo como a forma, o fundamento é *suficiente*». – «Um dieser Identität des Grundes und Begründeten willen, sowohl dem Inhalte als der Form nach, ist der Grund *zureichend*». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 97.

²⁹⁸ «es ist nichts im Grunde, was nicht im Begründeten ist, so wie nichts im Begründeten, was nicht im Grunde ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 97.

²⁹⁹ «Oder von Seite des Inhalts betrachtet, weil er die Identität als [die] der *Grundbeziehung* mit sich ist, hat er wesentlich diesen Formunterschied an ihm selbst und ist als Grund ein anderer denn als Begründetes.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 103.

“necessidade” e “simultaneamente” uma “tautologia”, a diversidade de conteúdo constitutiva do fundamento real confere a este uma dimensão de “contingência e exterioridade”³⁰⁰.

É, pois, pela unidade dos dois tipos de fundamento que surge o “fundamento completo” (*vollständige Grund*), que não é já nem meramente formal, nem simplesmente exterior. Segundo Hegel, o fundamento real, enquanto põe aquilo que é fundado como resultado de uma reflexão que não é a desse mesmo fundado³⁰¹ mas “exterior”, apresenta-se, na verdade, como fundamento que não é senão fundamento “superado” (*der Grund als aufgehobener*), “constituindo-se” como mero “fundado”, simples “*ser-posto*” (*Gesetztsein*)³⁰².

Ora este imediato requer e “tem” por sua vez um fundamento ou, mais propriamente, “um outro fundamento” (*einen anderen Grund hat*) que é, porém, “idêntico” ao fundamento real anterior. O fundamento regressa, assim, ao “seu fundamento” ou, como defende Hegel, ao “fundamento formal”. À “relação-fundamental” que combina as duas mediações, os dois aspectos da totalidade que é o fundamento (formal e real), Hegel chama, por conseguinte, relação-fundamental “completa” (*vollständige Grundbeziehung*)³⁰³. A totalidade da relação-fundamental que é expressa pelo fundamento completo dá, então, origem a uma nova consideração da mediação enquanto “mediação condicionante” (*bedingende Vermittlung*) em que o conceito central passa a ser o de “condição” (*Bedingung*).

§ 12. Condição e Coisa

A condição surge, na exposição hegeliana, como “imediato” e “pressuposição essencial” (*wesentliche Voraussetzung*) do fundamento, ou seja, da mediação que caracteriza a relação-fundamental. Ela é “um ser-aí imediato, variado” (*unmittelbares, mannigfaltiges Dasein*) que se refere ao seu fundamento como seu pressuposto,³⁰⁴ justamente, como imediato a partir do qual a mediação fundamental se inicia. Desta forma, o fundamento mostra-se como sendo, não só uma mediação que-põe, mas ainda “reflexão que-pressupõe” (*voraussetzende Reflexion*). E uma vez que a condição surge imediatamente como pressuposição do fundamento, e não inversamente,

³⁰⁰ «A relação-fundamental contém apenas *um* conteúdo por fundamento e fundado; nesta identidade reside a sua necessidade, mas ao mesmo tempo a sua tautologia. O fundamento real contém um conteúdo diverso; com isso ocorre, porém, a contingência e exterioridade da relação-fundamental.» – «Die formelle Grundbeziehung enthält nur *einen* Inhalt für Grund und Begründetes; in dieser Identität liegt ihre Notwendigkeit, aber zugleich ihre Tautologie. Der reale Grund enthält einen verschiedenen Inhalt; damit tritt aber die Zufälligkeit und Äußerlichkeit der Grundbeziehung ein.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 105.

³⁰¹ «die nicht seine eigene Reflexion, sondern eine äußerliche und somit nur eine gesetzte ist». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 109.

³⁰² «Die reale Grundbeziehung ist daher vielmehr der Grund als aufgehobener; sie macht somit vielmehr die Seite des *Begründeten* oder des *Gesetzseins* aus.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 109.

³⁰³ «A relação-fundamental surgida é por isso a *completa*, que contém em si ao mesmo tempo o fundamento formal e real e medeia as determinações-de-conteúdo imediatas umas face às outras no último.» – «Die entstandene Grundbeziehung ist darum die *vollständige*, die den formellen und realen Grund zugleich in sich enthält und die im letzteren gegeneinander unmittelbaren Inhaltsbestimmungen vermittelt.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 110.

³⁰⁴ «Die Bedingung ist also *erstens* ein unmittelbares, mannigfaltiges Dasein.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 113.

ela é como um “incondicionado”, porém, apenas “relativamente incondicionado” (*relativ Unbedingte*), isto é, enquanto face ao fundamento³⁰⁵.

Hegel distingue, portanto, condição e fundamento ao salientar que, na medida em que o fundamento representa a mediação ou o pôr que dá origem ao imediato como ser-posto e a condição é simplesmente o “momento da imediatez incondicionada para o fundamento”³⁰⁶, a condição não é “fundamento” do que é, aquilo que chega a ser não o é “pela sua condição” (*durch seine Bedingung*)³⁰⁷. Esta é pressuposta pelo fundamento, mas por si só não funda aquilo de que é condição. A condição surge, desta forma, como positivo a partir do qual uma mediação determinada se inicia, dando origem a uma nova imediatez, enquanto o fundamento assume, em Hegel, uma dimensão transitiva, é “relação-fundamental”, o movimento que instaura o que é fundado. Se por um lado este é a expressão da reflexividade da essência no seu manifestar-se como posição de um imediato, aquela implica já a imediatez como momento do processo que se dá na progressiva determinação essencial.

A condição pode ainda ser considerada, na medida em que é mediada pelo fundamento e vice-versa, como o “ser-em-si” (*Ansichsein*) do último, a possibilidade encerrada em si mesma daquele e, como tal, igualmente “momento essencial da relação-fundamental”³⁰⁸. Contudo, uma vez que o fundamento é em si mesmo mediação e a condição simples imediato, um e outra são, simultaneamente, segundo Hegel, “indiferentes” e “incondicionados” (*gleichgültige, unbedingte*) um perante o outro³⁰⁹. Deste modo, condição e fundamento são, segundo Hegel, a “contradição da imediatez indiferente e da mediação essencial” ou, como também refere Hegel, à semelhança das anteriores categorias e respectivas determinações, a “contradição do subsistir autônomo [*selbständiges Bestehen*] e da determinação de ser somente momento” da unidade que é a “relação” entre ambos³¹⁰.

Ora é justamente a resolução da contradição que Hegel afirma surgir na relação entre condição e fundamento que conduz a uma totalidade ou unidade mediada cujos “dois momentos”, condição e fundamento, são “postos” como “superados” e, simultaneamente, como se “pressupo[ndo] mutuamente”³¹¹. A esta “identidade *una*” (*eine Identität*) Hegel chama “o *verdadeiramente*

³⁰⁵ HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 113.

³⁰⁶ «Sie ist das Moment der unbedingten Unmittelbarkeit für den Grund». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 114.

³⁰⁷ «Etwas ist nicht durch seine Bedingung; seine Bedingung ist nicht sein Grund.». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 114.

³⁰⁸ «sie ist so sehr wesentliches Moment der Grundbeziehung». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 115.

³⁰⁹ «Ambos os aspectos do todo, *condição e fundamento*, são portanto por uma lado *indiferentes e incondicionados* um perante o outro, – um como o irrelacionado, para o qual a relação, em que ele é condição, é exterior, o outro como a relação ou forma, para a qual o ser-aí determinado da condição é somente enquanto material, enquanto um passivo cuja forma, que ele para si tem nele, é um inessencial.» – «Die beiden Seiten des Ganzen, *Bedingung und Grund*, sind also einerseits *gleichgültige und unbedingte* gegeneinander, – das eine als das Unbezogene, dem die Beziehung, in welcher es Bedingung ist, äußerlich ist, das andere als die Beziehung oder Form, für welche das bestimmte Dasein der Bedingung nur als Material ist, als ein Passives, dessen Form, die es für sich an ihm hat, eine unwesentliche ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 115.

³¹⁰ «Somit ist jede der beiden Seiten der *Widerspruch* der gleichgültigen Unmittelbarkeit und der wesentlichen Vermittlung, beides in *einer* Beziehung, – oder der Widerspruch des selbständigen Bestehens und der Bestimmung, nur Moment zu sein.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 115.

³¹¹ «so setzen sie sich selbst als aufgehobene, beziehen sich auf diese ihre Negation und *setzen sich gegenseitig voraus*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, pp. 117-118.

incondicionado” (*das wahrhaft Unbedingte*) ou “a Coisa em-si mesma” (*die Sache an sich selbst*)³¹².

A Coisa em-si como o “absolutamente incondicionado” (ao contrário da condição que o era apenas relativamente) é, portanto, aquilo que contém em si mesmo tanto a condição, ou totalidade de condições que são “o conteúdo total da Coisa”³¹³, como o fundamento, ou seja, o movimento que efectua o pôr das determinações que constituem essa mesma Coisa. Condição e fundamento não são, pois, exteriores à Coisa em-si, mas, pelo contrário, constituem-na imanentemente.

É deste modo que o “devir-posto [*Gesetztwerden*] da Coisa” é, à letra, um ir ou dirigir-se para fora (*Hervortreten*)³¹⁴ da Coisa mesma a partir de si. É, nas palavras de Hegel, um “pôr-se fora [evidenciar-se, *Herausstellen*] na existência [*in die Existenz*], puro movimento da Coisa em direcção a si mesma”³¹⁵. A Coisa em-si não é, por conseguinte, constituída e fundada por um outro exterior a ela, mas irrompe por e a partir de si mesma. Segundo Hegel, “quando todas as condições de uma Coisa estão presentes [*vorhanden sind*], então ela entra na existência [*tritt sie in die Existenz*]”³¹⁶, o que significa que essa mesma Coisa “é antes de existir” (*ist ehe sie existiert*), nomeadamente “como essência”.

Hegel não perspectiva ainda esta anterioridade de ser em relação ao existir como uma possibilidade a efectivar (o conceito de possibilidade surge apenas na esfera da realidade-efectiva), mas, no âmbito da relação entre essência e existência, a mediação realizada pelo facto de a essência se constituir enquanto fundamento e se pôr a si mesma “na” existência não é senão um sair a partir de uma interioridade que se reflecte em direcção a uma exterioridade aparente e existente. Desta forma, a passagem do fundamento à existência, passagem que inaugura um novo horizonte de abordagem do que é, enquanto manifestação da essência, é caracterizada por Hegel como um “movimento tautológico”, pois não sofre qualquer modificação essencial, movimento em que “desaparecem” condição e fundamento para dar lugar à Coisa mesma. Por conseguinte, o tornar-se existente, o “dirigir-se para fora” da própria Coisa, é uma ocorrência³¹⁷ “imediata” ou, mais precisamente, uma mediação que tem por característica o fazer “desaparecer” a própria mediação

³¹² «Diese, der eine Inhalt und Formeinheit beider, ist das *wahrhaft Unbedingte; die Sache an sich selbst*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 118.

Com vista à distinção entre os conceitos *Ding* e *Sache*, que o alemão permite, quando se tratar do último recorrer-se-á ao uso de maiúscula (*Coisa* e não simplesmente *coisa*), como é habitual na bibliografia sobre Hegel.

³¹³ «Die Bedingungen sind darum der ganze Inhalt der Sache». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 119.

³¹⁴ O surgir da Coisa a partir da interioridade que ela mesma é enquanto essência é como um “irromper” na existência. Gwendoline Jarczyk e Pierre-Jean Labarrière traduzem por “*venir au jour*”, salientando a dimensão implicada na relação entre um interior, que é a essência, e um exterior, que é a existência da Coisa. Cf. HEGEL, *Science de la Logique. Premier tome – la Logique objective. Deuxième livre. La doctrine de l'Essence*, p. 116 e nota 190, p. 126.

³¹⁵ «Das Gesetztwerden der Sache ist hiermit ein *Hervortreten*, das einfache Sich-Herausstellen *in die Existenz*, reine Bewegung der Sache zu sich selbst.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 121.

³¹⁶ «Wenn alle Bedingungen einer Sache vorhanden sind, so tritt sie in die Existenz.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 122.

³¹⁷ “Ocorrência” é o termo por que Diogo Ferrer traduz o conceito *Hervorgang*. Cf. FERRER, *Lógica e Realidade em Hegel*, p. 273.

fundamental³¹⁸. É neste sentido que a existência é perspectivada por Hegel como imediata, ou seja, como resultado, e concomitante superação, da mediação operada por fundamento e condição³¹⁹.

§ 13. Existência e coisa-em-si

A exposição lógica do que é passa, portanto, ao domínio a que Hegel chama existência (*Existenz*) ou, na medida em que reintroduz uma dimensão de imediatez que não é senão resultante da superação da mediação essencial, “ser essencial” (*wesentliches Sein*), isto é, “um ter-saído [ser saído, *Herausgegangensein*] a partir da negatividade e interioridade”³²⁰. A existência é, pois, face à essência de que provém, um imediato mas, uma vez que o aparecer da essência é, como se viu, um aparecer desta nela mesma, a existência é justamente o horizonte constituído no e pelo aparecer da essência³²¹.

Embora muito semelhante à configuração da aparência, enquanto imediatez resultante da reflexão da essência, a existência expressa uma categoria mais complexa e mais rica que aquela, pois pressupõe todo o desenvolvimento conceptual que a precede e origina. A existência não é já mero aparecer, mas uma imediatez que surge como produto da mediação efectuada por fundamento e condição. Diogo Ferrer salienta ainda a diferença implicada na noção de existência face à simples “aparência”, defendendo que a última constitui um “aparecer” em que a essência “se mostra, mas *reservando-se*”, enquanto a “existência é a *exteriorização* integral da essência” em que essência e existência não permanecem como duas dimensões “diferentes”, como no caso da aparência, mas, pelo contrário, a essência passa ela mesma à existência³²².

Surge, então, a “proposição da existência”: “*Tudo o que é existe*”, o que segundo Hegel significa que a “verdade do ser é ser, não um imediato primeiro, mas a essência saída [*hervorgegangene*] [em direcção] à imediatez”³²³, ou seja, uma interioridade negativa, reflexiva, que se torna em si mesma imediata e “exterior”. A existência não é, pois, um “*predicado*” (*Prädikat*) ou “*determinação*” que se atribui à essência³²⁴, mas, como refere Hegel, a “essência é a existência”³²⁵, ou seja, essência e existência não se distinguem verdadeiramente, na medida em que a última não é senão a primeira enquanto negatividade superada ou como imediatez posta como exterior ou manifestada. Esta imediatez não é, por conseguinte, o restabelecer da imediatez que

³¹⁸ «Das Hervortreten in die Existenz ist daher so unmittelbar, daß es nur durch das Verschwinden der Vermittlung vermittelt ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 122.

³¹⁹ «Esta imediatez mediada pelo fundamento e [pela] condição e idêntica consigo pelo superar da mediação é a *existência*.» – «Diese durch Grund und Bedingung vermittelte und durch das Aufheben der Vermittlung mit sich identische Unmittelbarkeit ist die *Existenz*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 123.

³²⁰ «Dieses Sein aber, zu dem das Wesen sich macht, ist das *wesentliche Sein*, die *Existenz*-, ein *Herausgegangensein* aus der Negativität und Innerlichkeit.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 124.

³²¹ «Assim aparece a essência.» – «So *erscheint* das Wesen.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 124.

³²² FERRER, *Lógica e Realidade em Hegel*, pp. 276, 278.

³²³ «“*Alles, was ist, existiert*”. Die Wahrheit des Seins ist, nicht ein erstes Unmittelbares, sondern das in die Unmittelbarkeit hervorgegangene Wesen zu sein.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 125.

³²⁴ «A essência existe ou *tem* existência.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 128.

³²⁵ «Der Satz also hieße: “Das Wesen ist die Existenz”». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 128.

caracteriza o ser (*Sein*) e as categorias expostas na Doutrina do Ser, mas uma imediatez que é “*mediação idêntica consigo*”, que “*tem as determinações da mediação nela [an ihr]*”³²⁶.

Em paralelo com a exposição relativa ao ser, a existência, ser-aí da essência ou ser reflectido, é do mesmo modo “unidade negativa e ser-dentro-de-si [*Insichsein*]”. Como tal, é um imediato que pela mediação, já não face a um outro, mas face a si mesmo, a essência na sua dimensão reflexiva, se relaciona consigo mesmo negativamente, determinando-se. Deste modo, segundo Hegel, a existência “determinou-se imediatamente como um *existente* e como *coisa [Ding]*”³²⁷.

A “coisa” existente corresponde, assim, na esfera da essência, ao “algo” da esfera do ser ou, como refere Hegel, mais precisamente, ao “uno do *algo*” (*das Eins des Etwas*), isto é, à unidade imediata que, na esfera do ser, como se viu, representa a passagem da determinidade interna (ou qualidade) à determinidade externa (a quantidade)³²⁸. Hegel estabelece, deste modo, um paralelo entre o lugar que a existência ocupa no interior da Doutrina da Essência, como momento da exterioridade imediata da essência, e a secção que trata da quantidade no conjunto da Doutrina do Ser, uma vez que é no âmbito da última que “o que é” é considerado, justamente, do ponto de vista da indiferenciação interna ou da determinidade que é somente exterior, como simples “um”, unidade imediatamente existente, ou existência imediatamente una, que superou a determinidade qualitativa.

Assim como no ser, conforme se viu, a quantidade é determinidade “exterior a si”, a existência é esse momento em que a essência “sai” de si mesma pondo-se “fora”, fazendo-se exterior. É neste sentido que Hegel afirma que, se a passagem do ser à essência consiste numa interiorização, num voltar-se para dentro, e esta reflexão operada permite dizer que “o ser é essência” (*Das Sein ist Wesen*), o horizonte da existência consiste no movimento inverso, numa exteriorização, por que se passa novamente a uma imediatez, mas uma imediatez que transporta em si toda a mediação que a constitui, a reflexão essencial por que é posta. Deste modo, “a essência é ser” (*Das Wesen ist Sein*) o que é o mesmo que dizer a mediação fez-se imediatez.³²⁹

Só na unidade das duas perspectivas ou movimentos inversos se expressa completamente a concepção ontológica hegeliana, na medida em que toda a imediatez remete e implica uma mediação interna, uma dimensão reflexiva como seu fundamento, por um lado, o que se manifesta na passagem da Doutrina do Ser à Doutrina da Essência, e por outro, que toda a mediação e reflexividade resulta ou produz (n)uma imediatez como sua exterioridade determinada. A existência é, justamente, o horizonte de imediatez resultante da mediação essencial, ou o ser enquanto considerado como produto da mediação que lhe é constitutiva. Esta perspectiva dialéctica

³²⁶ «Weil nun die Existenz wesentlich *die mit sich identische Vermittlung* ist, so hat sie die Bestimmungen der Vermittlung *an ihr*». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, pp. 128-129.

³²⁷ «Als die durch Aufheben sich setzende Unmittelbarkeit ist die Existenz negative Einheit und *Insichsein*; sie bestimmt sich daher unmittelbar als ein *Existierendes* und als *Ding*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 129.

³²⁸ Cf. HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 129.

³²⁹ «A doutrina do ser contém a primeira proposição “*O ser é essência*”. A segunda proposição, “*A essência é ser*”, constitui o conteúdo da primeira secção da doutrina da essência.» – «Die Lehre vom Sein enthält den ersten Satz “*Das Sein ist Wesen*”. Der zweite Satz, “*Das Wesen ist Sein*”, macht den Inhalt des ersten Abschnittes der Lehre vom Wesen aus.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 124.

contrapõe-se, portanto, às doutrinas em que ser e essência surgem como esferas separadas, como se verifica, nomeadamente, nas filosofias de matriz platónica, afirmando a essência como presente no (seio do) ser e este na (superfície da) essência. Deste modo, como refere Hegel, o ser é essência, tal como a essência é ser.

A “coisa” (*Ding*) é, então, o imediatamente “existente”³³⁰, uma imediatez já não absolutamente abstracta, mas com espessura e densidade, devido ao seu fundamento mediador. Como tal, é possível, segundo Hegel, por intermédio da “análise” (*Analyse*) distinguir os “momentos da sua mediação”, diferenciando aquilo a que Hegel se refere como “coisa-em-si” (*Ding-an-sich*) da “existência exterior”³³¹.

A coisa-em-si surge, deste modo, como o imediatamente existente, “a unidade imóvel, indeterminada” (*unbewegte, unbestimmte Einheit*) enquanto “base” (*Grundlage*) do “ser-aí inessencial” (*des unwesentlichen Daseins*), na medida em que a reflexão se encontra “fora da coisa-em-si” (*außer dem Ding-an-sich*)³³². Esta é, assim, o puro um/uno indiferenciado e “indiferente” quanto à “pluralidade” e “diversidade”, as quais não são mais, segundo Hegel, que “perspectivas” de “um outro”, ou seja, são somente para uma “reflexão exterior”³³³.

É justamente pela reflexão “exterior” à coisa-em-si como seu outro que a determinidade da própria coisa se constitui e determina como “propriedade [*Eigenschaft*] da coisa”, isto é, como determinidade negativa que corresponde à “qualidade” ou “determinidade imediata” do “algo” na esfera do ser. As propriedades da coisa são, deste modo, as “suas relações determinadas a outro”³³⁴, aquilo por que a própria coisa “passa a uma exterioridade”³³⁵.

Hegel distancia-se, por conseguinte, novamente da noção de coisa-em-si que é característica do “idealismo transcendental” que, como salienta, “transfere para a consciência toda a determinidade das coisas bem como segundo a forma como o conteúdo”³³⁶. Hegel, pelo contrário, ainda que distinga analiticamente a coisa “em-si” das suas propriedades, considera estas como determinações da coisa mesma, mesmo que “só” se evidenciem quando a própria coisa entra em relação com um “outro”.

Poder-se-ia, de certa forma, denunciar na perspectiva hegeliana que, embora pretenda demarcar-se e superar a perspectiva crítica, é ainda de certo modo refém do mesmo paradigma na

³³⁰ «A coisa e o existente são imediatamente um e o mesmo.» – «Das Ding und das Existierende ist unmittelbar eins und dasselbe.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 129.

³³¹ «den Unterschied von *Ding-an-sich* und von *äußerliche Existenz*». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 129.

³³² HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 130.

³³³ «Esta não tem qualquer multiplicidade determinada nela mesma e obtém-na por isso somente levada à reflexão exterior, mas permanece por outro lado indiferente. (A coisa-em-si só tem cor se levada diante do olho, cheiro, diante do nariz, etc.)» – «Dieses soll keine bestimmte Mannigfaltigkeit an ihm selbst haben und erhält sie deswegen erst an die *äußerliche Reflexion* gebracht, aber bleibt gleichgültig dagegen. (Das *Ding-an-sich* hat Farbe erst an das Auge gebracht, Geschmack an die Nase usw.)» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 130.

³³⁴ HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 130.

³³⁵ «a propriedade está apenas presente como um modo do relacionar[-se] a um outro». – «die Eigenschaft ist nur vorhanden als eine Weise des Verhaltens zueinander». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 133.

³³⁶ «Es geht darin in eine Äußerlichkeit über». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 134.

³³⁷ «Dem *transzendentalen Idealismus* ist diese äußerliche Reflexion das *Bewußtsein*. Indem dieses philosophische System alle Bestimmtheit der Dinge sowohl der Form als dem Inhalte nach in das Bewußtsein verlegt». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 135.

medida em que as diferentes determinações da coisa são “postas” ou reveladas por uma reflexão exterior como relação a outro que não é senão o “modo determinado” de tomar a coisa (vejam-se os exemplos que Hegel avança: o olho, o nariz, perante os quais a coisa “ganha” cor ou cheiro, o que não deixa de levantar a questão de um certo “subjectivismo” que ainda assim se manifesta).

A diferença, porém, relativamente à noção de coisa-em-si kantiana consiste em que, embora somente na sua relação com um outro, que nos exemplos hegelianos se revela ainda como sujeito perceptivo, se determina cada um dos aspectos ou dimensões da coisa como específicos de uma dada relação, estes não são o que o “sujeito” põe naquela. Isto significa, apenas, que é a relação determinada que uma coisa estabelece com o que lhe é outro que faz aparecer esta e não outra propriedade, traz à existência esta e não outra característica da coisa. Esta é, como se viu a propósito dos conceitos de ser-em-si e ser-para-outro, somente “em-si” (*an sich*) quando perspectivada fora de qualquer relação e, por conseguinte, independentemente de toda a determinação, ou enquanto algo de encerrado em si mesmo, somente interno, a abstracção completa. A sua verdadeira natureza revela-se na mediação, na relação, no desenvolvimento e exposição do que internamente a constitui mas apenas exteriormente se realiza.

Deste modo, em Hegel, as determinações da coisa-em-si não são postas *pelo* sujeito ou reflexão exterior/consciência, posição que deixaria intacta e inalterável a coisa-em-si em si mesma, mas é a própria coisa que, perante outro, “exterioriza” ou revela, põe em evidência as suas determinações. Aliás, este “outro” revela-se como sendo a própria coisa-em-si que, superando a exterioridade da reflexão – recorde-se que a reflexão exterior devém reflexão determinante e, consequentemente, constitutiva da própria mediação essencial –, “*se relaciona a si mesma como a um outro*”³³⁷. Ela não permanece, na perspectiva hegeliana, a “coisa-em-si abstracta” do idealismo subjectivo que escapa ao domínio de qualquer reflexão e, como tal, permanece em si mesma incognoscível³³⁸.

É, pois, na *relação* que Hegel coloca o momento da determinação da coisa-em-si nas suas diversas propriedades. Mais, na medida em que a coisa para além das suas propriedades nada é³³⁹ e a *condição de coisa* ou o que Hegel denomina “*coisidade*” (*Dingheit*) se revela como sendo a própria “*propriedade*”³⁴⁰, a coisa ela mesma só tem subsistência (*Bestehen*) nas suas propriedades. Como tal, estas são agora consideradas precisamente enquanto “autónomas” (*selbständige*), isto é, como “*matéria*” (*Materie, Stoff*)³⁴¹.

O “subsistir da coisa” (*das Bestehen des Dings*) consiste, portanto, no conjunto das propriedades ou matérias que constituem a coisa existente, de modo que esta não é senão “a

³³⁷ «Ding-an-sich, das sich also zu sich als zu einem Anderen verhält.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 131.

³³⁸ Cf. HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 136.

³³⁹ «A coisa sem as suas propriedades [não] permanece nada senão o ser-em-si abstracto, uma extensão inessencial e reunir exterior.» – «Dem Dinge ohne seine Eigenschaften bleibt deswegen nichts als das abstrakte Ansichsein, ein unwesentlicher Umfang und äußerliches Zusammenfassen.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, pp. 137-138.

³⁴⁰ «Com isto a coisidade passou a propriedade.» – «Damit ist die Dingheit in die Eigenschaft übergegangen.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 138.

³⁴¹ «sie ist das, was das Bestehen desselben ausmacht, eine selbständige Materie.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 139.

conexão [*Zusammenhang*] meramente [*bloß*] quantitativa das matérias livres [*freien Stoffe*]” e, por conseguinte, “o puro e simplesmente mutável” (*veränderliche*)³⁴², o “também” (*Auch*) que recebe ou perde as variadas matérias.³⁴³ O facto de a coisa não possuir em si mesma a sua autonomia e subsistência, não ser algo mais que o conjunto das suas determinações, é a razão, segundo Hegel, da sua “resolução” ou “dissolução” (*Auflösung*), reflectindo a própria natureza “inessencial” e “nula” do existente como tal³⁴⁴. A existência revela-se, assim, como sendo o que em Hegel assume a configuração categorial do *fenómeno* (*Erscheinung*).

§ 14. Fenómeno

O fenómeno é, em Hegel, a realidade “posta” pela essência que é a existência, mas, na medida em que a existência é o modo por que a essência se põe a si mesma na forma de imediatez exterior, a essência encontra-se “imediatamente presente” no fenómeno³⁴⁵. O fenómeno é, por conseguinte, a existência enquanto considerada do ponto de vista da sua essencialidade intrínseca, ou seja, “existência *reflectida*” (*reflektierte Existenz*) ou “existência *essencial*” (*wesentliche Existenz*).

À existência corresponde o momento em que o aparecer da essência é considerado do ponto de vista da sua condição meramente imediata, enquanto “desprovida-de-essência” (*wesenlos*)³⁴⁶. Mas uma vez que a verdade da existência é o seu enraizamento na mediação ou reflexão da essência que como se encontra por detrás da existência, esta é um “posto” cuja natureza compreende justamente a reflexão por que é posta³⁴⁷. Ela é, portanto, não já imediatez inessencial, irreflectida, mas fenómeno, existência que expressa a dimensão reflexiva que a constitui.

O fenómeno representa, pois, uma categoria mais completa, mais concreta, que a existência, ao encerrar em si mesmo o horizonte em que aquela consiste, assim como a mediação essencial que se encontra na base da própria imediatez existencial. É a unidade dos dois momentos anteriores que não são mais como exteriores um ao outro, mas dois aspectos de uma mesma realidade mais abrangente e profunda³⁴⁸.

³⁴² «Dieses Ding, wie es sich bestimmt hat als der bloß quantitative Zusammenhang der freien Stoffe, ist das schlechthin veränderliche.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 142.

³⁴³ Já na *Fenomenologia do Espírito* se encontra a determinação da coisa como “também” (*Auch*) ou o conjunto das suas diversas propriedades que nada mais é do que estas. Cf. G. W. F. HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, W 3, p. 95.

³⁴⁴ «a verdade da existência é, portanto, ter o seu ser-em-si na inessentialidade ou o seu subsistir num outro, e na verdade no absolutamente outro, ou a sua nulidade por sua base.» – «die Wahrheit der Existenz ist daher, ihr Ansichsein in der Unwesentlichkeit oder ihr Bestehen in einem Anderen, und zwar dem absolut Anderen, oder zu ihrer Grundlage ihre Nichtigkeit zu haben.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 144.

³⁴⁵ «O fenómeno é portanto em primeiro lugar a essência na sua existência; a essência está imediatamente nele presente.» – «Die Erscheinung ist daher zunächst das Wesen in seiner Existenz; das Wesen ist unmittelbar an ihr vorhanden.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 148.

³⁴⁶ «pois ela é a existência, como ela [é] enquanto essencial, pelo contrário, a existência [imediate] que é ainda fenómeno desprovido-de-essência.» – «denn sie ist die Existenz, wie sie als wesentliche, dahingegen die [unmittelbare] Existenz die noch wesenlose Erscheinung ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 148.

³⁴⁷ «A reflexão, por que ela é isto, pertence a ela mesma.» – «Die Reflexion, wodurch sie dies ist, gehört ihr selbst an.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 148.

³⁴⁸ «o fenómeno é a verdade mais elevada; pois ele é a existência como ela é enquanto essencial, pelo contrário a existência [imediate] é o fenómeno ainda desprovido-de-essência.» – «so ist vielmehr die Erscheinung die höhere Wahrheit; denn sie ist die Existenz, wie sie als wesentliche, dahingegen die [unmittelbare] Existenz die noch wesenlose Erscheinung ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 148.

Os dois momentos do fenómeno encontram-se, deste modo, numa unidade em que se revelam, um como “*ser-posto*”, ou seja, “como um ser-aí, mas como contingente, inessencial”, o outro como “idêntico a si”, que “permanece” ou o “essencial”³⁴⁹. A relação entre os dois momentos, ser-posto inessencial e identidade essencial, que constituem o “*conteúdo essencial* do fenómeno”, revela-se como uma unidade, uma vez que “no fenómeno cada um destes dois tem o seu subsistir no outro”³⁵⁰, isto é, a sua relação ao seu outro é constitutiva do seu próprio subsistir, de modo que “*o ser-posto de um é também o ser-posto do outro*”³⁵¹. A esta unidade no subsistir³⁵² Hegel chama “*lei do fenómeno*” (*Gesetz der Erscheinung*)³⁵³, ou “o positivo da mediação do que-aparece [*Erscheinenden*]”³⁵⁴.

Ao representar a unidade ou a verdadeira relação entre o que Hegel entende aqui por essencial e inessencial, o que permanece e o que se encontra sujeito à mudança, a lei do fenómeno não é, na perspectiva hegeliana, algo que se encontra fora do fenómeno, mas, como sua “base” (*Grundlage*), está “imediatamente presente [*gegenwärtig*] nele”³⁵⁵. A lei é, segundo Hegel, ela mesma “o fenómeno *essencial*”, ou seja, o essencial no horizonte de realidade constituído como fenómeno³⁵⁶.

Retomando as noções que na *Fenomenologia* constituem o capítulo acerca do entendimento³⁵⁷, Hegel conduz a exposição em direcção à distinção entre “mundo que-aparece” (*erscheinende Welt*) e “mundo que-é em-si” (*an sich seiende Welt*), os quais representam, respectivamente, o aspecto inessencial, mutável, e o horizonte imutável, idêntico a si mesmo, do próprio fenómeno. Uma vez que o mundo “que-é em-si” se encontra perante o mundo fenoménico ou “existente” (*existierende*), e este é também denominado “mundo sensível” (*sinnliche*), aquele surge, por sua vez, como “mundo supra-sensível” (*übersinnliche Welt*)³⁵⁸ e corresponde, segundo Hegel, ao “reino das leis”, enquanto “contém somente o conteúdo simples, imutável [desprovido de mudança, *wandellosen*], porém variado [*verschieden*], do mundo existente”³⁵⁹.

Mundo existente e mundo supra-sensível encontram-se, por conseguinte, um face ao outro como duas esferas cujo conteúdo é fundamentalmente o mesmo, embora tomado sob dois aspectos distintos: no primeiro como existência imediata, no segundo como “existência reflectida,

³⁴⁹ «Segundo o primeiro lado ele é como um ser-aí, mas como um contingente, inessencial, que segundo a sua imediatez está sujeito ao passar, surgir e desaparecer. Segundo o outro lado ele é a determinação-de-conteúdo simples retirada àquela mudança, o *permanecer* do mesmo.» – «Nach der ersten Seite ist er als ein Dasein, aber als ein zufälliges, unwesentliches, das nach seiner Unmittelbarkeit dem Übergehen, Entstehen und Vergehen unterworfen ist. Nach der andern Seite ist er die einfache, jenem Wechsel entnommene Inhaltsbestimmung, das *Bleibende* desselben.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 151.

³⁵⁰ «In der Erscheinung hat jedes dieser beiden sein Bestehen so in dem Anderen.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 151.

³⁵¹ «Das Gesetzsein des einen auch das Gesetzsein des anderen ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 151.

³⁵² «Eles constituem *um* subsistir». – «Sie machen *ein* Bestehen aus.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 151.

³⁵³ «Diese Einheit ist das *Gesetz der Erscheinung*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 152.

³⁵⁴ «Das Gesetz ist also das *Positive* der Vermittlung des Erscheinenden.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 152.

³⁵⁵ «A lei não está, portanto, para além do fenómeno, mas imediatamente *presente* nele». – «Das Gesetz ist daher nicht jenseits der Erscheinung, sondern in ihr unmittelbar *gegenwärtig*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, pp. 153-154.

³⁵⁶ «Das Gesetz ist also die *wesentliche* Erscheinung.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 154.

³⁵⁷ Cf. HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, W 3, pp. 107 e ss.

³⁵⁸ «Diese an und für sich seiende Welt heißt auch die *übersinnliche Welt*, insofern die existierende Welt als *sinnliche* [...] bestimmt wird.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 158.

³⁵⁹ «Das Reich der Gesetze enthält nur den einfachen, wandellosen, aber verschiedenen Inhalt der existierenden Welt.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 158.

essencial”³⁶⁰. Eles são, por um lado, como “totalidades” opostas uma à outra e, simultaneamente, “lados” da totalidade que é a própria existência e, por outro, na medida em que o mundo supra-sensível contém em si ou “é” a totalidade da existência³⁶¹, ele é simultaneamente o todo e a parte desse todo, enquanto perante o mundo sensível.

A verdade da dualidade que imediatamente se estabelece entre mundos sensível e supra-sensível, entre imediatez inessencial e mediação essencial é, por conseguinte, resolvida pelo facto de ambos serem como dois momentos de uma mesma unidade fundamental, a totalidade do essencialmente existente, uma vez que, segundo Hegel, “o mundo fenoménico tem no mundo essencial a sua unidade negativa”, ou ainda, o seu “fundamento que-põe [*setzende Grund*]”³⁶². Desta forma, a separação entre os dois é superada, pois o mundo existente, como ser-posto inessencial “vai ao fundo” (*zugrunde geht*) e “regressa” assim “ao seu fundamento” (*in ihren Grund zurückgeht*).

Reestabelece-se, por conseguinte, a relação-fundamental que se determinou a partir do conceito de fundamento e que consiste, precisamente, em pensar os dois movimentos implicados naquela noção: por um lado, o pôr, o fundamentar; por outro, o regresso do ser-posto ao seu fundamento, na medida em que permanece em relação com o último. Do mesmo modo, o mundo sensível, se é posto pelo mundo essencial como seu fundamento, a este regressa dada a sua condição inessencial, isto é, uma vez que o seu ser se funda na posição por parte de um outro e subsiste apenas mediante a relação a esse outro.

Ora, como refere Hegel, tal como a existência surge a partir da coincidência do fundamento consigo mesmo (pela superação da oposição entre fundado e fundamento)³⁶³, a oposição entre os dois mundos resolve-se na medida em que o mundo essencial se determina como mundo “inverso” (invertido, *verkehrte*) do mundo fenoménico. O enraizamento fundamental de um no outro e a continuidade que entre eles se estabelece³⁶⁴ configura-os como dois momentos de uma unidade, a lei do fenómeno, agora “realizada” e determinada como “relação essencial” (*wesentliches Verhältnis*), em que mundo essencial e mundo fenoménico são como um só *mundo*, como uma “totalidade ou universo” (*Totalität oder Universum*).³⁶⁵

³⁶⁰ Mais precisamente, o mundo supra-sensível contém tanto a existência e imediatez do mundo sensível, como a reflexão e essencialidade que lhe é própria, o que permite pensá-lo enquanto englobando o segundo.

«Die übersinnliche Welt hat gleichfalls Unmittelbarkeit, Existenz, aber reflektierte, wesentliche Existenz.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, pp. 158-159.

³⁶¹ «O mundo que-é em e para-si é a totalidade da existência; não há nada de outro fora dele.» – «Die an und für sich seiende Welt ist die Totalität der Existenz; es ist nichts anderes außer ihr.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 159.

³⁶² «Die erscheinende Welt hat an der wesentlichen Welt ihre negative Einheit [...]. Ferner ist die wesentliche Welt auch der setzende Grund der erscheinenden Welt.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 159.

³⁶³ «A relação-fundamental como tal é a oposição que na sua contradição foi ao fundo e a existência o fundamento coincidente *consigo mesmo*.» – «Die Grundbeziehung als solche ist der in seinem Widerspruch zugrunde gegangene Gegensatz und die Existenz der *mit sich selbst* zusammengehende Grund.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, pp. 160-161.

³⁶⁴ «cada uma *continua*-se no seu outro e é portanto nela mesma a identidade destes dois momentos.» – «jede *kontinuirt* sich in ihrer anderen und ist daher an ihr selbst die Identität dieser beiden Momente.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 162.

³⁶⁵ HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 163.

§ 15. Relação

Enquanto ligação do que surge como distinto e separado e se revela como fundado numa unidade mais profunda, formando uma totalidade, a relação essencial, como salienta Hegel, não consiste, portanto, num “terceiro” termo que se junta à essência e à existência, mas representa, justamente, a “unificação” (*Vereinigung*) destas³⁶⁶, ou seja, a relação essencial determina-se na superação da contraposição do que até então era enquanto oposto do seu outro, na “unidade da autonomia reflectida e da autonomia imediata”³⁶⁷.

O conceito de relação essencial, ou simplesmente *relação* surge, assim, como categoria que permite pensar as diversas dimensões e determinações da essência do ponto de vista da sua unidade fundamental, elevando a exposição lógica a uma nova plataforma de inteligibilidade do real. É pela sua relação essencial que imediatez e mediação, exterioridade e interioridade, existência e essência com as suas tensões e oposições, se revelam como dois aspectos de uma mesma unidade.

A relação assume, então, configurações distintas, determinando-se como 1) “relação do todo e das partes” (*Verhältnis des Ganzen und der Teilen*), 2) “relação da força e sua exteriorização” (*Verhältnis der Kraft und ihrer Äußerung*) e, finalmente, 3) “relação do exterior e interior” (*Verhältnis des Äußeren und Inneren*). Em todos os aspectos da relação verifica-se uma constitutiva inerência dos dois elementos um ao outro.

Como salienta Hegel, a relação, por exemplo, da força com a sua exteriorização não é um “transitar” (*Übergehen*), como se viu, movimento característico da esfera do ser cujas determinações eram ainda exteriores umas às outras, mas mais precisamente um “traduzir-se” ou *transpor-se* (*sich über-setzen*) da própria força na exterioridade, de modo que a sua exteriorização não é como um outro ou um diferente, mas a própria força que “permanece o que ela é” (*was sie ist*) na sua exteriorização³⁶⁸. Também no caso da relação do interior com o exterior, Hegel não deixa de afirmar que, não obstante a “oposição” que é constitutiva do que se encontra face a um outro, interior e exterior “são somente *uma* identidade” ou momentos da “*Coisa absoluta*” (*absolute Sache*)³⁶⁹.

A relação entre o que é interior e o que é exterior, embora presente de forma mais ou menos evidente ao longo das diversas categorias que constituem o domínio tanto do ser como da essência, é agora considerada na sua configuração mais própria. Assim como no caso do par conceptual mediação-imediatez se verifica a cada passo que uma pressupõe sempre a outra, ou que uma conduz inevitavelmente à outra, no caso do interior e do exterior, se se pretende fundar uma

³⁶⁶ «Das wesentliche Verhältnis ist daher zwar noch nicht das wahrhafte *Dritte* zum *Wesen* und zur *Existenz*, aber enthält bereits die bestimmte Vereinigung beider.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 164.

³⁶⁷ «Der Begriff des Verhältnisses hat sich daher zwar ergeben, Einheit der reflektierten und der unmittelbaren Selbständigkeit zu sein.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 165.

³⁶⁸ «die Bewegung der Kraft ist nicht sosehr ein *Übergehen*, als daß sie sich selbst *übersetzt* und in dieser durch sie selbst gesetzten Veränderung bleibt, was sie ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 173.

³⁶⁹ «beide sind nur *eine* Identität. - Diese Identität ist *erstens* die gediegende Einheit beider als inhaltvolle Grundlage oder die *absolute Sache*». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 180.

perspectiva que privilegie o todo, a relação, e não tanto os momentos isolados, a sua relação tem também de ser pensada à luz da unidade ou identidade dos diferentes, na *superação* (*Aufhebung*) integradora da sua oposição.

Como tal, o que é simplesmente interior é, segundo Hegel, “defeituoso” (*mangelhaft*), imperfeito, incompleto, e assim é a essência que não se põe em “relação com o seu outro, com o exterior”, que não se põe a si mesma como ser ou existência³⁷⁰. Do mesmo modo, o ser que não devém essência, a existência que não se põe como fenómeno ou existência essencial, mediada, reflectida, que não é perspectivada na sua relação como o outro de si mesma, é pura exterioridade imediata, unilateral, incompleta.

O que é somente interno como mero *em-si* (*an sich*), que não devém exterior e supera a sua condição de mera interioridade não desenvolvida, que não chega a ser “para si” (*für sich*) e não alcança a unidade do seu interior e da exterioridade dele proveniente, unidade correspondente ao que é “em e para si” (*an und für sich*) é, em Hegel, o que fica por realizar, por se concretizar. É como um abstracto dever-ser (*Sollen*) que não devém real-efectivo (*wirklich*), que não devém concreto. Como refere Hegel, “todo o real [*Real*]”, que “no seu começo” é como uma “identidade somente imediata; pois no seu começo ele ainda não contrapôs e desenvolveu os momentos, por um lado ainda não se *interiorizou* [*errinnern*] a partir da exterioridade, por outro lado ainda não se *exteriorizou* [*entäußern*] e produziu [*hervorgebringen*] a partir da interioridade pela sua actividade”, este real “é, por conseguinte, somente o interno como *determinidade* perante o exterior e somente o exterior como *determinidade* perante o interior”³⁷¹.

O real completo, desenvolvido e exposto nos seus momentos e determinações como movimento de exteriorização e, simultaneamente, interiorização, é a unidade de ser e essência, do que é exterior e do que é interior, é uma totalidade processual e dinâmica, em que os opostos não são hipostasiados e incommunicantes, mas postos em relação. A esta totalidade Hegel chama “*realidade-efectiva*” (*Wirklichkeit*).

§ 16. Realidade-efectiva: Absoluto

A realidade-efectiva é, portanto, na concepção hegeliana, a “unidade da essência e da existência”, a “verdade” da “essência”, do “fenómeno”, do “subsistir” e da “multiplicidade”³⁷², pois compreende em si todos estes momentos e o campo de relações neles implicadas como totalidade complexa e rica. Contudo, a realidade-efectiva, na medida em que encerra em si a totalidade dos

³⁷⁰ «Das Wesen, indem es nämlich als Inneres bestimmt ist, enthält es, daß es mangelhaft und nur ist als Beziehung auf sein Anderes, das Äußere». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 182.

³⁷¹ «Überhaupt ist alles Reale in seinem Anfange eine solche nur unmittelbare Identität; denn in seinem Anfange hat es die Momente noch nicht entgegengesetzt und entwickelt, einerseits aus der Äußerlichkeit sich noch nicht *erinnert*, andererseits sich aus der Innerlichkeit durch seine Tätigkeit noch nicht *entäußert* und hervorgebracht; es ist daher nur das Innere als *Bestimmtheit* gegen das Äußere und nur das Äußere als *Bestimmtheit* gegen das Innere.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 183.

³⁷² «Die Wirklichkeit ist die *Einheit des Wesens und der Existenz*; in ihr hat das *gestaltlose* Wesen und die *haltlose* Erscheinung oder das bestimmungslose Bestehen und die bestandlose Mannigfaltigkeit ihre Wahrheit.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 186.

momentos determinados, é “*em primeiro lugar*” a superação da diversidade, da multiplicidade, da determinação que caracteriza todas e cada uma daquelas, ou seja, a “identidade pura simples” (*einfache gediegene Identität*), “indeterminada” a que Hegel chama “*absoluto (Absolut)*”³⁷³.

O absoluto é, pois, a “negação de todos os predicados”, “vazio”³⁷⁴, uma totalidade indiferenciada que contém em si, na medida em que engloba todas as determinações até aqui expostas, ainda que enquanto superadas, a máxima diferença, a máxima diversidade. Deste modo, o absoluto é, simultaneamente, “a posição de todos os predicados”, constituindo, como refere Hegel, a “contradição mais formal”³⁷⁵. O absoluto não é, portanto, simplesmente a unidade indiferente, indeterminada, mas uma totalidade plena de conteúdo.

Hegel rejeita, assim, a visão do absoluto como uma entidade meramente vazia que nenhuma determinação recebe para além da sua própria condição absoluta, ainda que como tal seja considerado como fonte ou fundamento último de toda a realidade particular determinada, e que está essencialmente ligada à concepção intuitiva do saber ou “saber imediato” (*unmittelbares Wissen*) como o que constitui, contra os limites impostos pela filosofia crítica e o empirismo, circunscrevendo a possibilidade de um conhecimento verdadeiro somente ao finito, ao condicionado dado na experiência sensível, um saber com base na imediatez do intuir (*Anschauung*) e no crer (*Glauben*)³⁷⁶.

É justamente esta perspectiva que Hegel critica, nomeadamente na filosofia de Schelling, ao afirmar no “Prefácio” da *Fenomenologia do Espírito*, a propósito do tipo de conhecimento característico do que entende como sendo um “formalismo monocromático” (*einfarbiger Formalismus*)³⁷⁷, que de acordo com este “no absoluto tudo é igual”, de modo que, como refere, este absoluto não é senão como “a noite em que, como se costuma dizer, todos os gatos são pardos” (literalmente, “todas as vacas são pretas”)³⁷⁸.

Hegel pretende, portanto, fundar uma concepção do absoluto que compreenda em si mesmo a determinidade, a diferença, a diversidade e a própria contradição que implica a totalidade das determinações do real, isto é, do ser, da essência, da existência, do fenómeno. Revelam-se, assim, todas as dimensões da realidade apresentadas por Hegel nas duas primeiras partes da *Ciência da Lógica* como momentos deste absoluto. O movimento que constitui o ser, o movimento que vai do ser à essência e, por fim, o movimento mesmo da última não são mais que a “ex-posição do

³⁷³ «A identidade pura simples do absoluto é indeterminada, ou nela resolveu-se antes toda a determinidade da *essência* e da *existência* ou do *ser* em geral assim como da *reflexão*.» – «Die einfache gediegene Identität des Absoluten ist unbestimmt, oder in ihr hat sich vielmehr alle Bestimmtheit des *Wesens* und der *Existenz* oder des *Seins* überhaupt sowohl als der *Reflexion* aufgelöst.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 187.

«Diese Wirklichkeit aber ist zunächst das *Absolute* als solches». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 186.

³⁷⁴ «das Absolute selbst erscheint nur als die Negation aller Prädikate und als das Leere.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 187.

³⁷⁵ «Aber indem es ebenso sehr als die Position aller Prädikate ausgesprochen werden muß, erscheint es als der formellste Widerspruch.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 187.

³⁷⁶ Cf. HEGEL, *Enzyklopädie*, §§ 61 e ss, W 8, pp. 148 e ss..

³⁷⁷ HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, W 3, p. 21.

³⁷⁸ «Dies ein Wissen, daß im Absoluten alles gleich ist, [...] worin, wie man zu sagen pflegt, alle Kühe schwarz sind, ist die Naivität der Leere an Erkenntnis.» HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, W 3, p. 22.

absoluto” (*Auslegung des Absoluten*)³⁷⁹, isto é, “apenas um *mostrar daquilo que ele é*” (*nur ein Zeigen dessen, was es ist*)³⁸⁰.

Não se verifica aqui, como na esfera do ser, um *devir*, nem uma reflexão, como a que é característica da esfera da essência, ou mesmo “um exteriorizar-se” (*ein Sich-Äußern*), o qual implica ainda uma distinção entre interior e exterior. Apesar da ex-posição do absoluto consistir “verdadeiramente” no “movimento da esfera do *ser e da essência*”, enquanto “identidade absoluta”, constitui-se como o “superar” por parte da própria reflexão da sua reflexividade, “do seu fazer” (*Tun*)³⁸¹. O absoluto é, portanto, o resultado do movimento superado que surge como “fundamento” mesmo do que se superou, como refere Hegel, como o que “regressou ao absoluto como ao seu fundamento” (*in das Absolute als in seinen Grund zurückgegangen ist*)³⁸². A ex-posição do absoluto revela-se, desta forma, como “o seu fazer *próprio*”, de modo que o absoluto é o que se encontra no início e “*começa junto de si*” e o que se dirige para e “*chega junto de si*”³⁸³.

Ao afirmar-se, porém, que o absoluto é “identidade absoluta”, este está já a ser “determinado”, pois é “*posto pela reflexão*” como distinto da própria diversidade, ou seja, “*posto perante [contra, gegen] a contraposição e multiplicidade*”³⁸⁴. O absoluto não permanece, portanto, o “absolutamente-absoluto” (*Absolut-Absolute*), mas recebe desta forma uma “determinidade”³⁸⁵.

É mediante a matriz da perspectiva hegeliana acerca do absoluto que as categorias, espinosistas por excelência, de “atributo” (*Attribut*) e “modo” (*Modus*) são por Hegel consideradas como constituindo o processo de (auto)determinação do absoluto. Este processo, não é, pois, um determinar-se exterior, ou uma (des)multiplicação do absoluto em atributo(s) e modo(s) que deixaria intacto o absolutamente-absoluto, mas o próprio absoluto que, sob a figura destes, se determina, ou a reflexão que lhe era inicialmente “somente exterior” é, na verdade, “interior”³⁸⁶. Deste modo, é o próprio absoluto que, por ser “não a identidade abstracta, mas a identidade do ser e da essência ou a identidade do interior e exterior”, é “a forma absoluta, a qual o faz aparecer [*scheinen*] e o determina em [*zum*] atributo”³⁸⁷.

³⁷⁹ «In ihrer wahrhaften Darstellung ist diese Auslegung das bisherige Ganze der logischen Bewegung der Sphäre des *Seins und des Wesens*». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 189.

Traduzir-se-á por *ex-posição* o termo alemão *Auslegung*, que se aplica especificamente ao movimento característico do absoluto, distinguindo-se, assim, da *exposição*, *Darstellung*, que é a efectuada pela Lógica. A primeira assume uma dimensão eminentemente ontológica, e na medida em que põe em evidência os diversos aspectos da totalidade do que é realiza, de certa forma, um processo hermenêutico do absoluto, enquanto a segunda, poder-se-ia dizer, expressa uma componente essencialmente gnosiológica e metodológica.

³⁸⁰ HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 187.

³⁸¹ «In ihrer wahrhaften Darstellung ist diese Auslegung das bisherige Ganze der logischen Bewegung der Sphäre des *Seins und des Wesens*; «Sie besteht daher zunächst nur darin, ihr Tun im Absoluten aufzuheben.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 189.

³⁸² HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 189.

³⁸³ «In der Tat aber ist das Auslegen des Absoluten sein *eigenes* Tun, und das *bei sich anfängt*, wie es *bei sich ankommt*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 190.

³⁸⁴ «Das Absolute, nur als absolute Identität, ist es *bestimmt*, nämlich als *Identisches*; es ist durch die Reflexion *so gesetzt* gegen die Entgegensetzung und Mannigfaltigkeit». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 190.

³⁸⁵ «Es ist daher nicht das Absolut-Absolute, sondern das Absolute in einer Bestimmtheit». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 190.

³⁸⁶ «Oder die Reflexion ist nicht nur ihm *äußerlich*; sondern *unmittelbar* darum, weil sie ihm *äußerlich* ist, ist sie ihm *innerlich*». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 191.

³⁸⁷ «Das Absolute ist nur das Absolute, weil es nicht die abstrakte Identität, sondern die Identität des *Seins und Wesens* oder die Identität des Inneren und Äußeren ist. Es ist also selbst die absolute Form, welche es in sich *scheinen* macht und es zum *Attribut* bestimmt.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 191.

O atributo, segundo Hegel, corresponde ao absoluto que é enquanto “apenas *relativo*” (*nur relative*) ou, o que é o mesmo, que se encontra “numa *determinação-formal*” (*Formbestimmung*)³⁸⁸. Por seu lado, o modo consiste na “*exterioridade* do absoluto [...] a exterioridade *posta* enquanto exterioridade, uma mera *maneira* [*Art und Weise*], portanto, a aparência como aparência ou a *reflexão da forma em si*”³⁸⁹.

Hegel reformula, assim, um dos aspectos fundamentais do espinosismo, na medida em que, tanto segundo a *Ética* como de acordo com a *Lógica* hegeliana, o atributo é uma determinação, “essencial” na primeira, “formal” na segunda, do absoluto e o modo, justamente, um *modo* de ser, uma existência exterior que, contudo, não se encontra fora ou separada do absoluto ou, no caso de Espinosa, da “*substância absolutamente infinita*”, “*indivisível*” que é “Deus”³⁹⁰.

A progressiva determinação do absoluto ou substância única não implica, por conseguinte, um dispersar ou uma perda da unidade constitutiva dos mesmos, mas a totalidade do que é, na medida em que tem como fundamento e fundo o absoluto, encontra-se essencialmente enraizada na unidade deste. O ex-por do absoluto não é, pois, senão o *aparecer* (*Scheinen*) dele mesmo em si mesmo. Como refere Hegel, o determinar-se do absoluto não faz dele um *outro*, no sentido em que seria diferente do que “já é”³⁹¹, mas é pura “*exteriorização*” (*Äußerung*), isto é, “manifestar-se [*Manifestieren*] absoluto para si mesmo”³⁹².

§ 17. Possibilidade, Contingência, Necessidade

O que é real-efectivo é, então, segundo Hegel, “*manifestação*” (*Manifestation*), não como modificação ou transformação (*Veränderung*) do que o absoluto é enquanto *em-si* (*an sich*), mas enquanto manifestar-se de si mesmo em que “ele é *ele mesmo* na sua exterioridade e é apenas

³⁸⁸ «Das Attribut ist das nur *relative Absolute*, eine Verknüpfung, welche nichts anderes bedeutet als das Absolute in einer *Formbestimmung*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 191.

«Por atributo entendo o que o intelecto percebe da substância como constituindo a essência dela.» – «Per attributum intelligo id, quod intellectus de substantia percipit, tanquam ejusdem essentiam constituens.» SPINOZA, *Ethica*, I, def. IV, p. 37. (Tradução portuguesa: Bento de ESPINOSA, *Ética*, trad. (Parte I) Joaquim de Carvalho, Lisboa, Relógio D’Água, 1992.)

³⁸⁹ «Der Modus, die *Äußerlichkeit* des Absoluten, ist aber nicht nur dies, sondern die als *Äußerlichkeit gesetzte* Äußerlichkeit, eine bloße *Art und Weise*, somit der Schein als Schein oder die *Reflexion der Form in sich*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 193.

«Por *modo* entendo as afecções da substância, isto é, o que existe noutra coisa pela qual também é concebido.» – «Per modum intelligo substantiae affectiones, sive id, quod in alio est, per quod etiam concipitur.» SPINOZA, *Ethica*, I, def. V, p. 37.

³⁹⁰ «*Substantia absolute infinita est indivisibilis*.» SPINOZA, *Ethica*, I, prop. XIII, p. 46. Espinosa afirma ainda: «*Afora Deus, não pode ser dada nem concebida nenhuma substância*.» – «*Præter Deum nulla dari neque concipi potest substantia*.» *Ethica*, I, prop. XIV, p. 47.

«O defeito reconhecido a respeito do *conteúdo* revela-se portanto igualmente como um defeito em relação à *forma*, e mais precisamente em primeiro lugar na medida em que Espinosa coloca a substância no cume do seu sistema e define a mesma como a unidade do pensar e da extensão, sem demonstrar como chega a esta diferença e à recondução da mesma à unidade substancial.» – «Der hiermit anerkannte Mangel hinsichtlich des *Inhalts* erweist sich dann auch zugleich als ein Mangel in Beziehung auf die *Form*, und zwar zunächst insofern, als Spinoza die Substanz an die Spitze seines Systems stellt und dieselbe als die Einheit des Denkens und der Ausdehnung definiert, ohne nachzuweisen, wie er zu diesem Unterschied und zur Zurückführung desselben auf die substantielle Einheit gelangt.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 151, *Zusatz*, W 8, p. 296.

³⁹¹ «ein *Bestimmen*, aber nicht, wodurch es ein *Anderes* würde, sondern nur dessen, was es schon *ist*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 194.

³⁹² «O absoluto como este movimento que se traz a si mesmo da ex-posição, como *maneira*, que é a sua identidade absoluta consigo mesmo, é exteriorização, não de um interno, não perante um outro, mas é somente como manifestar-se absoluto para si mesmo; ele é, assim, *realidade-efectiva*.» – «Das Absolute als diese sich selbst tragende Bewegung der Auslegung, als *Art und Weise*, welche seine absolute Identität mit sich selbst ist, ist *Äußerung*, nicht eines Inneren, nicht gegen ein *Anderes*, sondern ist nur als absolutes sich für sich selbst Manifestieren; es ist so *Wirklichkeit*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, pp. 194-195.

nela”³⁹³. A realidade-efectiva é, assim, o horizonte constituído pela ex-posição do absoluto ou, como afirma Hegel, é “esta absolutidade reflectida” (*diese reflektierte Absolutheit*)³⁹⁴, em que o que se exterioriza, enquanto real-efectivo, não é senão esse real-efectivo mesmo que, como tal, é e “permanece essencial”³⁹⁵. Esta categoria expressa, assim, a densidade implicada numa realidade que compreende a totalidade de aspectos das esferas anteriores, implicando, portanto, simultaneamente, a dimensão exterior correspondente à existência, ao fenómeno, e a dimensão negativa, interior, que caracteriza a essência.³⁹⁶

A realidade-efectiva distingue-se, assim, em si mesma, não enquanto constitui entidades distintas – os atributos e os modos do absoluto não senão o próprio absoluto na sua determinação e exteriorização respectivas – mas segundo o modo, a “modalidade” (*Modalität*) por que a sua realização-efectiva se processa³⁹⁷. Desta forma, os conceitos fundamentais do capítulo que Hegel elabora sob o título “Realidade-Efectiva” são, portanto, os de *possibilidade*, *contingência* e *necessidade*.

De acordo com o texto da *Enciclopédia*, a “possibilidade” (*Möglichkeit*) corresponde à componente da realidade-efectiva que é fundamentalmente “identidade”³⁹⁸, “o essencial” (*das Wesentliche*) face à imediatez que aquela também implica³⁹⁹, ou ainda, na *Ciência da Lógica*, ao “ser-em-si” (*Ansichsein*)⁴⁰⁰, a interioridade como momento. Dada esta sua dimensão de pura “identidade-consigo” (*Identität-mit-sich*), que se opõe, assim, à concretude característica do que Hegel entende por realidade-efectiva no seu conjunto, pode-se então afirmar que “o que é real-efectivo é possível” (*was wirklich ist, ist möglich*)⁴⁰¹, ou que “tudo é possível”⁴⁰².

A habitual formulação da definição de possibilidade, de ressonâncias aristotélicas, em que se afirma que “é possível tudo o que não se contradiz”⁴⁰³, e que constitui, nomeadamente, um dos princípios fundamentais da ontologia leibniziana, é, porém, segundo Hegel, expressão da abstracção vazia que, como se viu, caracteriza a própria proposição da identidade quando tomada isoladamente. Embora suficiente para a determinação do que no sistema monadológico surge como

³⁹³ «es ist in seiner Äußerlichkeit *es selbst* und ist nur in *ihr*». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 201.

³⁹⁴ «Die *Wirklichkeit* ist als diese reflektierte Absolutheit zu nehmen.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 201.

³⁹⁵ «Die Äußerung des Wirklichen ist das Wirkliche selbst, so daß es in ihr ebenso Wesentliches bleibt und nur insofern Wesentliches ist». HEGEL, *Enzyklopädie*, § 142, W 8, p. 279.

³⁹⁶ «A *Wirklichkeit* corresponde, assim, fundamentalmente ao desenvolvimento em exterioridade positiva (“a existência”) de uma interioridade já enriquecida nas suas determinações (“a essência”). A externalização (*Äusserung*) desta unidade constitui o próprio real.» BARATA-MOURA, A «Realização da razão». *Um programa hegeliano?*, p. 113.

³⁹⁷ «Esta reflexão, enquanto se superando a si mesma nas suas determinações e em geral como o movimento que regressa em si, é somente verdadeiramente identidade absoluta, e ao mesmo tempo ela é o determinar do absoluto ou a modalidade do mesmo.» – «Diese Reflexion, als sich selbst in ihren Bestimmungen aufhebend und überhaupt als die in sich zurückkehrende Bewegung, ist erst wahrhaft absolute Identität, und zugleich ist sie das Bestimmen des Absoluten oder die Modalität desselben.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 200-201.

³⁹⁸ «Als *Identität* überhaupt ist sie zunächst die *Möglichkeit*». HEGEL, *Enzyklopädie*, § 143, W 8, p. 281.

³⁹⁹ «Die *Möglichkeit* ist das *Wesentliche* zur *Wirklichkeit*, aber so, daß sie zugleich *nur Möglichkeit* sei.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 143, W 8, p. 281.

⁴⁰⁰ «so enthält sie unmittelbar das *Ansichsein* oder die *Möglichkeit*». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 202.

⁴⁰¹ HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 202.

⁴⁰² «Weil die *Möglichkeit* zunächst gegen das Konkrete als Wirkliches die bloße Form der *Identität-mit-sich* ist, so ist die Regel für dieselbe nur, daß etwas sich in sich nicht widerspreche, und so *ist alles möglich*». HEGEL, *Enzyklopädie*, § 143, W 8, p. 282.

⁴⁰³ «Im Sinne dieser formellen *Möglichkeit* ist *alles möglich, was sich nicht widerspricht*». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 203.

Segundo a definição de Aristóteles, o que é possível é-o na medida em que a actualização da sua potência nada implique de impossível ou impotente (ἀδύνατον). Cf. ARISTÓTELES, *Metafísica*, Θ, 3, 1047a 24-26.

o conjunto dos “mundos possíveis” que têm, como tal, uma realidade apenas ideal, a mera possibilidade é, já em Leibniz, insuficiente para explicar a passagem da essência à existência actual, pois o que é “*apenas um possível*” (*nur ein Mögliches*), por definição, contém em si mesmo tanto a possibilidade de ser como de *não* ser⁴⁰⁴. Ora, na perspectiva dialéctica hegeliana, a identidade é inseparável da diferença, que se determina em oposição e esta, por sua vez, em contradição⁴⁰⁵. Deste modo, pode-se, segundo Hegel, igualmente afirmar que “*tudo* é do mesmo modo um contraditório [*Widersprechendes*] e por isso *impossível* [*Unmögliches*]”⁴⁰⁶.

A realidade-efectiva é, por outro lado, “reflexão-em-si” (*Reflexion-in-sich*), um “concreto exterior” ou “o imediato inessencial”⁴⁰⁷, também ele “um *somente* possível” (*ein nur Mögliches*). Isto é, precisamente, o que Hegel entende por “contingente” (*Zufälliges*), ou seja, a realidade-efectiva que existe exteriormente enquanto “mera possibilidade” ou “mero *acaso*”, o que poderia não ser ou ser diferentemente⁴⁰⁸. Possibilidade e constingência são, por conseguinte, “momentos” da realidade-efectiva imediatamente constituída⁴⁰⁹, respectivamente, do ponto de vista da sua interioridade essencial e enquanto ser-posto⁴¹⁰.

Como contingente, defende Hegel, o real-efectivo tem o seu fundamento fora dele, num outro⁴¹¹, que o condiciona e determina, não expressando, portanto, a verdadeira natureza do que Hegel entende ser a essência do absoluto: o que se determina autonomamente em si mesmo, o que é incondicionado porque constitutivamente (ex)posição de si mesmo. O plano do contingente é, pois, o “desenvolvimento” de uma série ou “círculo” (*Kreis*) que não é senão a “mediação” da própria “determinação da possibilidade” somente interna e da “realidade-efectiva imediata”, exterior. Isto é o que Hegel chama “*possibilidade real*” (*reale Möglichkeit*)⁴¹².

Enquanto possibilidade ainda distinta da sua actualização como realidade-efectiva, ou enquanto contingente que se insere numa série de razões suficientes em que os diferentes imediatos são mediados apenas exteriormente, a possibilidade representa “o momento da dualidade

⁴⁰⁴ Cf. ARISTÓTELES, *Metafísica*, Θ, 8, 1050b 11.

⁴⁰⁵ «Aber jedes Mannigfaltige ist in sich und gegen Anderes bestimmt und hat die Negation an ihm; überhaupt geht die gleichgültige Verschiedenheit in die Entgegensetzung über; die Entgegensetzung aber ist der Widerspruch.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 203. V. *supra*, § 9. Identidade e diferença, pp. 38-39.

⁴⁰⁶ «Daher ist alles ebensosehr ein Widersprechendes und daher Unmögliches.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 203.

Toda a potência, enquanto simples potência ou possibilidade de ser, é simultaneamente impotência, potência de não ser, ou seja, potência contrária (contraditória, ἀντιφάσεως) à primeira. O possível pode, portanto, não chegar a existir pelo simples facto de que compreende a possibilidade de não vir a ser em acto. ARISTÓTELES, *Metafísica*, Θ, 8, 1050b 8-12.

⁴⁰⁷ «Das Wirkliche aber in seinem Unterschiede von der Möglichkeit als der Reflexion-in-sich ist selbst nur das äußerliche Konkrete, das unwesentliche Unmittelbare.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 144, W 8, p. 284.

⁴⁰⁸ «In diesem Werte einer bloßen Möglichkeit ist das Wirkliche ein Zufälliges, und umgekehrt ist die Möglichkeit der bloße Zufall selbst.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 144, W 8, p. 284.

«Contingente não é apenas aquilo que, porque pode igualmente não ser, denota um estatuto ontológico frágil, de impermanência ou de rarefacção. O contingente é também, e essencialmente, aquilo que *pode ser de outra maneira*, ou seja, aquilo que pode ser transformado.» BARATA-MOURA, A «*Realização da razão*». Um programa hegeliano?, p. 122.

⁴⁰⁹ «Möglichkeit und Zufälligkeit sind die Momente der Wirklichkeit, Inneres und Äußeres, als bloße Formen gesetzt, welche die Äußerlichkeit des Wirklichen ausmachen.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 145, W 8, p. 284.

⁴¹⁰ «die Zufälligkeit als unmittelbare Wirklichkeit das mit sich Identische wesentlich ist nur als Gesetzsein.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 144, W 8, p. 287.

⁴¹¹ «Das Zufällige ist überhaupt ein solches, welches den Grund seines Seins nicht in sich selbst, sondern in anderem hat.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 145, Zusatz, W 8, pp. 284-285.

⁴¹² «Diese so entwickelte Äußerlichkeit ist ein Kreis der Bestimmungen der Möglichkeit und der unmittelbaren Wirklichkeit, die Vermittlung derselben durcheinander die reale Möglichkeit überhaupt.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 147, W 8, p. 288.

[*Zweiheit*], [da] alteridade [*Andersheit*]⁴¹³. No entanto, na medida em que se trata aqui do modo porque a realidade-efectiva como “totalidade” reflectida em si que superou as diferenças e a exterioridade, que consiste numa unidade concreta e devenida em que o exterior é simplesmente o desenvolvimento e determinação do seu interior – a Coisa que é “em e para si”⁴¹⁴ – Hegel apreende este círculo como puro “mover-se da forma” (*Sichbewegen der Form*), ou seja, pura “actividade” (*Tätigkeit, Betätigung*)⁴¹⁵.

Este é o sentido mais profundo e literal do conceito hegeliano de realidade-efectiva (*Wirklichkeit*). Os termos “actividade”, “energia” (*Energie*)⁴¹⁶, a que Hegel recorre, e que remetem para o conceito aristotélico de “*energeia*”, “acto”⁴¹⁷, referem-se, justamente, ao que se caracteriza fundamentalmente pelo seu “agir”, operar ou actuar (*wirken*) que se produz e desenrola internamente mas que devém, por isso mesmo, movimento e desenvolvimento exterior, manifestado, expressando uma realidade que é no seu íntimo dinâmica, processual⁴¹⁸. A realidade-efectiva é, por conseguinte, uma entidade concreta que ex-pôs as múltiplas dimensões que a sua natureza encerra e se completa no e pelo seu próprio agir e determinação, o que compreende também algumas ressonâncias monadológicas, nomeadamente na figura da essência como “noção completa” que é actualizada contínua e espontaneamente nos acontecimentos reais da substância simples leibniziana enquanto expressão de si e do mundo existente (reflexão)⁴¹⁹.

Ora, a totalidade da mediação que constitui a possibilidade real, e que compreende, por sua vez, os “três momentos da condição, da Coisa e da actividade” (*der Bedingung, der Sache und der Tätigkeit*)⁴²⁰, isto é, a unidade “desenvolvida” real-efectivamente do interno e do externo, a diferença superada da possibilidade e da realidade-efectiva, é o que Hegel denomina “necessidade”

⁴¹³ «Die Möglichkeit, sei es die formelle oder reale, ist als In-sich-Reflektiertsein das Moment der Zweiheit, Andersheit». Tomoyuki YAMANE, *Wirklichkeit. Interpretation eines Kapitels aus Hegels »Wissenschaft der Logik«*, Frankfurt am Main – Bern – New York, Peter Lang, 1983, p. 52.

⁴¹⁴ «Als solcher Kreis ist sie ferner die Totalität, so der *Inhalt*, die an und für sich bestimmte *Sache*, und ebenso, nach dem Unterschiede der Bestimmungen in dieser Einheit, die konkrete *Totalität der Form* für sich, das unmittelbare Sichübersetzen des Inneren ins Äußere und des Äußeren ins Innere.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 147, W 8, p. 288.

⁴¹⁵ «Dies Sichbewegen der Form ist *Tätigkeit*, Betätigung der *Sache*, als des *realen* Grundes, der sich zur *Wirklichkeit* aufhebt». HEGEL, *Enzyklopädie*, § 147, W 8, p. 288.

⁴¹⁶ HEGEL, *Enzyklopädie*, § 142, W 8, p. 279.

⁴¹⁷ «A realidade-efectiva, segundo esta interpretação, tem por fundo o conceito aristotélico “*energeia*”: *real-efectivo* é o que é o que é activo [*aktiv und tätig*].» – «Der “*Wirklichkeit*” liegt nach dieser Auffassung der Aristotelische Begriff “*energeia*” zugrunde: *wirklich* ist das, was aktiv und tätig ist». YAMANE, *Wirklichkeit. Interpretation eines Kapitels aus Hegels »Wissenschaft der Logik«*, p. 1. Como refere Hegel, «além disso é de notar que sem dúvida a realidade-efectiva constitui o princípio da filosofia aristotélica». – «Darüber ist zu bemerken, daß allerdings die *Wirklichkeit* das Prinzip der Aristotelischen Philosophie bildet». HEGEL, *Enzyklopädie*, § 142, *Zusatz*, W 8, p. 281.

⁴¹⁸ «o real-efectivo é activo [*tätig, aktiv*]; pode operar»; «A sua exterioridade não é nada mais que o que produz a partir de mesmo.» – «das Wirkliche ist tätig, aktiv; es kann wirken»; «Seine Äußerlichkeit ist nichts anderes als das, was es aus sich selbst hervorbringt.» YAMANE, *Wirklichkeit. Interpretation eines Kapitels aus Hegels »Wissenschaft der Logik«*, p. 43.

«“*Realidade-efectiva*” não é aqui nenhum [conceito] estático, mas um conceito dinâmico». – «“*Wirklichkeit*” ist hierbei kein statischer, sondern ein dynamischer Begriff». Hans BROCKARD, *Subjekt. Versuch zur Ontologie bei Hegel*, München – Salzburg, Verlag Anton Pustet, 1970, p. 128.

⁴¹⁹ «A existência é unidade imediata do ser e da reflexão, portanto *fenómeno*, vem do fundamento e vai para o fundamento. O real-efectivo é o *ser-posto* daquela unidade, a relação que deveio idêntica consigo; ele é, portanto, retirado ao *passar* e a sua exterioridade é a sua energia; ele é nela reflectido em si; o seu ser-á é apenas a *manifestação de si mesmo*, não de um outro.» – «Die *Existenz* ist unmittelbare Einheit des Seins und der Reflexion, daher *Erscheinung*, kommt aus dem Grunde und geht zu Grunde. Das Wirkliche ist das *Gesetzsein* jener Einheit, das mit sich identisch gewordene Verhältnis; es ist daher dem *Übergehen* entnommen, und seine *Äußerlichkeit* ist seine Energie; es ist in ihr in sich reflektiert; sein Dasein ist nur die *Manifestation seiner selbst*, nicht eines Anderen.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 142, W 8, pp. 279-280.

A propósito desta passagem da *Enciclopédia*, Barata-Moura afirma que «Se outras razões não houvesse, este passo bastaria para mostrar o quão profunda e maduramente Hegel deve ter pensado Aristóteles e Leibniz.» BARATA-MOURA, *A «Realização da razão». Um programa hegeliano?*, p. 114.

⁴²⁰ HEGEL, *Enzyklopädie*, § 148, *Zusatz*, W 8, p. 292.

(*Notwendigkeit*)⁴²¹. Esta não é, portanto, na perspectiva hegeliana, aquilo cujo contrário é impossível, como afirmava Aristóteles⁴²², mas a mediação, o processo por que o que é real-efectivo se determina e realiza enquanto actualização da sua possibilidade somente interna, como actuar (*wirken*) em e a partir de si mesmo⁴²³.

A necessidade não se contrapõe, portanto, à possibilidade e à contingência, constituindo uma esfera ontológica distinta destas, mas é a verdadeira natureza do que se concretiza real-efectivamente. Deste modo, segundo Hegel, “a tarefa da ciência e mais precisamente da filosofia em geral consiste em reconhecer [*erkennen*] a necessidade oculta por baixo da aparência da contingência”⁴²⁴. O absoluto, enquanto se ex-põe e manifesta exteriormente nas suas determinações essenciais, como procedimento activo que se enraiza na sua própria interioridade, não é senão agir necessário em si mesmo.

Isto não significa, contudo, defende Hegel, que se justifique a “acusação de um fatalismo cego”, pois esta necessidade não é “cega”⁴²⁵, como aquela em que a “finalidade” (*Zweck*) permanece oculta ou desconhecida⁴²⁶. A necessidade não é ainda, em Hegel, a “necessidade externa”, em que os seus momentos se encontram somente sob “a figura da *existência autónoma* uns face aos outros”, portanto, quando condição, coisa e a actividade não são apreendidas na sua unidade constitutiva como momentos de uma mesma realidade-efectiva, mas perspectivados como entidades separadas, completas e subsistentes em si mesmas⁴²⁷.

Deste modo, o “pura e simplesmente [*schlechthin*] necessário é somente porque é”. Como refere Hegel, não tem “condição nem fundamento”, pois é ele mesmo a sua própria condição e fundamento, portanto autónomo, livre⁴²⁸. Ou ainda, o seu “ser-em-si é a sua imediatez, a sua possibilidade é a sua realidade-efectiva”⁴²⁹. E o “coincidir” (*Zusammengehen*) da contingência e

⁴²¹ «Die *entwickelte* Wirklichkeit, als der in eins fallende Wechsel des Inneren und Äußeren, der Wechsel ihrer entgegengesetzten Bewegungen, die zu *einer* Bewegung vereint sind, ist die *Notwendigkeit*. Die Notwendigkeit ist zwar richtig als Einheit der Möglichkeit und Wirklichkeit definiert worden.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 147, W 8, p. 288.

⁴²² Cf. ARISTÓTELES, *Metafísica*, Δ, 12, 1019b 23.

⁴²³ «Do necessário, pelo contrário, exigimos que aquilo que ele é seja-o por si mesmo e, por conseguinte, mediado mais precisamente, porém [que] igualmente contenha em si a mediação enquanto superada.» – «Von dem Notwendigen dagegen verlangen wir, daß es das, was es ist, durch sich selbst sei und somit, vermittelt zwar, doch zugleich die Vermittlung als aufgehoben in sich enthalte.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 147, *Zusatz*, W 8, p. 289.

⁴²⁴ «Es ist ganz richtig, daß die Aufgabe der Wissenschaft und näher der Philosophie überhaupt darin besteht, die unter dem Schein der Zufälligkeit verborgene Notwendigkeit zu erkennen.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 145, *Zusatz*, W 8, p. 286.

⁴²⁵ «Cega é a necessidade na medida em que a mesma não é concebida, e não há nada mais errado do que a acusação de um fatalismo cego». – «Blind ist die Notwendigkeit nur, insofern dieselbe nicht begriffen wird, und es gibt deshalb nichts Verkehrteres als den Vorwurf eines blinden Fatalismus.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 147, *Zusatz*, W 8, p. 290.

⁴²⁶ «Costuma ser dito da necessidade que ela é *cega* e na verdade com razão, na medida em que no seu processo a *finalidade* ainda não está presente como tal *para si*. [...] Consideramos, pelo contrário, a actividade final de tal modo [que] temos aqui na finalidade um conteúdo que já é sabido de antemão, e esta actividade não é por isso cega, mas que-vê.» – «Von der Notwendigkeit pflegt gesagt zu werden, daß sie *blind* sei, und zwar insofern mit Recht, als in ihrem Prozeß der *Zweck* noch nicht als solcher *für sich* vorhanden ist. [...] Betrachten wir dagegen die zweckmäßige Tätigkeit, so haben wir hier am *Zweck* einen Inhalt, der schon vorher gewußt wird, und diese Tätigkeit ist deshalb nicht blind, sondern sehend.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 147, *Zusatz*, W 8, p. 290.

⁴²⁷ «Insofern diese drei Momente die Gestalt *selbständiger Existenz* gegeneinander haben, ist dieser Prozeß als die *äußere* Notwendigkeit.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 148, W 8, p. 293.

⁴²⁸ Toda esta secção dedicada à modalidade, em que se mostra como a possibilidade funda a necessidade e esta não é senão o modo acabado do que devém real-efectivamente, e que faz da liberdade, não algo contrário, mas que pressupõe e devém a partir da necessidade, constitui o modo próprio como Hegel trata o tema Necessidade-Liberdade. Para a questão da Liberdade v. *infra*, § 21. Realidade-efectiva, pp. 72-74, e ainda II Parte, § 20. Conceito, pp. 75-77.

⁴²⁹ «Como reflexão ele tem fundamento e condição, mas tem[-se] apenas a si por fundamento e condição.» – «Das schlechthin Notwendige *ist* nur, weil es ist; es hat sonst keine Bedingung noch Grund. [...] Als Reflexion hat es Grund und Bedingung, aber es hat nur sich zum Grunde und Bedingung. Es ist Ansichsein, aber sein Ansichsein ist seine Unmittelbarkeit, seine Möglichkeit ist seine Wirklichkeit.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 215.

necessidade, assim como da “exterioridade” com a “interioridade”, o ser e a imediatez com a essência ou reflexão, o real-efectivo com o possível, constitui o que Hegel entende como “*identidade do ser consigo mesmo* na sua negação”, isto é, a “*substância*” (*Substanz*)⁴³⁰, “o *absoluto*, o que é real-efectivo em e para si”⁴³¹, a “*essência real*” que “*entrou na realidade-efectiva*”⁴³².

§ 18. Substância e causalidade

A substância surge, na exposição hegeliana, inserida numa categoria mais vasta que é a da relação, já não como “relação essencial” (*wesentliche Verhältnis*), característica da esfera do fenómeno enquanto exteriorização de uma essencialidade interna, mas como “relação absoluta” (*absolute Verhältnis*). A passagem das categorias modais à noção de relação, na esfera da realidade-efectiva deve-se ao facto de Hegel conceber, precisamente, a necessidade como esta relação que, enquanto “processo desenvolvido”, se “supera até à identidade absoluta” que é um real-efectivo concreto⁴³³.

Esta relação consiste, assim, em primeiro lugar, na relação que se estabelece entre “*substância*” e “*acidentes*” (*Akzidenzen*), ou “relação da substancialidade” (*Verhältnis der Substantialität*)⁴³⁴. Na perspectiva hegeliana, à semelhança do que se viu a propósito da coisa-em-si e suas propriedades, o aparecer da substância não é senão a “*acidentalidade*” (*Akzidentalität*) ou “*actuosidade*” (*Aktuosität*) da substância que em e a partir dela mesma “surge” (*hervorgehen*) nesse ser-posto que são os seus acidentes⁴³⁵.

Hegel considera, desta forma, que não se verifica uma “*diferença real*” (*realer Unterschied*) entre substância e acidentes, como se a primeira fosse como um substrato imóvel, suporte dos diferentes acidentes, mas afirma, na esteira de Leibniz, que a substância é como uma “*totalidade*” que “*compreende em si a acidentalidade*” e, por sua vez, a “*acidentalidade é toda a substância ela-mesma*”, portanto, ela nada é para além ou fora dos seus acidentes⁴³⁶. A substância representa, assim, simplesmente o lado da “*identidade simples do ser*”, da “*negatividade absoluta*” ou

⁴³⁰ «Diese Identität des Seins in seiner Negation mit sich selbst, [so] ist sie nun Substanz.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 217.

⁴³¹ «Die Substanz ist das Absolute, das an und für sich seiende Wirkliche.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 246.

⁴³² «Näher ist die Substanz schon das reale Wesen oder das Wesen, insofern es mit dem Sein vereinigt und in Wirklichkeit getreten ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, pp. 245-246.

⁴³³ «Das Notwendige ist in sich absolute Verhältnis, d. i. der [...] entwickelte Prozeß, in welchem das Verhältnis sich ebenso zur absoluten Identität aufhebt.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 150, W 8, p. 294.

⁴³⁴ «Esta relação no seu conceito imediato é a relação da substância e dos acidentes». – «Dies Verhältnis in seinem unmittelbaren Begriff ist das Verhältnis der Substanz und der Akzidenzen.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 218.

⁴³⁵ «Diese Bewegung der Akzidentalität ist die Aktuosität der Substanz als ruhiges Hervorgehen ihrer selbst.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 220.

⁴³⁶ «Die Substanz als diese Identität des Scheinens ist die Totalität des Ganzen und begreift die Akzidentalität in sich, und die Akzidentalität ist die ganze Substanz selbst.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 220.

Leibniz recorre às expressões “*ser completo*” (*estre complet*) e “*noção completa*” (*notion complete*), salientando, precisamente, que enquanto totalidade, a “*substância individual*” (*substance individuelle*) contém em si todos os seus “*predicados ou acontecimentos*” (*predicats ou evenemens*) e que a sua existência consiste, precisamente, no actualizar dos mesmos como sucessão ou série de estados que lhe são próprios. Cf. LEIBNIZ, *Discours de metaphysique*, VIII, XIV, PS IV, pp. 433, 440.

“potência absoluta” (poder absoluto, *absolute Macht*)⁴³⁷ e os acidentes os diversos momentos que constituem o seu determinar-se, o “conteúdo” (*Inhalt*) inseparável da sua “actividade formal” (*Formtätigkeit*)⁴³⁸. A substância é, portanto “o mediador” (*das Vermittelnde*), o “negativo” por que os acidentes são postos, constituindo estes a aparência da própria substância ou a sua “figura” (*Gestalt*)⁴³⁹. Deste modo, a substância não se põe a si mesma “como substância” (*als Substanz*) mas, justamente, enquanto “acidentalidade” que é substância “em-si” (*an sich*)⁴⁴⁰.

Enquanto *potência*, a substância põe os acidentes como suas “determinações”⁴⁴¹ e relaciona-se com estas como sua “causa” (*Ursache*), e estas àquela como seu “efeito” (*Wirkung*). A relação substancial constitui-se, assim, em “relação de causalidade” (*Kausalitätsverhältnis*), a qual se distingue em “relação de causalidade formal” e “relação de causalidade determinada”.

A primeira representa, naturalmente, a simples relação entre uma qualquer causa e o seu efeito, constituindo-se estes, respectivamente, como “o originário” (*das Ursprüngliche*) “não posto” (*nicht gesetztes*) e “ser-posto” ou “realidade-efectiva” que é “posta enquanto determinidade”⁴⁴². A substância tem, deste modo, realidade-efectiva na medida em que é causa da positividade que são os seus acidentes e, como tal, enquanto “se determina a si mesma” (*causa sui*)⁴⁴³. Por conseguinte, a substância real-efectiva, que compreende em si a necessidade absoluta enquanto identidade consigo mesma e coincidência da sua possibilidade e realidade-efectiva é, como causa, ela “mesma movente” (o-que-move, *selbst bewegend*), ou seja, o “que-começa a partir de si” (*aus sich anfangend*)⁴⁴⁴. Como refere Hegel, a causa “tem que [*muß*] agir [actuar, *wirken*]”, e a sua necessidade constitutiva determina, simultaneamente, como “necessário” o seu efeito⁴⁴⁵.

Como relação puramente formal, o “efeito não contém, portanto, em geral nada que a causa não contenha” e “inversamente”⁴⁴⁶. Causa e efeito distinguem-se somente pelo facto de a primeira produzir o segundo. A diferença entre ambos é, pois, aqui estritamente “formal”, na medida em que se verifica uma “identidade” de conteúdo. Contudo, esta “identidade” de causa e efeito representa, segundo Hegel, um “superar” (*Aufheben*) da dimensão constitutiva da causa como tal, ou seja, o momento da negatividade e da potência que distingue o efeito do agir por que o mesmo é posto. Assim, esta superação da “diferença-formal” é, segundo Hegel, “a unidade indiferente” que é o

⁴³⁷ «Die Substanz ist hiermit die Totalität der Akzidenzen, in denen sie sich als deren absolute Negativität, d. i. als *absolute Macht*». HEGEL, *Enzyklopädie*, § 151, W 8, p. 294.

⁴³⁸ HEGEL, *Enzyklopädie*, § 151, W 8, pp. 294-295.

⁴³⁹ «so hat die Substanz nur die Akzidentalität zu ihrer Gestalt oder Gesetzsein». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 222.

⁴⁴⁰ «a accidentalidade, que é *em-si* substância, é justamente por isso também *posta* como tal». – «die Akzidentalität, die *an sich* Substanz ist, ist eben darum auch *gesetzt* als solche». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 222.

⁴⁴¹ «A substância é potência e reflectida em si, que não passa meramente, mas potência que-põe as determinações e que se diferencia de si.» – «Die Substanz ist Macht und *in sich reflektierte*, nicht bloß übergehende, sondern die *Bestimmungen* setzende und *von sich unterscheidende Macht*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 222.

⁴⁴² HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 223.

⁴⁴³ HEGEL, *Enzyklopädie*, § 153, W 8, p. 298.

⁴⁴⁴ «Nur als diese Notwendigkeit ist die Ursache selbst bewegend, aus sich anfangend». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 224.

⁴⁴⁵ «O efeito é portanto *necessário* porque ele é precisamente manifestação da causa ou é a necessidade que é a causa.» – «Die Wirkung ist daher *notwendig*, weil sie eben Manifestation der Ursache oder diese Notwendigkeit ist, welche die Ursache ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 224.

⁴⁴⁶ «Die Wirkung enthält daher überhaupt nichts, was nicht die Ursache enthält. Umgekehrt enthält die Ursache nichts, was nicht in ihrer Wirkung ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 224.

“conteúdo”⁴⁴⁷. E na medida em que este se distingue da causalidade e é um conteúdo “determinado” constitui-se como “*substância real-efectiva*” “*finita*”⁴⁴⁸.

A relação causal passa agora, portanto, a ser considerada enquanto “*relação de causalidade na sua realidade [Realität] e finitude*”, em que o conteúdo é um “conteúdo dado” (*gegebenen Inhalt*) e resultado do “espalhar-se” (*verlaufen*) e diferenciar-se “exterior” que é o agir da substância⁴⁴⁹. E na medida em que o conteúdo não é mais que este exteriorizar-se, o manifestar do que a substância, como potência, é desde logo em-si, esta causalidade é, segundo Hegel, “uma proposição *analítica*” (*ein analytischer Satz*), isto é, “pela *identidade do conteúdo*” é “*a mesma Coisa [Sache]* que se expõe [*darstellt*] uma vez como causa, outra vez como efeito”⁴⁵⁰. A relação de causalidade como tal representa, portanto, uma “tautologia” (*Tautologie*).

Deste modo, Hegel afirma que a “causalidade não tem por isso aqui mais nenhum *substrato* [*Substrat*], em que ela *inerisse [inhärierte]* [...], mas [é] ela mesma substância”⁴⁵¹. Como relação causal, a substância distingue-se agora em substância ou causalidade “activa” (*wirkende*), “*actividade substancial*” (*substantielle Tätigkeit*), e “substância passiva” (*passive Substanz*), a qual é como “*substrato*” que a causalidade “pressupôs” (*vorausgesetzt*)⁴⁵². Mas este substrato não é, por conseguinte, senão ele mesmo também substância (passiva) que se encontra “perante” a substância activa ou causa⁴⁵³.

O “pôr” (*setzen*) da substância que age compreende, pois, simultaneamente um “pressupor” da substância que “sofre” (padece, *leidet*) ou é sujeita ao “poder” ou “violência” (*Gewalt*)⁴⁵⁴ da primeira. Mas, neste agir tanto uma como outra sofrem uma alteração, são ambas mediadas e modificadas na sua dimensão imediata⁴⁵⁵, no caso do substrato que, pela influência da substância activa é “*posto como o que ela [substância passiva] é na verdade*”, isto é, como “um *ser-posto*” (*Gesetztsein*)⁴⁵⁶, bem como no facto de que a substância activa somente se efectiva no agir sobre o seu próprio ser-posto. Como refere Hegel, “a causa tem [...] a sua realidade-efectiva substancial

⁴⁴⁷ «A *identidade* consigo da causa no seu efeito é o superar da sua potência e negatividade, portanto a unidade indiferente face à diferença-formal, o *conteúdo*.» – «Die *Identität* der Ursache in ihrer Wirkung mit sich ist das Aufheben ihrer Macht und Negativität, daher die gegen die Formunterschiede gleichgültige Einheit, der *Inhalt*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 225.

⁴⁴⁸ «O conteúdo, uma vez que o ser-reflectido é aqui também realidade-efectiva imediata, é nessa medida a *substância real-efectiva*, mas *finita*.» – «Der *Inhalt*, da das Reflektiertsein hier auch unmittelbare Wirklichkeit ist, ist insofern *wirkliche*, aber die *endliche Substanz*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 225.

⁴⁴⁹ «Als *endliche Kausalität* hingegen hat es einen *gegebenen Inhalt* und verläuft sich als ein äußerlicher Unterschied an diesem *Identischen*, das in seinen Bestimmungen eine und dieselbe Substanz ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 225.

⁴⁵⁰ «Durch diese *Identität des Inhalts* ist diese Kausalität ein *analytischer Satz*. Es ist *dieselbe Sache*, welche sich das eine Mal als Ursache, das andere Mal als Wirkung darstellt.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 226.

⁴⁵¹ «Die Kausalität hat deswegen hier kein *Substrat* mehr, dem sie *inhärierte*, [...] sondern selbst die Substanz, oder das Ursprüngliche ist nur die Kausalität.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 234.

⁴⁵² HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, pp. 233-234.

⁴⁵³ «Perante a substância passiva encontra-se, como negativo que se refere a si mesmo, a substância *activa*.» – «Der passiven steht die als negativ sich auf sich beziehende, die *wirkende Substanz* gegenüber.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 234.

⁴⁵⁴ «Insofern *leidet* sie *Gewalt*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 235.

“Violence” na tradução francesa. HEGEL, *Science de la Logique. Premier tome – la Logique objective. Deuxième livre. La doctrine de l'Essence*, p. 250.

⁴⁵⁵ «O que ela perde é aquela *imediatez*.» – «Was sie *verliert*, ist jene *Unmittelbarkeit*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 235.

⁴⁵⁶ «Die *passive Substanz* wird durch die *Gewalt* nur *gesetzt* als das, was sie *in Wahrheit ist*, [...] eben darum nur ein *Gesetztes* zu sein.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 235.

apenas no seu efeito” e “na medida em que este é superado, assim a sua substancialidade causal [*ursächliche Substantialität*] é superada”⁴⁵⁷.

A relação de causalidade revela-se, portanto, uma relação de “acção e reacção” (efeito e contra-efeito, *Wirkung und Gegenwirkung*), por que tanto substância activa ou causa, como substância passiva ou efeito são superados como tal e mediados um pelo outro. E o conceito de relação causal dá, por conseguinte, origem à noção de “acção-recíproca” (*Wechselwirkung*)⁴⁵⁸.

§ 19. Realidade-efectiva

A causalidade, tal como foi exposta enquanto relação “operante” (*wirkend*) entre substâncias, representa ainda, segundo Hegel, uma “exterioridade” (*Außerlichkeit*) que é característica do “mecanismo” (*Mechanismus*).⁴⁵⁹ Na “acção recíproca” esta dimensão é, então, “superada”, uma vez que as substâncias se determinam e “condicionam” (*sich bedingen*) “mutuamente” (*gegenseitige*), sendo “cada uma perante a outra *ao mesmo tempo substância activa e ao mesmo tempo substância passiva*”⁴⁶⁰.

A “diferença” (exterior) que na relação de causalidade causa e efeito compreendem é, assim, resolvida. Isto significa que o “agir” é, constitutivamente, também “sofrer” e inversamente, o que patenteia, novamente, a perspectiva dialéctica hegeliana em que o determinado contém em si mesmo a determinação contrária, oposta, em que todo o positivo compreende ainda a sua negação e o seu outro.

Como superar da diferença e da exterioridade constitutivas da causalidade, a acção recíproca representa, desta forma, um “regresso” (*Zurückkehrung*) da causalidade à unidade que é “o seu conceito absoluto” (*ihrem absoluten Begriffe*)⁴⁶¹. Ela constitui, portanto, o desenvolver e completar da “necessidade” como “*identidade absoluta consigo*”, na medida em que consiste na “manifestação” desta mesma necessidade, inicialmente apenas “*identidade interna*” (*innere Identität*). Nesta identidade, porque a causalidade não é senão acção recíproca ou a substância simultaneamente activa e passiva, a necessidade “elevou-se à liberdade” (*zur Freiheit erhoben ist*)⁴⁶².

⁴⁵⁷ «Die Ursache hat aber ihre substantielle Wirklichkeit nur in ihrer Wirkung; indem diese aufgehoben wird, so wird ihre ursächliche Substantialität aufgehoben.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 236.

⁴⁵⁸ Com os três momentos da relação Hegel incorpora na sua Lógica as categorias que em Kant constituem a «terceira espécie» (*dritte Art*), «as categorias da relação» (*Relation, Verhältnis*). (Cf. HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 345) São estas, segundo a exposição kantiana: «*Inerência e subsistência (substantia et accidens)*» – «*Inhärenz und Subsistenz (substantia et accidens)*», «*Causalidade e dependência (causa e efeito)*» – «*Causalität und Dependenz (Ursache und Wirkung)*», «*Comunidade (acção recíproca entre o agente e o paciente)*» – «*Gemeinschaft (Wechselwirkung zwischen dem Handelnden und Leidenden)*». KANT, *Kritik der reinen Vernunft*, A 80 / B 106.

⁴⁵⁹ HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 237. V. *infra*, II Parte, § 27. Mecanismo, pp. 96-99.

⁴⁶⁰ «jede ist gegen die andere zugleich aktive und zugleich passive Substanz.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 238.

⁴⁶¹ HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 238.

⁴⁶² «Die Notwendigkeit ist auf diese Weise die *innere Identität*; die Kausalität ist die Manifestation derselben, worin ihr Schein des *substantiellen Andersseins* sich aufgehoben hat und die Notwendigkeit zur *Freiheit* erhoben ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 239.

Neste manifestar-se da necessidade que é, segundo Hegel, ao mesmo tempo um “elevar-se” à liberdade, tanto necessidade como causalidade “desaparecem” (*verschwinden*), não absolutamente, mas enquanto a “identidade ainda *interna é manifestada*”, justamente, enquanto liberdade. Esta não é, portanto, na perspectiva hegeliana, senão a manifestação e, por conseguinte, a superação da interioridade que constitui a necessidade⁴⁶³, como substância que é causa do seu determinar-se.

Também a contingência, na medida em que é um dos aspectos da necessidade ainda não desenvolvida, “*devém*” (*wird*) liberdade, e as “realidades-efectivas para si livres, não aparentes [*scheinender*] umas nas outras” são superadas na sua indiferença e exterioridade e postas na unidade em que consiste a realidade-efectiva⁴⁶⁴. Como refere Hegel, a “substância absoluta, como forma absoluta que se diferencia de si, não se repele [*stoß ab*], portanto, mais de si como necessidade, nem se despedaça [*fällt auseinander*] enquanto contingência em substâncias indiferentes, exteriores a si”, mas é como “*totalidade*” que se “*diferencia*” e que “*contém em si mesma o seu ser-posto e é posto aí como idêntico consigo*”, ou seja, enquanto livre⁴⁶⁵.

Na liberdade, entendida como esta identidade da substância absoluta consigo mesma na sua manifestação, na coincidência do que é interior e o que é exterior ou ser-posto, a essência alcança a sua completude. A liberdade é, então, a unidade da reflexão essencial e da exterioridade imediata que é posta pela primeira enquanto aspectos da totalidade do que é. É a ex-posição (*Auslegung*) do absoluto, da substância que se manifesta a partir de si mesma e a si regressa, se põe como realidade-efectiva, como realidade que não é apenas imediatez, existência, fenómeno, mas ainda reflexão, mediação, negação.

A realidade-efectiva é, portanto, a realidade que se constitui como processo, implica relação, unidade e multiplicidade, identidade e diferença, alteridade, contradição, superação. Ela é o horizonte em que a substância ou o absoluto, a totalidade do que é, se põe enquanto realidade desenvolvida, complexa, que compreende em si a simples realidade imediata determinada (*Realität*), assim como o processo e o desenvolvimento, a mediação que constitui todo o imediato.

A realidade-efectiva distingue-se, assim, fundamentalmente da mera *realidade* (*Realität*) que, como se viu, consiste num momento do ser determinado e, como tal, é em si mesma um imediato e abstracto, constituindo a primeira um plano de inteligibilidade mais abrangente e profundo ao perspectivar o que é como realidade desenvolvida, isto é, como resultado de um processo de concretização e realização dos diversos elementos ou aspectos que a compõem.

⁴⁶³ «a liberdade tem a necessidade por sua pressuposição e contém em si a mesma enquanto superada». – «die Freiheit hat die Notwendigkeit zu ihrer Voraussetzung und enthält dieselbe als aufgehoben in sich». HEGEL, *Enzyklopädie*, § 158, *Zusatz*, W 8, p. 303.

⁴⁶⁴ «Umgekehrt wird zugleich die *Zufälligkeit* zur *Freiheit*, indem die Seiten der Notwendigkeit, welche die Gestalt für sich freier, nicht ineinander scheinender Wirklichkeiten haben, nunmehr *gesetzt sind als Identität*». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, pp. 239-240.

⁴⁶⁵ «Die absolute Substanz, als absolute Form sich von sich unterscheidend, stößt sich daher nicht mehr als Notwendigkeit von sich ab, noch fällt sie als *Zufälligkeit* in gleichgültige, sich äußerliche Substanzen auseinander, sondern *unterscheidet sich einerseits* in die Totalität, welche [...] das sein *Gesetzsein* in sich selbst enthält und als *identisch darin mit sich gesetzt ist*». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 240.

A realidade-efectiva representa, desta forma, a totalidade devenida, dialéctica que, na ontologia hegeliana, é o que *é* verdadeiramente. Cada realidade (*Realität*), cada momento do que é, pressupõe e compreende em si mesmo todo um processo por que é constituído, é um fundado, um posto, um mediado. A sua verdadeira realidade, a sua essência, é a sua realidade-efectiva (*Wirklichkeit*).

Hegel procura, assim, no conceito de *Wirklichkeit*, pensar *o que é* como *um* todo, como uma unidade *processual* de momentos determinados em que tudo está ligado e relacionado, não exteriormente, não através de e num “outro”, mas em e a partir de si mesmo. O que é-efectivamente é o seu próprio desenvolvimento e ex-posição. E a necessidade e a causalidade inerente ao processo do que se manifesta em e para si mesmo resolvem-se e revelam-se como agir do que é, ou seja, como *liberdade*.

Na liberdade completa-se, assim, a esfera da essência e o âmbito da lógica objectiva, uma vez que a diferença ou separação entre ser e essência, o imediato e o mediato, o exterior e o interior, é verdadeiramente superada. O real foi exposto nos seus diversos aspectos e dimensões, ora como exterioridade imediata (*Ser*), ora como interioridade reflexiva (*Essência*) que funda esta mesma exterioridade, e as categorias que constituem e configuram aquilo que é não são senão os múltiplos pontos de vista e características do próprio real, considerado na sua inerente complexidade e densidade.

A perspectiva ontológica de Hegel não fica, porém, por aqui. Pelo contrário, esta unidade fundamental do absoluto que até agora se expôs como ser e como essência, tem ainda de ser pensada do ponto de vista dessa mesma identidade.

§ 20. Conceito

A existência representa, no interior da esfera da essência, o restabelecer do ser, da imediatez, mas enquanto imediatez posta pela reflexão essencial, como fenómeno. A realidade-efectiva é a unidade de essência e existência, de interior e exterior, é “essência real” ou substância. Mas esta unidade não é ainda a identidade desenvolvida, ex-posta, “sendo em e para si mesma” (*an und für sich seiende Identität*) como “causa de si mesma” (*Ursache ihrer selbst*)¹. A substância e a causalidade que a constitui são ainda, segundo Hegel, o domínio da necessidade interna que, como tal, não se pôs a si mesma como “livre”.

A substância deve, por conseguinte, pelo seu “movimento dialéctico” que vai da “causalidade” à “acção recíproca”, dar origem a uma identidade em que ser e essência, imediatez e reflexão, se encontrem como “momentos do seu devir” e “expostos” enquanto tal². Embora consista já numa unidade em que a essência se põe como ser, a substância representa ainda o ponto de vista da essência, da reflexão, e é somente “em-si” (*an sich*) o que a nova unidade constitui “enquanto manifestado”. Esta unidade é, em Hegel, o conceito (*Begriff*)³.

O conceito surge, assim, “como o terceiro por relação ao ser e [à] essência”, enquanto “identidade em que eles desapareceram [*untergegangen*] e estão contidos”⁴. Como tal, o conceito é, segundo Hegel, “base” (*Grundlage*) e “verdade” daqueles, por um lado, e, simultaneamente, o seu “resultado” (*Resultat*), uma vez que constitui a unidade a que ser e essência “regressam” e em que “estão” enquanto momentos. Deste modo, ser e essência são, assim, a “exposição [*Exposition*] genética do conceito” e este a unidade ex-posta daqueles⁵.

Como unidade que superou a diferença entre ser e essência, o conceito surge como “negação da negação”, ou seja, como “ser restabelecido [*wiederhergestelltes Sein*], mas enquanto a mediação e negatividade infinita do mesmo em si mesmo”⁶. O conceito consiste, por conseguinte, no “ser-em-e-para-si” (*Anundfürsichsein*) que “deveio” (*geworden ist*) através da “relação-substancial” (*Substantialitätsverhältnis*)⁷.

Como tal, o conceito não é, em Hegel, “uma mera forma do pensar” (*eine bloße Form des Denkens*) ou uma “representação” (*Vorstellung*) desprovida de conteúdo, “algo morto [*Totes*],

¹ HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 251.

² «Sein und Wesen sind insofern die Momente seines Werdens». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 245.

³ «O conceito tem, portanto, a substância por sua pressuposição imediata, ela é *em-si* o que ele é enquanto *manifestado*.» – «Der Begriff hat daher die Substanz zu seiner unmittelbaren Voraussetzung, sie ist das *an sich*, was er als *Manifestiert* es ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 246.

⁴ «Der Begriff ist von dieser Seite zunächst überhaupt als das Dritte zum Sein und Wesen [...] in welcher sie untergegangen und enthalten sind.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 245.

⁵ «Die objektive Logik, welche das Sein und Wesen betrachtet, macht daher eigentlich die genetische Exposition des Begriffes aus.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 245.

⁶ «der Begriff ist die zweite oder die Negation dieser Negation, also das wiederhergestellte Sein, aber als die unendliche Vermittlung und Negativität desselben in sich selbst.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 269.

⁷ HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 270.

vazio [*Leeres*] e abstracto [*Abstraktes*]", mas "o princípio de toda a vida [*alles Lebens*] e portanto simultaneamente o puro e simplesmente concreto [*das schlechthin Konkrete*]"⁸. O conceito compreende em si "toda a riqueza" (*den ganzen Reichtum*) das "esferas" do ser e da essência⁹, é uma totalidade plena de conteúdo.

O conceito reúne, por conseguinte, tanto a dimensão de exterioridade e imediatez característica do ser, como a reflexão e interioridade que constitui a essência. No entanto, tanto uma como outra são parte do conceito na medida em que foram enquanto tal superadas, isto é, como esferas distintas e separadas, encontrando-se agora numa unidade mediada, ou "unidade ideal" (*ideelle Einheit*), em que "devir" e "reflexão", o movimento processual que rege, respectivamente, o domínio do ser e da essência, dão lugar ao "desenvolvimento" (*Entwicklung*)¹⁰ do conceito em e a partir de si mesmo. O conceito é aquilo que se desenvolve desde o seu ser "em-si" (*an sich*), do seu ser potencial até ao ser que é real-efectivamente e devém "para si" (*für sich*)¹¹. O conceito é, assim, essencialmente autodeterminação, o que o constitui como "*poder substancial que é para si*" ou "*totalidade*" "*livre*"¹².

O conceito inaugura, deste modo, o que Hegel denomina como "reino da liberdade" (*Reich der Freiheit*), em que a "necessidade da substância é [...] como superada ou como *ser-posto*"¹³. Como refere Hegel, a "*verdade da necessidade é, pois, a liberdade, e a verdade da substância é o conceito*"¹⁴. A esfera do conceito surge, assim, como superação do necessitarismo que Hegel associa às concepções fundadas na noção de substância e na relação substancial como mera causalidade, constituindo o que Hegel defende ser "o ponto de vista mais elevado" (*der höchste Standpunkt*), relativamente ao "ponto de vista da substância" (*Standpunkt der Substanz*)¹⁵.

Este último é, naturalmente, por excelência o "*sistema de Espinosa*"¹⁶, que não só "se coloca" (*stellt*) como "permanece" (*stehenbleibt*) neste "*ponto de vista necessário*" (*notwendiger Standpunkt*) mas, para Hegel, incompleto. O facto de Espinosa constituir todo um sistema fundado

⁸ «In der Tat verhält es sich indes gerade umgekehrt und ist der Begriff vielmehr das Prinzip alles Lebens und damit zugleich das schlechthin Konkrete.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 160, *Zusatz*, W 8, p. 307.

⁹ «Gleichwohl ist der Begriff, wie vorher bemerkt wurde, zugleich das schlechthin Konkrete, und zwar insofern, als derselbe das Sein und das Wesen und damit den ganzen Reichtum dieser beiden Sphären in ideeller Einheit in sich enthält.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 160, *Zusatz*, W 8, p. 308.

¹⁰ «O progredir do conceito não é mais transitar a, nem aparecer, em outro, mas *desenvolvimento*, em que o diferente é posto ao mesmo tempo como o idêntico com um outro e com o todo, a determinidade enquanto um ser livre do conceito total.» – «Das Fortgehen des Begriffs ist nicht mehr Übergehen noch Scheinen in Anderes, sondern *Entwicklung*, indem das Unterschiedene unmittelbar zugleich als das Identische mit einander und mit dem Ganzen gesetzt, die Bestimmtheit als ein freies Sein des ganzen Begriffes ist.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 161, W 8, p. 308.

¹¹ «Para apreender o que desenvolver é, têm de se diferenciar dois – por assim dizer – estados. O primeiro é o que é conhecido como disposição, faculdade, o ser-em-si, como eu lhe chamo (*potentia*, δύναμις). A segunda determinação é o ser-para-si, a realidade-efectiva (*actus*, ἐνέργεια).» – «Um zu fassen, was Entwickeln ist, müssen zweierlei – sozusagen – Zustände unterschieden werden. Der eine ist das, was als Anlage, Vermögen, das Ansichsein, wie ich es nenne (*potentia*, δύναμις), bekannt ist. Die zweite Bestimmung ist das Fürsichsein, die Wirklichkeit (*actus*, ἐνέργεια).» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 18, p. 39.

¹² «O conceito é o que é livre, é o poder substancial que é para si, e é totalidade». – «Der Begriff ist das *Freie*, als die *für sie seiende substantielle Macht*, und ist *Totalität*». HEGEL, *Enzyklopädie*, § 160, W 8, p. 307.

¹³ «Er ist das Freie, weil die *an und für sich seiende Identität*, welche die Notwendigkeit der Substanz ausmacht, zugleich als aufgehoben oder als *Gesetzsein*». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 251.

¹⁴ «Diese Wahrheit der Notwendigkeit ist somit die *Freiheit*, und die Wahrheit der Substanz ist der *Begriff*». HEGEL, *Enzyklopädie*, § 158, W 8, p. 303.

¹⁵ HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 249.

¹⁶ «die Philosophie, welche sich auf den Standpunkt der Substanz stellt und darauf stehenbleibt, das *System des Spinoza* ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 249.

na “*unidade da substância*” (*Einheit der Substanz*), representa, segundo Hegel, “apenas a *necessidade interna*” que não se eleva à verdadeira liberdade.

Não obstante a afirmação hegeliana “espinosismo ou nenhuma filosofia”¹⁷, – afirmação que revela a importância da filosofia de Espinosa, não só no quadro de uma História da Filosofia, mas sobretudo enquanto perspectiva ontológica que pensa a totalidade da realidade-efectiva a partir da sua unidade fundamental, constituindo-se como um monismo e, portanto, como sistema que “superou” o “dualismo” cartesiano¹⁸ – o “*espinosismo é uma filosofia imperfeita*” (deficiente, *mangelhafte*)¹⁹. A substância espinosista é, segundo Hegel, entendida somente enquanto determinação “universal” (*allgemeine*), “abstracta” (*abstrakte*)²⁰, não compreendendo em si mesma a determinidade concreta que, em Hegel, pressupõe a singularidade. A determinação que em Espinosa é constitutivamente negação, um dos méritos que Hegel reconhece na sua filosofia, e por que *atributos e modos* se fundam, em nada alteram a unidade simples e abstracta da substância que, por conseguinte, não chega às determinações da “subjectividade, individualidade e personalidade”²¹, isto é, a substância “não se medeia consigo mesma”, não compreende em si mesma a negatividade que, segundo Hegel, enquanto relação de uma entidade consigo mesma, constitui a subjectividade²².

Pelo contrário, o “ponto de vista do conceito” (*Standpunkt des Begriffs*) que constitui, segundo Hegel, o ponto de vista “do idealismo absoluto” (*des absoluten Idealismus*)²³, representa a “verdadeira refutação do espinosismo” (*wahrhafte Widerlegung des Spinozismus*) e, na perspectiva hegeliana, a constituição de uma ontologia fundada, não na noção de substância, como a metafísica tradicional, mas na de “sujeito” (*Subjekt*)²⁴.

§ 21. Sujeito

Pensar “o verdadeiro não como *substância*, mas igualmente como *sujeito*”²⁵ é, pois, o que caracteriza a posição hegeliana. Este é, precisamente, um dos traços distintivos do quadro

¹⁷ «Espinosa é o ponto-central da filosofia moderna: ou espinosismo ou nenhuma filosofia.» – «Spinoza ist Hauptpunkt der modernen Philosophie: entweder Spinozismus oder keine Philosophie.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, pp. 163-164.

¹⁸ «O dualismo que está presente no sistema cartesiano, Benedikt Spinoza superou completamente, – enquanto um Judeu.» – «Den Dualismus, der im Cartesischen System vorhanden ist, hob Benedikt Spinoza vollends auf, – als ein Jude.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 157.

¹⁹ «Der Spinozismus ist darin eine mangelhafte Philosophie.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 195.

²⁰ HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 166.

²¹ «Das Prinzip der Subjektivität, Individualität, Persönlichkeit findet sich dann nicht im Spinozismus, weil die Negation nur so einseitig aufgefaßt wurde.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 164.

²² «Mas em Espinosa a substância e a sua unidade absoluta tem a forma de imóvel, i. e., unidade que não se mediatiza consigo mesma, de uma rigidez em que o conceito da unidade negativa do mesmo, da subjectividade, não se encontra ainda.» – «Aber bei Spinoza hat die Substanz und deren absolute Einheit die Form von unbewegter, d. i. nicht sich mit sich selbst vermittelnder Einheit, von einer Starrheit, worin der Begriff der negativen Einheit des Selbst, die Subjektivität, sich noch nicht findet.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 291.

²³ «Der Standpunkt des Begriffs ist überhaupt der des absoluten Idealismus.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 160, *Zusatz*, W 8, p. 307.

²⁴ HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 251.

²⁵ «Segundo a minha perspectiva, que apenas se deve justificar através da exposição do sistema mesmo, tudo depende de apreender e exprimir o verdadeiro não como *substância*, mas igualmente como *sujeito*.» – «Es kommt nach meiner Einsicht, welche sich nur durch

ontológico desenvolvido por Hegel, defendendo Dieter Henrich que representa mesmo o “princípio fundamental do sistema de Hegel” (*der Grundsatz von Hegels System*)²⁶.

O sujeito é, então, na perspectiva hegeliana, a substância que, enquanto “real-efectiva”, compreende em si “o movimento do pôr-se a si mesma [*Sichselbstsetzen*] ou a mediação do tornar-se outra [*Sichanderswerden*] consigo mesma”²⁷. Como tal, o sujeito caracteriza-se essencialmente pela autonomia ou independência face a um outro, é autodeterminação, auto-constituição ou “auto-realização”²⁸, o que, segundo Hegel, implica necessariamente a negação enquanto relativa a si mesmo, enquanto diferenciação e separação a partir da sua unidade originária, ou seja, a “substância enquanto sujeito é a pura *negatividade simples*” ou “cisão [*Entzweiung*] do simples”²⁹. O sujeito é, por conseguinte, actividade (*Tätigkeit*) e negatividade (*Negativität*) como processo de se diferenciar e devir outro em e por si mesmo.

A auto-posição do sujeito é um tema tipicamente idealista e especialmente desenvolvido por Fichte, para quem o Eu ou “inteligência” (*Intelligenz*), mais que um “facto” (*Thatsache*), é um acto ou “fazer” originário (*Thun, Thathandlung*) por que a consciência (*Bewusstseyn*) em geral se constitui e em que a consciência determinada se funda³⁰. É a partir deste acto primordial da consciência que o Eu constitui um Não-Eu (*Nich-Ich*) e se medeia com este. Ele é, portanto, o acto de diferenciar em e a partir de si mesmo o seu outro³¹ e com este se unir na “*síntese de ambos*” (*Synthesis beider*)³². O sujeito autoconsciente é, deste modo, essencialmente activo.

Encontra-se desde logo em Leibniz uma dimensão de espontaneidade como característica fundamental das substâncias simples ou mónadas, por que estas se determinam em e a partir de si mesmas. Como tal, mais que substâncias, as mónadas são, em sentido hegeliano, verdadeiramente sujeitos, porque princípio do seu movimento interno. Neste sentido, a filosofia leibniziana constitui, na perspectiva de Hegel, “a individualidade em princípio” fundamental, o que representa já, naturalmente, uma superação da mera substancialidade espinosista³³.

die Darstellung des Systems selbst rechtfertigen muß, alles darauf an, das Wahre nicht als *Substanz*, sondern ebenso sehr als *Subjekt* aufzufassen und auszudrücken.» HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, W 3, pp. 22-3.

²⁶ Dieter HENRICH, “Hegels Logik der Reflexion. Neue Fassung” in Dieter Henrich (ed.), *Die Wissenschaft der Logik und die Logik der Reflexion*, Bonn, Bouvier Verlag Herbert Grundmann, 1978, pp. 203-324, p. 204

²⁷ «A substância viva é, além disso, o ser, o qual em verdade é *sujeito* ou, o que significa o mesmo, o qual em verdade é real-efectivo, apenas enquanto ela é o movimento do pôr-se a si mesma ou a mediação do devir-outra consigo mesma.» – «Die lebendige Substanz ist ferner das Sein, welches in Wahrheit *Subjekt* oder, was dasselbe heißt, welches in Wahrheit wirklich ist, nur insofern sie die Bewegung des Sichselbstsetzens oder die Vermittlung des Sichanderswerdens mit sich selbst ist.» HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, W 3, p. 23.

²⁸ «E assim diz a sua frase, de que a substância é simultaneamente sujeito, que a realidade-efectiva singular sobretudo a consciência não é outra coisa que o processo da sua auto-realização.» – «Und so sagt sein Satz, daß die Substanz zugleich Subjekt sei, daß die singuläre Wirklichkeit über allem Bewußtsein nicht anderes ist als der Prozeß ihrer Selbstrealisierung.» HENRICH, “Hegels Logik der Reflexion. Neue Fassung”, p. 207.

²⁹ «Sie ist als Subjekt die reine *einfache Negativität*, eben dadurch die Entzweiung des Einfachen.» HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, W 3, p. 23.

³⁰ «A inteligência é para o idealismo um *fazer*, e absolutamente mais nada.» «Die Intelligenz ist dem Idealismus ein *Thun*, und absolut nichts weiter». J. G. FICHTE, *Erste Einleitung in die Wissenschaftslehre, Werke*, vol. I, ed. Immanuel Hermann Fichte, reprod. Berlin, Walter de Gruyter, 1971, p. 440.

³¹ «es ist dies an ihm selbst Sich-Unterscheiden Entgegengesetzter». HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 389.

³² «A estas junta-se ainda uma *terceira* proposição, na qual eu faço agora esta repartição em Eu e não-Eu, que é a *síntese de ambos*, a proposição do *fundamento*.» – «Zu diesen kommt noch ein *dritter* Satz, in welchem ich jetzt diese Verteilung in Ich und Nicht-Ich mache, die *Synthesis beider*, der Staz des *Grundes*.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 397.

³³ «Em Leibniz veremos o contraposto, a individualidade feita princípio, de modo que o sistema espinosista é, assim, exteriormente integrado por Leibniz.» – «Bei Leibniz werden wir das Entgegengesetzte, die Individualität zum Prinzip gemacht sehen, so daß das

Outro traço característico do conceito de mónada que, de acordo com Carmo Ferreira, “no decurso de toda a sua obra, Hegel adopta”, consiste no “uso leibniziano do conceito de individualidade como «unidade na multiplicidade»”³⁴, enquanto substância simples que expressa ou representa no interior de si mesma a totalidade do mundo existente. Ora, na medida em que o indivíduo ou o sujeito é, em Hegel, um concreto, é necessariamente a unidade de múltiplas e diversas determinações, é uma complexidade que se desenvolve, à maneira leibniziana, em e a partir de si mesma no processo que é a sua própria realização interna e se reflecte exteriormente³⁵.

Também Kant considera a “espontaneidade” como característica fundamental do “*eu penso*”, isto é, da “unidade originariamente sintética da apercepção” que representa, na filosofia crítica, o fundamento ou condição de possibilidade de toda a representação e conhecimento, assumindo um papel crucial no seu idealismo transcendental. “Eu penso” é, pois, a expressão kantiana para a autoconsciência que é, como tal, “unidade *transcendental*” ou “*apercepção originária*”, como “identidade do sujeito”³⁶.

Precisamente, segundo Hegel, “pertence às visões [*Einsichten*] mais profundas e mais correctas, que se encontram na Crítica da razão, que a *unidade*, que constitui a *essência do conceito*, é reconhecida como a unidade *originariamente-sintética* da *apercepção* [*Apperzeption*], como unidade do «*eu penso*» ou da autoconsciência”³⁷. Apesar da crítica que Hegel dirige à perspectiva kantiana, nomeadamente nas considerações relativas ao estatuto da dialéctica da razão e ao permanente dualismo entre fenómeno e coisa-em-si, Hegel não deixa de salientar que “esta síntese originária da apercepção é um dos princípios mais profundos para o desenvolvimento especulativo”³⁸.

A importância da unidade originariamente sintética da apercepção e da “dedução transcendental” kantianas no quadro da concepção hegeliana de sujeito é a razão por que Pippin justifica a sua leitura “não-metafísica” da “filosofia especulativa” hegeliana de acordo com o que

Spinozistische System so äußerlich integriert ist durch Leibniz.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 167.

³⁴ Manuel J. CARMO FERREIRA, “A questão da individualidade em Hegel” in *Biblos*, Vol. LXII, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1986, pp. 189-210, p. 194.

³⁵ «Les changemens naturels des Monades viennent d'un *principe interne*, puisqu'une cause externe ne sauroit influer dans son interior.» LEIBNIZ, *Monadologie*, 11, PS VI, p. 608.

³⁶ «Portanto, todo o diverso da intuição possui uma relação necessária ao *eu penso*, no mesmo sujeito em que esse diverso é encontrado. Esta representação, porém, é um acto da *espontaneidade*, i. e., não pode ser considerada como pertencente à sensibilidade. Designo-a *apercepção pura*, para a distinguir da *empírica* ou ainda o de *apercepção originária*, porque é aquela autoconsciência que, enquanto produz a representação *eu penso*, que tem de poder acompanhar todas as outras, e que é uma e a mesma em toda a consciência, não pode ser acompanhada por nenhuma outra. Chamo também à unidade da mesma a unidade *transcendental* da autoconsciência, para designar a possibilidade do conhecimento *a priori* a partir dela.» – «Also hat alles Mannigfaltige der Anschauung eine nothwendige Beziehung auf das: Ich denke, in demselben Subject, darin dieses Mannigfaltige angetroffen wird. Diese Vorstellung aber ist ein Actus der Spontaneität, d. i. sie kann nicht als zur Sinnlichkeit gehörig angesehen werden. Ich nenne sie die *reine Apperzeption*, um sie von der *empirischen* zu unterscheiden, aber auch die *ursprüngliche Apperzeption*, weil sie dasjenige Selbstbewußtsein ist, was, in dem es die Vorstellung: Ich denke, hervorbringt, die alle andere muß begleiten können und in allem Bewußtsein ein und dasselbe ist, von keiner weiter begleitet werden kann. Ich nenne auch die Einheit derselben die transscendentale Einheit des Selbstbewußtseins, um die Möglichkeit der Erkenntniß *a priori* aus ihr zu bezeichnen.» KANT, *Kritik der reinen Vernunft*, B 132.

³⁷ «Es gehört zu den tiefsten und richtigsten Einsichten, die sich in der Kritik der Vernunft finden, daß die *Einheit*, die das *Wesen des Begriffs* ausmacht, als die *ursprünglich-synthetische* Einheit der *Apperzeption*, als Einheit des »*Ich denke*« oder des Selbstbewußtseins erkannt wird.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 254.

³⁸ «Diese ursprüngliche Synthesis der Apperzeption ist eines der tiefsten Prinzipien für die spekulative Entwicklung.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 260.

considera ser um “sentido muito mais específico de idealismo”³⁹. Na medida em que, justamente, a categoria central da Lógica hegeliana não é a categoria metafísica de substância mas a noção idealista (kantiana) de sujeito, segundo Pippin, Hegel “rejeitou completamente qualquer noção do metafisicamente real para além, ou por detrás, ou ‘mais real’ do que pode ser compreendido na ‘experiência do espírito de si mesmo’”⁴⁰. Deste modo, a filosofia hegeliana é, na perspectiva de Pippin, essencialmente, uma extensão, um desenvolvimento ou “aprofundar” do “idealismo crítico kantiano”⁴¹.

Ora, o sujeito é, em Hegel, conceito, como se viu, unidade de ser e essência que se desenvolve em e a partir de si mesmo. É espontaneidade ou pura actividade na esteira das filosofias idealistas de Leibniz, Kant ou Fichte⁴², mas uma actividade que é *negatividade* (relação negativa consigo mesmo), na medida em que o processo da sua determinação provém pura e simplesmente do movimento dialéctico por que supera uma dada determinação e se configura numa outra que, na perspectiva de Hegel, não é senão a negação da anterior.⁴³

Assim se explica a identificação da “Lógica subjectiva” com a “Doutrina do Conceito” e funda, sugere Henrich, uma “continuidade” entre a ontologia e uma teoria do conhecimento, uma vez que representa a superação e, por conseguinte, a incorporação da Lógica objectiva correspondente à ontologia tradicional⁴⁴. Poder-se-ia acrescentar que esta continuidade se revela, na verdade, numa inseparabilidade ou indistinção entre ambas, uma vez que o ponto de partida (e de chegada) é a comensurabilidade de ser e pensar e a *Ciência da Lógica* a exposição dos modos por que o ser se deixa pensar e o pensar ganha ser. A Lógica subjectiva ou Doutrina do conceito não é senão uma investigação do modo como o que é (*das, was ist*) se constitui como sujeito do seu

³⁹ «But I have a much more specific sense of idealism in mind, although again it is a sense that appears initially unhelpful. Simply put, I propose to take Hegel at his word when he tells us, in an early work, that it was the argument of Kant’s Transcendental Deduction that first came close to and made possible the speculative identity theory he ultimately created». PIPPIN, *Hegel’s Idealism. The Satisfaction of Self-Consciousness*, p. 6.

⁴⁰ «Such an enterprise is to be distinguished from traditional speculation, metaphysics, since the latter treats the objects of thought, including mind itself, as substances, indeed as substances beyond or transcending finite particulars, whereas Hegelian science, often called “speculation” or even “speculative philosophy”, has succeeded in thinking of traditional substance “as subject”, and by doing so has completely rejected any notion of the metaphysically real beyond, or behind, or “more real” than what can be understood in “Spirit’s experience of itself,” or, now, by “thought’s examination of itself.”» PIPPIN, *Hegel’s Idealism. The Satisfaction of Self-Consciousness*, p. 175.

⁴¹ «I shall claim that these and many other references to Kant’s critical idealism are indispensable for a proper understanding of Hegel’s position, and that they point to the basic Kantian issue that clarifies the important ways in which Hegel’s position extends and deepens Kantian antiempiricist, antinaturalist, antirationalist strategies.» PIPPIN, *Hegel’s Idealism. The Satisfaction of Self-Consciousness*, p. 6.

⁴² «‘Sujeito’ não é de tomar apenas por auto-referência que-sabe, mas – conforme [a] tradição kantiana – como um *agir*, como uma actividade, em que e por que se produz [a] auto-referência que-sabe.» – «‘Subjekt’ ist nicht nur durch wissenden Selbstbezug, sondern – gemäß Kantischer Tradition – als ein *Tun*, als eine Aktivität zu fassen, in der und durch die sich wissender Selbstbezug herstellt.» HENRICH, “Hegels Logik der Reflexion. Neue Fassung”, p. 206.

⁴³ «Com efeito, adentrando-se pelo novo modelo em que se insere, Hegel avança para a compreensão de que o constitutivo da “substância” é, não a sua singularidade *ôntica*, discreta, atomizada, mas a sua condição de “sujeito”, e de que, por conseguinte, na unidade fluente em que consiste, ela tem que corresponder a uma estrutura dinâmica que não prescinde de acomodar no seu âmbito a *alteridade* devenida – de que “negação”, “contradição”, “transformação”, se apresentam, deste modo, e desde logo, como figuras a atender e a incorporar.» BARATA-MOURA, *Estudos sobre a ontologia de Hegel. Ser, Verdade, Contradição*, pp. 52-53.

É neste sentido que, segundo Dieter Henrich, a noção de sujeito hegeliana se encontra mais perto da perspectiva fichteano do que da kantiana: «Es ist offenkundig, daß Hegel sich in dieser Auffassung von ‘Subjekt’ nicht mehr an Kants Definition des Subjekts aus dem aktiven Selbstverhältnis, sondern an Fichtes Theorie von diesem Selbstverhältnis als einer sich durch Gegensätze entwickelnden Selbstbestimmung orientiert.» HENRICH, “Hegels Logik der Reflexion. Neue Fassung”, p. 210.

Também Engelhard defende que «a negatividade auto-referida é uma marca essencial do conceito em Hegel.» – «Meine These ist, dass die selbstbezügliche Negativität ein essentielles Merkmal des Begriffs bei Hegel ist.» ENGELHARD, “Das Problem des Widerspruchs in Hegels System”, p. 216.

⁴⁴ «eine Kontinuität zwischen den metaphysischen und den erkenntnistheoretischen Implikationen». HENRICH, “Hegels Logik der Reflexion. Neue Fassung”, p. 205.

próprio desenvolvimento enquanto existência “livre”, ou seja, uma existência fundada no seu próprio agir.

O conceito constitui, assim, o domínio da subjectividade, enquanto realidade que se refere a si mesma como pura liberdade. É “*Eu [Ich]* ou a pura autoconsciência [*Selbstbewußtsein*]”⁴⁵. Não é, por conseguinte, um qualquer conceito determinado, mas “o conceito puro ele mesmo, que como conceito veio até ao *ser-aí* [*zum Dasein gekommen ist*]” como “*Eu*”⁴⁶, “pura relação a si mesmo”⁴⁷.

A perspectiva hegeliana continua, portanto, as concepções de Kant e de Fichte relativamente à natureza do sujeito, em especial na sua dimensão fundamentalmente activa como auto-referência ou pura espontaneidade. Em Hegel, porém, o sujeito não é, como na filosofia transcendental, ou idealismo subjectivo, o sujeito cognoscente ou moralmente agente, sujeito individual, mas é perspectivado como o que, através da negatividade que é a sua relação consigo mesmo, devém real, põe-se a si mesmo na exterioridade que é a manifestação da sua essência. O sujeito hegeliano é, como a substância única espinosista, o absoluto (o Espírito, *Geist*) que se realiza autonomamente em e por si mesmo e a que Hegel chama conceito.

§ 22. Conceito: Universal, Particular e Singular

A “Doutrina do Conceito” constitui, portanto, a esfera do que é em e para si e como tal se ex-põe, desenvolve, manifesta nas suas diversas determinações processuais. E a identificação hegeliana do conceito ao sujeito é determinante na configuração das múltiplas dimensões e aspectos do real que a última esfera da Lógica tem por objecto.

Enquanto unidade que superou tanto as determinações anteriores (do ser e da essência) como a sua mediação, o conceito é “em primeiro lugar” “*apenas um interno*”, “um *imediato*”, apenas “*em-si a verdade*”⁴⁸. Deste modo, o conceito é imediatamente “*conceito determinado*” ou “a esfera do mero *entendimento*”⁴⁹. Como tal, o conceito não alcançou ainda o “*ser-aí adequado à sua natureza*” (*seiner Natur noch nicht angemessenes Dasein*), que é ser livremente realidade absoluta como pura relação consigo mesma⁵⁰.

Este primeiro momento ou figura do conceito é o que Hegel apresenta como a esfera da “*subjectividade* ou o *conceito formal*”, ou seja, o “ponto de vista segundo o qual o conceito é um

⁴⁵ «O conceito, na medida em que ele atingiu uma tal *existência*, que é ela mesma livre, não é nada mais que *Eu* ou a pura autoconsciência.» – «Der Begriff, insofern er zu einer solchen *Existenz* gediehen ist, welche selbst frei ist, ist nichts anderes als *Ich* oder das reine Selbstbewußtsein.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 253.

⁴⁶ «Ich ist der reine Begriff selbst, der als Begriff zum *Dasein* gekommen ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 253.

⁴⁷ «Ich aber, abstrakt als solches, ist die reine Beziehung auf sich selbst.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 20, W 8, p. 74.

⁴⁸ «Zuerst ist also der Begriff nur *an sich* die Wahrheit; weil er nur ein *Inneres* ist, so ist er ebenso sehr nur ein *Äußeres*. Er ist zuerst überhaupt ein *Unmittelbares*». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 270.

⁴⁹ «Er erscheint als der *bestimmte Begriff*, als die Sphäre des bloßen *Verstandes*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 270.

⁵⁰ HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 270.

pensar subjectivo, uma reflexão exterior à Coisa”⁵¹. Neste caso, o conceito pode ser perspectivado como “algo *abstracto*” (*etwas Abstraktes*), uma vez que “o seu elemento é o pensar em geral e não o sensível empiricamente concreto” (*das empirisch konkrete Sinnliche*)⁵². É “ainda *formal*” ou somente “subjectivo”, mas esta subjectividade interna, abstracta que o conceito assume quando é separado do seu conteúdo sensível, real, é, na concepção hegeliana, um momento da totalidade que é o conceito, tal como Hegel o entende, mas um momento que, justamente por ser apenas momento é forçosamente superado na sua parcialidade e unilateralidade, na sua dimensão abstracta e formal. O verdadeiro conceito, em Hegel, é aquele que, enquanto *sujeito*, enquanto substância que é princípio e motor do seu próprio desenvolvimento e (auto)determinação, constitui uma totalidade repleta de realidade, ou seja, é “o puro e simplesmente concreto”⁵³.

É enquanto “conceito subjectivo” (*subjektiver Begriff*)⁵⁴ que o conceito, permanecendo na sua interioridade formal, a que Hegel se refere como “conceito como tal” (*als solche*)⁵⁵, se distingue, em primeiro lugar, nos seus “três momentos: *universalidade* [*Allgemeinheit*], *particularidade* [*Besonderheit*], e *singularidade* [*Einzelheit*]”⁵⁶. Estes não implicam ainda uma saída do conceito em direcção a uma realização exterior, mas constituem um “determinar-se” interno ao conceito ele mesmo.

O conceito é, então, enquanto “conceito puro” ou “universal” (*reiner oder allgemeiner Begriff*). É o “absolutamente infinito, incondicionado e livre”, “*absoluta identidade consigo*”⁵⁷. Esta identidade não é, porém, uma identidade vazia, abstracta, mas contém em si, por um lado, como “negatividade em geral”, a “particularidade” e, por outro, como “negação da negação ele é *determinidade absoluta* ou *singularidade* e *concreção* [*Konkretion*]”⁵⁸. E “enquanto absoluta negatividade que se refere a si mesma”, por que o universal se diferencia e determina em particular e singular, o conceito é, segundo Hegel, “*poder criador*” (*schöpferische Macht*)⁵⁹.

O universal surge, portanto, como “relação simples a si mesmo”, ou seja, “é apenas *em si*” (*in sich*) e, simultaneamente, “*mediação absoluta*”⁶⁰, uma vez que compreende em si mesmo a negação dessa sua “absoluta identidade”. Deste modo, o universal constitui-se como o que, na sua

⁵¹ «Die Gestalt des unmittelbaren Begriffes macht den Standpunkt aus, nach welchem der Begriff ein subjektives Denken, eine der Sache äußerliche Reflexion ist. Diese Stufe macht daher die Subjektivität oder den formellen Begriff aus.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, pp. 270-271.

⁵² «Man hört nichts gewöhnlicher sagen, als daß der Begriff etwas Abstraktes ist. Dies ist teils insofern richtig, als das Denken überhaupt und nicht das empirisch konkrete Sinnliche sein Element, teils als er noch nicht die Idee ist. HEGEL, *Enzyklopädie*, § 164, W 8, p. 314.

⁵³ «Der Begriff ist das schlechthin Konkrete». HEGEL, *Enzyklopädie*, § 164, W 8, p. 313.

⁵⁴ É este o título da primeira secção da Doutrina do Conceito na *Enciclopédia*, em vez de “Subjectividade”, como se encontra na *Ciência da Lógica*.

⁵⁵ Cf. HEGEL, *Enzyklopädie*, § 163, W 8, p. 311.

⁵⁶ «Dieser allgemeine Begriff, der nun hier zu betrachten ist, enthält die drei Momente: *Allgemeinheit*, *Besonderheit* und *Einzelheit*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 273.

⁵⁷ «Der reine Begriff ist das absolut Unendliche, Unbedingte und Freie»; «Der Begriff ist daher zuerst so die absolute Identität mit sich». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 274.

⁵⁸ «Als Negativität überhaupt oder nach der ersten, unmittelbaren Negation hat es die Bestimmtheit überhaupt als *Besonderheit* an ihm; als *Zweites*, als Negation der Negation ist es *absolute Bestimmtheit* oder *Einzelheit* und *Konkretion*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 277.

⁵⁹ «es ist schöpferische Macht als die absolute Negativität, die sich auf sich selbst bezieht.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 279.

⁶⁰ «Es ist daher *erstens* die einfache Beziehung auf sich selbst; es ist nur *in sich*. Aber diese Identität ist *zweitens* in sich absolute *Vermittlung*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 275.

determinação e consequente diferenciação em particular e singular, “*permanece*” “o que é” (*bleibt es darin, was es ist*), “*continua-se*” (*kontiniert sich*) no “*devir*” (*Werden*) que lhe é próprio⁶¹. O conceito é “mediação” que “reside nele mesmo” (*in ihm selbst*), é “o mediado por si e consigo mesmo” (*das durch sich und mit sich selbst Vermittelt*)⁶².

O universal é, assim, segundo Hegel, “a alma do concreto” (*die Seele des Konkreten*)⁶³, isto é, o que mantém ligado o que em si mesmo se diferencia, o que é simultaneamente identidade e diferença. É neste sentido que Hegel associa ao universal as noções de “poder livre” (*freie Macht*), “amor livre” (*freie Liebe*) e “bem-aventurança sem limites” (*schrakenlose Seligkeit*), na medida em que compreende em si mesmo a “diferença”, mas esta é enquanto relação e na unidade do conceito consigo mesmo⁶⁴.

Universalidade, particularidade e singularidade são, por conseguinte, momentos do conceito “como tal”. O universal é “a totalidade do conceito”, ou seja, um “concreto”, cujo conteúdo “próprio e imanente” (*eigen und immanent*) se constitui pelo “determinar-se livremente” do próprio conceito⁶⁵. Hegel demarca-se, desta forma, da perspectiva “habitual” (*gewöhnlich*) em que o conceito é mera “universalidade abstracta” (*abstrakte Allgemeinheit*)⁶⁶, ou seja, aquilo que, na sua perspectiva, não é senão mero “fantasma” ou “sombra” (*Schemen und Schatten*)⁶⁷.

A particularidade representa, por sua vez, a “determinidade” (*Bestimmtheit*) característica do conceito, na medida em que este, como conceito “particular”, “determinado”, “é posto como diferente face a outros” conceitos determinados⁶⁸. Esta determinidade não é, no entanto, aquela em que o determinado surge como “outro”, como sucede na esfera do ser, mas como perante “si mesmo”⁶⁹.

É neste sentido que Hegel afirma que o “particular contém a universalidade”⁷⁰, não está fora desta, mas é o próprio conceito que “se determina e diferencia” e, enquanto determinado, “está negativamente dirigido à sua unidade” que é o universal⁷¹. O particular é, por conseguinte, um “relativamente universal” (*relativ Allgemeines*), um universal determinado, que como tal é “essencialmente ainda universal”⁷².

⁶¹ HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 276.

⁶² HEGEL, *Enzyklopädie*, § 163, *Zusatz 2*, W 8, p. 313.

⁶³ HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 276.

⁶⁴ «Wie es die freie Macht genannt worden, so könnte es auch die *freie Liebe* und *schrakenlose Seligkeit* genannt werden, denn es ist ein Verhalten seiner zu dem *Unterschiedenen* nur als *zu sich selbst*». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 277.

⁶⁵ «Es *bestimmt sich frei*». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 279.

⁶⁶ «Wenn von Begriff gesprochen wird, so ist es gewöhnlich nur die abstrakte Allgemeinheit». HEGEL, *Enzyklopädie*, § 163, *Zusatz 1*, W 8, p. 311.

⁶⁷ «Dies ist die Weise, wie der Verstand den Begriff auffaßt, und das Gefühl hat Recht, wenn es solche Begriffe für hohl und leer, für bloße Schemen und Schatten erklärt.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 163, *Zusatz 1*, W 8, p. 312.

V. *infra*, § 23. Abstracção, pp. 85-87.

⁶⁸ «Zweitens ist der Begriff dadurch als dieser *besondere* oder als [der] *bestimmte* Begriff, welcher als gegen andere unterschieden gesetzt ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 274.

⁶⁹ «dieses ist daher in der Besonderheit nicht bei einem Anderen, sondern schlechthin bei sich selbst.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 280.

⁷⁰ «Das Besondere enthält die Allgemeinheit». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 280.

⁷¹ «Der Begriff, insofern er sich bestimmt oder unterscheidet, ist er negativ auf seine Einheit gerichtet». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 283.

⁷² «aber es ist in dieser Bestimmtheit wesentlich noch Allgemeines». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 278.

O particular não compreende, portanto, verdadeiramente uma diferença face ao universal a partir do qual se determinou⁷³, mas apenas face aos demais determinados que, como ele, constituem o mesmo universal. O universal é, assim, identificado com o “género” (*Gattung*), enquanto os universais determinados correspondem às diversas “espécies” (*Arten*) que se distinguem umas das outras no interior do mesmo género⁷⁴. E, como afirma Hegel, apesar do devir em que consiste o determinar do conceito, o “género é inalterado [*unverändert*] nas suas espécies”⁷⁵.

A diferença que aqui surge pelo determinar do universal em direcção ao particular, diferença que compreende e pressupõe a unidade do conceito, de modo que universal e particular, enquanto face um ao outro, são dois aspectos de um mesmo (o universal é, simultaneamente, a totalidade e parte de si mesmo), corresponde, segundo Hegel, à diferença “no seu conceito e, com isso, na sua verdade”⁷⁶. A diferença é, como se viu (I Parte), aquela que se estabelece, não entre outros (enquanto a alteridade é uma categoria da esfera do ser, a diferença pertence à esfera da essência em que a exterioridade é superada e dá lugar à reflexão), mas entre momentos de uma mesma identidade, noção que, encontrando-se já presente nas determinações-de-reflexão, alcança na esfera do conceito a sua verdadeira realização (o conceito de diferença determinou-se como diferença entre identidade e diferença).

Deste modo, Hegel faz corresponder universalidade, particularidade e singularidade, quando “tomadas abstractamente” (*abstrakt genommen*), às determinações-de-reflexão identidade, diferença e fundamento, respectivamente, na medida em que (1) o universal constitui a identidade do conceito que se diferencia em particular e singular, (2) a diferença é diferença na identidade dos diferentes, o que se verifica agora no caso da particularidade enquanto diferenciação no seio do universal, e (3) o singular, enquanto regresso do conceito a si mesmo pela superação da determinidade posta pelo particular, constitui o “sujeito” (*Subjekt*), a “base” (*Grundlage*) ou substrato⁷⁷ que “contém em si o género e a espécie” (*die Gattung und Art in sich enthalte*), tal como o fundamento compreende em si as determinações anteriores e se constitui como fundamento (*Grund*) da existência⁷⁸.

O particular ou “universalidade determinada” passa então à singularidade ou “determinidade determinada” (*bestimmte Bestimmtheit*)⁷⁹. O singular surge, assim, “como a reflexão em si mesmo

⁷³ Diogo Ferrer justifica a distinção entre universal e particular, enquanto “espécies” do universal, como decorrente da problemática acerca da “relação entre a lógica e o real”, permitindo a solução hegeliana “evitar a necessidade, ou sequer a possibilidade do recurso a relações extra-lógicas” que fundassem aquela relação. FERRER, *Lógica e Realidade em Hegel*, p. 315.

⁷⁴ «as espécies não se diversificam do universal, mas somente umas perante as outras» – «die Arten sind nicht von dem Allgemeinen, sondern nur gegeneinander verschieden». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 280.

⁷⁵ «die Gattung ist unverändert in ihren Arten». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 280.

⁷⁶ «Wie sich der Unterschied hier zeigt, ist er in seinem Begriffe und damit in seiner Wahrheit.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 281.

⁷⁷ «Substrato» é o termo usado por Artur Mourão na tradução de *Grundlage*. Cf. HEGEL, *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Epítome*, vol. I, Lisboa, Edições 70, 1988, p. 183.

⁷⁸ HEGEL, *Enzyklopädie*, § 164, W 8, p. 314.

⁷⁹ «Die Einzelheit aber ist als diese Negativität die bestimmte Bestimmtheit». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 299.

do conceito a partir [aus] da sua determinidade”⁸⁰ que, enquanto negação da negação, representa “o-que-é-para-si” (*Fürsichseiendes*)⁸¹.

§ 23. Abstracção

Como singularidade, na medida em que esta corresponde ao terceiro momento do conceito, o da dupla negação, o conceito “produziu-se como igual a si mesmo” (*sich selbst Gleiches hergestellt*). Não enquanto identidade abstracta consigo mesmo, que, como se viu, corresponderia à simples tautologia vazia ($A=A$ ou $Eu=Eu$), mas na “determinação da *negatividade absoluta*” (*in der Bestimmung der absoluten Negativität*)⁸².

O verdadeiro sujeito, segundo Hegel, não é portanto, à maneira aristotélica, a substância primeira como substrato (*ὑποκείμενον*) em que os diferentes acidentes (universais) inerem, como composição de matéria, em si mesma indeterminada, e forma, de acordo com a qual ganha realidade, ser, substância. O conceito não é ainda a substância aristotélica na sua segunda acepção, ou seja, como essência ou forma (*εἶδος, μορφή*)⁸³ inalterável, incorruptível, não exposta ao devir característico de todo o sensível⁸⁴, mas o que a partir da sua identidade se relaciona negativamente consigo mesmo e da universalidade devém singularidade mediada pela determinidade do particular. O sujeito é esse mesmo movimento por que o universal se determina na figura do singular ou é a mediação constituinte de uma determinação progressiva no interior de si mesmo. Na dialéctica do conceito subjectivo, universal e singular não são como duas entidades distintas que se conjugam para dar corpo e forma à realidade, mas dois aspectos de uma mesma entidade, o conceito, que na sua autodeterminação confere realidade à sua essência, ou seja, traz o universal até à singularidade. Esta totalidade simultaneamente universal e singular, esta unidade dialéctica é, justamente, o sujeito em sentido hegeliano.⁸⁵

A concepção aristotélica, contra a filosofia platónica, nega uma existência dos universais “separada” dos indivíduos reais, separada do composto material e sensível que é a substância ou sujeito⁸⁶. Aqueles são reais somente enquanto configuram uma existência material, possuindo deste modo uma existência apenas nominal⁸⁷, e somente por abstracção podem ser pensados enquanto separados do substrato material que enformam. Em Aristóteles, tal como em Hegel, o singular não

⁸⁰ «Zunächst erscheint daher die Einzelheit als *die Reflexion* des Begriffs aus seiner Bestimmtheit *in sich selbst*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 296.

⁸¹ «Das Einzelne also ist als sich auf sich beziehende Negativität unmittelbare Identität des Negativen mit sich; es ist *Fürsichseiendes*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, pp. 299-300.

⁸² HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 296.

⁸³ Cf. ARISTÓTELES, *Metafísica*, Δ, 9, 1017b 23-26.

⁸⁴ Cf. ARISTÓTELES, *Metafísica*, Z, 8, 1033b 5-7.

⁸⁵ «O «sujeito» transfigura-se, deste modo, de simples imediato rígido e conclusivo, ou de imediatez simples directamente dada, em algo de complexo, em algo de «universal», numa totalidade – que, ademais, se mostra e verifica como deveniente.» BARATA-MOURA, *Estudos sobre a ontologia de Hegel. Ser, Verdade, Contradição*, p. 57.

⁸⁶ Cf. ARISTÓTELES, *Metafísica*, Z, 16, 1040b 26-27.

⁸⁷ Cf. ARISTÓTELES, *Metafísica*, E, 2, 1026b 13.

é sem o universal e, simultaneamente, “o universal só tem realidade, verdade e presença no e mediante o individual”⁸⁸.

Habitualmente tomado pelo concreto, o singular é deixado de fora pela “*abstracção*” que, na constituição ou “*elevação*” (*erhebt*) ao conceito universal, se constitui por um “superar [que] é um agir [*Tun*] exterior e por isso um *suprimir* [*Weglassen*] da determinidade”⁸⁹. O universal daqui resultante, tomado como “mais elevado e o mais elevado” (*höheres und höchstes*) da abstracção, uma vez que não compreende em si o singular, não é senão, segundo Hegel, o “universal abstracto” (*abstraktes Allgemein*), ou seja, o “superficial” (*Oberfläche*) “desprovido de conteúdo” (*inhaltslos*), “desprovido [de] conceito” (*begrifflos*)⁹⁰. Como defende Carmo Ferreira, “toda a filosofia de Hegel se constrói como a crítica de uma universalidade assim concebida, assimilada por ele à morte”⁹¹.

A universalidade não é, pois, em Hegel, uma “relação exterior” que, pela reflexão também ela exterior, se estabelece entre singulares com base no que lhes é “comum” (*Gemeinsame*). Como tal, o universal seria simplesmente “um mero comum” (*ein bloß Gemeinschaftliches*). Esta é, justamente, a definição que Aristóteles dá do universal, o que é “comum” numa multiplicidade de indivíduos.⁹² Ora, como refere Hegel, “é da maior importância [*Wichtigkeit*] [...] que o mero comum [*das bloß Gemeinschaftliche*] não seja confundido [*verwechselt*] com o verdadeiramente universal [*Allgemein*]”, ou seja, o que não é somente enquanto geral (*Allgemein*) mas efectivamente universal (*Universal*).⁹³ Enquanto comunidade ou generalidade que abstrai o singular e individual, o universal encontra-se, segundo Hegel, sob o ponto de vista da sua “representação mais baixa” (*niedrigste Vorstellung*)⁹⁴.

Hegel considera, então, que o verdadeiro universal é o “universal concreto”, isto é, aquele que “detém [*abhält*] por seus produtos a singularidade, o princípio da individualidade e personalidade”⁹⁵. O concreto não é, por conseguinte, o singular e o abstracto o universal, mas, pelo contrário, na concepção dialéctica hegeliana, o concreto é a totalidade enquanto “unidade dos

⁸⁸ CARMO FERREIRA, “A questão da individualidade em Hegel”, p. 203.

⁸⁹ «Es ist *abstraktes* Allgemeines, insofern dies Aufheben ein *äußerliches* Tun und hierdurch ein *Weglassen* der Bestimmtheit ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 297.

⁹⁰ HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 297.

⁹¹ CARMO FERREIRA, “A questão da individualidade em Hegel”, p. 191.

⁹² ARISTÓTELES, *Metafísica*, Δ, 26, 1023b 28 ; Z, 13, 1038b 11.

⁹³ «Es ist von der größten Wichtigkeit sowohl für das Erkennen als auch für unser praktisches Verhalten, daß das bloß Gemeinschaftliche nicht mit dem wahrhaft Allgemeinen, dem Universellen, verwechselt wird.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 163, *Zusatz 1*, W 8, p. 312.

⁹⁴ «Die niedrigste Vorstellung, welche man vom Allgemeinen haben kann, wie es in der Beziehung auf das Einzelne ist, ist dies äußerliche Verhältnis desselben als eines bloß *Gemeinschaftlichen*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 300.

Relativamente à diferenciação entre o *comum* e o *universal*, Hegel faz referência à distinção que Rousseau estabelece, no *Contrato Social*, entre “*vontade geral*” (*volonté générale*), que Hegel traduz por “*allgemeiner Wille*”, e a “*vontade de todos*” (*volonté de tous*) ou “*Wille aller*”. «Der vorher erwähnte Unterschied zwischen dem bloß Gemeinschaftlichen und dem wahrhaft Allgemeinen findet sich in Rousseaus bekanntem *Contrat social* auf ein treffende Weise dadurch ausgesprochen, daß darin gesagt wird, die Gesetze eines Staats müßten aus dem allgemeinen Willen (der *volonté générale*) hervor gehen, brauchten aber deshalb gar nicht der Wille *aller* (*volonté de tous*) zu sein.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 163, *Zusatz 1*, W 8, p. 313.

⁹⁵ «weil sie von ihren Erzeugnissen die Einzelheit, das Prinzip der Individualität und Persönlichkeit, abhält». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 297.

contrapostos”⁹⁶, neste caso o conceito enquanto universal que compreende como momentos da sua determinidade o particular e o singular, e o abstracto um momento isolado daquela.

Deste modo, a abstracção consiste em Hegel, não na elevação ou superação do singular em direcção a um universal, pela consideração, “*para nosso fim subjectivo*” (*zu unserem subjektiven Behuf*), de “*uma ou outra característica*” (*ein oder das andere Merkmal*), o que implica, simultaneamente, ignorar e pôr de lado “*tantas outras propriedades [Eigenschaften] e compleições [Beshaffenheiten]* do objecto [*Gegenstandes*]”⁹⁷, mas justamente na “*separação do concreto [Trennung des Konkreten]* e [n]um *isolamento [Vereinzelung]* das suas determinações”⁹⁸. Não é, portanto, o movimento que vai de um determinado a um universal “mais elevado”, como da espécie ao género, mas, inversamente, o processo de, a partir do universal, determinar ou diferenciar, separar e isolar, as diversas determinações particulares que naquele estão contidas.

A abstracção não é, assim, de todo excluída da concepção hegeliana, embora criticada na sua formulação comum, mas reconfigurada e reposicionada no quadro da sua perspectiva ontológica, em que, como se revela, o todo é primeiro em relação às partes, e no caso específico do conceito, o universal funda o singular, não o contrário.

A separação operada pela abstracção não é, contudo, absoluta, uma vez que “a unidade do conceito” é, na verdade, “inseparável” (*untrennbar*)⁹⁹. Desta forma, o que pode parecer um dispersar-se do conceito até à singularidade, implica, simultaneamente, um regresso à unidade do mesmo. A singularidade contém em si a universalidade e a particularidade que constituem o seu “*dever*”¹⁰⁰ e, tal como estas, é enquanto “conceito total” (*totaler Begriff*). O que é “determinado deveio totalidade”¹⁰¹.

§ 24. Juízo

A singularidade surge, portanto, como o momento em que “é *posta* aquela relação [*Verhältnis*] verdadeira, a *inseparabilidade [Untrennbarkeit]* das determinações-conceptuais [*Begriffs-*

⁹⁶ «O concreto não é mais um mero fenoménico, mas é concreto pela unidade dos contrapostos, os quais se determinam como momentos do conceito, no conceito.» – «Das Konkrete ist nicht mehr ein bloß Erscheinendes, sondern es ist konkret durch die Einheit der Entgegengesetzten, welche sich zu Begriffsmomenten bestimmt haben, im Begriffe.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 360.

⁹⁷ «O abstrair tem nesta opinião o significado de que a partir do concreto *para nosso fim subjectivo* são retiradas *uma ou a outra característica*, de modo que com o *suprimir* tantas outras *propriedades e qualidades* do objecto as mesmas nada devem ser perturbadas no seu *valor* e na sua *dignidade*». – «Das Abstrahieren hat in dieser Meinung die Bedeutung, daß aus dem Konkreten nur *zu unserm subjektiven Behuf ein oder das andere Merkmal* so herausgenommen werden, daß mit dem Weglassen so vieler anderer *Eigenschaften und Beschaffenheiten* des Gegenstandes denselben an ihrem *Werte* und ihrer *Würde* nichts benommen sein solle». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, pp. 258-259.

⁹⁸ «Die Abstraktion ist daher eine *Trennung* des Konkreten und eine *Vereinzelung* seiner Bestimmungen». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 297.

A propósito dos “objectos matemáticos”, Aristóteles afirma que, na medida em que são pensados ou “concebidos”, são-no enquanto “separados da matéria”, ou seja, como abstractos. Cf. ARISTÓTELES, *De Anima*, 431b 15-20.

⁹⁹ «Aber die Einheit des Begriffs ist so untrennbar». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 297.

¹⁰⁰ «A universalidade e a particularidade apareceram por um lado como os momentos do *dever* da singularidade.» – «Die *Allgemeinheit* und die *Besonderheit* erschienen einerseits als die Momente des *Werdens* der Einzelheit». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 297.

¹⁰¹ «damit ist das Bestimmte selbst Totalität geworden.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 301.

bestimmungen]]¹⁰². Ela é, como negação da negação, a unidade que “contém a oposição” e que regressou a si mesma através desta.

O singular representa, no entanto, ao mesmo tempo a “perda” (*Verlust*) do conceito no seu “diferenciar” enquanto “determinidade determinada”. O singular é, assim, segundo Hegel, “a abstracção que o conceito determina como um *imediato* segundo os seus momentos ideais [*ideellen*]]¹⁰³ (como um “*este*”, *Dieses*) e por que ele mesmo “devém *exterior a si* e entra em *realidade-efectiva*”¹⁰⁴.

O singular representa, assim, a “*partição absoluta, originária*” (*absolute, ursprüngliche Teilung*) do conceito, ao mesmo tempo que, como totalidade em e para si, mantém a unidade que lhe é constitutiva. O conceito passa, então, com a singularidade, ao “juízo” (*Urteil*), na medida em que este não é senão a “*determinidade posta*” do conceito “no conceito mesmo” (*am Begriffe selbst*)¹⁰⁵ ou, segundo o texto da *Enciclopédia*, “diferenciação [*Unterscheidung*] e determinar [*Bestimmen*] imanente do conceito”¹⁰⁶.

É neste sentido que o juízo é, precisamente, “*partição-originária*” (*Ur-teil*)¹⁰⁷ da unidade que é o conceito “como tal”. Como refere Hegel, o “significado *etimológico* do juízo na nossa língua é mais profundo [*tiefer*] e expressa a unidade do conceito como o primeiro [*das Erste*] e a diferenciação desta como a *partição originária* [*ursprüngliche Teilung*], o que o juízo é na verdade [*in Wahrheit*]]¹⁰⁸.

Uma vez que o movimento por que o conceito se determina consiste num dirigir-se para fora de si mesmo, um exteriorizar-se, e o juízo não é senão, enquanto “*determinação-progressiva do conceito*” (*Fortbestimmung des Begriffes*)¹⁰⁹, “*a outra função do conceito*”¹¹⁰, pode-se, segundo Hegel, afirmar que o juízo constitui “a *realização* mais próxima [*nächste Realisierung*] do

¹⁰² «In der Einzelheit ist jenes wahre Verhältnis, die *Untrennbarkeit* der Begriffsbestimmungen, *gesetzt*». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 299.

¹⁰³ «Oder es ist die Abstraktion, welche den Begriff nach seinem ideellen Momente des *Seins* als ein *Unmittelbares* bestimmt.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 300.

¹⁰⁴ «Die Einzelheit ist aber nicht nur die Rückkehr des Begriffes in sich selbst, sondern unmittelbar sein Verlust. Durch die Einzelheit, wie er darin *in sich* ist, wird er *außer sich* und tritt in Wirklichkeit.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 299.

¹⁰⁵ «Das Urteil ist die *am Begriffe selbst gesetzte Bestimmtheit* desselben.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 301.

¹⁰⁶ «Die immanente Unterscheidung und Bestimmen des Begriffes». HEGEL, *Enzyklopädie*, § 165, W 8, p. 316.

¹⁰⁷ «Ele é, portanto, a *partição originária* de uno originário; a palavra *juízo* refere-se aqui ao que ele é em e para si.» – «Es ist insofern die *ursprüngliche Teilung* des ursprünglich Einen; das Wort *Urteil* bezieht sich hiermit auf das, was es an und für sich ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 304.

¹⁰⁸ «Die *etymologische* Bedeutung des *Urteils* in unserer Sprache ist tiefer und drückt die Einheit des Begriffes als das Erste und dessen Unterscheidung als die *ursprüngliche Teilung* aus, was das Urteil in Wahrheit ist.» – «Die *etymologische* Bedeutung des *Urteils* in unserer Sprache ist tiefer und drückt die Einheit des Begriffes als das Erste und dessen Unterscheidung als die *ursprüngliche Teilung* aus, was das Urteil in Wahrheit ist.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 166, W 8, p. 316.

A mesma concepção encontra-se presente num texto de Hölderlin, em que se lê que o “*juízo*” corresponde à “separação originária do objecto e do sujeito intimamente unidos na intuição intelectual”, ou seja, à “*partição-originária*” (*Ur-Teilung*). Em contrapartida o “*ser*” (*Sein*) “*exprime*”, justamente, o movimento inverso, isto é, a “*ligação do sujeito e do objecto*”. Hölderlin expressa, deste modo, uma perspectiva muito semelhante à de Hegel, em que, como se verá, a ideia constitui a unidade mediada do subjectivo e do objectivo, a unidade especulativa dialecticamente desenvolvida que é a natureza e verdade do que é.

«*Urteil*. ist im höchsten und strengsten Sinne die ursprüngliche Trennung des in der intellektuellen Anschauung innigst vereinigten Objekts und Subjekts, diejenige Trennung, wodurch erst Objekt und Subjekt möglich wird, die *Ur-Teilung*.»; «*Sein* – drückt die Verbindung des Subjekts und Objekts aus.» Friedrich HÖLDERLIN, *Urteil und Sein, Werke. Briefe. Dokumente*, ed. Friedrich Beißner, München, Winkler-Verlag, 1963, pp. 490-491.

¹⁰⁹ HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 302.

¹¹⁰ «Das Urteilen ist insofern *eine andere* Funktion als das Begreifen oder vielmehr *die andere* Funktion des Begriffes». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 301.

conceito, na medida em que a realidade [*Realität*] designa o entrar [*das Treten*] no *ser-aí* como ser determinado em geral”¹¹¹.

O “juizar” (*Urteilen*) constitui, desta forma, o “determinar do conceito através de si mesmo” (*das Bestimmen des Begriffes durch sich selbst*)¹¹², por que as diversas determinações são postas enquanto “conceitos determinados”. O juízo é, por conseguinte, a “separação posta” (*gesetzte Dirmention*) do conceito “pela actividade própria” (*die eigene Tätigkeit*) deste, ou seja, não é senão a sua própria “particularização” (*Besonderung*)¹¹³. Ora, é justamente a “particularidade” ou a determinidade do conceito que, mediando singular e universal, sujeito e predicado, constitui a “identidade posta” destes, o que, segundo Hegel, constitui o “conteúdo determinado do predicado” que é, simultaneamente a “determinidade expressa e [o] conteúdo” do sujeito, sem os quais este seria “um mero nome”¹¹⁴.

A “cópula »é«” (*Kopula »ist«*) representa, deste modo, a identidade do conceito que não é alterada na sua “exteriorização” (*Entäußerung*). Esta unidade “segundo o conceito” ou “em-si” (*an sich*), não é, porém, “ainda posta” como tal no juízo, uma vez que neste, sujeito e predicado, bem como “o conteúdo determinado” destes, “são postos” enquanto “diversos, exteriores um ao outro” (*verschieden, auseinanderfallend*)¹¹⁵, mas o “restabelecer, ou melhor o repor esta identidade do conceito é o fim [objectivo, *Ziel*] do movimento do juízo”¹¹⁶.

O juízo, tal como o conceito, não é ainda, na perspectiva hegeliana, algo que se “encontre” “na nossa cabeça” (*in unserem Kopfe*). O conceito pertence às próprias coisas (*Dingen*) enquanto imanência ou algo de “residente” nelas “mesmas” (*den Dingen selbst Innewohnende*), de modo que o juízo não é um mero “agir subjectivo” (*subjektives Tun*) que relaciona conceitos exteriores uns aos outros, mas a posição da determinidade do conceito que, enquanto conceito, é apenas *em-si* (*an sich*), interna, mas pelo juízo ex-posta (posta “fora”)¹¹⁷.

Hegel afirma, portanto, que “todas as coisas são um juízo, – i. e. elas são singulares que são em si [*in sich*] uma universalidade ou natureza interna, ou um universal que é singularizado

¹¹¹ «Das Urteil kann daher die nächste Realisierung des Begriffes genannt werden, insofern die Realität das Treten ins *Dasein* als bestimmtes Sein überhaupt bezeichnet.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 302.

No Fragmento de sistema de 1800 encontra-se já a noção de que a realidade singular, “uma vida individual” (*ein individuelles Leben*), é-o apenas na medida em que resulta da partição (*teilen*) ou separação da totalidade que é “a vida” (*das Leben*). Assim, «um homem» (*ein Mensch*) «é somente enquanto o todo da vida é repartido, ele uma parte, tudo o resto a outra parte» (*er ist nur, insofern das All des Lebens geteilt ist, er der eine Teil, alles übrige der andere Teil*). HEGEL, *Systemfragment von 1800*, W 1, pp. 419-420.

O juízo surge, justamente, na Lógica como o que efectua a partição da unidade e totalidade que é o conceito enquanto universal, determinando-o e realizando-o, isto é, conferindo-lhe realidade determinada como ser-aí.

¹¹² HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 302.

¹¹³ «Diese durch die eigene Tätigkeit des Begriffes gesetzte Dirmention desselben in den Unterschied seiner Momente ist das Urteil, dessen Bedeutung hiernach als die *Besonderung* des Begriffes aufzufassen ist.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 166, *Zusatz*, W 8, p. 318.

¹¹⁴ «In den Urteilen “Gott ist das Allerrealste” usf. oder “das Absolute ist identisch mit sich” usf. ist Gott, das Absolute ein bloßer Name; was das Subjekt ist, ist erst im Prädikate gesagt. Was es als Konkretes sonst noch wäre, geht dieses Urteil nichts an.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 169, W 8, p. 320.

¹¹⁵ «Subjekt, Prädikat und der bestimmte Inhalt oder die Identität sind zunächst im Urteile in ihrer Beziehung selbst als verschieden, auseinanderfallend gesetzt.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 171, W 8, p. 321.

¹¹⁶ «Diese Identität des Begriffes wieder herzustellen oder vielmehr zu setzen, ist das Ziel der Bewegung des Urteils.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 309.

¹¹⁷ «wie weder der Begriff noch das Urteil bloß in unserem Kopfe befindlich sind und nicht bloß von uns gebildet werden. Der Begriff ist das den Dingen selbst Innewohnende [...], so ist es nicht unser subjektives Tun, wodurch dem Gegenstand dies oder jenes Prädikat beigelegt wird, sondern wir betrachten den Gegenstand in der durch seinen Begriff gesetzten Bestimmtheit.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 166, *Zusatz*, W 8, p. 318.

[*vereinzelt*]¹¹⁸. O juízo é, no entanto, o “ponto de vista” da “*finitude*” das coisas, e estas, enquanto finitas, ou seja, enquanto determinadas e particulares, são precisamente “um juízo”¹¹⁹, uma vez que a determinação que um dado juízo expressa ou constitui, representa inevitavelmente uma limitação, uma abstracção, da totalidade concreta que é o conceito.

§ 25. Silogismo

O juízo devém, então, “*silogismo*” (*Schluß*), na medida em que este constitui a “*unidade dos extremos*” (*Extreme*), ou seja, de sujeito e predicado, não como determinação imediata, abstracta, como sucede no juízo, mas enquanto expressão da mediação e processualidade que a própria determinação do conceito implica. Enquanto no juízo a diferença e, por conseguinte, a exclusão e exterioridade das determinações umas face às outras como “qualidades abstractas” (*abstrakte Qualitäten*) era o que se encontrava em evidência, no silogismo “as *relações* [*Beziehung*] das mesmas constituem o essencial”¹²⁰.

O silogismo representa, assim, o “restabelecimento [*Wiederherstellung*] do *conceito* no *juízo*”, realizando “a unidade” de ambos¹²¹. Como tal, o silogismo configura o terceiro e último momento da esfera da subjectividade e, enquanto negação da negação ou unidade mediada dos dois momentos precedentes, surge como a “verdade” (*Wahrheit*) tanto do conceito, que tem de se determinar e realizar, como do juízo, que enquanto dispersão da determinação do conceito regressa à sua unidade originária. O silogismo é, portanto, simultaneamente a “identidade simples” que caracteriza o conceito e a “diferença das suas determinações” enquanto “posto em realidade” (*in Realität*)¹²². Deste modo, “no *silogismo* estão postas as determinações conceptuais como [*wie*] os extremos do juízo, ao mesmo tempo [que] é [posta] a *unidade* determinada das mesmas”¹²³.

Assim se justifica que o silogismo seja perspectivado por Hegel como progressivo desenvolvimento do juízo enquanto “preenchimento” (*Erfüllung*) da “cópula”¹²⁴, que no juízo é ainda “é abstracto” (*abstraktes Ist*), representando agora a “*mediação*” e o “conceito completo no

¹¹⁸ «alle Dinge sind ein Urteil, - d.h. sie sind Einzelne, welche eine Allgemeinheit oder innere Natur in sich sind, oder ein Allgemeines, das vereinzelt ist». HEGEL, *Enzyklopädie*, § 167, W 8, pp. 318-319.

¹¹⁹ O ponto de vista do juízo é a *finitude*, e a *finitude* das coisas consiste do mesmo [ponto de vista] em que elas são um juízo». — «Der Standpunkt des Urteils ist die Endlichkeit, und die Endlichkeit der Dinge besteht auf demselben darin, daß sie ein Urteil sind». HEGEL, *Enzyklopädie*, § 168, W 8, p. 319.

¹²⁰ «im Schlüsse die Beziehungen derselben das Wesentliche ausmachen». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 375.

¹²¹ «Der Schluß hat sich als die Wiederherstellung des Begriffes im Urteile und somit als die Einheit und Wahrheit beider ergeben.». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 351.

¹²² «er ist der Begriff als die einfache Identität, in welche die Formunterschiede des Urteils zurückgegangen sind, und Urteil, insofern er zugleich in Realität, nämlich in dem Unterschiede seiner Bestimmungen gesetzt ist.». HEGEL, *Enzyklopädie*, § 181, W 8, p. 331.

¹²³ «Im Schlüsse sind die Begriffsbestimmungen wie die Extreme des Urteils, zugleich ist die bestimmte *Einheit* derselben gesetzt.». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 351.

¹²⁴ «er ist die Erfüllung des leeren “*Ist*”, der Kopula». HEGEL, *Enzyklopädie*, § 180, W 8, p. 331.

«Isto é a *determinação-progressiva* do juízo até ao *silogismo* pela cópula plena de conteúdo.». — «Dies ist die *Fortbestimmung* des Urteils durch die inhaltvolle Kopula zum *Schlüsse*.». HEGEL, *Enzyklopädie*, § 171, W 8, p. 321.

seu *ser-posto*¹²⁵. O silogismo põe, portanto, em evidência a relação que se encontrava subjacente no juízo, a unidade dos diferentes que era neste somente *em-si (an sich)*.

As determinações do conceito postas pelo silogismo surgem, no entanto, em primeiro lugar, enquanto “imediatas” e “abstractas”, constituindo o que Hegel considera ser o silogismo “propriamente formal” (*eigentlich formelle*)¹²⁶, em que os extremos, “singularidade e universalidade” se encontram numa “relação exterior” (*äußeres Verhältnis*) e o “termo médio” (*Mitte, Medius Terminus*), isto é, a particularidade é, igualmente, apenas a “particularidade abstracta”¹²⁷, na medida em que é somente a unidade imediata daquelas¹²⁸. Este silogismo é, como tal, segundo Hegel, “desprovido [de] conceito” (*begrifflos*) ou “silogismo do entendimento” (*Verstandesschluß*)¹²⁹.

Contudo, segundo a natureza do conceito que, como se viu é universalidade concreta, ou seja, universalidade que contém em si mesma a particularidade e a singularidade, o silogismo, ao repor a unidade do conceito nas diferentes determinações que o juízo expõe, compreende desde logo “a inerência [*Inhärenz*] e a subsunção [*Subsumtion*] [que] já implica [*enthält*] que o singular, porque o universal inere nele, é [ele] mesmo universal, e o universal, porque subsume o singular, [ele] mesmo singular”, de modo que os extremos do silogismo (termo maior e termo menor) não permanecem na exterioridade e exclusão recíproca, e o termo médio consiste, não na unidade destes enquanto abstracta, como acontece no silogismo meramente formal, que é, como tal, contraditório e “dialético”¹³⁰, mas na “mediação” dos mesmos e, por conseguinte, na sua unidade concreta¹³¹.

É neste sentido que Hegel perspectiva as diferentes figuras (aristotélicas) do silogismo enquanto superação da imediatez abstracta do silogismo meramente formal, manifestando, cada uma delas, uma relação distinta entre as diferentes determinações. Elas não são, no entanto, postas exteriormente umas às outras, como se fossem autónomas, o que conduz, segundo Hegel, a “um formalismo vazio” (*ein leerer Formalismus*), mas enquanto a mediação efectuada por uma leva necessariamente a outra e assim sucessivamente¹³².

¹²⁵ «O silogismo é mediação, o conceito completo no seu *ser-posto*.» – «Der Schluß ist *Vermittlung*, der vollständige Begriff in seinem *Gesetzsein*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 401.

¹²⁶ «Der erste Schluß ist daher der eigentlich *formelle*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 354.

¹²⁷ «Der unmittelbare Schluß ist, daß die Begriffsbestimmungen als *abstrakte* gegeneinander nur in äußerem *Verhältnis* stehen, so daß die beiden *Extreme* die *Einzelheit* und *Allgemeinheit*, der Begriff aber als die beide zusammenschließende *Mitte* gleichfalls nur die *abstrakte Besonderheit* ist.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 182, W 8, p. 333.

¹²⁸ «Assim é, portanto, este silogismo o vir para fora mais elevado do conceito.» – «So ist dann dieser Schluß das höchste Außersichkommen des Begriffs.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 183, *Zusatz*, W 8, p. 335.

¹²⁹ HEGEL, *Enzyklopädie*, § 182, W 8, p. 333 Este “silogismo imediato” é, ainda, “um silogizar *subjectivo*” e constitui o primeiro tipo de silogismos: o silogismo “qualitativo” (*qualitativer Schluß*) ou “do ser-ai” (*Schluß des Daseins*). HEGEL, *Enzyklopädie*, § 183, W 8, p. 334.

¹³⁰ «Este silogismo formal é a contradição de que o termo médio deve ser a unidade determinada dos extremos, porém não enquanto esta unidade, mas como uma determinação qualitativamente diferente daqueles, cuja unidade ela deve ser. Porque o silogismo é esta contradição, ele é nele mesmo dialético.» – «Dieser formelle Schluß ist der Widerspruch, daß die *Mitte* die bestimmte *Einheit* der *Extreme* sein soll, aber nicht als diese *Einheit*, sondern als eine von denen, deren *Einheit* sie sein soll, qualitativ verschiedene Bestimmung ist. Weil der Schluß dieser Widerspruch ist, ist er an ihm selbst dialektisch.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 376.

¹³¹ «die *Inhärenz* und *Subsumtion* es schon enthält, daß das Einzelne, weil ihm das Allgemeine inhäriert, selbst Allgemeines, und das Allgemeine, weil es das Einzelne subsumiert, selbst Einzelnes ist und näher der Schluß eben diese *Einheit* als *Mitte* ausdrücklich setzt und seine Bestimmung gerade die *Vermittlung* ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 375.

¹³² HEGEL, *Enzyklopädie*, § 187, W 8, p. 338.

Deste modo, de acordo com a forma do silogismo, “a primeira figura” (*die erste Figur des Schlusses*) é, justamente, “ $S - P - U$ ” ($E - B - A$), ou seja, *Singular – Particular – Universal* (*Einzeln, Besondere, Allgemein*), em que P é o termo médio, S o termo menor (sujeito da conclusão) e U o termo maior (predicado da conclusão)¹³³. Uma vez que P consiste ele mesmo na mediação de U por S , a “segunda figura” (*zweite Figur*) expressa, segundo o texto da *Encyclopädie*, o silogismo como “ $U - S - P$ ” ($A - E - B$)¹³⁴, em que S ocupa o lugar do termo médio. Mas este é, por sua vez, unidade mediada de P e U , constituindo a “terceira figura” (*dritte Figur*) em “ $P - U - S$ ” ($B - A - E$)¹³⁵, em que U surge, por sua vez, como termo médio, ou seja, enquanto mediando P e S .

Hegel coloca, assim, cada uma das determinações do conceito ora como termo médio, ora como extremo de cada uma das diferentes figuras¹³⁶, na medida em que a segunda realiza a mediação que estava como pressuposta na primeira e a terceira a da segunda, de modo que as três figuras não são senão a “determinação progressiva” (*Fortbestimmung*) do silogismo imediato e superação da sua formalidade abstracta. Por conseguinte, cada uma delas pressupõe as restantes¹³⁷ e o silogismo só se encontra “completamente” determinado com a terceira figura¹³⁸.

Não é, portanto, simplesmente a particularidade que é a unidade do singular e do universal, como sucede no silogismo formal mas, de acordo com o “conceito do silogismo” (*Begriff des Schlusses*), aqueles são simultaneamente “momentos” desse “unir” (*Momente des Zusammenschließens*), de modo que tanto a primeira como os últimos são em si mesmos “termos médios incompletos”, que só alcançam o seu verdadeiro desenvolvimento quando mediados eles mesmos pelos seus extremos. Hegel, salienta assim a natureza simultaneamente mediadora (*vermittelnde*) e mediada (*vermittelte*) das diferentes determinações conceptuais que progressivamente desenvolvem e realizam o conceito na sua totalidade. Desta forma, o verdadeiro termo médio “não é uma só” destas determinações (singularidade, particularidade ou universalidade), “mas a totalidade das mesmas”, por que a mediação e unidade concreta dos extremos do conceito são completadas¹³⁹.

A verdadeira realização do conceito é, por conseguinte, não um silogismo imediato, mas “um silogismo triplo” (*ein dreifacher Schluß*)¹⁴⁰, por que as diferentes determinações se põem em

¹³³ HEGEL, *Enzyklopädie*, § 183, W 8, p. 335.

¹³⁴ HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 365: « $P - S - U$ » (« $B - E - A$ »).

¹³⁵ HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 369: « $S - U - P$ » (« $E - A - B$ »).

¹³⁶ «Aristóteles conhece com razão apenas três; a quarta é um aditamento supérfluo, até mesmo absurdo de [tempos] mais recentes». – «Aristoteles kennt mit Recht deren nur drei; die vierte ist ein überflüssiger, ja selbst abgeschmackter Zusatz der Neueren». HEGEL, *Enzyklopädie*, § 187, W 8, p. 338.

¹³⁷ «[O terceiro silogismo] pressupõe, portanto, os dois primeiros silogismos; mas inversamente ambos o pressupõem, assim como em geral cada [um] pressupõe os outros dois.» – «Er setzt daher die beiden ersten Schlüsse voraus; aber umgekehrt setzen beide ihn voraus, so wie überhaupt jeder die beiden übrigen voraussetzt.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 369.

¹³⁸ «Nele é, assim, em geral completa a determinação do silogismo.» – «In ihm ist somit überhaupt die Bestimmung des Schlusses vollendet.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 369.

¹³⁹ «Insofern jedes derselben für sich ebenso nur ein einseitiges Moment der Besonderheit ist, sind sie gleichfalls unvollkommene Mitten, aber zugleich machen sie die entwickelten Bestimmungen derselben aus». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, pp. 376-377.

¹⁴⁰ HEGEL, *Enzyklopädie*, § 187, Zusatz, W 8, p. 339.

relação com as restantes numa mediação total, “completa”¹⁴¹. Deste modo, a sua “diferença” é “superada”, dando origem à “quarta figura” ou “silogismo *quantitativo* ou *matemático*” ($U - U - U$)¹⁴², o qual afirma “Quando duas coisas ou determinações são iguais a uma terceira, então são iguais entre [unter] si”¹⁴³ surgindo, portanto, como “axioma” (*Axiom*).

É, assim, posta a “unidade *desenvolvida*”, realizada, das determinações do conceito¹⁴⁴. Como tal, o silogismo representa o “*conceito posto*, (primeiro formalmente) *real*”¹⁴⁵, ou seja, por meio do mesmo, o conceito “ganhou uma tal *realidade* [*Realität*] que é *objectividade* [*Objektivität*]”¹⁴⁶.

§ 26. Objectividade

A objectividade surge, precisamente, como horizonte de realidade constituída pelo conceito. Corresponde, assim, ao ser-aí da esfera do ser, à existência e à realidade-efectiva da esfera da essência¹⁴⁷. Ela é, tal como estes, uma “immediatez”, não já como determinidade imediata, ou enquanto “sai do *fundamento*”, ou seja, como existência ou fenómeno, mas enquanto “immediatez até à qual o conceito se determina pela superação da sua abstracção e mediação”¹⁴⁸.

A objectividade consiste, pois, numa exterioridade em que o conceito está imediatamente presente, isto é, é-lhe “imane”te”¹⁴⁹. Com isto Hegel reforça a perspectiva de que a realidade (o “ser”) em geral não se encontra absolutamente separada do pensar¹⁵⁰, afirmando, pelo contrário, que “*em-si*” (*an sich*) “conceito ou [...] subjectividade e objecto” são “o mesmo”¹⁵¹.

A objectividade é, assim, a immediatez produzida pelo conceito no seu próprio desenvolver, immediatez que simultaneamente compreende e nega a diversidade constitutiva da totalidade do conceito. Como tal, é em si mesma uma totalidade ou unidade que contém a diferença enquanto superada. O objecto é, por conseguinte, “identidade imediata” que contém em si a mediação

¹⁴¹ HEGEL, *Enzyklopädie*, § 189, W 8, p. 340.

¹⁴² «Die vierte Figur: $A - A - A$, oder der mathematische Schluß.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 371.

¹⁴³ «Der mathematische Schluß heißt: “Wenn zwei Dinge oder Bestimmungen einem Dritten gleich sind, so sind sie unter sich gleich”.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 371.

¹⁴⁴ Segundo Hegel, esta é uma “unidade *reflectida*”, por que o silogismo “do ser-aí” devém “silogismo da reflexão” (*Reflexionsschluß*). Este, por sua vez, devém “silogismo da necessidade” (*Schluß der Notwendigkeit*), o qual encerra a esfera da subjectividade. Cf. HEGEL, *Enzyklopädie*, §§ 190, 191, W 8, pp. 341-350.

¹⁴⁵ «Este não é porém nada mais que o *conceito posto*, (primeiro formalmente) *real*» – «Dieser ist aber nichts anderes als der *gesetzte*, (zunächst formell-) *reale Begriff*». HEGEL, *Enzyklopädie*, §181, W 8, p. 332.

¹⁴⁶ «Damit ist der Begriff überhaupt realisiert worden; bestimmter hat er eine solche Realität gewonnen, welche *Objektivität* ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 401.

¹⁴⁷ Cf. HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 406.

¹⁴⁸ «Die *Objektivität* endlich ist die Unmittelbarkeit, zu der sich der Begriff durch Aufhebung seiner Abstraktion und Vermittlung bestimmt.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 406.

¹⁴⁹ «Na medida em que ela tem em si imane”te” o conceito, está assim a diferença do mesmo presente nela». – «Insofern sie den Begriff immanent in sich hat, so ist der Unterschied desselben an ihr vorhanden». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 409.

¹⁵⁰ «É claro, de resto, que em todas estas passagens se trata de [algo] mais do que mostrar meramente a inseparabilidade do conceito ou pensar do ser.» – «Es erhellt übrigens, daß es bei diesen sämtlichen Übergängen um mehr als bloß darum zu tun ist, nur überhaupt die Unzertrennlichkeit des Begriffs oder Denkens vom Sein zu zeigen.» HEGEL, *Enzyklopädie*, §193, W 8, p. 347.

¹⁵¹ «*an sich* Begriff oder auch, wenn man will, Subjectivität und Objekt *dasselbe* seien.» HEGEL, *Enzyklopädie*, §193, W 8, p. 347. Embora tal afirmação seja “*correcta*”, é, segundo Hegel, “igualmente *correcto*” que conceito e objecto “são *diversos*” (*verschieden*), o que constitui um dos aspectos fundamentais da crítica hegeliana às habituais formulações do argumento ontológico acerca da existência de Deus que se fundam na «unidade» ou «identidade» meramente «abstracta» ao não considerarem a «*diversidade*» constitutiva das «duas determinações». Cf. HEGEL, *Enzyklopädie*, §193, W 8, pp. 347-349.

própria do silogismo, ou seja, é “em e para si universal” (*an und für sich Allgemeines*) na medida em que esta universalidade “atravessa a particularidade e é nela [*in ihr*] singularidade imediata”¹⁵².

A objectividade surge, desta forma, como o desenvolvimento da perspectiva hegeliana acerca da relação de ser e pensar em que o primeiro é perspectivado justamente como produção ou realização do último. O que é real não é simplesmente ser, realidade, existência, fenómeno ou mesmo realidade-efectiva (com toda a espessura conceptual implicada nestas categorias) mas é ainda “objecto” (*Objekt*), ou seja, em sentido tecnicamente hegeliano, conceito “realizado” (*realisiert*).¹⁵³

O movimento que vai do conceito subjectivo até à objectividade e, por conseguinte, à realidade enquanto oriunda do conceito – não enquanto por objectivo se entende, à maneira kantiana, algo ainda subjectivo, uma vez que a experiência e conhecimento têm por objecto apenas fenómenos, o que é dado na experiência e sujeito às formas subjectivas da sensibilidade e do entendimento, e não as coisas em si mesmas, o que, segundo Hegel, naturalmente não corresponde ao “verdadeiro objectivo”¹⁵⁴, mas um horizonte de realidade que é exterior ao sujeito-conceito – representa a formulação hegeliana relativa à problemática compreendida no “*argumento ontológico*” que, precisamente, “parte do conceito absoluto, deduz do conceito o ser”, pressupondo e fundando-se na “unidade de ser e pensar”¹⁵⁵. Hegel afasta-se, assim, da perspectiva kantiana que defende a impossibilidade da dedução da realidade de algo a partir do mero conceito¹⁵⁶, o que constitui o aspecto central da sua exposição do “ideal da razão” ou ideia de “*Deus*”¹⁵⁷.

O objecto (*Objekt*) assume, segundo Hegel, um “duplo significado” (*gedoppelte Bedeutung*): por um lado, é o que “se encontra face ao Eu=Eu expresso no idealismo subjectivo como o verdadeiro absoluto, é o mundo múltiplo no seu ser-aí imediato, com o qual Eu ou o conceito se

¹⁵² «Es ist daher an und für sich Allgemeines; die Allgemeinheit [...] welche die Besonderheit durchdringt und in ihr unmittelbare Einzelheit ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 410.

¹⁵³ «L’objectivité est bien ainsi le trajet, non plus de l’être au concept – ce qui fut le mouvement de la *Logique objective* – mais du concept purement subjectif à son être propre d’abord présumé, puis posé et enfin réalisé, du concept devenu pleinement effectif précisément sous la raison de cette objectivité.» J. BIARD, D. BUVAT, J.-F. KERVEGAN, J.-F. KLING, A. LACROIX, A. LÉCRIVAIN, *Introduction à la lecture de la Science de la logique de Hegel, La doctrine du concept*, Paris, Aubier Montaigne, 1987, p. 244.

¹⁵⁴ «Nessa medida, a filosofia kantiana chama-se idealismo: temos apenas que ver com as nossas determinações, não chegamos ao em-si; não chegamos ao verdadeiramente objectivo.» – «Insofern nannte sich die Kantische Philosophie Idealismus: wir haben es nur mit unseren Bestimmungen zu tun, kommen nicht zum Ansich; zum wahrhaft Objektiven kommen wir nicht.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 351.

¹⁵⁵ «Der ontologische Beweis geht vom absoluten Begriffe aus, schließt aus dem Begriff auf das Sein; es wird Übergang zum Sein gemacht: so bei Anselm, Descartes, Spinoza; alle nehmen Einheit des Seins und Denkens an.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 360.

¹⁵⁶ Naturalmente verifica-se desde logo uma diferença crucial no modo de conceber o próprio conceito por parte de Kant e Hegel, diferença que se encontra por detrás da problemática da objectivação do que é, eminentemente, subjectivo. Em Kant, os conceitos são, enquanto conceitos puros do entendimento ou *categorias*, “formas transcendentais” do sujeito que, no processo de conhecimento, os aplica à matéria sensível dada na intuição e, pela composição dos dois elementos, chega ao conceito determinado de um dado fenómeno (também ele interno ao sujeito). Ora, na Lógica hegeliana, o conceito não é um conceito determinado mas “o” conceito, como unidade do ser e da essência (é o que é essencialmente ou essência tomada ser, existente), que é ele mesmo o sujeito e substância do que é e, como tal, se objectiva forçosamente. Esta dimensão eminentemente ontológica não se encontra presente na concepção kantiana.

¹⁵⁷ «Do conceito não pode, portanto, ser deduzido o ser, porque o ser não se encontra no conceito, mas acrescenta-se ao conceito.» – «Aus dem Begriff kann also nicht auf das Sein geschlossen werden, weil das Sein nicht im Begriff liegt, sondern zum Begriff hinzukommt.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 360.

põe apenas em luta [*Kampf*] infinita”¹⁵⁸. Por outro, “o objecto significa o *que-é-em-e-para-si*” (*Anundfürsichseiende*), e como tal “é sem limitação [*Beschränkung*] e oposição”¹⁵⁹.

No primeiro caso, em que a objectividade é perspectivada como esfera contra-posta ao sujeito (Eu), o objecto não é senão enquanto *Gegenstand* (literalmente *contra-posto*), isto é, “um objecto [*Gegenstand*] em geral para um qualquer interesse e actividade do sujeito”¹⁶⁰, o objecto da consciência que, como tal, permanece “para o outro” que é o subjectivo na consciência. A condição fundamentalmente relacional do objecto que, enquanto objecto (*Gegenstand*) é somente enquanto “para” ou em relação a um sujeito, é crucial para a superação da consciência como tal, não por um outro, mas em e por si mesma. É na medida em que o objecto é pela sua natureza apenas por relação a um outro para o qual é objecto que o seu ser-em-si é verdadeiramente “ser-para-um-outro” (*Für-ein-Anderes-Sein*), ou seja, o “ser do objecto é [ser] para a consciência” (*das Sein des Gegenstandes für das Bewußtsein ist*)¹⁶¹.

A objectividade (*Objektivität*), como horizonte de realização do conceito não é, porém em Hegel, simplesmente o que permanece perante e exterior ao sujeito (o conceito do ponto de vista subjectivo), mas justamente uma totalidade, em que o conceito “é idêntico com o seu ser” (*mit seinem Sein identisch ist*) ou o “*ser do conceito que-é-em-e-para-si*” (*anundfürsichseiend Seins des Begriffes*)¹⁶². A objectividade é, por conseguinte, a realidade que não só deriva mas se mantém como ser-aí da subjectividade ou conceito.

Hegel acrescenta, deste modo, às posições idealistas de matriz subjectiva, como as de Kant e sobretudo de Fichte, uma segunda dimensão de objectividade por aquelas não considerada. Como sugere a interpretação de comentadores franceses, “não se trata de rejeitar desdenhosamente a teoria da objectividade que propõe o idealismo subjectivo”, mas “é ao contrário necessário demonstrar a unilateralidade dessa concepção”¹⁶³, o que Hegel faz introduzindo uma nova perspectiva do objecto como esfera de realização da subjectividade, e não meramente como o que está perante e para além, ou seja, o que impõe um limite à esfera do sujeito.

Na *Enciclopédia* o “objecto” surge ainda caracterizado como o que é, simultaneamente, “ser imediato através da indiferença [*Gleichgültigkeit*] perante a diferença [*Unterschied*]”, o que o constitui como “totalidade” de uma diversidade de determinações, e “um desmoronar-se [*Zerfallen*]

¹⁵⁸ «Indem das Objekt in jenem Sinne dem im subjektiven Idealismus als das absolute Wahre ausgesprochenen Ich = Ich gegenübersteht, ist es die mannigfaltige Welt in ihrem unmittelbaren Dasein, mit welcher Ich oder der Begriff sich nur in den unendlichen Kampf setzt». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 407.

¹⁵⁹ «In dem entgegengesetzten Sinne aber bedeutet das Objektive das *Anundfürsichseiende*, das ohne Beschränkung und Gegensatz ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 408.

¹⁶⁰ «In unbestimmterem Sinne bedeutet es so einen Gegenstand überhaupt für irgendein Interesse und Tätigkeit des Subjekts.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 408.

¹⁶¹ HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, W 3, p. 78. Hegel coloca-se aqui, naturalmente, numa perspectiva essencialmente kantiana. Contudo, a sua *Fenomenologia* trata, justamente, da superação da perspectiva da consciência finita e da exterioridade e inacessibilidade da coisa-em-si, ao instaurar uma concepção distinta da objectividade.

¹⁶² HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 408.

¹⁶³ «Il est clair que pour Hegel il ne s'agit pas de rejeter dédaigneusement la théorie de l'objectivité que propose l'idéalisme subjectif, à savoir la double position absolue d'une réalité sensible, diverse et externe d'un côté, et d'une subjectivité intérieurement tautologique (Je=Je) de l'autre. Il est au contraire nécessaire de démontrer l'unilatéralité de cette conception en la replaçant dans le mouvement de la contradiction dont elle ne ressaisit que les pôles opposés, devenus inertes, et engagés dans un “conflit infini”.» J. BIARD, D. BUVAT, J.-F. KERVEGAN, J.-F. KLING, A. LACROIX, A. LÉCRIVAIN, *Introduction à la lecture de la Science de la logique de Hegel, La doctrine du concept*, p. 250.

em diferentes [*Unterschiedene*], dos quais cada [um] é [ele] mesmo a totalidade”¹⁶⁴. O objecto é, assim, por um lado, o “todo indeterminado, o mundo objectivo em geral, Deus, o objecto absoluto” e, por outro, na medida em que esta mesma totalidade se compõe por uma “multiplicidade” também ela “indeterminada”, cada um dos elementos “*isolados*” é ele mesmo um objecto, isto é, “um ser-aí em si concreto, completo, autónomo”¹⁶⁵.

Desta forma, o objecto é em si mesmo, segundo Hegel, “a *contradição* absoluta da autonomia completa [*vollkommenen Selbständigkeit*] do múltiplo e da [...] não-autonomia completa [*vollkommene Unselbständigkeit*] dos diferentes”¹⁶⁶. Hegel atribui, portanto, um carácter contraditório à própria natureza do objecto.

A “*mónada leibniziana*” (*Leibnizische Monade*) é, segundo Hegel, expressão da contradição referida, na medida em que é simultaneamente “a totalidade da representação do mundo” (*die Totalität der Weltvorstellung*), expressa de um “ponto de vista” singular e, enquanto entidade fechada em si mesma, indiferente ou independente das restantes *mónadas* singulares¹⁶⁷. A “*mónada das mónadas*” ou a “harmonia universal”, “pré-estabelecida” (*préétablie*)¹⁶⁸, por que as *mónadas* incomunicantes concordam e se conformam, não são mais, segundo Hegel, que o reiterar dessa “idealidade” e “não-autonomia”, ou seja, o aprofundamento, e não a resolução, da contradição. A “filosofia leibniziana” é, portanto, a perspectiva em que “o absoluto é o objecto” e, como tal, “a *contradição* completamente desenvolvida”¹⁶⁹.

§ 27. Mecanismo

Hegel trata no âmbito da objectividade das noções de “*mecanismo*” (*Mechanismus*), “*quimismo*” (*Chemismus*) e “*teleologia*” (*Teleologie*), enquanto estes constituem formas distintas de conceber o “processo” (*Prozeß*) de determinação, e consequente realização ou objectivação do conceito, correspondendo cada um destes momentos, respectivamente, aos três momentos da

¹⁶⁴ «Das Objekt ist unmittelbares Sein durch die Gleichgültigkeit gegen den Unterschied, als welcher sich in ihm aufgehoben hat, und ist in sich Totalität, und zugleich, indem diese Identität nur die *ansichseiende* der Momente ist, ist es ebenso gleichgültig gegen seine unmittelbare Einheit; es ist ein Zerfallen in *Unterschiedene*, deren jedes selbst die Totalität ist.» HEGEL, *Enzyklopädie*, §194, W 8, p. 350.

¹⁶⁵ «Mas o objecto tem do mesmo modo a diferença nele, decompõe-se em multiplicidade indeterminada (como *mundo* objectivo), e cada um destes *isolados* é também um objecto, um ser-aí em si concreto, completo, autónomo». – «Aber das Objekt hat ebenso den Unterschied an ihm, zerfällt in sich in unbestimmte Mannigfaltigkeit (als objektive *Welt*), und jedes dieser *Vereinzelten* ist auch ein Objekt, ein in sich konkretes, vollständiges, selbständiges Dasein.» HEGEL, *Enzyklopädie*, §193, W 8, p. 346.

¹⁶⁶ «Das Objekt ist daher der absolute *Widerspruch* der vollkommenen Selbständigkeit des Mannigfaltigen und der ebenso vollkommenen Unselbständigkeit der *Unterschiedenen*.» HEGEL, *Enzyklopädie*, §194, W 8, p. 350.

¹⁶⁷ «Jede Monade ist vorstellend überhaupt und als solche Vorstellung des Universums. Jede Monade ist an sich Totalität, an sich die ganze Welt.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 251.

«toute substance est comme un monde entier». LEIBNIZ, *Discours de metaphysique*, IX, PS IV, p. 434.

«[A filosofia leibniziana] exprime mais precisamente, por um lado, o ser-em-e-para-si dos diferentes e da individualidade, nas muitas *mónadas*, – por outro lado, pelo contrário e desligado a idealidade espinosista e o não-ser-em-e-para-si de toda a diferenciação, enquanto idealismo representante.» – «[Leibnizens Philosophie] spricht näher einerseits das Anundfürsichsein der *Unterschiedenen* und der Individualität aus, in den vielen Monaden, – andererseits dagegen und unverbunden die Spinozistische Idealität und das Nichtanundfürsichsein aller Unterscheidung, als vorstellender Idealismus.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 238.

¹⁶⁸ Respectivamente, LEIBNIZ, *Monadologie*, 59, PS VI, p. 616 e *Monadologie*, 78, PS VI, p. 620.

¹⁶⁹ «Die Definition “*das Absolute ist das Objekt*” ist am bestimmtesten in der *Leibnizischen Monade* enthalten»; «Die Leibnizische Philosophie ist so der vollständig entwickelte *Widerspruch*.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 194, W 8, p. 350.

subjectividade, conceito como tal, juízo e silogismo¹⁷⁰. A inclusão destas problemáticas no interior da *Lógica subjectiva* surge, por conseguinte, como formulação dos diferentes modos por que o conceito se relaciona com a sua própria objectivação enquanto resultante do *poder* (ou potência) diferenciador(a) do próprio conceito.

O mecanismo consiste, segundo Hegel, na objectivação do conceito em que as “diferenças” do último, as determinações que eram expostas pelo juízo e pelo silogismo, se constituem como “*objectos completos e autónomos*”, o que significa que “na sua relação [*Beziehung*] apenas se comportam enquanto *independentes* um do outro [*selbstständige zueinander*] e permanecem em cada ligação [*Verbindung*] exteriores”¹⁷¹. O “objecto mecânico” (*das mechanische Objekt*) é ele mesmo constituído por uma multiplicidade de “partes e lados” (*Teile und Seite*)¹⁷² que, tendo em conta o “carácter do mecanismo” (*Charakter des Mechanismus*) são por sua vez “objectos, totalidades” que se encontram ligados exteriormente¹⁷³. O objecto é, por conseguinte, “em si mesmo” uma mera “pluralidade” (*Mehrheit*), um mero “composto” (*Zusammengesetztes*) ou “agregado” (*Aggregat*) de elementos cuja ligação ou unidade é indiferente à “natureza” dos mesmos¹⁷⁴.

O objecto mecânico consiste, assim, num objecto que “tem portanto, como um ser-aí em geral, a determinidade da sua totalidade *fora dele*, em *outros* objectos, estes do mesmo modo de novo *fora deles* e logo [*sofort*], ao [*ins*] infinito”¹⁷⁵. A razão última do que é encontra-se, pois, fora da realidade ela mesma. Este é, justamente, segundo Hegel, o “ponto de vista” do “*determinismo*” (*Determinismus*), isto é, uma perspectiva em que “em parte alguma” (*nirgend*) se encontra “presente um princípio da autodeterminação” (*Selbstbestimmung*)¹⁷⁶ e cuja totalidade carece do princípio de singularidade, não chegando, por conseguinte, a ser “um universo” (*ein Universum*).

Ora, este mecanismo e o seu consequente determinismo como configuração imediata da objectividade não é senão, segundo Hegel, o que caracteriza a perspectiva leibniziana, reforçando a contradição inerente a esta. Um dos traços fundamentais da última é, justamente, a elaboração de um sistema filosófico em que indivíduos e universo são pensados como intimamente ligados, sem que os primeiros sejam anulados como tal na totalidade que compõem. É neste sentido que a

¹⁷⁰ Cf. HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, pp. 428 e 444.

¹⁷¹ «um der objektiven Totalität willen sind die Unterschiedenen *vollständige* und *selbstständige Objekte*, die sich daher auch in ihrer Beziehung nur als *selbstständige* zueinander verhalten und sich in jeder Verbindung *äußerlich* bleiben.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 409.

¹⁷² «o objecto não tem portanto propriedades nem acidentes, pois tais são separáveis da coisa [*Ding*] ou da substância». – «das Objekt hat daher nicht Eigenschaften noch Akzidenzen, denn solche sind vom Dinge oder der Substanz trennbar». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, pp. 410-411.

¹⁷³ Hegel rejeita a noção de *átomo* na medida em que, na sua perspectiva, este não constitui uma totalidade e, como tal, não pode ser tomado como objecto. (Cf. HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 411) O atomismo caracteriza-se por não reconhecer a unidade fundamental e a natureza relacional dos diferentes elementos, perspectivando cada agregado e composto de uma forma, de acordo com a concepção hegeliana, meramente mecânica, ou seja, em que os elementos não possuem em si mesmos o princípio da sua unidade.

¹⁷⁴ «Isto constitui o carácter do mecanismo, que a relação que tem lugar entre os ligados, esta relação é-lhes uma [ligação] *estranha*, que nem nada concerne à sua natureza». – «Dies macht den Charakter des *Mechanismus* aus, daß, welche Beziehung zwischen den Verbundenen stattfindet, diese Beziehung ihnen eine *fremde* ist». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 409.

¹⁷⁵ «Das Objekt hat hiermit, wie ein Dasein überhaupt, die Bestimmtheit seiner Totalität *außer ihm*, in *anderen* Objekten, diese ebenso wieder *außer ihnen* und sofort ins Unendliche.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 412.

¹⁷⁶ «Es ist daher nirgend ein Prinzip der Selbstbestimmung vorhanden; der *Determinismus* – der Standpunkt, auf dem das Erkennen steht, insofern ihm das Objekt, wie es sich hier zunächst ergeben hat, das Wahre ist – gibt für jede Bestimmung desselben die eines anderen Objekts an». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 412.

substância ou mónada é essencialmente “representação” (*Vorstellung*), pela qual reflecte em si mesma a totalidade do mundo¹⁷⁷, sem que a simplicidade e a unidade essenciais da mesma sejam alteradas, o que constitui, segundo Hegel, a “intelectualidade de todas as coisas” e representa “um grande pensamento de Leibniz”¹⁷⁸.

Outro aspecto fundamental da perspectiva leibniziana é, como se viu a propósito da noção de sujeito, o facto de que a mónada é entendida como uma substância que tem em si mesma o princípio do seu automovimento, isto é, da sua autodeterminação, que Leibniz denomina “apetição” (*Appetition*)¹⁷⁹, e por que se constitui como espontaneidade e dinamismo interno, como “força” (*vis*)¹⁸⁰. Deste modo, é a partir de si mesma, e não de um outro, que os diversos acontecimentos (acidentes da substância) são actualizados segundo a série ideal que a constitui. Esta série ou “noção” completa¹⁸¹ está, todavia, pré-determinada enquanto série possível¹⁸² entre outros possíveis e é determinada à existência por princípios que lhe são exteriores.

Na tentativa de estabelecer um fundamento último para a realidade, não basta recorrer ao “princípio de razão suficiente” ou “determinante”, o qual se aplica certamente às “verdades contingentes” ou ao “mundo das criaturas”¹⁸³, mas é por si só insuficiente na explicação da passagem da possibilidade ideal à actualidade existencial, pois conduziria a uma série infinita de causas e efeitos. A razão última da existência encontra-se, pois, segundo Leibniz, fora do mundo actual, isto é, em Deus¹⁸⁴, e requer, para além daquele, dois outros princípios fundamentais: o da compossibilidade, segundo o qual as múltiplas séries de acontecimentos formam um “mundo possível”, e o do “melhor dos mundos possíveis” ou “*da conveniência*”, princípio teleológico que orienta a vontade de Deus na criação da realidade¹⁸⁵.

¹⁷⁷ «chaque monade est un miroir vivant, ou doué d'action interne, representatif de l'univers, suivant son point de vue, et aussi réglé que l'univers lui-même.» LEIBNIZ, *Principes de la Nature et de la Grace, fondés en raison*, 3, PS VI, p. 599.

¹⁷⁸ «In der Tat, diese Intellektualität aller Dinge ist ein großer Gedanke Leibnizens. „Alle Vielheit ist in die Einheit eingeschlossen“». HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 243.

«Nous expérimentons nous mêmes une multitude dans la substance simples, lorsque nous trouvons que la moindre pensée dont nous nous apercevons enveloppe une variété dans l'objet.» LEIBNIZ, *Monadologie*, 16, PS VI, p. 609.

¹⁷⁹ «L'action du principe interne qui fait le changement [...] peut être appelé Appetition», LEIBNIZ, *Monadologie*, 15, PS VI, p. 609.

¹⁸⁰ «É um conceito supremamente importante que as modificações da mónada [sejam] representadas como acções [*Aktionen*] desprovidas de passividade, como *manifestações* de si mesma e o princípio da reflexão-em-si ou da *individuação* destaca-se como essencial.» – «Es ist ein höchst wichtiger Begriff, daß die Veränderungen der Monade als passivitätslose Aktionen, als *Manifestationen* ihrer selbst vorgestellt [werden] und das Prinzip der Reflexion-in-sich oder der *Individuation* als wesentlich hervorsticht.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-II, W 6, p. 199.

A noção de “*vis viva*” foi formulada por Leibniz especialmente no contexto dos seus escritos sobre dinâmica e constitui um aspecto crucial na sua concepção ontológica, na medida em que esta se caracteriza essencialmente por pensar o real do ponto de vista da continuidade e da unidade fundamental do metafísico e do físico, do orgânico e do mecânico, do ideal e do real, enquanto residente nas próprias substâncias. (Cf. G. W. LEIBNIZ, *Leibnizens mathematische Schriften*, II-II, ed. Gerhardt, in *Leibnizens gesammelte Werke*, III-VI, ed. Georg Heinrich Pertz, Halle, H. W. Schmidt, 1860, p. 457.)

¹⁸¹ «notion individuelle ou hecçeté». LEIBNIZ, *Discours de métaphysique*, VIII, PS IV, p. 433.

¹⁸² «la notion d'une substance individuelle enferme une fois pour toutes tout ce qui lui peut jamais arriver». LEIBNIZ, *Discours de métaphysique*, XIII, PS IV, p. 436.

¹⁸³ «a razão suficiente deve encontrar-se nas verdades contingentes ou de facto, isto é, na sucessão das coisas difundidas pelo universo das Criaturas» – «la raison suffisante se doit trouver dans les vérités contingentes ou de fait, c'est à dire dans la suite des choses répandues par l'univers des Creatures». LEIBNIZ, *Monadologie*, 36, PS VI, p. 612.

¹⁸⁴ «E é assim que a última razão das coisas deve estar numa substância necessária, na qual o detalhe das mudanças não esteja senão, eminentemente, como na fonte, e é ao que chamamos *Deus*.» – «Et c'est ainsi que la dernière raison des choses doit être dans une substance nécessaire, dans laquelle le détail des changements ne soit qu'éminemment, comme dans la source, et c'est ce que nous appelons Dieu.» LEIBNIZ, *Monadologie*, 38, PS VI, p. 613.

¹⁸⁵ «Leibniz tem o pensamento aborrecido de que Deus escolheu o melhor entre os infinitos mundos possíveis – *optimismo*.» – «Leibniz hat den langweiligen Gedanken, daß Gott unter den unendlich möglichen Welten die beste ausgewählt habe, – *Optimismus*.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 248.

Cf. *supra*, I Parte, § 11. Fundamento, p. 45.

Não obstante o acento que Leibniz pretende dar à função da apetição e à espontaneidade interna das mónadas na sua contínua actualização, e justamente porque procura preservar a todo o custo a completa autonomia das substâncias singulares, a filosofia leibniziana permanece, no seu conjunto, segundo Hegel, refém da concordância meramente exterior, ideal, incapaz de pensar a verdadeira unidade e relação entre indivíduos¹⁸⁶. A dispersão ou multiplicidade das mónadas não é perspectivada enquanto contida numa totalidade, isto é, a sua “ligação” não se encontra fundada numa unidade, constituindo, portanto, um sistema de relações simplesmente exteriores¹⁸⁷. E o que pretende ser e parece à primeira vista um sistema não mecanicista é, na verdade, na perspectiva de Hegel, a expressão completa do mecanismo e do determinismo que o primeiro implica.

Enquanto “primeira forma da objectividade”, o mecanismo representa, segundo Hegel, um “modo de consideração [*Betrachtungsweise*] superficial e pobre em pensamento [*gedankenarme*]”, não só relativamente à “Natureza”, mas sobretudo quando se trata do “mundo espiritual” (*geistige Welt*)¹⁸⁸. O mecanismo não é uma relação que caracteriza simplesmente entidades naturais ou materiais mas, segundo Hegel, existe ainda o mecanismo “*espiritual* em que os relacionados [*Bezogene*] no espírito permanecem exteriores um ao outro e a si mesmo”¹⁸⁹. São exemplo disso o “saber” (*wissen*) “*de cor*” (*auswendig*), o “agir” (*Handeln*) ou a “devoção” (*Frömmigkeit*), quando ditados exteriormente por “leis cerimoniais” ou “um conselheiro espiritual” (director de consciência, *Gewissensrat*), na medida em que o “seu próprio espírito [*Geist*] e vontade [*Wille*] não está nas suas acções [*Handlungen*]”, que não são, como tal, senão práticas mecânicas¹⁹⁰.

§ 28. Quimismo

O quimismo representa, na esfera da objectividade, o momento em que a contradição constitutiva do objecto do mecanismo é interiorizada e elevada ao nível da mediação característica desta nova objectivação conceptual. Por conseguinte, a relação que no mecanismo era uma relação somente exterior, entre as diferenças do objecto ou os múltiplos objectos, surge agora como constitutiva da determinidade do objecto próprio do quimismo. Como refere Hegel, o “objecto químico [*das chemische Objekt*] distingue-se do mecânico pelo facto de que o último é uma totalidade, a qual é indiferente face à determinidade; no [*bei*] [objecto] químico, pelo contrário, a

¹⁸⁶ «Mas, nas substâncias simples, tal não é senão uma influência ideal de uma Mónada sobre a outra, que não pode ter o seu efeito senão através da intervenção de Deus». – «Mais dans les substances simples ce n'est qu'une influence ideale d'une Monade sur l'autre, qui ne peut avoir son effect que par l'intervention de Dieu». LEIBNIZ, *Monadologie*, 51, PS VI, p. 615.

¹⁸⁷ «É uma metafísica que parte de uma determinação-intelectual limitada; isto é a multiplicidade absoluta, de modo que a conexão só pode ser apreendida como continuidade.» – «Es ist eine Metaphysik, die von einer beschränkten Verstandesbestimmung ausgeht; dies ist die absolute Vielheit, so daß der Zusammenhang nur als Kontinuität aufgefaßt werden kann.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 255.

¹⁸⁸ «Dies ist jedoch eine oberflächliche und gedankenarme Betrachtungsweise, mit welcher weder in Beziehung auf die Natur, noch viel weniger in Beziehung auf die geistige Welt auszulangen ist.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 195, *Zusatz*, W 8, p. 353.

¹⁸⁹ «Wie der materielle Mechanismus, so besteht auch der *geistige* darin, daß die im Geiste Bezogenen sich einander und ihm selbst äußerlich bleiben.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 410.

¹⁹⁰ «Das Handeln, Frömmigkeit usf. ist ebenso *mechanisch*, insofern dem Menschen durch Zeremonialgesetze, einen Gewissensrat usf. bestimmt wird, was er tut, und sein eigener Geist und Wille nicht in seinen Handlungen ist, sie ihm selbst somit äußerliche sind.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 195, W 8, pp. 352-353.

determinidade, por consequência a *relação a outro* e o modo [*Art und Weise*] desta relação pertence[m] à sua natureza”¹⁹¹.

A contradição e dualidade que se encontram presentes no mecanismo são, deste modo, reforçadas na medida em que, por um lado, o objecto químico continua a ser uma totalidade e, como tal, autónomo¹⁹², mas, por outro lado, a sua determinidade passa a ser constitutivamente a sua relação a outro, já não como indiferença (*Gleichgültigkeit*), como sucede no mecanismo, mas como relação negativa, ou seja, a sua determinidade é “princípio” (*Prinzip*) de diferenciação e determinação em si mesmo, e correspondente exteriorização, na sua relação com o outro¹⁹³.

O objecto químico consiste, portanto, na tensão entre a sua diferença face ao seu outro, que é simultaneamente excluído e constitutivo da sua própria determinidade, e a “*necessidade* [*Notwendigkeit*] e o *impulso* [*Trieb*] de superar o seu *subsistir* contraposto [*entgegengesetzt*], *unilateral* e para fazer de si o *todo real* [*reales Ganz*] na Existência, o qual ele é segundo o seu conceito”¹⁹⁴, ou seja, compreende em si a “exigência” de se pôr em “unidade” com o que lhe é exterior¹⁹⁵. O quimismo é, portanto, em Hegel, a mediação por que a determinidade do conceito se realiza na sua objectividade, mediação efectuada pelo próprio objecto na sua constitutiva relação com as diferentes determinações provenientes do conceito como tal¹⁹⁶, e em que a multiplicidade é perspectivada como resultado de um processo (o processo químico, *der chemische Prozeß*) cuja natureza é essencialmente uma relação em que os “extremos” (*Extreme*) encontram a sua união (*Vereinigung*) e mediação num elemento comum, “neutral” (*neutral*), que é o seu próprio “produto” (*Produkt*), e em que as “propriedades determinadas, que os extremos tinham um perante o outro, são superadas”¹⁹⁷.

A passagem do mecanismo ao quimismo, em paralelo com a passagem do conceito ao juízo, enquanto desenvolvimento necessário do imediato à sua mediação, do meramente interior e sua exteriorização ou realização, reflecte o modo como Hegel perspectiva a natureza do mecanismo e a sua preponderância nos sistemas de matriz mecanicista, bem como uma tendência para encontrar

¹⁹¹ «Das chemische Objekt unterscheidet sich von dem mechanischen dadurch, daß das letztere eine Totalität ist, welche gegen die Bestimmtheit gleichgültig ist; bei dem chemischen dagegen gehört die Bestimmtheit, somit die Beziehung auf Anderes und die Art und Weise dieser Beziehung seiner Natur an.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 429.

¹⁹² «Considerado mais de perto o objecto químico é em primeiro lugar enquanto uma totalidade autónoma em geral, um [objecto] reflectido em si». – «Näher betrachtet ist das chemische Objekt zunächst, als eine selbständige Totalität überhaupt, ein in sich reflektiertes». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 429.

¹⁹³ «Esta determinidade é essencialmente ao mesmo tempo *particularização*, i. e. acolhida na universalidade; ela é assim *princípio*, – a *determinidade universal*, não só a de um objecto singular, mas também a de outro.» – «Diese Bestimmtheit ist wesentlich zugleich *Besonderung*, d. h. in die Allgemeinheit aufgenommen; sie ist so *Prinzip*, – die allgemeine Bestimmtheit, nicht nur die des einen einzelnen Objekts, sondern auch die des anderen.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 429.

¹⁹⁴ «Indem es auf diese Weise an sich der ganze Begriff ist, so hat es an ihm selbst die Notwendigkeit und den Trieb, sein entgegengesetztes, einseitiges Bestehen aufzuheben und sich zu dem realen Ganzen im Dasein zu machen, welches es seinem Begriffe nach ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 429.

¹⁹⁵ «L’objet chimique incarne immédiatement dans son existence la contradiction qui en rend raison: il ne se définit que par sa relation négative à l’autre et par l’exigence de son unité avec lui.» J. BIARD, D. BUVAT, J.-F. KERVEGAN, J.-F. KLING, A. LACROIX, A. LÉCRIVAIN, *Introduction à la lecture de la Science de la logique de Hegel, La doctrine du concept*, p. 294.

¹⁹⁶ «Engagé sous le signe de la différence et du jugement, le chimisme est l’épreuve objective de la scission du concept, mais celui-ci ressaisit par lui ce dédoublement comme le mouvement qui actualise son infini pouvoir d’auto-médiation.» J. BIARD, D. BUVAT, J.-F. KERVEGAN, J.-F. KLING, A. LACROIX, A. LÉCRIVAIN, *Introduction à la lecture de la Science de la logique de Hegel, La doctrine du concept*, p. 290.

¹⁹⁷ «Im neutralen Produkte sind die bestimmten Eigenschaften, die die Extreme gegeneinander hatten, aufgehoben.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 202, W 8, p. 358.

uma continuidade entre os diversos patamares de realidade por parte das ciências da Natureza. A exposição hegeliana pretende, assim, fundar uma ligação entre o mecanismo e o quimismo, apresentando o último como desenvolvimento e aprofundamento do que se encontra presente no objecto e processo mecânicos, refutando o mecanicismo como a verdadeira e última configuração da objectividade. O quimismo não deve, porém, ser considerado sob o paradigma mecânico ou mesmo como parte “da designação comum da relação mecânica”, uma vez que constitui uma “categoria da objectividade”, logo, uma determinação distinta da do mecanismo¹⁹⁸. O mecanismo é, como o quimismo, um momento da objectivação do conceito, um patamar de realidade que, como tal, não representa por si só a verdadeira natureza do que Hegel entende por objectividade e, por conseguinte, deve ser superado e mediado a fim de constituir “uma esfera mais elevada” (*eine höhere Sphäre*) e, por conseguinte, um nível de objectivação mais adequado ao conceito.

O quimismo representa, no interior da objectividade, a primeira negação da mera exterioridade mecânica. O processo químico é, no entanto, “ainda um processo finito, condicionado” (*ein endlicher, bedingter Prozeß*), em que o “conceito como tal é somente o interno” (*das Innere*)¹⁹⁹. O quimismo tem, portanto, de ser superado e dar origem a uma nova categoria objectiva, por que o conceito seja plenamente realizado na sua condição “livre”, tornando-se, assim, “para si” (*für sich*).

§ 29. Teleologia

Surge, então, a terceira categoria da objectividade: a “teleologia” (*Teleologie*) em que o conceito alcança “existência livre”, justamente, como “finalidade” (*Zweck, Zweckmäßigkeit*)²⁰⁰.

A “teleologia é habitualmente contraposta [*entgegengestellt*] ao mecanismo”, refere Hegel, na medida em que a primeira diz respeito “às causas finais” (*causis finalibus*) e o último “às causas eficientes” (*causis efficientibus*), e esta mesma “oposição” (*Gegensatz*) é a que se encontra na origem da “antinomia” (*Antinomie*) entre um “fatalismo” (*Fatalismus*) ou “determinismo” (*Determinismus*) e a “liberdade” (*Freiheit*)²⁰¹. É exemplo disso o “terceiro conflito das ideias transcendentais” ou “terceira antinomia” da *Crítica da Razão Pura*, que contrapõe à afirmação de que a “causalidade segundo as leis da natureza não é a única [...]. Há ainda uma causalidade pela

¹⁹⁸ «Der Chemismus ist eine Kategorie der Objektivität [...]. Weiter sind nun aber auch der Mechanismus und der Chemismus sehr bestimmt voneinander unterschieden». HEGEL, *Enzyklopädie*, § 200, *Zusatz*, W 8, p. 357.

«Ceci marque la volonté de Hegel d'arracher l'intelligence des processus de type chimique à un modèle strictement mécanique. Du reste, la présupposition à partir de laquelle s'engage le procès chimique est d'un tout autre ordre que celle du procès mécanique : relationnellement définie, elle témoigne déjà de l'efficacité de la médiation conceptuelle, largement occultée par le mécanisme.» J. BIARD, D. BUVAT, J.-F. KERVEGAN, J.-F. KLING, A. LACROIX, A. LÉCRIVAIN, *Introduction à la lecture de la Science de la logique de Hegel, La doctrine du concept*, pp. 293-294.

¹⁹⁹ «Der chemische Prozeß ist noch ein endlicher, bedingter Prozeß. Der Begriff als solcher ist nur erst das Innere dieses Prozesses». HEGEL, *Enzyklopädie*, § 202, *Zusatz*, W 8, p. 358.

²⁰⁰ «Wo Zweckmäßigkeit wahrgenommen wird, wird ein Verstand als Urheber derselben angenommen, für den Zweck also die eigene, freie Existenz des Begriffes gefordert.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 436.

²⁰¹ «Die Teleologie wird vornehmlich dem Mechanismus entgegengestellt, in welchem die an dem Objekt gesetzte Bestimmtheit wesentlich als äußerliche eine solche ist, an der sich keine Selbstbestimmung manifestiert. [...] Die Antinomie des Fatalismus mit dem Determinismus und der Freiheit betrifft ebenfalls den Gegensatz des Mechanismus und der Teleologie; denn das Freie ist der Begriff in seiner Existenz.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, pp. 436-437.

liberdade”²⁰² a afirmação contrária de que “não há nenhuma liberdade, mas tudo no mundo acontece unicamente segundo as leis da natureza”²⁰³.

“Tese” (*Thesis*) e “antítese” (*Antithesis*), ou seja, causalidade segundo fins e mera causalidade mecânica, ou “liberdade” e “necessidade”²⁰⁴, surgem, assim, como incompatíveis entre si, mas ambas “igualmente válidas” (*gleich gültige*) em si mesmas. Segundo o texto kantiano, tanto uma como outra são defensáveis e consistentes, e a razão não consegue decidir somente baseada na “prova” que cada uma daquelas constitui, permanecendo, portanto, no conflito, ou seja, no confronto das duas posições opostas.

Segundo Hegel, cumpre colocar “a primeira pergunta necessária” (*die notwendige erste Frage*), isto é, “qual dos dois é o verdadeiro” (*welcher von beiden der wahre sei*), mecanismo ou finalidade. Todavia, “a pergunta verdadeira mais elevada” (*die höhere eigentliche Frage*) é “se um terceiro não é a verdade deles ou se um é a verdade do outro”²⁰⁵.

Ora, na lógica dialéctica hegeliana a finalidade não é senão a dupla negação do mecanismo, pela mediação do quimismo, constituindo, portanto, não uma dualidade insuperável e irresolúvel, como é o caso na antinomia kantiana, mas uma continuidade, negativa, é certo, relativamente àquele, por que a finalidade se constitui como a verdadeira e adequada objectivação do conceito que, necessariamente, contém em si os momentos unilaterais e abstractos expressos na relação mecânica e na relação química. O dualismo antinómico é, por conseguinte, superado na relação teleológica tal como Hegel a concebe.

A finalidade é, deste modo, a “verdade do mecanismo” (*die Wahrheit des Mechanismus*), “o conceito que superou [...] todos os momentos do seu ser-aí objectivo enquanto exteriores e pôs [os mesmos] na sua unidade simples”²⁰⁶, ou seja, é o “conceito livre objectivo” (*objektive freie Begriff*) ou “o conceito mesmo na sua existência” (*der Begriff selbst in seiner Existenz*)²⁰⁷.

Contrariamente à relação causal em que causa e efeito surgem como outros²⁰⁸, na relação de finalidade causa e efeito são o mesmo, neste caso, a “determinidade” do fim que é posta

²⁰² «Die Causalität nach Gesetzen der Natur ist nicht die einzige, aus welcher die Erscheinungen der Welt insgesamt abgeleitet werden können. Es ist noch eine Causalität durch Freiheit zu Erklärung derselben anzunehmen nothwendig.» KANT, *Kritik der reinen Vernunft*, A 444 / B 472.

²⁰³ «Es ist keine Freiheit, sondern alles in der Welt geschieht lediglich nach Gesetzen der Natur.» KANT, *Kritik der reinen Vernunft*, A 445 / B 473.

²⁰⁴ «Es ist erinnert worden, daß der Gegensatz der Teleologie und des Mechanismus zunächst der allgemeinere Gegensatz von *Freiheit* und *Notwendigkeit* ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 441.

²⁰⁵ «Aber die notwendige erste Frage ist, weil sie entgegengesetzt sind, welcher von beiden der wahre sei; und die höhere eigentliche Frage ist, ob nicht ein Drittes ihre Wahrheit oder ob einer die Wahrheit des anderen ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 437.

²⁰⁶ «Der Begriff, welcher hiermit alle Momente seines objektiven Daseins als äußerliche aufgehoben und in seine einfache Einheit gesetzt hat, ist dadurch von der objektiven Äußerlichkeit vollständig befreit.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 436.

²⁰⁷ «der Zweck der Begriff selbst in seiner Existenz ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 438.

²⁰⁸ «Jusqu'ici, à savoir dans le mécanisme et le chimisme, l'existence du concept n'était encore qu'en soi, perdue dans l'extériorité des objets mécaniques et des relations chimiques neutres. Ainsi, le concept qui n'était d'abord qu'intérieur à soi, et cela tout au long de la sphère de la subjectivité, est désormais passé tout entier dans l'extériorité immédiate de l'objectivité.» J. BIARD, D. BUVAT, J.-F. KERVEGAN, J.-F. KLING, A. LACROIX, A. LÉCRIVAIN, *Introduction à la lecture de la Science de la logique de Hegel, La doctrine du concept*, pp. 308-309.

²⁰⁸ «A causa pertence à necessidade ainda não desvelada, à [necessidade] cega; ela aparece por isso enquanto passando ao seu outro e nisso perdendo a sua originariedade no ser-posto; apenas em-si [*an sich*] ou para nós a causa é somente causa no efeito e regressa a si [*in sich*].» — «Die Ursache gehört der noch nicht enthüllten, der blinden Notwendigkeit an; sie erscheint darum als in ihr Anderes übergehend und darin ihre Ursprünglichkeit im Gesetzsein verlierend; nur an sich oder für uns ist die Ursache in der Wirkung erst Ursache und in sich zurückgehend.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 204, W 8, p. 360.

imanentemente no próprio fim, o que significa que o mesmo “é no *final* [*am Ende*], o que ele era no *princípio* [*im Anfange*], na *originariedade* [*Ursprünglichkeit*]”²⁰⁹. Deste modo, a finalidade é, segundo Hegel, “o *universal concreto* que tem nele mesmo o momento da particularidade e exterioridade, é, portanto, activo e o impulso de se repelir de si mesmo”²¹⁰.

É esta imanência da relação final que faz corresponder, na esfera da objectividade, a finalidade ao silogismo, da esfera da subjectividade²¹¹. Tal como este consistia no determinar e diferenciar do conceito no seio da sua identidade, a finalidade é agora a relação que o conceito estabelece no interior de si mesmo na sua objectivação, isto é, na sua realização. A teleologia representa, assim, uma consideração da realidade objectiva distinta daquelas que representam tanto o mecanismo como o quimismo²¹², que permanecem na exterioridade dos seus elementos, constituindo a verdadeira objectivação do conceito, na medida em que expressa realmente a unidade e a autodeterminação ou actividade interna do conceito.

A finalidade é, deste modo, em Hegel, essencialmente “finalidade *interna*” (*innere Zweckmäßigkeit*), opondo-se, portanto, à simples “finalidade *externa*” (*äußere Zweckmäßigkeit*) ou “relativa” (*relative*)²¹³, em que o fim ou conceito se encontra “perante o objecto como perante um *pressuposto*”, ou seja, algo imediatamente exterior e autónomo. Como tal, fim e “objecto a encontrar [*vorzufindenden*] como *material* [*Material*] da sua realização [*Realisierung*]” são exteriores um ao outro, o que constitui, segundo Hegel, o “ponto de vista da *utilidade*” (*Nützlichkeit*)²¹⁴.

²⁰⁹ HEGEL, *Enzyklopädie*, § 204, W 8, p. 360.

²¹⁰ «Der Zweck dagegen ist das *konkrete Allgemeine*, das in ihm selbst das Moment der Besonderheit und Äußerlichkeit hat, daher tätig und der Trieb ist, sich von sich selbst abzustoßen.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 443.

²¹¹ «A relação-de-finalidade é por isso mais do que *juízo*; ela é o *silogismo* do conceito livre autónomo, que se junta através da objectividade consigo mesmo.» – «Die Zweckbeziehung ist dadurch mehr als *Urteil*; sie ist der *Schluß* des selbständigen freien Begriffs, der sich durch die Objektivität mit sich selbst zusammenschließt.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 444.

²¹² «En revanche, la téléologie marque, dans la continuité du développement objectif du concept, un moment crucial, une inflexion décisive. Elle désigne en effet la résurgence de l'unité absolue du concept désormais totalement médiatisé par sa différence objective, ce que Hegel nommait plus haut «la *déterminité de l'extériorité*».

J. BIARD, D. BUVAT, J.-F. KERVEGAN, J.-F. KLING, A. LACROIX, A. LÉCRIVAIN, *Introduction à la lecture de la Science de la logique de Hegel, La doctrine du concept*, p. 323.

²¹³ Segundo Hegel, «um dos grandes méritos de Kant para a filosofia consiste na distinção que estabeleceu entre finalidade relativa ou *externa* e *interna*». – «Eines der großen Verdienste Kants um die Philosophie besteht in der Unterscheidung, die er zwischen relativer oder *äußerer* und *innerer* Zweckmäßigkeit aufgestellt hat.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 440.

²¹⁴ «Die Dinge gelten bei dieser Betrachtungsweise nicht als ihre Bestimmung in sich selbst tragend, sondern bloß als *Mittel*, welche zur Realisierung eines außerhalb ihrer liegenden Zweckes gebraucht und verbraucht werden. Dies ist überhaupt der Gesichtspunkt der *Nützlichkeit*».

HEGEL, *Enzyklopädie*, § 205, *Zusatz*, W 8, p. 362.

A finalidade interna, pelo contrário, é, na perspectiva de Hegel, a que caracteriza a “vida” (*Leben*), tal como Aristóteles ou Kant reconheceram: «Com o conceito de finalidade *interna* Kant inspirou de novo a ideia em geral e principalmente a [ideia] da vida. A determinação de Aristóteles da vida contém já a finalidade interna e encontra-se por isso infinitamente mais acima do conceito da teleologia moderna, a qual apenas tem perante si a finalidade *finita*, a [finalidade] *externa*». – «Mit dem Begriffe von *innerer* Zweckmäßigkeit hat Kant die Idee überhaupt und insbesondere die des Lebens wieder erweckt. Die Bestimmung des *Aristoteles* vom Leben enthält schon die *innere* Zweckmäßigkeit und steht daher unendlich weit über dem Begriffe moderner Teleologie, welche nur die *endliche*, die *äußere* Zweckmäßigkeit vor sich hatte.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 204, W 8, p. 360.

«Toutefois, sur ce point précis, l'interprétation hégélienne semble déborder de beaucoup les intentions kantienne.» J. BIARD, D. BUVAT, J.-F. KERVEGAN, J.-F. KLING, A. LACROIX, A. LÉCRIVAIN, *Introduction à la lecture de la Science de la logique de Hegel, La doctrine du concept*, p. 316.

§ 30. Finalidade e sua Realização

A finalidade é em primeiro lugar enquanto “finalidade subjectiva” (*subjektiver Zweck*), isto é, “o conceito subjectivo, como aspiração [*Streben*] e impulso [*Trieb*] de se pôr exteriormente”²¹⁵. Hegel distingue, contudo, a actividade (*Tätigkeit*) do fim tanto da simples força (*Kraft*) que se exterioriza, como das relações que se estabelecem entre substância e acidentes ou entre causa e efeito (categorias da esfera da essência). Ainda que o processo seja semelhante, os conceitos de força e de causa, tal como Hegel os definiu nos respectivos contextos, representam “apenas um lado incompleto do seu [do fim] significado”²¹⁶.

Uma vez que se trata neste caso da objectivação do conceito, este é enquanto universal que pela sua “relação negativa consigo mesmo” se determina em particular e singular, é “*silogismo* nele mesmo” (*an ihm selbst*). A actividade do conceito é, por conseguinte, como “uma reflexão” que é “a *universalidade interna* do *sujeito*”. Porém, na medida em que se trata de uma realização do conceito enquanto esfera de objectividade, esta reflexão é, simultaneamente, uma “*reflexão para fora*” (*nach außen*)²¹⁷. A finalidade constitui-se, assim, como uma actividade (subjectiva) que se encontra ainda em “*oposição*” com a objectividade²¹⁸, uma vez que se “dirige” para esta como para uma exterioridade, uma “*existência mundana-exterior*” (*außerweltliche*), que se encontra à partida “diante de si” (*vor sich*) como um “*existente*” (disponível, “à mão”, *Vorhandenes*), sendo, como tal, *finita*²¹⁹. A actividade teleológica é, portanto, na sua configuração imediata, uma tensão²²⁰ entre a actividade do conceito e a objectividade imediatamente existente perante ela.

Revela-se, desta forma, o carácter contraditório da finalidade subjectiva, uma vez que, por um lado, o fim é o conceito livre que tende à sua objectivação como tal e, por outro, encontra-se ainda perante este um mundo exterior objectivo como imediatez autónoma²²¹. Contudo, enquanto “impulso à sua realização” (*Trieb seiner Realisierung*), o fim compreende em si mesmo, segundo Hegel, a tendência para superar a exterioridade do mundo objectivo enquanto pressuposto (*vorausgesetzt*), bem como o seu carácter meramente subjectivo ao objectivar-se²²².

²¹⁵ «Der Zweck ist daher der subjektive Begriff, als wesentliches Streben und Trieb, sich äußerlich zu setzen.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 445.

²¹⁶ «Der Zweck kann wohl auch als Kraft und Ursache bestimmt werden, aber diese Ausdrücke erfüllen nur eine unvollkommene Seite seiner Bedeutung.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 445.

²¹⁷ «Por um lado esta reflexão é a *universalidade interna* do *sujeito*, por outro, porém, *reflexão para fora*; e dessa forma o fim é ainda um subjectivo e a sua actividade dirigida para [a] objectividade exterior.» – «Einerseits ist diese Reflexion die *innere Allgemeinheit des Subjekts*, andererseits aber *Reflexion nach außen*; und insofern ist der Zweck noch ein Subjektives und seine Tätigkeit gegen äußerliche Objektivität gerichtet.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 446.

²¹⁸ Cf. HEGEL, *Enzyklopädie*, § 207, W 8, p. 364.

²¹⁹ «a sua finitude consiste segundo este aspecto em que ele tem perante si um *mundo objectivo*, mecânico e químico, ao qual a sua actividade se refere como a um *existente*». – «seine Endlichkeit besteht nach dieser Seite darin, daß er eine *objektive*, mechanische und chemische *Welt* vor sich hat, auf welche sich seine Tätigkeit als auf ein *Vorhandenes* bezieht.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 447.

²²⁰ Cf. a tradução de *Streben* por «tension». J. BIARD, D. BUVAT, J.-F. KERVEGAN, J.-F. KLING, A. LACROIX, A. LÉCRIVAIN, *Introduction à la lecture de la Science de la logique de Hegel, La doctrine du concept*, p. 322.

²²¹ «Cette réalisation, qui est déroulement du procès téléologique jusqu'à son terme tel qu'on peut l'appréhender à partir de la fin subjective, comportera elle-même un double aspect, *négatif* et *positif*, qui n'es d'ailleurs que le déploiement et l'explication de la contradiction intérieure à la fin elle-même.» J. BIARD, D. BUVAT, J.-F. KERVEGAN, J.-F. KLING, A. LACROIX, A. LÉCRIVAIN, *Introduction à la lecture de la Science de la logique de Hegel, La doctrine du concept*, p. 325.

²²² «Ihr zweites Bestimmen ist daher das Aufheben dieser Voraussetzung überhaupt.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 448.

À semelhança do silogismo, cuja mediação era produzida pelo termo médio – no silogismo abstracto pela particularidade que une universalidade e singularidade – na “relação teleológica” (*teleologische Beziehung*) a realização do fim implica um “meio-termo” (*Mitte*) pelo qual seja efectuada a mediação e unidade dos extremos, isto é, do *fim* enquanto originário e do mesmo fim enquanto realizado²²³. Deste modo, o “objecto exterior” devém o “meio” (*Mittel*) pelo qual o fim se “une com a objectividade”²²⁴.

O fim (conceito) é, assim, “poder imediato” (*unmittelbare Macht*) “sobre o objecto”, por que “o *ser* do objecto é inteiramente [*durchaus*] determinado somente como um *ideal* [*ideelles*]”²²⁵ e, por conseguinte, “capturado” (*ergreift*) pelo e “contido” (*enthalten*) no fim²²⁶. O facto de o fim agir sobre o objecto exterior previamente existente, o qual é apropriado e transformado em meio da sua realização, ou seja, sujeito ao seu “poder”, “pode”, segundo Hegel, “ser considerado como *violência*” (poder sobre, *Gewalt*), já que se altera a condição inicial em que fim e objecto-meio são imediatamente “totalidades autónomas um perante o outro”²²⁷.

Deste modo, “conceito e objectividade” encontram-se “ligados no meio apenas exteriormente [*äußerlich*]”, o que, de acordo com a perspectiva de Hegel, representa, naturalmente, “um mero *objecto mecânico*”²²⁸. Como tal, o fim permanece ainda distinto do objecto constituído como meio da sua realização²²⁹, e a “*unidade posta*” de fim (subjectivo) e meio (objecto) implica uma “*mediação*” por que o objecto seja, não pressuposto, mas antes posto ou *produzido* pela actividade teleológica²³⁰.

«Négativement, ce mouvement est orienté vers la sursumption de ce monde objectif qui lui fait face extérieurement, il tente de le poser conformément aux déterminations du concept. Mais ce travail du négatif s'exerçant sur l'immédiateté objective est aussi un travail de soi sur soi, par lequel la fin sursumme progressivement sa propre subjectivité en se réalisant dans l'objectivité.» J. BIARD, D. BUVAT, J.-F. KERVEGAN, J.-F. KLING, A. LACROIX, A. LÉCRIVAIN, *Introduction à la lecture de la Science de la logique de Hegel, La doctrine du concept*, p. 325.

²²³ «A relação teleológica é o silogismo, em que o fim subjectivo se une com a objectividade exterior a ele, » – «Die teleologische Beziehung ist der Schluß, in welchem sich der subjektive Zweck mit der ihm äußerlichen Objektivität durch eine Mitte zusammenschließt». HEGEL, *Enzyklopädie*, § 206, W 8, p. 363.

²²⁴ «O fim une-se pelo meio com a objectividade e nesta consigo mesmo.» – «Der Zweck schließt sich durch ein Mittel mit der Objektivität und in dieser mit sich selbst zusammen.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 448.

²²⁵ «Der Begriff ist diese unmittelbare *Macht*, weil er die mit sich identische Negativität ist, in welcher das *Sein* des Objekts durchaus nur als ein *ideelles* bestimmt ist.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 208, W 8, p. 364.

²²⁶ «Der Zweck ergreift das Objekt unmittelbar, weil er die Macht über das Objekt ist, weil in ihm die Besonderheit und in dieser auch die Objektivität enthalten ist.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 208, *Zusatz*, W 8, pp. 364-365.

²²⁷ «Insofern der Zweck als von ganz anderer Natur erscheint als das Objekt und die beiden Objekte ebenso gegeneinander selbständige Totalitäten sind.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 452.

²²⁸ «Begriff und Objektivität sind daher im Mittel nur äußerlich verbunden; es ist insofern ein bloß *mechanisches Objekt*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 449.

Na perspectiva de Hegel, o desenvolvimento da categoria da teleologia até agora não é senão um reiterar dos processos mecânico e químico, embora «sob a soberania do fim» (*unter der Herrschaft des Zwecks*). (HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 452.) A mudança no ponto de vista por que o mesmo tipo de relação é considerado compreende, no entanto, uma acentuação do carácter subjectivo (o conceito ou fim), o que leva os comentadores franceses a afirmar que «comme le montreront les exemples proposés par Hegel, nous avons affaire ici à des modalités logiques qui sont celle de l'activité conceptuelle immanente engagé dans l'objectivité.» (J. BIARD, D. BUVAT, J.-F. KERVEGAN, J.-F. KLING, A. LACROIX, A. LÉCRIVAIN, *Introduction à la lecture de la Science de la logique de Hegel, La doctrine du concept*, p. 307.) Com efeito, a exposição do processo teleológico compreende um retomar das noções e problemática do silogismo, apresentando o primeiro como configuração objectiva do último.

²²⁹ «A actividade final é, com o seu meio, ainda orientada para fora, porque o fim é também *não* idêntico com o objecto». – «Die zweckmäßige Tätigkeit mit ihrem Mittel ist noch nach außen gerichtet, weil der Zweck auch *nicht* identisch mit dem Objekte ist». HEGEL, *Enzyklopädie*, § 209, W 8, p. 365.

²³⁰ «O fim activo no seu meio tem por isso de determinar o objecto imediato não *como um exterior*, portanto juntar este por si mesmo à unidade do conceito; ou aquela actividade exterior do fim através do seu meio tem de se determinar *como mediação* e superar-se [ela] mesma.» – «Der in seinem Mittel tätige Zweck muß daher nicht *als ein Äußerliches* das unmittelbare Objekt bestimmen, somit dieses durch sich selbst zur Einheit des Begriffes zusammengehen; oder jene äußerliche Tätigkeit des Zwecks durch sein Mittel muß sich *als Vermittlung* bestimmen und selbst aufheben.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 451.

Como se viu, a finalidade não é senão a forma da objectividade em que o conceito livre em si mesmo se realiza plenamente como tal e devém “para si” (*für sich*). Deste modo, é um mesmo “conteúdo” que surge como “o-que-permanece idêntico na realização do fim”²³¹. Hegel defende, portanto, que o “processo teleológico” (*teleologische Prozeß*) é, na verdade, “tradução [literalmente transposição, *Übersetzung*] do conceito existente [*des existierenden Begriffes*] distintamente [*distinkt*] como conceito à objectividade”²³². Garante-se, assim, a identidade do conceito na sua objectivação e, por conseguinte, a superação da exterioridade recíproca de fim e meio, por que o fim se torna “finalidade realizada” (*realisierte Zweck, ausgeführte Zweck*).

Esta constitui, então, a “unidade posta do subjectivo e objectivo”²³³, ou seja, “são superadas a *subjectividade unilateral* e a aparência [*Schein*] da autonomia objectiva existente perante ela”²³⁴. Deste modo, a objectividade alcança a sua verdadeira natureza, isto é, revela-se como horizonte de realidade constituído pela autodeterminação e actividade interna do conceito que exprime a unidade originária deste pela mediação da actividade teleológica, que não é senão a do conceito consigo mesmo.

A realidade objectiva constitui-se, assim, na perspectiva hegeliana, como esfera de exterioridade do conceito que não é, contudo, separada ou distinta deste. Pelo contrário, Hegel afirma que a “objectividade é, por assim dizer, apenas um invólucro [cobertura, *Hülle*], sob o qual o conceito se encontra oculto [*verborgen liegt*]”²³⁵, e o desenrolar dessa realidade exterior objectiva não é senão o desenvolvimento do próprio conceito que se determina e realiza, e devém *para si* o que é inicialmente *em-si* (*an sich*) mesmo.

Como tal, segundo Hegel, “pode-se, por isso, dizer da actividade teleológica, que nela o fim [*Ende*] é o começo, o resultado o fundamento, o efeito a causa, ela é um devir do que deveio [*Gewordenen*], que nela apenas o já existente vem à existência, i. e., que em geral todas as determinações-de-relação [*Verhältnisbestimmungen*], que pertencem à esfera da reflexão ou ao ser imediato, perderam as suas diferenças”²³⁶. Deste modo, não só a exterioridade imediata da alteridade (Ser) ou a diferença e a oposição (Essência), mas ainda a interioridade subjectiva e a exterioridade objectiva são superadas e postas na unidade concreta do conceito.

²³¹ «Um dieser Einfachheit willen, deren Bestimmtheit an und für sich die Totalität des Begriffes ist, erscheint der Inhalt als das *identisch Bleibende* in der Realisierung des Zweckes.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 454.

²³² «Der teleologische Prozeß ist *Übersetzung* des *distinkt* als Begriff existierenden Begriffes in die Objektivität.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 454.

²³³ «Der realisierte Zweck ist so die *gesetzte Einheit* des Subjektiven und Objektiven.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 210, W 8, p. 365.

²³⁴ «Was aber in dem Realisieren des Zwecks *an sich* geschieht, ist, daß die *einseitige Subjektivität* und der Schein der gegen sie vorhandenen objektiven Selbständigkeit aufgehoben wird.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 212, W 8, p. 366.

²³⁵ «Die Objektivität ist so gleichsam nur eine Hülle, unter welcher der Begriff *verborgen* liegt.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 212, *Zusatz*, W 8, p. 367.

²³⁶ «Man kann daher von der teleologischen Tätigkeit sagen, daß in ihr das Ende der Anfang, die Folge der Grund, die Wirkung die Ursache sei, daß sie ein Werden des Gewordenen sei, daß in ihr nur das schon Existierende in die Existenz komme usf., d. h. daß überhaupt alle Verhältnisbestimmungen, die der Sphäre der Reflexion oder des unmittelbaren Seins angehören, ihre Unterschiede verloren haben.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, pp. 454-455.

A teleologia representa, assim, a superação definitiva de qualquer tipo de dualismo²³⁷, nomeadamente, entre ser e essência, imediatez e reflexão, exterioridade e interioridade, objectividade e subjectividade, constituído e constituinte, dando origem a uma perspectiva em que tudo é enquanto elemento de uma unidade diferenciadora em si mesma, uma unidade que compreende a diversidade e multiplicidade, expressas pelas diferentes categorias. A finalidade não é, portanto, “apenas um *dever-ser*” que “tende” a realizar-se, mas “como totalidade concreta idêntica com a objectividade imediata”²³⁸. O conceito devém, por conseguinte, objectivamente conforme à sua natureza, isto é, realidade livre em si mesma.

§ 31. Ideia

A subjectividade constitui, como se viu, uma primeira configuração do conceito, mas uma determinação que é em si mesma apenas interna, não consiste ela mesma numa realidade, num horizonte de exteriorização que lhe seja adequado. Este horizonte é constituído pela objectividade, enquanto “realização” exterior do conceito, mas nesta o conceito perde-se, “afunda-se” no seu outro²³⁹. Este outro não é, porém, senão ele mesmo, e pela superação da exterioridade que o conceito se deu a si mesmo restabelece a identidade que lhe é própria. Esta identidade é agora, simultaneamente, “o conceito simples e a objectividade *imediata*”, bem como a “*mediação igualmente essencial*”²⁴⁰ que é a actividade do conceito, constituindo-se como o que Hegel denomina “*conceito adequado*” (*adäquate Begriff*), “o verdadeiro objectivo” (*objektives Wahre*), “conceito objectivo ou real” (*objektiver oder realer Begriff*)²⁴¹.

É, assim, inaugurado o domínio da “*ideia*” (*Idee*), isto é, da “unidade absoluta” do subjectivo e do objectivo, do conceito como tal e da realidade por ele exposta. E na medida em que reúne em si, como momentos, as esferas anteriores e, como tal, constitui a identidade realizada, mediada, como totalidade do que é interior e exterior, a ideia é, segundo Hegel, “o verdadeiro como tal” (*das Wahre als solche*) ou “o verdadeiro em e para si” (*das Wahre an und für sich*)²⁴².

Ideia não é, pois, algo meramente “*subjectivo*”, um “*pensamento*” (*Gedanken*), “algo apenas não efectivamente real” (*etwas nur Unwirkliches*)²⁴³, ou ainda o que se encontra absolutamente

²³⁷ «Avec l'achèvement de l'activité téléologique, c'est l'ultime occasion d'une résurgence du dualisme ontologique qui se trouve définitivement écartée.» J. BIARD, D. BUVAT, J.-F. KERVEGAN, J.-F. KLING, A. LACROIX, A. LÉCRIVAIN, *Introduction à la lecture de la Science de la logique de Hegel, La doctrine du concept*, p. 307.

²³⁸ «O movimento da finalidade alcançou somente que o momento da exterioridade não é apenas posta no conceito, não é apenas um *dever-ser* e *tender*, mas enquanto totalidade concreta idêntica com a objectividade imediata.» – «Die Bewegung des Zweckes hat nun dies erreicht, daß das Moment der Äußerlichkeit nicht nur im Begriff gesetzt, er nicht nur ein *Sollen* und *Streben*, sondern als konkrete Totalität identisch mit der unmittelbaren Objektivität ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 461.

²³⁹ «Um com a Coisa, ele está *afundado* nela». – «Eins mit der Sache ist er in sie *versenkt*». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 271.

²⁴⁰ «Diese Identität ist einerseits der einfache Begriff und [die] ebenso *unmittelbare* Objektivität, aber andererseits gleich wesentlich *Vermittlung*». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 461.

²⁴¹ HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, pp. 462, 463.

²⁴² «A ideia é o verdadeiro em e para si, a unidade absoluta do conceito e da objectividade.» – «Die Idee ist das Wahre an und für sich, die absolute Einheit des Begriffs und der Objektivität.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 213, W 8, p. 367.

²⁴³ HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 463.

fora, separado da realidade imediata, mas a unidade última da mesma, a sua verdade²⁴⁴. Na perspectiva hegeliana, a ideia compreende em si mesma um “conteúdo real” (*reeller Inhalt*) que constitui a “exposição” (*Darstellung*) do “seu conteúdo ideal” (*ihr ideeller Inhalt*), isto é, “o conceito nas suas determinações”, e, como tal, surge “na forma do ser-aí exterior”²⁴⁵. Não é, por conseguinte, “um lógico meramente formal” (*ein bloß formelles Logisches*), algo “abstracto”²⁴⁶, nem “uma ideia de qualquer coisa” (*von irgend etwas*)²⁴⁷, enquanto “mera representação” (*bloße Vorstellung*) sem existência ou realidade-efectiva, mas, pelo contrário, “é essencialmente concreta, porque ela é o conceito livre que se determina a si mesmo e, com isto, até à realidade [*zur Realität*]”²⁴⁸.

É neste sentido que, para Hegel, “*todo* o real-efectivo, na medida em que é um verdadeiro, é a ideia e tem a sua verdade somente por e em virtude da ideia”²⁴⁹, ou seja, enquanto a sua realidade é a unidade do conceito e da sua objectividade. Como refere Hegel, “aquela realidade que não corresponde ao conceito é mero *fenómeno*, o subjectivo, contingente, arbitrário”, ou seja, não-verdadeiro²⁵⁰. A ideia assume, portanto, uma dimensão ontológica, objectiva, real, compreendendo em si o domínio do sensível, do material, como seu momento constituinte.

Hegel distancia-se, desta forma, da perspectiva kantiana, na medida em que nesta a ideia, nomeadamente na sua dimensão “prática” (*praktisch Idee*), é enquanto “algo necessário, como o objectivo [*Ziel*] que tivesse de ser colocado como *modelo* [original, *Urbild*] para um máximo”, e ao qual o real tem “de se aproximar”²⁵¹, mas que, ainda assim, permanece “sempre uma espécie de *além*” (*eine Art von Jenseits*), nunca se torna ele mesmo real, objectivo. Ora, como defende Hegel, o real, ou “o mundo objectivo e subjectivo em geral *devem* não meramente *congruir* [*kongruieren*] com a ideia, mas são eles mesmos a congruência do conceito e da realidade”²⁵².

Hegel segue, no entanto, Kant ao considerar a ideia como “*conceito da razão*” (*Vernunftbegriff*)²⁵³, distinguindo-a do simples “conceito do entendimento” (*Verstandesbegriff*), embora as implicações doutrinárias num e noutro sejam manifestamente distintas.²⁵⁴ Enquanto os conceitos do entendimento se aplicam, na concepção kantiana, ao material dado na experiência

²⁴⁴ «Na ideia não se trata deste [*Eu*], nem de representações, nem de coisas exteriores.» – «In der Idee handelt es sich nicht um Diesen, noch um Vorstellungen, noch um äußerliche Dinge.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 213, W 8, p. 368.

²⁴⁵ «Ihr ideeller Inhalt ist kein anderer als der Begriff in seinen Bestimmungen; ihr reeller Inhalt ist nur seine Darstellung, die er sich in der Form äußerlichen Daseins gibt.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 213, W 8, p. 367.

²⁴⁶ «Igualmente falsa é a representação como se a ideia fosse apenas o *abstracto*.» – «Ebenso falsch ist die Vorstellung, als ob die Idee nur das *Abstrakte* sei.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 213, W 8, p. 368.

²⁴⁷ «Die Idee selbst ist nicht zu nehmen als eine Idee *von irgend etwas*.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 213, W 8, p. 368.

²⁴⁸ «aber an ihr selbst ist sie wesentlich *konkret*, weil sie der freie, sich selbst und hiermit zur Realität bestimmende Begriff ist.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 213, W 8, pp. 368-369.

²⁴⁹ «Aber auch *alles* Wirkliche, insofern es ein Wahres ist, ist die Idee und hat seine Wahrheit allein durch und kraft der Idee.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 213, W 8, p. 368.

²⁵⁰ «diejenige Realität, welche dem Begriffe nicht entspricht, ist bloße *Erscheinung*, das Subjektive, Zufällige, Willkürliche, das nicht die Wahrheit ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 464.

²⁵¹ «Kant sieht die Idee als etwas Notwendiges, als das Ziel an, das als das *Urbild* für ein Maximum aufzustellen und dem den Zustand der Wirklichkeit immer näherzubringen das Bestreben sein müsse.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, pp. 463-464.

²⁵² «Der Gegenstand, die objektive und subjektive Welt überhaupt *sollen* mit der Idee nicht bloß *kongruieren*, sondern sie sind selbst die Kongruenz des Begriffs und der Realität.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 464.

²⁵³ «Kant reivindicou a expressão *ideia* novamente para o *conceito-racional*.» – «Kant hat den Ausdruck *Idee* wieder dem *Vernunftbegriff* vindiziert.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 462.

²⁵⁴ Para as aproximações e diferenças relativamente à concepção kantiana de razão v. *infra*, §§ seguintes.

através da intuição sensível, a ideia é tomada como “conceito do incondicionado” (*Begriff vom Unbedingten*), do que não se constitui como objecto de intuição²⁵⁵ e, consequentemente, como fenómeno, uma vez que Kant rejeita a possibilidade de uma intuição puramente intelectual²⁵⁶.

É, portanto, crucial a distinção que Kant estabelece entre conhecer e pensar. O primeiro tem por objecto as representações derivadas da experiência, através da aplicação dos conceitos do entendimento às intuições sensíveis, ou seja, meros fenómenos, não podendo, portanto, ser relativo às “coisas-em-si” que, como tal, não são objecto de uma experiência possível. O que estas são, independentemente das categorias do sujeito cognoscente, permanece, na filosofia kantiana, uma incógnita. Porém, aquilo que escapa à intuição pode, contudo, constituir objecto de pensamento, pois este não implica a existência do seu objecto²⁵⁷, defendendo Kant que “deverá ressaltar-se e ficar bem entendido que devemos, pelo menos, poder *pensar* esses objectos como coisas em si embora os não possamos *conhecer*”²⁵⁸.

Ainda de acordo com a perspectiva kantiana, a diferença fundamental entre os conceitos do entendimento e os conceitos da razão, ou ideias, é a que se estabelece entre “*compreender*” (entender, *Verstehen*) e “*conceber*” (*Begreifen*)²⁵⁹, em que o primeiro é “apenas um determinar das percepções” pela “reflexão”²⁶⁰, por conseguinte, uma operação baseada na determinidade, ou seja, nos diferentes aspectos ou momentos finitos da *coisa* (*Ding*), e o segundo pensa a totalidade da experiência, não enquanto de um objecto determinado, mas enquanto “incondicionado”, como “algo em que toda a experiência se integra”²⁶¹. Ora, segundo Hegel, o “*conceber* de um objecto consiste de facto em nada mais do que [o] Eu se *apropria* [*sich zu eigen machen*] do mesmo, penetra-o e trá-lo à *sua forma própria*, i. e., à *universalidade* que é imediatamente *determinidade*,

²⁵⁵ «Entendo por ideia um conceito necessário da razão ao qual não pode ser dado nos sentidos um objecto que lhe corresponda. Os conceitos puros da razão, que agora estamos a considerar, são pois ideias transcendentais.» – «Ich verstehe unter Idee einen nothwendigen Vernunftbegriff, dem kein congruierender Gegenstand in den Sinnen gegeben werden kann. Also find unsere jetzt ermogene reine Vernunftbegriffe *transcendentale Ideen*.» KANT, *Kritik der reinen Vernunft*, A 327 / B 383.

²⁵⁶ «Pois a condição do uso objectivo de todos os nossos conceitos do entendimento é meramente o modo da nossa intuição sensível, pela qual nos são dados objectos, e se abstrairmos do último, os conceitos não têm nenhuma referência a qualquer objecto.» – «Denn die Bedingung des objectiven Gebrauchs aller unserer Verstandesbegriffe ist bloß die Art unserer sinnlichen Anschauung, wodurch uns Gegenstände gegeben werden, und wenn wir von der letzteren abstrahiren, so haben die erstern gar keine Beziehung auf irgend ein Object.» KANT, *Kritik der reinen Vernunft*, A 286 / B 342.

²⁵⁷ «Para *conhecer* um objecto é necessário que eu possa provar a sua possibilidade [...]. Mas posso *pensar* no que quiser, desde que não me contradiga comigo mesmo, i. e., desde que o meu conceito seja apenas um pensamento possível, embora não possa responder se, no conjunto de todas as possibilidades, a esse [conceito] corresponda ou não também um objecto.» – «Einen Gegenstand *erkennen*, dazu wird erfordert, daß ich seine Möglichkeit [...] beweisen könne. Aber *denken* kann ich, was ich will, wenn ich mir nur nicht selbst widerspreche, d. i. wenn mein Begriff nur ein möglicher Gedanke ist, ob ich zwar dafür nicht stehen kann, ob im Inbegriffe aller Möglichkeiten diesem auch ein Object correspondire oder nicht.» KANT, *Kritik der reinen Vernunft*, B XXVI (nota).

²⁵⁸ «Gleichwohl wird, welches wohl gemerkt werden muß, doch dabei immer vorbehalten, daß wir eben dieselben Gegenstände auch als Dinge an sich selbst, wenn gleich nicht erkennen, doch wenigstens müssen denken können.» KANT, *Kritik der reinen Vernunft*, B XXVI.

²⁵⁹ «Os conceitos da razão servem para *conceber*, os conceitos do entendimento para *compreender* as percepções.» – «Die Vernunftbegriffe sollen zum *Begreifen*, die Verstandesbegriffe zum *Verstehen* der Wahrnehmungen dienen.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 462; KANT, *Kritik der reinen Vernunft*, A 311 / B 367.

²⁶⁰ «Ist aber das Verstehen nur ein Bestimmen der Wahrnehmungen durch solche Bestimmungen.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 462.

²⁶¹ «Se eles contêm o incondicionado, referem-se a algo em que toda a experiência se integra, mas que, em si mesmo, não é nunca objecto da experiência: algo a que a razão conduz, a partir das conclusões extraídas da experiência, algo mediante o qual avalia e mede o grau do seu uso empírico, mas que nunca constitui um membro da síntese empírica.» – «Wenn sie das Unbedingte enthalten, so betreffen sie etwas, worunter alle Erfahrung gehört, welches selbst aber niemals ein Gegenstand der Erfahrung ist: etwas, worauf die Vernunft in ihren Schlüssen aus der Erfahrung führt, und wornach sie den Grad ihres empirischen Gebrauchs schätzt und abmißt, niemals aber ein Glied der empirischen Synthesis ausmacht.» KANT, *Kritik der reinen Vernunft*, A 311 / B 367-368.

ou determinidade que [é] imediatamente universalidade”²⁶², o que corresponde, portanto, à totalidade desenvolvida do conceito como tal ou universal concreto.

Entendimento e razão são, portanto, em Hegel, à semelhança do que se verifica em Kant, fundamentalmente distintos ou “contrapostos”²⁶³: enquanto o “entendimento é tomado como a faculdade do conceito *determinado*”, na razão “os conceitos *determinados* são postos na sua *totalidade e unidade*”²⁶⁴. Esta totalidade implica, porém, na perspectiva hegeliana, tanto a “totalidade do conceito”, ele mesmo um concreto, porque unidade mediada de momentos distintos, como a realidade exterior do mesmo enquanto objectividade²⁶⁵. Esta totalidade é, como se viu, a ideia que “pode”, como tal, “ser compreendida [apreendida, *gefaßt*] como a *razão*” (*Vernunft*)²⁶⁶, ou, como refere Hegel, ela é “o *racional*” (*das Vernünftige*)²⁶⁷.

§ 32. Razão

O *racional* surge pela primeira vez na *Ciência da Lógica* identificado com o silogismo, na medida em que este representa “o conceito completamente posto” (*vollständig gesetzte Begriff*)²⁶⁸, embora ainda apenas subjectivamente, enquanto unidade da unidade simples que é o conceito como tal e das diferentes determinações postas no juízo, correspondentes à realização imediata do primeiro.

O silogismo é, assim, a “*forma do racional*” (*Form des Vernünftigen*) e, como tal, “o *fundamento essencial de todo o verdadeiro*” (*der wesentliche Grund alles Wahren*). E se Hegel afirmava, anteriormente, que “*todas as coisas são um juízo*”, na medida em que eram algo de determinado a partir da unidade simples do conceito, adianta agora que “*Tudo é um silogismo*” (*Alles ist ein Schluß*)²⁶⁹, uma vez que tudo o que é efectivamente, “o real-efectivo” (*das Wirkliche*) é, simultaneamente, “um” (*Eines*) e “o cindir [sair uns a partir dos outros, *Auseinandertreten*] dos

²⁶² «Das Begreifen eines Gegenstandes besteht in der Tat in nichts anderem, als daß Ich denselben sich zu *eigen* macht, ihn durchdringt und ihn in *seine eigene Form*, d. i. in die *Allgemeinheit*, welche unmittelbar *Bestimmtheit*, oder Bestimmtheit, welche unmittelbar *Allgemeinheit* ist, bringt.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 255.

²⁶³ «Principalmente, porém, ele [entendimento] é contraposto à *razão*. – «Vornehmlich aber wird er der *Vernunft* entgegengesetzt». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 273.

²⁶⁴ «Der Verstand wird als das Vermögen des *bestimmten* Begriffes genommen, welcher durch die Abstraktion und Form der *Allgemeinheit für sich* festgehalten wird. In der *Vernunft* aber sind die *bestimmten* Begriffe in ihrer *Totalität* und *Einheit* gesetzt.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, pp. 351-352.

²⁶⁵ «na medida em que a *razão* é diferenciada do entendimento e do conceito como tal, ela é, assim, a totalidade do conceito e da objectividade.» – «insofern die *Vernunft* vom *Verstande* und dem *Begriff* als solchem unterschieden wird, so ist sie die *Totalität* des *Begriffs* und der *Objektivität*». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 462.

²⁶⁶ «Die Idee kann als die *Vernunft* [...] gefaßt werden». HEGEL, *Enzyklopädie*, § 214, W 8, p. 370.

²⁶⁷ «Neste sentido a ideia é o *racional*» – «In diesem Sinne ist die Idee das *Vernünftige*». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, pp. 462-463.

²⁶⁸ «Der Schluß ist somit der vollständig gesetzte Begriff; er ist daher das *Vernünftige*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 351.

²⁶⁹ «Todas as coisas são o *silogismo*, um universal que pela particularidade se uniu com a singularidade». – «Alle Dinge sind der *Schluß*, ein *Allgemeines*, das durch die *Besonderheit* mit der *Einzelheit* zusammengeschlossen ist». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 359.

momentos do conceito e o silogismo [é] o circuito [*Kreislauf*] da mediação dos seus momentos, pelos quais ele [o real-efectivo] se põe como um”²⁷⁰.

Na medida em que é precisamente o silogismo que efectua a mediação dos momentos determinados e, portanto, finitos e abstractos, com a unidade simples do conceito e eleva este à unidade concreta dos seus momentos, por que o conceito se torna totalidade realizada, Hegel defende que “o silogismo não só é, por isso, o racional”, mas ainda que “*todo o racional é um silogismo*” (*alles Vernünftige ist ein Schluß*)²⁷¹. A razão surge, assim, como acto de “silogizar” (*Schließen*), isto é, como movimento que supera as diferenças exteriores e as põe na unidade mediada que é o conceito realizado²⁷².

Ao longo da Lógica são várias as referências à natureza racional de algumas categorias e à diferença crucial entre uma consideração meramente reflexiva das determinações e uma consideração verdadeiramente racional. É exemplo disso a secção dedicada por Hegel à noção de infinito, tanto na esfera qualitativa como na esfera quantitativa do ser imediato. Como se viu, um primeiro infinito, enquanto contraposto ao finito, não deixa de ser em si mesmo finito porque pelo último limitado. Este foi apresentado por Hegel como o “finito do entendimento”. O verdadeiro infinito, todavia, é aquele que supera, não só a finitude, mas ainda o infinito que se opõe a esta, constituindo a unidade mediada de ambos. Este é, por seu lado, o infinito “da razão”, o infinito que contém em si idealmente, isto é, como momentos, tanto o finito como o infinito-finito ou finito do entendimento.

A distinção entre entendimento e razão é, portanto, não só fundamental para a compreensão do que Hegel entende por conceito e ideia, e a natureza da actividade que é o pensar, mas percorre, simultaneamente, toda a série de categorias que configuram o horizonte de inteligibilidade edificado pela filosofia hegeliana e é determinante no modo como Hegel concebe a própria realidade.

Na *Fenomenologia do Espírito*, em que Hegel trata dos estádios e desenvolvimento da consciência e respectivo objecto²⁷³, ou seja, expõe o “movimento *dialéctico*” em que consiste a

²⁷⁰ «Das Wirkliche ist Eines, aber ebenso das Auseinandertreten der Begriffsmomente, und der Schluß der Kreislauf der Vermittlung seiner Momente, durch welchen es sich als Eines setzt.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 181, W 8, p. 332.

²⁷¹ «Der Schluß ist daher nicht nur vernünftig, sondern *alles Vernünftige ist ein Schluß*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 352.

²⁷² «Em conformidade com a concepção acima mencionada do silogismo como forma do racional definiu-se portanto também a razão ela mesma como a faculdade de silogizar, o entendimento, pelo contrário, como a faculdade de formar conceitos.» – «In Gemäßheit der im Obigen erwähnten Auffassung des Schlusses als der Form des Vernünftigen hat man dann auch die Vernunft selbst als das Vermögen, zu schließen, den Verstand dagegen als das Vermögen, Begriffe zu bilden, definiert.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 182, *Zusatz*, W 8, p. 334.

A esta «razão dos silogismos» é, segundo Hegel, geralmente contraposta uma razão “em e para si” enquanto “fonte de leis e outras verdades eternas a pensamentos absolutos” (*die Quelle von Gesetzen und sonstigen ewigen Wahrheiten und absoluten Gedanken*), que “parece envergonhar-se” (*sich zu schämen*) da primeira, e “costumam ambas ser assim mantidas separadas uma da outra” (*pfliegen beide so auseinandergehalten zu werden*). (HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 352.) A perspectiva hegeliana aponta, contudo, noutro sentido.

²⁷³ Como refere Hegel, «Porque agora esta exposição tem apenas por objecto o saber que aparece, ela não parece ela mesma ser a ciência livre, movendo-se na sua figura própria, mas ela pode ser nomeada deste ponto de vista como o trajecto da consciência natural que penetra até ao verdadeiro saber, ou como o trajecto da alma, a qual percorre a série das suas configurações, como estações postas diante de si pela sua natureza, de modo que que ela se purifica até ao Espírito, enquanto pela experiência completa dela mesma alcançou o conhecimento do que ela é em-si mesma.» – «Weil nun diese Darstellung nur das erscheinende Wissen zum Gegenstande hat, so scheint sie selbst nicht die freie, in ihrer eigentümlichen Gestalt sich bewegende Wissenschaft zu sein, sondern sie kann von diesem Standpunkte aus als der Weg des natürlichen Bewußtseins, das zum wahren Wissen dringt, genommen werden, oder als der

“*experiência*” (*Erfahrung*)²⁷⁴, desde uma consciência que é simplesmente “certeza sensível” (*sinnliche Gewißheit*) imediata até ao “*espírito*” (*Geist*) como “certeza de ser toda a realidade” “elevada à verdade”²⁷⁵, o entendimento constitui um estágio anterior relativamente à razão, mais precisamente o terceiro momento da “consciência”, precedendo a autoconsciência que, por sua vez, se eleva à razão.

A consciência, como tal, começa por ser consciência “sensível” em que o objecto surge como puro “ser da Coisa” ou pura consciência de que a coisa “é”, o que constitui, segundo Hegel, um saber imediato do imediato²⁷⁶. O objecto surge, aqui, como mero “este” (*Dieses*)²⁷⁷ de que nada mais se sabe para além, de que “é”, o que representa, evidentemente, no quadro da ontologia hegeliana, a maior abstracção e imediatez possível, sendo este nível de conhecimento identificado por Hegel com o mero “opinar” (*meinen*), ou seja, uma consideração simplesmente subjectiva, sem fundamento ou conteúdo objectivo, real²⁷⁸.

A certeza sensível eleva-se à “*percepção*” (*Wahrnehmung*) em que o objecto surge, já não como simples “isto”, mas como “*coisa de muitas propriedades*” (*Ding von vielen Eigenschaften*), ou seja, algo de “determinado” (*bestimmt*) e “diferenciado” (*unterschieden*)²⁷⁹. Na dialéctica que se estabelece entre a coisa enquanto “meio universal abstracto” (*abstrakte allgemeine Medium*), ou o “também” (*Auch*)²⁸⁰ que reúne as diversas propriedades, e a mesma enquanto “*um, unidade excluinte*” (*Eins, ausschließende Einheit*), “o momento da negação” (*Moment der Negation*)²⁸¹ compreendida em toda a determinação, a consciência eleva-se do universal “condicionado”

Weg der Seele, welche die Reihe ihrer Gestaltungen, als durch ihre Natur ihr vorgesteckter Stationen, durchwandert, daß sie sich zum Geiste läutere, indem sie durch die vollständige Erfahrung ihrer selbst zur Erkenntnis desjenigen gelangt, was sie an sich selbst ist.” HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, W 3, p. 72.

Carmo Ferreira refere-se a este processo da consciência como “a história e o programa da conversão do indivíduo singular, inculto, prisioneiro da naturalidade e substancialidade inorgânicas e da representação enclausurante e ensimesmada, no indivíduo universal, identificado com a ciência ou o saber de si como consciência absolutamente formada”. CARMO FERREIRA, “A questão da individualidade em Hegel”, pp. 197-8.

²⁷⁴ HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, W 3, p. 78.

²⁷⁵ «Die Vernunft ist Geist, indem die Gewißheit, alle Realität zu sein, zur Wahrheit erhoben und sie sich ihrer selbst als ihrer Welt und der Welt als ihrer selbst bewußt ist.» HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, W 3, p.324.

²⁷⁶ «Sie sagt von dem, was sie weiß, nur dies aus: es ist; und ihre Wahrheit enthält allein das Sein der Sache». HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, W 3, p. 82.

²⁷⁷ «*Exprimimos* também o sensível como um universal; o que dizemos é. *Este*, i. e., o *este universal*, ou: *é*, i. e., o *ser em geral*.» – «Als ein Allgemeines *sprechen* wir auch das Sinnliche *aus*; was wir sagen, ist. *Dieses*, d. h. das *allgemeine Diese*, oder: *es ist*; d. h. das *Sein überhaupt*.» HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, W 3, p. 85.

²⁷⁸ O opinar (*meinen*), ou o formular uma opinião (*Meinung*), é manifestamente um acto essencialmente fundado na dimensão subjectiva, entendida como esfera privada do *Eu*, como saber que é apenas *meu* (meu). Hegel recorre aqui à raiz comum de *Meinung*, *meinen* e *mein*.

O tema da opinião e da sua relação com a filosofia ou o verdadeiro conhecimento é recorrente na História da Filosofia. Em Platão, por exemplo, a opinião é associada ao domínio da aparência, contra o verdadeiro conhecimento do que é real e verdadeiramente, as ideias (cf. PLATÃO, *La République*, V, 476 d), enquanto para Aristóteles é o que tem por objecto o que é contingentemente, o que se encontra sujeito à geração e corrupção, ou seja, as «substâncias sensíveis singulares». Só o necessário e universal é definível e demonstrável, portanto, objecto de conhecimento científico. (Cf. ARISTÓTELES, *Metafísica*, Z, 15, 1039b 30 – 1040a 5).

«Wir *stellen* uns dabei freilich nicht das allgemeine Diese oder das Sein überhaupt *vor*, aber wir *sprechen* das Allgemeine *aus*; oder wir *sprechen* schlechthin nicht, wie wir in dieser sinnlichen Gewißheit *meinen*.» HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, W 3, p. 85.

²⁷⁹ HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, W 3, p. 94.

²⁸⁰ «Dies *Auch* ist also das reine Allgemeine selbst oder das Medium, die sie so zusammenfassende *Dingheit*.» HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, W 3, p. 95.

²⁸¹ HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, W 3, p. 95.

sensivelmente²⁸² à “universalidade absoluta incondicionada”, o que constitui o domínio do “entendimento”²⁸³.

No entendimento, o objecto é, deste modo, incondicionado, isto é, literalmente *des-coisificado* (*un-be-dingt*), o que implica uma perda de autonomia (*Selbstständigkeit*), permanência ou subsistência da coisa em si mesma. Enquanto nas primeiras figuras da consciência o objecto era perspectivado como algo de estático, mera “passividade” (*Passivität*) ou simples “ser para outro” (*Sein für Anderes*), na esfera do entendimento devém algo de certo modo dinâmico, vivo, que implica e compreende em si mesmo uma dimensão reflexiva como “ser-para-si” (*Fürsichsein*)²⁸⁴. O universal incondicionado é, então, segundo Hegel o “passar” (transitar, *Übergehen*) do elemento que corresponde ao “conteúdo” (*Inhalt*), e que são os momentos da coisa percebida, ao elemento da “forma” (*Form*) e inversamente, movimento que Hegel denomina “força” (*Kraft*)²⁸⁵.

O entendimento tem, portanto, por objecto o universal enquanto conceito de força, conceito que permite pensar o movimento do objecto enquanto fundado em si mesmo²⁸⁶, como “essência verdadeira” (*wahrhaftes Wesen*) ou “o interior das coisas” (*das Innere der Dinge*)²⁸⁷, o que conduz à distinção entre “mundo fenoménico” (*erscheinende Welt*) e mundo “supra-sensível” (*übersinnliche*) ou “verdadeiro” (*wahre*), respectivamente como “o que desaparece” (*verschwindend*), que não tem subsistência em si mesmo, e “o que permanece” (*bleibend*)²⁸⁸.

O paralelo com a exposição do fenómeno na *Ciência da Lógica* foi referido. Como se viu, também nesta Hegel tematiza o dualismo entre “mundo fenoménico” e “mundo que é em-si” (*an sich seiende Welt*) ou “mundo supra-sensível”, bem como a questão da “lei” (*Gesetz*) que, tanto na *Fenomenologia* como na *Lógica*, representa a “unidade” na diferença, o imutável na mudança, o essencial no inessencial. Na *Fenomenologia*, porém, Hegel apresenta o “reino das leis” (*Reich der Gesetze*) como constituindo “a verdade do entendimento” (*die Wahrheit des Verstandes*)²⁸⁹, o que, tendo em conta a natureza e posição do entendimento no quadro das sucessivas figuras da consciência, não corresponde ainda à última verdade, à verdade completa, concreta, mas somente uma verdade abstracta que, na medida em que separa o imutável do que se manifesta sensivelmente e permanece nesse dualismo entre dois mundos, expressa apenas o universal abstracto, agora sob a forma da lei, que, a partir de fora, confere ordem e sentido ao fenoménico.

Poder-se-ia estender o paralelo entre as duas obras – que expressam, portanto, duas perspectivas diferentes, nomeadamente, o ponto de vista da consciência, na medida em que esta se eleva e perpassa os diferentes modos de apreender o objecto de conhecimento ou, o que é o mesmo,

²⁸² «Aus dem sinnlichen Sein wird [der Gegenstand] ein Allgemeines; aber dies Allgemeine ist, da es *aus dem Sinnlichen herkommt*, wesentlich durch dasselbe *bedingt*». HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, W 3, p. 104.

²⁸³ «so ist jetzt die unbedingte absolute Allgemeinheit vorhanden, und das Bewußtsein tritt hier erst wahrhaft in das Reich des Verstandes ein.» HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, W 3, p. 104.

²⁸⁴ «Jenes ist die Aufhebung der Selbstständigkeit des Dinges oder die Passivität, die ein Sein für Anderes ist, dies aber das Fürsichsein.» HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, W 3, p. 109.

²⁸⁵ HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, W 3, pp. 108-10.

²⁸⁶ O conceito de força em Leibniz (*vis*), a par da apetição, reflecte, justamente, a espontaneidade no dinamismo interno das mónadas.

²⁸⁷ HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, W 3, pp. 115-6.

²⁸⁸ HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, W 3, p. 117.

²⁸⁹ HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, W 3, p. 120.

de o subjectivo no conhecer se relacionar com o objectivo, com o ser ou a realidade, e o ponto de vista do pensar e saber absolutos – às restantes esferas da consciência e categorias lógicas. Assim, à consciência sensível, ou “o espírito enquanto *intuitivo* [*anschauend*]”, corresponde, segundo Hegel, o “ser imediato” da “*Doutrina do Ser*”, à consciência “*representativa*” (*vorstellend*) ou “*perceptiva*” (*wahrnehmend*) a esfera da “essência ou da reflexão”, enquanto ao entendimento corresponde a esfera do conceito que não se elevou ainda à ideia.²⁹⁰

Hegel distingue, contudo, a dimensão em que numa e noutra perspectiva tanto o entendimento como o conceito são tomados, afirmando que “aqui”, isto é, na *Lógica*, “é de considerar o conceito não como acto [*Aktus*] do entendimento autoconsciente [*selbstbewußte Verstand*], não o entendimento *subjectivo*”, ponto de vista fenomenológico, “mas o conceito em e para si, o qual constitui tanto um *estádio* [*Stufe*] da natureza como do espírito” (*Geist*)²⁹¹. A *Fenomenologia* expõe, portanto, o percurso da consciência que se eleva de figuras inferiores da sua apreensão do objecto, formas em que este é ainda exterior àquela, até às figuras da razão e do espírito em que o objecto se torna ou revela interior à própria consciência; a *Ciência da Lógica*, que inicia a sua exposição tendo como pressuposto o resultado alcançado nos últimos capítulos da primeira obra, constitui a exposição do conceito, em a para si mesmo na imanência do puro pensar.

Do ponto de vista fenomenológico, a “razão” é precisamente o momento em que a “autoconsciência” ou “certeza de si” supera a sua relação a um outro que lhe é exterior, um outro que é, neste caso, igualmente “uma outra consciência”²⁹², e que entra com a primeira numa relação e luta pelo “reconhecimento”, constituindo a dialéctica entre “senhor” (*Herr*) e “servo” (*Knecht*), e através da libertação ou “liberdade” alcançada nessa superação da dualidade implicada na distinção entre subjectivo e objectivo, conhecer e conhecido, reconhece que “toda a realidade-efectiva não é senão ela” mesma²⁹³. Esta afirmação constitui o que Hegel considera ser o modo por que “o idealismo exprime o seu [da razão] conceito” (*so spricht der Idealismus ihren Begriff aus*)²⁹⁴.

A razão representa, assim, na *Fenomenologia*, a superação da dualidade característica da consciência (sensível, representativa ou enquanto entendimento), cuja natureza é justamente constituir “saber de coisas objectivas em oposição a si mesma, e de si mesma em oposição a

²⁹⁰ «der Geist als *anschauend*, ebenso als *sinnliches Bewußtsein* ist in der Bestimmtheit des unmittelbaren Seins, so wie der Geist als *vorstellend* wie auch als *wahrnehmendes Bewußtsein* sich vom Sein auf die Stufe des Wesens oder der Reflexion erhoben hat.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 257.

O paralelo que Hegel aqui faz não é, porém, verdadeiramente exacto. Como se viu, no capítulo da *Fenomenologia* dedicado ao entendimento, Hegel trata das categorias de força, fenómeno e mundo-essencial e da dialéctica entre estas. Ora, na *Ciência da Lógica* estes são temas tratados na esfera da essência, e não na do conceito que Hegel faz agora corresponder ao entendimento.

²⁹¹ «Ebenso ist hier auch der Begriff nicht als Aktus des selbstbewußten Verstandes, nicht der *subjektive Verstand* zu betrachten, sondern der Begriff an und für sich, welcher ebensowohl eine *Stufe* der *Natur* als des *Geistes* ausmacht.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 257.

²⁹² «Das Selbstbewußtsein erreicht seine Befriedigung nur in einem anderen Selbstbewußtsein.» HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, W 3, p. 144.

²⁹³ «denn es ist seiner selbst als der Realität gewiß, oder daß alle Wirklichkeit nichts anderes ist als es.» HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, W 3, p. 179.

²⁹⁴ «Die Vernunft ist die Gewißheit des Bewußtseins, alle Realität zu sein; so spricht der Idealismus ihren Begriff aus.» HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, W 3, p. 179.

elas”²⁹⁵, ou seja, um saber que se funda e permanece na oposição entre sujeito e objecto, entre “saber” e sabido, entre o que é “para um outro” e o “*ser-em-si*” (*Ansichsein*)²⁹⁶. A *Fenomenologia* é, por um lado, a demonstração da insuficiência deste tipo de conhecimento para o que Hegel entende por ciência ou saber absoluto, isto é, a Filosofia, e, por outro, a fundação de um ponto de vista “absoluto” em que o que conhece (neste caso a razão) é simultaneamente tudo o que há para conhecer, em que sujeito e objecto são um e o mesmo. A *Lógica* corresponde, portanto, ao ponto de vista da razão que superou o dualismo constitutivo da consciência como tal.

A razão divide-se, por sua vez, segundo Hegel, em três momentos, configurando-se como “razão observante” (*beobachtende Vernunft*)²⁹⁷, que pode ser identificada com a razão teórica; como “realização-efectiva da autoconsciência racional por si mesma” (*die Verwirklichung des vernünftigen Selbstbewußtseins durch sich selbst*)²⁹⁸, correspondente à dimensão prática da razão; e, finalmente, como “individualidade que é real em e para si mesma” (*Individualität, welche sich an und für sich selbst reell ist*)²⁹⁹, ou seja, o momento em que a razão não só é “em-si” toda a realidade, mas em que se tornou “para si”, ou seja, *sabe* ser essa mesma realidade. Segundo Hegel, a “autoconsciência alcançou [*erfaßt*] agora o conceito de si”³⁰⁰ e a diferença entre “certeza” (*Gewißheit*), o subjectivo no conhecer, e “verdade” é superada³⁰¹.

§ 33. Razão e dialéctica

O acento que a distinção entre entendimento e razão recebe na *Lógica* é, porém, outro, se bem que o traço fundamental se mantenha. Como se viu, tanto na *Ciência da Lógica* como na *Enciclopédia*, o entendimento é apresentado como faculdade do conceito determinado, ou seja, como faculdade de “apreender as determinações conceptuais apenas na sua *abstracção* e, portanto, na sua unilateralidade e finitude”³⁰².

O entendimento caracteriza-se, assim, por “separar” (*scheiden*)³⁰³ e “fixar” (*festhalten*) as diferentes determinações do objecto, permanecendo na sua finitude abstracta e *imutabilidade*³⁰⁴.

²⁹⁵ «der Standpunkt des Bewußtseins, von gegenständlichen Dingen im Gegensatze gegen sich selbst und von sich selbst im Gegensatze gegen sie zu wissen». HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, Vorrede, W 3, p. 30.

²⁹⁶ «[Das Bewußtsein] unterscheidet nämlich etwas von sich, worauf es sich zugleich bezieht; oder wie dies ausgedrückt wird: es ist etwas für dasselbe; und die bestimmte Seite dieses Beziehens oder des Seins von etwas für ein Bewußtsein ist das Wissen. Von diesem Sein für ein Anderes unterscheiden wir aber das *Ansichsein*». HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, W 3, p. 76.

²⁹⁷ HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, W 3, p. 185.

²⁹⁸ HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, W 3, p. 263.

²⁹⁹ HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, W 3, p. 292.

³⁰⁰ «Das Bewußtsein hat jetzt den Begriff von sich erfaßt, der erst nur der unsrige von ihm war, nämlich in der Gewißheit seiner selbst alle Realität zu sein». HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, W 3, p. p. 292.

³⁰¹ «a verdade não se separa mais da certeza». – «trennt sich die Wahrheit nicht mehr von der Gewißheit». HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, W 3, p. 292.

³⁰² «der Verstand aber darin besteht, die Begriffsbestimmungen nur in ihrer *Abstraktion* und damit in ihrer Einseitigkeit und Endlichkeit aufzufassen». HEGEL, *Enzyklopädie*, Vorrede zur zweiten Ausgabe, W 8, p. 18.

³⁰³ «A actividade do separar é a força e [o] trabalho do *entendimento*, o poder mais maravilhoso e maior ou antes o poder absoluto.» – «Die Tätigkeit des Scheidens ist die Kraft und Arbeit des *Verstandes*, der verwundersamsten und größten oder vielmehr der absoluten Macht.» HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, W 3, p. 36.

³⁰⁴ «Este fixo consiste na forma considerada da universalidade abstracta; por ela elas devêem *imutáveis*.» – «Dies Fixe besteht in der betrachteten Form der abstrakten Allgemeinheit; durch sie werden sie *unveränderlich*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 285.

Deste modo, a unidade do conceito e a sua constitutiva mediação escapam ao entendimento, o qual “toma como absolutas”³⁰⁵ as determinações finitas e a unidade verdadeiramente mediada, concreta, enquanto “identidade desprovida de espírito abstracta”³⁰⁶. É ainda, segundo Hegel, “particularmente querida ao entendimento” a “separação da realidade efectiva da ideia”³⁰⁷, o que significa que os diferentes conceitos por ele mesmo determinados são tomados como meras entidades subjectivas.

Na perspectiva hegeliana, portanto, o “pensar, enquanto *entendimento*, atém-se à rígida determinação e à sua diferença relativamente às outras [...] enquanto subsistindo e existindo por si”³⁰⁸. Esta não é, contudo, a verdade última, definitiva do que é. Como se demonstra ao longo da Lógica, cada determinação mantém uma relação constitutiva com outras determinações, não é em si mesma verdadeiramente isolada (ou isoladamente verdadeira) e autonomamente subsistente. Como tal, as determinações são somente enquanto resultado da abstracção. A sua verdade, porém, encontra-se na sua relação, na sua unidade concreta, na sua natureza *ideal* (*ideel*).

A razão, pelo contrário, na medida em que considera o conceito, já não como mero conceito, mas como ideia, e esta é “em geral” a “unidade *concreta, espiritual*” (*die konkrete, geistige Einheit*)³⁰⁹ do subjectivo e do objectivo, “*eleva[-se]* acima do finito, condicionado, sensível”³¹⁰ e constitui-se como “o estágio mais elevado do pensar” (*der höchsten Stufe des Denkens*)³¹¹ e “*verdade descoberta a si mesma*” (*die sich selbst enthüllte Wahrheit*)³¹². Esta verdade, que não é senão a da unidade fundamental que se encontra “por detrás” dos diferentes aspectos do que é real-efectivo, é justamente o que Hegel entende como característica específica da razão.

A razão é, deste modo, justamente o que “supera” a positividade do entendimento, o qual constitui o (primeiro) momento “*abstracto ou intelectual [verständige]*” do “*lógico*” (*das Logische*)³¹³, pela negação da condição meramente abstracta da determinidade daquele e o “transitar” (*Übergehen*) “às suas opostas” (*entgegengesetzte*). A razão surge, assim, na perspectiva hegeliana, face à rigidez e abstracção operadas pelo entendimento, como essencialmente “negativa e *dialéctica*”³¹⁴.

³⁰⁵ «Só o vulgar entendimento abstracto é que toma como absolutas as determinações da imediatez e da mediação, cada uma por si, e julga assim possuir nelas algo de *fixo* para a distinção». – «Es ist nur gewöhnlicher abstrakter Verstand, der die Bestimmungen von Unmittelbarkeit und von Vermittlung, jede für sich, als absolut nimmt und an ihnen etwas *Festes* von Unterscheidung zu haben meint». HEGEL, *Enzyklopädie*, § 70, W 8, p. 160.

³⁰⁶ «so wird jene Einheit zur abstrakten geistlosen Identität gemacht». HEGEL, *Enzyklopädie*, Vorrede zur zweiten Ausgabe, W 8, p. 18.

³⁰⁷ «Aber die Abtrennung der Wirklichkeit von der Idee ist besonders bei dem Verstande beliebt». HEGEL, *Enzyklopädie*, § 6, W 8, p. 48.

³⁰⁸ «Das Denken als *Verstand* bleibt bei der festen Bestimmtheit und der Unterschiedenheit derselben gegen andere stehen». HEGEL, *Enzyklopädie*, § 80, W 8, p. 169.

Esta é, segundo Hegel, a razão por que «o entendimento é nos tempos mais recentes pouco estimado e tão preterido face à razão; é a *rigidez* que ele confere às determinidade e, por conseguinte, às finitudes.» – «Hierher gehört der Umstand, um dessen willen der Verstand in neueren Zeiten gering geachtet und gegen die Vernunft so sehr zurückgesetzt wird; es ist die *Festigkeit*, welche er den Bestimmtheiten und somit den Endlichkeiten erteilt.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 285.

³⁰⁹ HEGEL, *Enzyklopädie*, Vorrede zur zweiten Ausgabe, W 8, p. 18.

³¹⁰ «so *erhebt* sich die Vernunft über das Endliche, Bedingte, Sinnliche». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 353.

³¹¹ HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 261.

³¹² HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 271.

³¹³ «Das *Logische* hat der Form nach drei Seiten: a) *die abstrakte oder verständige*». HEGEL, *Enzyklopädie*, § 79, W 8, p. 168.

³¹⁴ «O *entendimento determina* e mantém-firmemente as determinações; a *razão* é negativa e *dialéctica*, porque dissolve em nada as determinações do entendimento». – «Der *Verstand bestimmt* und hält die Bestimmungen fest; die *Vernunft* ist negativ und *dialektisch*, weil sie die Bestimmungen des Verstands in nichts auflöst». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 16.

A razão assume, desde logo em Kant, uma configuração dialéctica, como se manifesta na secção “Antitética da razão pura”, em que se expõe as diferentes antinomias, isto é, um dos tipos de “raciocínios dialécticos” (*dialektische Vernunftschlüsse*) a que as ideias transcendentais conduzem³¹⁵. Ora, na perspectiva de Hegel, as “antinomias kantianas permanecem sempre uma parte importante da filosofia crítica” e, não obstante a incompletude da sua “exposição”, possuem um “grande mérito”³¹⁶, precisamente na medida em que expõem a “natureza dialéctica da razão” (*dialektische Natur der Vernunft*) como “um agir necessário” da mesma³¹⁷.

A “dialéctica transcendental” (*transscendentale Dialektik*) é, em Kant, no quadro da sua crítica da razão, por oposição à “lógica da verdade” (*Logik der Wahrheit*) constituída pela “analítica transcendental” (*transscendentale Analytik*), uma “crítica da aparência dialéctica” em que Kant investiga o “uso dialéctico do entendimento”, isto é, o “uso material de princípios meramente formais do entendimento puro e de julgar indiscriminadamente sobre objectos que nos não são dados, e que talvez de nenhum modo o possam ser”³¹⁸. A dialéctica é, assim, uma “lógica da aparência” (*Logik des Scheins*) que não produz conhecimento, uma vez que não tem por objecto o material dado na experiência. Ela conduz, portanto, a *paralogismos*³¹⁹ e *antinomias*, constituintes desta “dialéctica da razão pura” que é, segundo Kant, “natural e inevitável” (*natürliche und unvermeidliche*)³²⁰ e encontra a sua solução somente no “idealismo transcendental” especificamente kantiano, ou seja, na distinção entre fenómeno e númeno (*Noumenon*), fenómeno e coisa-em-si³²¹.

³¹⁵ A ideia de alma ou «conceito transcendental do sujeito» (*transscendentaler Begriff des Subjects*) conduz aos «paralogismos» (*Paralogismus*) (KANT, *Kritik der reinen Vernunft*, A 340 / B 398), na medida em que «a ideia da razão [*Vernunftidee*] da unidade do sujeito transcendental é expressa como uma coisa [*als ein Ding ausgesagt wird*]». HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 354.

A ideia de mundo, isto é, o «conceito transcendental da totalidade absoluta da série de condições de um fenómeno dado em geral» (*der transscendentale Begriff der absoluten Totalität der Reihe der Bedingungen zu einer gegebenen Erscheinung überhaupt*) dá origem às antinomias (*Antinomie*) (KANT, *Kritik der reinen Vernunft*, A 340 / B 398), enquanto a «síntese completa» (*vollständige Synthesis*) é «expressa como sendo» (*als seiend ausgesagt wird*). HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 356.

A «totalidade das condições para pensar objectos em geral, na medida em que me podem ser dados» (*totalität der Bedingungen, Gegenstände überhaupt, so fern sie mir gegeben werden können*), ou a «essência de toda a essência» (*Wesen aller Wesen*), é o que se constitui como «ideal da razão pura» (*Ideal der reinen Vernunft*) (KANT, *Kritik der reinen Vernunft*, A 340 / B 398), o qual consiste na «ideia de Deus» (*Idee Gottes*) que, enquanto ideal, «é» (*ist*), ou seja, «tem realidade-efectiva, ser» (*Wirklichkeit, Sein hat*). HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 359.

³¹⁶ «Diese Kantischen Antinomien bleiben immer ein wichtiger Teil der kritischen Philosophie»; «Bei ihrem großen Verdienst aber ist diese Darstellung sehr unvollkommen». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 216.

³¹⁷ «Kant colocou a dialéctica mais alto – e este aspecto pertence aos maiores dos seus méritos – na medida em que lhe tirou a aparência de arbitrariedade, que ela tem segundo a representação comum, e a expõe como *um agir necessário da razão*.» – «Kant hat die Dialektik höher gestellt - und diese Seite gehört unter die größten seiner Verdienste -, indem er ihr den Schein von Willkür nahm, den sie nach der gewöhnlichen Vorstellung hat, und sie als *ein notwendiges Tun der Vernunft* darstellte.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 52.

³¹⁸ «so geräth der Verstand in Gefahr, durch leere Vernunftleien von den bloßen formalen Principien des reinen Verstandes einen materialen Gebrauch zu machen und über Gegenständen ohne Unterschied zu urtheilen, die uns doch nicht gegeben sind, ja vielleicht auf keinerlei Weise gegeben können.» KANT, *Kritik der reinen Vernunft*, A 63 / B 88.

³¹⁹ O paralogismo lógico consiste na falsidade de um raciocínio quanto à forma, seja qual for, de resto, o seu conteúdo. Um paralogismo transcendental, porém, tem um fundamento transcendental, concluir falsamente segundo a forma. Deste modo, tal raciocínio vicioso tem o seu fundamento na natureza da razão humana e traz consigo uma ilusão inevitável, embora não insolúvel.» – «Der logische Paralogismus besteht in der Falschheit eines Vernunftschlusses der Form nach, sein Inhalt mag übrigens sein, welcher er wollen. Ein transscendentaler Paralogismus aber hat einen transscendentalen Grund, der Form nach falsch zu schließen. Auf solche Weise wird ein verglichen Fehlschluß in der Natur der Menschenvernunft seinen Grund haben und eine unvermeidliche, obzwar nicht unauf lösliche Illusion bei sich führen.» «KANT, *Kritik der reinen Vernunft*, A 341 / B 399.

³²⁰ KANT, *Kritik der reinen Vernunft*, A 298 / B 354.

³²¹ Cf. KANT, *Kritik der reinen Vernunft*, A 491 / B 519.

«Kant resolve também estas antinomias, a saber desta maneira própria no sentido do idealismo transcendental, que nomeadamente não duvida ou contesta a existência de coisas exteriores, mas que consente que as coisas são procuradas no espaço e no tempo (para os quais não é preciso nenhuma permissão), porém não são nenhuma coisa para o espaço e o tempo em si mesmos e por isso fora do

Como se viu, nomeadamente a propósito da teleologia em que Hegel analisa a terceira antinomia kantiana, a contradição posta pelos diferentes “conflitos da razão” não é, por Kant, verdadeiramente resolvida – a solução transcendental não resolve verdadeiramente a contradição mas subtrai-se à mesma instaurando a separação dos planos fenoménico e do real em si que se mantém exterior àquela³²² – uma vez que a mesma não é superada pela unidade mediada das duas posições contraditórias, a qual, segundo Hegel, somente constitui a verdade daquelas³²³. Além disso, a contradição e a dialéctica, na medida em que surgem no e pelo exercício da razão entretida consigo mesma, não compreendem, em Kant, qualquer relação com a realidade.

Hegel considera, por conseguinte, “infinitamente mais ricos de sentido e mais profundos do que a antinomia kantiana [...] os exemplos dialécticos da antiga *escola eleata*, particularmente os respeitantes ao *movimento*”³²⁴. Conforme se viu a propósito da contradição na esfera da Essência, o movimento é, segundo Hegel, o próprio “ser-aí imediato” daquela³²⁵. Como tal, a contradição e a dialéctica não consistem apenas num exercício mental subjectivo exterior às coisas³²⁶, como o era a “artificialidade sofisticada” (*sophistische Künstelei*), assim como a dialéctica platónica³²⁷ ou a antitética kantiana.

nosso ânimo não existem, portanto nem o condicionado nem o incondicionado das coisas em si pode ser afirmado.» – «Kant löst auch diese Antinomien auf, und zwar auf diese eigentümliche Weise im Sinne des transzendentalen Idealismus, der nämlich nicht die Existenz äußerer Dinge bezweifelt oder leugnet, sondern der es erlaubt, daß die Dinge in Raum und Zeit angeschaut werden (wozu man keiner Erlaubnis bedarf), aber für den Raum und Zeit an sich selbst keine Dinge sind und daher außer unserem Gemüt nicht existieren, also weder das Bedingte noch das Unbedingte von Dingen an sich ausgesagt werden kann». HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 358.

³²² «Contudo nada parece mais claro do que de duas [afirmações], uma que afirma que o mundo tem começo e a outra sustenta que o mundo não tem começo mas que existe desde a eternidade, uma delas deverá ter razão. Se assim for, porém, como a clareza é igual de ambas as partes, será impossível apurar jamais de que lado está o direito; e o conflito perdurará como antes, mesmo quando os partidos foram remetidos ao silêncio pelo tribunal da razão. Não resta, assim, mais nenhum meio de pôr termo à contenda com satisfação das duas partes, do que o de as convencer que, se podem tão perfeitamente refutar-se uma à outra, disputam por nada e que uma certa aparência transcendental lhes representou uma realidade onde não a há.» – «Es scheint doch nichts klärer, als daß von zweien, deren der eine behauptet: die Welt hat einen Anfang, der andere: die Welt hat keinen Anfang, sondern sie ist von Ewigkeit her, doch einer Recht haben müsse. Ist aber dieses, so ist es, weil die Klarheit auf beiden Seiten gleich ist, doch unmöglich, jemals auszumitteln, aus welcher Seite das Recht sei; und der Streit dauert nach wie vor, wenn die Parteien gleich bei dem Gerichtshof der Vernunft zur Ruhe verwiesen worden. Es bleibt also kein Mittel übrig, den Streit gründlich und zur Zufriedenheit beider Theile zu endigen, als daß, da sie einander doch so schön widerlegen können, sie endlich überführt werden, daß sie um Nichts streiten, und sein gewisser transscendentaler Schein ihnen da eine Wirklichkeit vorgemalt habe, wo keine anzutreffen ist.» KANT, *Kritik der reinen Vernunft*, A 501-502 / B 529-530.

³²³ «A sua resolução verdadeira pode apenas consistir em que duas determinações, na medida em que são contrapostas e num e no mesmo conceito necessárias, não podem valer na sua unilateralidade, cada uma para si, mas que elas têm a sua verdade somente no seu ser-superado, na unidade do seu conceito.» – «Ihre wahrhafte Auflösung kann nur darin bestehen, daß zwei Bestimmungen, indem sie entgegengesetzt und einem und demselben Begriffe notwendig sind, nicht in ihrer Einseitigkeit, jede für sich, gelten können, sondern daß sie ihre Wahrheit nur in ihrem Aufgehobensein, in der Einheit ihres Begriffes haben.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 218.

³²⁴ «Unendlich sinnreicher und tiefer als die betrachtete Kantische Antinomie sind die dialektischen Beispiele der alten *eleatischen Schule*, besonders die *Bewegung* betreffend». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, pp. 225-226.
«As antinomias kantianas não são mais do que Zenão já tinha feito aqui». – «Kants Antinomien sind nichts weiter, als was Zenon hier schon getan hat.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 18, p. 317.

³²⁵ «Que a dialéctica caiu em primeiro lugar no movimento, é precisamente a razão de que a dialéctica é ela mesma este movimento ou o movimento mesmo é esta dialéctica enquanto o que é-aí.» – «Daß die Dialektik zuerst auf die Bewegung gefallen, ist eben dies der Grund, daß die Dialektik selbst diese Bewegung oder die Bewegung selbst die Dialektik alles Seienden ist.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 18, p. 305.

³²⁶ «Habitualmente considera-se a dialéctica como um agir exterior e negativo, que não pertence à Coisa mesma, tem o seu fundamento na mera vacuidade enquanto tentativa subjectiva de pôr e resolver o firme e verdadeiro em vacilar ou pelo menos conduzir a nada, como à vacuidade do objecto tratado dialecticamente.» – «Gewöhnlich sieht man die Dialektik für ein äußerliches und negatives Tun an, das nicht der Sache selbst angehört, in bloßer Eitelkeit als einer subjectiven Sucht, sich das Feste und Wahre in Schwanken zu setzen und aufzulösen, seinen Grund habe oder wenigstens zu nichts führe als zur Eitelkeit des dialectisch behandelten Gegenstandes.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 51.

³²⁷ Ainda que igualmente uma “dialéctica da reflexão exterior”, Platão, nomeadamente no seu diálogo *Parménides*, ao “derivar” “do uno o múltiplo” (*vom Einen das Viele*) e “mostrar apesar disso que o múltiplo é apenas isto, determinar-se como o uno”, “tratou a dialéctica”, na perspectiva de Hegel, de uma “forma elevada” (*große Weise*), pois nesta se revela o carácter constitutivamente contraditório das duas determinações aparentemente opostas e a inseparabilidade das mesmas.

A razão constitui, portanto, o que Hegel denomina o momento “*dialéctico* ou *negativo-racional*” (*die dialektische oder negativ-vernünftige Seite*), segundo “aspecto” “formal” lógico³²⁸, em que as determinações abstractas e estáticas do entendimento são negadas e postas contra as suas contrárias, por que a determinidade imediata inicial é superada³²⁹. A razão introduz, deste modo, uma contradição na consideração lógica, especificamente entre as determinações que constituem a *coisa* apenas parcialmente, contradição que representa, segundo Hegel, “precisamente o elevar da razão acima das limitações do entendimento e o dissolver [*Auflösen*] das mesmas”³³⁰.

A afirmação hegeliana de que a razão “dissolve em nada as determinações do entendimento”³³¹, não deve, porém, ser lida, enquanto conducente a um “*nada vazio e abstracto*”³³². A “nulidade” que a negação produz é, simplesmente, a “de todo o finito”, tal como, segundo Hegel, é reconhecido pelo “cepticismo” (*Skeptizismus*)³³³. Este é, pelo menos, o sentido do “cepticismo verdadeiro” (*der eigentliche Skeptizismus*) ou do “cepticismo elevado, antigo” (*der hohe, antike Skeptizismus*) que surge, na perspectiva hegeliana, “como complemento aos sistemas dogmáticos dos Estóicos e Epicuro”³³⁴. Quando o cepticismo “consiste meramente em contestar [*leugnen*] a verdade e certeza do supra-sensível [*des Übersinnlichen*] e contra isso designar o sensível e [o que se encontra] presente [*Vorhandene*] na sensação imediata como aquilo em que nos temos de deter [*zu halten haben*]”, como sucede no cepticismo “moderno” (*modern*)³³⁵, não passa de um “pensar finito, abstractamente de entendimento” (*endliches, abstrakt verständiges Denken*).

Ora, em Hegel a negação é somente enquanto negação de um “conteúdo *particular*” (*bestimmter Inhalt*) ou “*coisa determinada*” (*bestimmte Sache*)³³⁶ que é o objecto do entendimento determinante, ou seja, “negação de *certas determinações*” (*Negation von gewissen Bestimmungen*)³³⁷, de modo que é inseparável da “realidade” que constitui o positivo no ser determinado³³⁸. É neste sentido que, na perspectiva hegeliana, a “filosofia contém em si o

«Die Dialektik, nach welcher Platon das Eine im *Parmenides* behandelt, ist gleichfalls mehr für eine Dialektik der äußeren Reflexion zu achten.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, pp. 105-106.

«So leitet er z. B. im *Parmenides* vom Einen das Viele ab und zeigt demungeachtet, wie das Viele nur dies ist, sich als das Eine zu bestimmen. In solcher großen Weise hat Platon die Dialektik behandelt.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 81, *Zusatz*, W 8, p. 174.

³²⁸ HEGEL, *Enzyklopädie*, § 79, W 8, p. 168. O primeiro momento lógico é, como se viu, o “*abstracto ou intelectual*” ou do entendimento.

³²⁹ «O momento *dialéctico* é o próprio superar-se de tais determinações finitas e o seu transitar às suas contrapostas.» – «Das *dialektische* Moment ist das eigene Sichaufheben solcher endlichen Bestimmungen und ihr Übergehen in ihre entgegengesetzten.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 81, W 8, p. 172.

³³⁰ «der Widerspruch eben das Erheben der Vernunft über die Beschränkungen des Verstandes und das Auflösen derselben ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 39.

³³¹ V. *supra*, nota 313, p. 116.

³³² «Ihr Resultat wahrhaft nicht das *leere, abstrakte Nichts* [...] ist». HEGEL, *Enzyklopädie*, § 82, W 8, p. 177.

³³³ «O cepticismo não deve ser considerado meramente como uma doutrina da dúvida, pelo contrário o mesmo é puro e simplesmente certo da sua Coisa, i. e., da nulidade de todo o finito.» – «Der Skeptizismus darf nicht bloß als eine Zweifelslehre betrachtet werden, vielmehr ist derselbe seiner Sache, d. h. der Nichtigkeit alles Endlichen, schlechthin gewiß.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 81, *Zusatz 2*, W 8, p. 175.

³³⁴ «Dies ist der hohe, antike Skeptizismus, wie wir ihn namentlich beim Sextus Empiricus dargestellt finden und wie derselbe als Komplement zu den dogmatischen Systemen der Stoiker und Epikureer in der späteren Römerzeit seine Ausbildung erhalten hat.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 81, *Zusatz 2*, W 8, p. 176.

³³⁵ «Mit diesem hohen antiken Skeptizismus ist nicht jener bereits früher (§ 39) erwähnte moderne, teils der kritischen Philosophie voran-, teils aus dieser hervorgegangene Skeptizismus zu verwechseln, welcher bloß darin besteht, die Wahrheit und Gewißheit des Übersinnlichen zu leugnen und dagegen das Sinnliche und in der unmittelbaren Empfindung Vorhandene als dasjenige zu bezeichnen, woran wir uns zu halten haben.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 81, *Zusatz 2*, W 8, p. 176.

³³⁶ HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 49.

³³⁷ HEGEL, *Enzyklopädie*, § 82, W 8, p. 177.

³³⁸ Cf. I Parte, §3. Ser-af e Realidade, p. 16.

cepticismo como um momento”, sem contudo nele permanecer³³⁹. Como refere Hegel, “enquanto o que resulta, a negação é negação *determinada*”, isto é, “tem um *conteúdo*. Ela é um novo conceito, mas o conceito mais elevado, mais rico do que o precedente”³⁴⁰.

O resultado da negação e da contradição efectuada pela razão dialéctica não é, portanto, meramente negativo, mas simultaneamente *positivo*, na medida em que dá origem a uma nova entidade mediada pelos primeiros momentos. Ao momento “*dialéctico* ou *negativo-racional*”, Hegel acrescenta, assim, “o lado *especulativo* ou *positivo-racional*” (*die spekulative oder positiv-vernünftige Seite*), o qual corresponde ao terceiro e último “aspecto” do desenvolvimento lógico³⁴¹. A razão é, portanto, simultaneamente, dialéctica e especulativa, pois é por e nela que tanto a negação como a negação da negação se efectuam e a imediatez abstracta do entendimento é superada.

§ 34. Razão especulativa

O especulativo (*das Spekulative*) surge, em Hegel, precisamente como o terceiro face à primeira determinidade imediata e à negação desta que constitui o momento propriamente dialéctico³⁴². Como tal, é a negação da negação por que uma nova determinação é posta, mas uma determinação que, enquanto superou a imediatez das primeiras determinações opostas, compreende a mediação das mesmas até à última determinidade, e se revela, como tal, desenvolvida, ou seja, mais rica e mais complexa que as determinações iniciais. O especulativo é, portanto, uma “*unidade de diferentes determinações*”, ou seja, “um *concreto*”³⁴³.

Expressões como “conhecimento especulativo”, “uso” e “interesse especulativo” do entendimento ou da razão, e mesmo “razão especulativa” são frequentemente usadas por Kant ao longo da *Crítica da Razão Pura* para designar ora o conhecimento “teórico” por oposição a um saber “prático”³⁴⁴, ora um conhecimento cujo objecto não é dado na intuição sensível³⁴⁵. Contudo,

³³⁹ «A filosofia não permanece, porém, no resultado meramente negativo da dialéctica, como é o caso no cepticismo.» – «Die Philosophie bleibt dann aber bei dem bloß negativen Resultat der Dialektik nicht stehen, wie dies mit dem Skeptizismus der Fall ist. HEGEL, *Enzyklopädie*, § 81, *Zusatz 2*, W 8, p. 176.

³⁴⁰ «Indem das Resultierende, die Negation, *bestimmte* Negation ist, hat sie einen *Inhalt*. Sie ist ein neuer Begriff, aber der höhere, reichere Begriff als der vorhergehende». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 49.

³⁴¹ HEGEL, *Enzyklopädie*, § 79, W 8, p. 168.

«É, por conseguinte, de rejeitar em cada consideração separar entendimento e razão como habitualmente acontece.» – «Es ist daher in jeder Rücksicht zu verwerfen, Verstand und Vernunft so, wie gewöhnlich geschieht, zu trennen.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 287.

³⁴² Neste sentido, Georg Sans defende que, mais que referente ao “conteúdo”, o especulativo diz respeito ao “método”, ou seja, à dialecticidade que implica. «Hegel bestimmt das Spekulative weniger dem Inhalt als der Methode nach, indem er es mit dem Dialektischen gleichsetzt.» SANS, *Die Realisierung des Begriffs. Eine Untersuchung zu Hegels Schlusslehre*, p. 13.

³⁴³ «Este racional é, portanto, embora um pensado, também abstracto, ao mesmo tempo um *concreto*, porque não é unidade *simples*, *formal*, mas *unidade de diferentes determinações*.» – «Dies Vernünftige ist daher, obwohl ein Gedachtes, auch Abstraktes, zugleich ein *Konkretes*, weil es nicht *einfache, formelle* Einheit, sondern *Einheit unterschiedener Bestimmungen* ist.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 82, W 8, p. 177.

³⁴⁴ «Além da filosofia transcendental, há ainda duas outras ciências da razão pura, uma de conteúdo puramente especulativo e outra de conteúdo prático: a matemática pura e a moral pura.» – «Außer der Transscendentalphilosophie giebt es noch zwei reine Vernunftwissenschaften, eine bloß speculativen, die andere praktischen Inhalts: reine Mathematik und reine Moral.» KANT, *Kritik der reinen Vernunft*, A 479 / B 508.

³⁴⁵ «Um conhecimento teórico é *especulativo* quando se reporta a um objecto ou a tais conceitos de um objecto, que em experiência alguma se podem alcançar. Opõe-se ao *conhecimento natural*, que não se dirige a quaisquer outros objectos ou predicados, além dos

segundo Hegel, Kant não desenvolve a sua concepção de razão até ao que constitui verdadeiramente, na filosofia hegeliana, o especulativo³⁴⁶.

Embora a razão kantiana não alcance a unidade especulativa na sua contradição necessária, a filosofia crítica contém, no entanto, uma noção que, segundo Hegel, compreende uma dimensão especulativa. É esta a afirmação da possibilidade de “juízos sintéticos *a priori*”, ou seja, juízos em que, contrariamente aos juízos “analíticos”, “a ligação do sujeito com o predicado [...] é pensada sem identidade”³⁴⁷. Estes, enquanto são *a priori*, encontram a sua “condição de possibilidade”, segundo Kant, na unidade originariamente sintética da apercepção, na medida em que esta efectua e permite pensar a unidade na multiplicidade da experiência³⁴⁸. Na perspectiva de Hegel, o que se encontra nos juízos sintéticos não é senão “o conceito de *diferente* que é igualmente *inseparável*, um *idêntico*, que é nele mesmo *diferença não-separada* [*ungetrennt*]”, o que, correspondendo ao que Hegel entende por especulativo, “pertence ao grande e imortal da sua [de Kant] filosofia”³⁴⁹.

O “pensar especulativo” consiste, portanto, em Hegel, no “apreender dos momentos contrapostos [*entgegengesetzte*] na sua unidade”³⁵⁰. Não significa, contudo, algo “meramente subjectivo”, como sucede no “uso comum da língua” (*gemeiner Sprachgebrauch*), mas tecnicamente “aquilo que contém em si aquelas oposições, nas quais [*bei denen*] permanece o entendimento (portanto também a do subjectivo e objectivo), enquanto superadas e precisamente por isso se revela como concreto e como totalidade”³⁵¹. Como refere Hegel, “não há de facto em parte alguma, nem no céu nem na terra, nem no mundo espiritual nem no mundo natural, um ou-ou

que podem ser dados numa experiência possível.» – «Eine theoretische Erkenntniß ist *spekulativ*, wenn sie auf einen Gegenstand oder solche Begriffe von einem Gegensatzd geht, wozu man in keiner Erfahrung gelangen kann. Sie wird der *Naturerkenntniß* entgegengesetzt, welche auf keine andere Gegenstände oder Prädicate derselben geht, als die in einer möglichen Erfahrung gegeben werden können.» KANT, *Kritik der reinen Vernunft*, A 634-635 / B 662-663.

³⁴⁶ «Pelo facto de que Kant determina o comportamento da razão até às categorias como apenas *dialéctico*, e na verdade apreende o resultado desta dialéctica pura e simplesmente como o *nada infinito*, assim a unidade infinita da razão perde ainda mais a síntese e com isto aquele começo de um conceito especulativo, verdadeiramente infinito». – «Dadurch, daß Kant das Verhalten der Vernunft zu den Kategorien als nur *dialektisch* bestimmt, und zwar das Resultat dieser Dialektik schlechthin nur als das *unendliche Nichts* auffaßt, so verliert die unendliche Einheit der Vernunft auch noch die Synthesis und damit jenen Anfang eines spekulativen, wahrhaft unendlichen Begriffs». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 261.

³⁴⁷ «Juízos analíticos (os afirmativos) são, portanto, aqueles em que a ligação do predicado com o sujeito é pensada por identidade; aqueles, porém, em que essa ligação é pensada sem identidade, deverão chamar-se juízos sintéticos.» – «Analytische Urtheile (die bejahende) sind also diejenige, in welchen die Verknüpfung des Prädicats mit dem Subject durch Identität, diejenige aber, in denen diese Verknüpfung ohne Identität gedacht wird, sollen synthetische Urtheile heißen.» KANT, *Kritik der reinen Vernunft*, A 7 / B 10.

³⁴⁸ «O princípio supremo de todos os juízos sintéticos é, portanto, cada objecto está sob as condições necessárias da unidade sintética do diverso da intuição numa experiência possível.» – «Das oberste Principium aller synthetischen Urtheile ist also, ein jeder Gegenstand steht unter den nothwendigen Bedingungen der synthetischen Einheit des Mannigfaltigen der Anschauung in einer möglichen Erfahrung.» KANT, *Kritik der reinen Vernunft*, A 158 / B 197.

«No pensamento da unidade sintética e da síntese *a priori* é ultrapassada a identidade meramente analítica – é demonstrado como toda a possibilidade de conhecimento repousa, não sobre a unicidade do idêntico, mas sobre a necessária combinação do distinto.» – «Im Gedanke der synthetischen Einheit und der Synthesis a priori ist die bloß analytische Identität überwunden – ist gezeigt, wie alle Möglichkeit der Erkenntnis nicht auf der Einerleiheit des Identischen, sondern auf der notwendigen Verknüpfung des Verschiedenen beruht.» CASSIRER, *Das Erkenntnisproblem*, p. 307.

³⁴⁹ «O conceito que Kant estabeleceu no *juízo sintético a priori* – o conceito de *diferente* que é igualmente *inseparável*, um *idêntico*, que é nele mesmo *diferença não-separada* – pertence ao grande e imortal da sua filosofia.» – «Der Begriff, den Kant in den *synthetischen Urteilen a priori* aufgestellt hat – der Begriff von *Unterschiedenem*, das ebenso *untrennbar* ist, einem *Identischen*, das an ihm selbst *ungetrennt Unterschied* ist –, gehört zu dem Großen und Unsterblichen seiner Philosophie.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 240.

³⁵⁰ «Sie besteht allein in dem Auffassen der entgegengesetzten Momente in ihrer Einheit.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 168.

³⁵¹ «Dagegen ist dann zu sagen, daß das Spekulative seiner wahren Bedeutung nach weder vorläufig noch auch definitiv ein bloß Subjectives ist, sondern vielmehr ausdrücklich dasjenige, welches jene Gegensätze, bei denen der Verstand stehenbleibt (somit auch den des Subjectiven und. Objectiven), als aufgehoben in sich enthält und eben damit sich als konkret und als Totalität erweist.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 82, *Zusatz*, W 8, p. 178.

[*Entweder-Oder*] tão abstracto tal como o entendimento afirma³⁵², devendo-se, por isso, considerar a realidade-efectiva na sua natureza dialéctica e especulativa.

A unidade concreta que é o especulativo não é, pois, passível de ser reconhecida pelo entendimento, uma vez que a natureza deste consiste, como se viu, em separar, fixar, determinar, ao passo que a da razão é negar a determinidade abstracta estática e fundar uma unidade que seja em si mesma a unidade das diferentes determinações, identidade na contradição³⁵³. É neste sentido que Hegel se refere às diferentes filosofias que não alcançam o verdadeiro conceito de especulativo como “filosofia[s] do entendimento” (*Verstandesphilosophie*), entre estas o pluralismo monadológico de Leibniz e a filosofia crítica kantiana, da qual Hegel afirma que “faz renúncia à razão”³⁵⁴, pois permanece no dualismo e na abstracção do entendimento³⁵⁵, não reconhecendo a unidade especulativa das posições e determinações contraditórias, tais como condicionado-incondicionado, fenómeno-coisa em si, tese-antítese³⁵⁶.

A unidade especulativa não é, deste modo, segundo Hegel, de confundir com a noção de unidade que caracteriza as “filosofias da identidade” (*Identitätsphilosophien*) ou “sistemas da identidade” (*Identitätssysteme*) em que se toma em consideração não a verdadeira “unidade espiritual concreta”, mas a “mera identidade do entendimento” (*Verstandesidentität*)³⁵⁷, como se aquela “fosse em si desprovida de determinação e não *contivesse em si mesma a diferença*”³⁵⁸. Como o “ser” da filosofia eleata, que não compreende em si mesmo qualquer diferença ou negação, esta perspectiva incompleta “é somente esta abstracção, este afundar no abismo da identidade do entendimento”³⁵⁹, o “não-filosófico” (*unphilosophisch*)³⁶⁰.

Ora, de acordo com a Lógica hegeliana e a categoria de identidade dialecticamente determinada enquanto “determinação-de-reflexão” na esfera da essência, a verdadeira identidade, não-abstracta, não-superficial, compreende em si mesma a diferença e a oposição, porque consistindo numa relação, isto é, na relação da essência consigo mesma como produto da sua

³⁵² «Es gibt in der Tat nirgends, weder im Himmel noch auf Erden, weder in der geistigen noch in der natürlichen Welt, ein so abstraktes Entweder-Oder, wie der Verstand solches behauptet.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 119, *Zusatz*, W 8, p. 246.

³⁵³ «A negação da negação é contradição, ela nega a negação; assim ela é afirmação, igualmente ela é, porém, também negação em geral. O entendimento não consegue suportar esta contradição; ela é o racional.» – «Die Negation der Negation ist Widerspruch, sie negiert die Negation; so ist sie Affirmation, ebenso ist sie aber auch Negation überhaupt. Diesen Widerspruch kann der Verstand nicht aushalten; er ist das Vernünftige.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 164.

³⁵⁴ «Isto é filosofia-do-entendimento completa, que faz renúncia à razão.» – «Dies ist vollendete Verstandesphilosophie, die auf Vernunft Verzicht tut.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 385.

³⁵⁵ «Na filosofia especulativa o entendimento é, na verdade, um momento, mas um momento no qual não se permanece [fica parado].» – «In der spekulativen Philosophie ist der Verstand zwar ein Moment, aber ein Moment, bei welchem nicht stehengeblieben wird.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 36, *Zusatz*, W 8, p. 106.

³⁵⁶ «Segundo a representação kantiana permanece-se na diferença, o dualismo é o último; cada aspecto vale por si como algo absoluto.» – «Nach der Kantische Vorstellung wird bei dem Unterschied stehengeblieben, der Dualismus ist das Letzte; jede Seite für sich gilt als etwas Absolutes.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 361.

³⁵⁷ «Es wurde bereits früher (§ 103 Zusatz) bemerkt, daß, wenn man die neuere Philosophie nicht selten spottweise als Identitätsphilosophie bezeichnet hat, es gerade die Philosophie, und zwar zunächst die spekulative Logik ist, welche die Nichtigkeit der vom Unterschied abstrahierenden, bloßen Verstandesidentität aufzeigt, dann aber allerdings auch ebenso sehr darauf dringt, es nicht bei der bloßen Verschiedenheit bewenden zu lassen, sondern die innere Einheit alles dessen, was da ist, zu erkennen.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 118, *Zusatz*, W 8, p. 243.

³⁵⁸ «als ob die konkrete geistige Einheit in sich bestimmungslos wäre und nicht selbst den Unterschied *in sich enthielte*.» HEGEL, *Enzyklopädie*, Vorrede zur zweiten Ausgabe, W 8, p. 18.

³⁵⁹ «Das Sein, das Eine der eleatischen Schule ist nur diese Abstraktion, dieses Versenken in den Abgrund der Verstandesidentität.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 18, p. 299.

³⁶⁰ «Die Philosophie ist nicht Identitätssystem; das ist unphilosophisch.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 19, p. 163.

reflexão em si que pressupõe, como tal, uma distinção entre os postos em relação que não são senão o mesmo, ou seja, idênticos na sua diferença. A unidade especulativa é, portanto, uma unidade dialéctica, uma unidade de contraditórios.

III Parte – Dialéctica e idealismo

§ 35. Unidade especulativa

O especulativo representa, assim, na filosofia hegeliana, o pensar da unidade do contraditório, da identidade na diferença, “do positivo no negativo”, enquanto dialecticamente constituídos¹. A unidade especulativa compreende, portanto, o “*processo*” (*Prozeß*)² por que o conceito se constitui, desde a sua imediatez abstracta ao seu desenvolvimento e realização como devir concreto. Este não é senão o movimento que vai do conceito subjectivo interno, até à objectividade em que o mesmo é enquanto realidade imediata ou ser-aí, um ser em que o conceito se encontra como imanência determinante³, e o seu regresso a si mesmo como totalidade desenvolvida ou unidade do subjectivo e objectivo. Como tal, o especulativo é “o racional”⁴ ou, o que é o mesmo, “a ideia”⁵.

A unidade especulativa não é, por conseguinte, um mero pensamento de uma qualquer consciência determinada. É certo que o especulativo é o resultado do movimento formal lógico por que entendimento e razão, enquanto faculdades subjectivas de conhecimento, constituem e determinam progressivamente, isto é, segundo Hegel, dialecticamente, o seu objecto. No entanto, como se tem vindo a salientar, “o lógico” (*das Logische*) não é senão o domínio do pensar ou saber absoluto que, enquanto razão, é idêntico ao ser, ou seja, ao objectivo no conhecer, tendo superado a dualidade do entendimento em que sujeito e objecto são ainda diferentes e contrapostos. O especulativo é o real ele mesmo enquanto considerado na sua contraditoriedade e, apesar desta, na sua unidade dialéctica profunda.⁶

É, justamente, porque a resolução da contradição se dá num plano ideal como unidade dialéctica-especulativa e o processo real-efectivo identificado com o desenvolvimento lógico que Marx pôde afirmar, relativamente ao que considera ser o “erro central de Hegel” (*Hegels Hauptfehler*), que a “*contradição do fenómeno*” é perspectivada como “*unidade na ideia*” ou “na

¹ «Neste dialéctico, como ele é aqui tomado, e portanto no apreender do oposto na sua unidade ou do positivo no negativo, consiste o *especulativo*.» – «In diesem Dialektischen, wie es hier genommen wird, und damit in dem Fassen des Entgegengesetzten in seiner Einheit oder des Positiven im Negativen besteht das *Spekulative*.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 52.

² «A ideia é essencialmente *processo*, porque a sua identidade é apenas a [identidade] absoluta e livre do conceito, enquanto ela é a negatividade absoluta e, por isso, dialéctica.» – «Die Idee ist wesentlich *Prozeß*, weil ihre Identität nur insofern die absolute und freie des Begriffs ist, insofern sie die absolute Negativität und daher dialektisch ist». HEGEL, *Enzyklopädie*, § 215, W 8, p. 372.

³ «Il est vrai que Hegel fait de l'idée le principe de toute réalité, mais il faut savoir l'entendre. Il s'agit d'un principe interne et immanent, non d'un fondement antérieur et extérieur. L'idée est le principe de toute réalité en ce sens que toute réalité est nécessairement conforme à l'idée.» Georges NOËL, *La logique de Hegel*, Paris, Félix Alcan, 1897, p. 12.

⁴ «Além disso, o *especulativo* não é, então, em geral senão enquanto o racional (e na verdade o positivo-racional), na medida em que o mesmo é *pensado*.» – «Weiter ist nun das *Spekulative* überhaupt nichts anderes als das Vernünftige (und zwar das Positiv-Vernünftige), insofern dasselbe *gedacht* wird.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 82, *Zusatz*, W 8, pp. 177- 178.

⁵ «das Vernünftige, was synonym ist mit der Idee». HEGEL, *Grundlinien der Philosophie des Rechts*, Vorrede, W 7, p. 25.

⁶ «A “*especulação*” constitui-se, assim, para Hegel, como essencial transgressão da positividade. Não porque corresponda a um levantar voo em direcção a fantasiosos imaginários, não porque se nutra de impressionismos e opiniões arbitrariamente subjectivos, não porque se coloque de pronto (e metafisicamente) num terreno, de raiz, outro.» BARATA-MOURA, A «*Realização da razão*». *Um programa hegeliano?*, p. 129.

essência” (*im Wesen*), quando deveria ser considerada na sua contraditoriedade originária, isto é, enraizada na contradição que é a da própria essência (*contradição essencial*)⁷.

A ideia ou razão surge, assim, em Hegel, como unidade mediada das determinações contraditórias, nomeadamente, “como *sujeito-objecto*, como a *unidade do ideal e do real*, do *finito e do infinito*, da *alma e do corpo*”⁸. A razão não só é, deste modo, o dialéctico e o especulativo, como assume também, na perspectiva filosófica hegeliana, uma dimensão de totalidade englobante em que realidade, ser-aí, existência, fenómeno, objectividade e demais categorias que expressam o ser na sua imediatez exterior, se encontram compreendidas⁹. A razão é unidade dialéctica, especulativa, que contém em si mesma o ser como seu momento.

A inicial indistinção lógica entre ser e pensar, identidade que é determinante na questão do começo e na configuração das primeiras categorias da *Ciência da Lógica*, bem como da fundamental diferença entre o posicionamento desta relativamente à *Fenomenologia*, revela-se agora como fundada na unidade especulativa que, carregando em si mesma a complexidade e espessura que as diferentes categorias expressam, assim como o devir dialéctico que eleva as determinações superficiais a determinações mais concretas, não é senão a totalidade desenvolvida do que se encontrava encerrado no princípio, o que, em Hegel, representa o ex-pôr e o realizar, na dupla dimensão como pensar e ser, do que era somente “em-si” (*an sich*), ou seja, enquanto pensar que se realiza e realidade que é sabida¹⁰, devir “para-si” (*für sich*).

A razão é, então, segundo Hegel, simultaneamente “razão autoconsciente” (*selbstbewußte Vernunft*), pensar que se pensa a si mesmo, e “razão que é” (*seiende Vernunft*), ou ser¹¹. Mas este ser não é simplesmente ser, realidade imediata (*Realität*), ser determinado, mas verdadeiramente totalidade dialéctica, unidade mediada, identidade do diferente e do contraditório. Ora esta unidade de imediatez e mediação, de exterior e interior, determinidade e reflexão, não é senão, como se expõe na *Lógica hegeliana*, totalidade processual, concreta, ou seja, realidade-efectiva (*Wirklichkeit*).

Assim se revela o verdadeiro e completo sentido da identidade afirmada por Hegel de “racional” e “real-efectivo”. Este é racional porque é em si mesmo dialéctico, portanto, processo de mediação e superação de si e por si em si mesmo, é o devir contraditório do que é diferente e

⁷ «Hegels Hauptfehler besteht darin, daß er den Widerspruch der Erscheinung als Einheit in der Idee \ im Wesen faßt, während er allerdings ein tieferes zu seinem Wesen hat, nämlich einen wesentlichen Widerspruch». Karl MARX, *Zur Kritik der Hegelschen Rechtsphilosophie, Marx Engels Gesamtausgabe* (doravante: MEGA), vol. I / 2, Berlin, Dietz Verlag, 1982, p. 100.

⁸ «Die Idee kann als die Vernunft (dies ist die eigentliche philosophische Bedeutung für Vernunft), ferner als Subjekt-Objekt, als die Einheit des Ideellen und Reellen, des Endlichen und Unendlichen, der Seele und des Leibs». HEGEL, *Enzyklopädie*, § 214, W 8, p. 370.

⁹ «The totality is the adequate object of reason, and it comprises all the differences which are present in the conception on the way to totality. Totality is both the object and the goal.» Nathan ROTENSTREICH, *Reason and Its Manifestations. A Study on Kant and Hegel*, Stuttgart-Bad Cannstatt, Frommann – Holzboog, 1996, p. 71.

¹⁰ «É igualmente de notar que a substancialidade encerra em si tanto o universal ou a *imediatez do saber* ele mesmo com também aquela que é *ser* ou *imediatez para* o saber.» – «Zugleich ist zu bemerken, daß die Substantialität so sehr das Allgemeine oder die Unmittelbarkeit des Wissens selbst als auch diejenige, welche *Sein* oder Unmittelbarkeit für das Wissen ist, in sich schließt.» HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, Vorrede, W 3, p. 23.

¹¹ HEGEL, *Enzyklopädie*, § 6, W 8, p. 47.

«Identity is conceived by Hegel to be the essence of Spirit and reason and leads to what can be described as both the ontological and the cognitive interpretation of reason.»; «They are but two aspects of the same thing». ROTENSTREICH, *Reason and Its Manifestations. A Study on Kant and Hegel*, p. 63.

idêntico ao mesmo tempo, e como tal se deixa pensar pela razão. Mas, simultaneamente, porque a razão é o dialéctico, porque este é a verdade e natureza do que é real-efectivamente (*wirklich*), o racional é esse mesmo real que, porque contraditório em si mesmo, devém e se desenvolve, ou seja, é real-efectivo.

A razão, na medida em que é por Hegel caracterizada como dialéctica e especulativa, negativa e positiva, é, deste modo, o conceito que permite pensar a totalidade do que é como totalidade processual que compreende em si mesma momentos contraditórios, sem que, no entanto, a sua unidade fundamental seja afectada. A razão assume, assim, em Hegel, uma dimensão ontológica, constituindo-se como “aquilo que é” (*das was ist*). O que é real-efectivo é racional porque o que é, real-efectivamente, é a razão.

§ 36. Ser e pensar

A identidade entre realidade-efectiva e razão não é senão a configuração propriamente hegeliana da identidade expressa pela unidade de ser e pensar, real e ideal, que caracteriza as perspectivas filosóficas de matriz idealista. A identidade hegeliana não é, no entanto, uma identidade tautológica, abstracta, mas justamente porque a razão é essencialmente dialéctica, uma identidade que compreende simultaneamente a identidade e a diferença ou oposição.

É neste sentido que, segundo Hegel, a ideia é “ela própria a dialéctica que, eternamente, separa e distingue o idêntico consigo do diferente, o subjectivo do objectivo, o finito do infinito, a alma do corpo, e só assim é criação eterna, eterna vida e Espírito eterno”¹². O que é idêntico consigo mesmo apenas formalmente é, na perspectiva hegeliana, o inerte, o morto, uma tautologia vazia. Mas enquanto especulativa, a ideia é também o regresso a si mesma a partir do seu outro, unidade dos seus momentos contraditórios.

A identidade de ser e pensar encontra-se, como se viu, desde logo no pensamento antigo¹³, nomeadamente na escola eleata, em que o “pensar se produz” e “o que é produzido é um pensamento; [o] pensar é, portanto, idêntico com [o] ser, pois não é fora do ser”. Esta “grande afirmação” (*große Affirmation*) constitui, segundo Hegel, o “pensamento fundamental”

¹² «die Idee ist selbst die Dialektik, welche ewig das mit sich Identische von dem Differenten, das Subjektive von dem Objektiven, das Endliche von dem Unendlichen, die Seele von dem Leibe, ab- und unterscheidet und nur insofern ewige Schöpfung, ewige Lebendigkeit und ewiger Geist ist.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 214, W 8, p. 371.

¹³ «Se o que se dá ao pensar é o real, na concreção múltipla e na dialéctica fluente do seu desenvolvimento processual, desde cedo a racionalidade emerge, segundo formas diversificadas, como tópico de uma meditação que visa tomar a cargo uma penetração fundamental na mediação objectiva e subjectiva do acontecer.» “Não admira, deste modo, que desde Heraclito aos Estóicos, aos Neoplatónicos, até mesmo à Patrística cristã, tanto grega como latina, sejam divisíveis momentos determinados de, por vezes, intensa ocupação com diferentes aspectos desta temática geral.» BARATA-MOURA, A «*Realização da razão*». *Um programa hegeliano?*, p. 25.

(*Hauptgedanke*) desta filosofia¹⁴ que, como tal, representa o início do “filosofar verdadeiro” (*das eigentliche Philosophieren*)¹⁵.

Também Heraclito formula, no quadro da sua ontologia, uma perspectiva da unidade entre ser e pensar. Como refere Hegel, “o que a razão [*Vernunft*] sabe em si é igualmente a necessidade ou o universal do ser; é a essência do pensar, assim como é a essência do mundo”¹⁶. O “λόγος” (*lógos*) heraclítico é, justamente, o princípio imanente que ordena a realidade existente¹⁷, é como uma “conexão invisível” ou “harmonia inaparente” que une a multiplicidade aparente e divergente, é o “comum” presente em todas as coisas¹⁸. O *lógos* é, deste modo, o fundo “oculto” por detrás da realidade sensível¹⁹, é a unidade essencial dos contrários, da qual participam tanto a alma humana como a realidade material.

Outro filósofo que pensou a fundo a unidade do real foi Espinosa, cuja filosofia se caracteriza essencialmente pela unidade da substância, constituindo-se, deste modo, como “absoluto panteísmo e monismo”²⁰. “Pensamento” e “extensão”, pensar e ser, são dois aspectos de uma mesma (id)entidade, “atributos” da substância única. Uma vez que nada existe independentemente ou fora da substância, os seus “modos” ou “afecções” (*affectiones*) não são senão enquanto existentes “em Deus”²¹, o que representa, na perspectiva de Hegel, mais do que um ateísmo²², um “acosmismo” (*Akosmismus*)²³, na medida em que tudo o que existe se encontra “lançado no abismo de uma identidade” que é Deus²⁴.

Temporal e tematicamente mais próximo de Hegel está, no entanto, Fichte, cuja filosofia, nomeadamente do ponto de vista da fundamentação de todo o conhecimento, de acordo com a sua *Doutrina da Ciência*, tem por princípio a “unidade” da autoconsciência que não é, segundo Hegel, senão o “conceito que é imediatamente realidade-efectiva, e esta realidade-efectiva que é imediatamente o seu conceito”. A constitutiva unidade de sujeito e objecto, pensar e ser,

¹⁴ «Das ist der Hauptgedanke. Das Denken produziert sich; was produziert wird, ist ein Gedanke; Denken ist also mit Sein identisch, denn es ist nicht außer dem Sein, dieser großen Affirmation.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 18, pp. 289-290.

¹⁵ «Mit Parmenides hat das eigentliche Philosophieren angefangen.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 18, p. 290.

¹⁶ «Das Vernünftige, das Wahre, das ich Weiß, ist wohl ein Zurückgehen aus dem Gegenständlichen, als aus Sinnlichem, Einzelnem, Bestimmtem, Seiendem. Aber was die Vernunft in sich weiß, ist ebenso die Notwendigkeit oder das Allgemeine des Seins; es ist das Wesen des Denkens, wie es das Wesen der Welt ist.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 18, p. 342.

¹⁷ «Todas as coisas» são «segundo esse *lógos*» (πάντων κατὰ τὸν λόγον). HERACLITO, *Fragmento B 1 DK*.

¹⁸ Cf. *Fragmento B 2 DK*.

¹⁹ A «natureza» (φύσις) «ama ocultar-se» (κρύπτεσθαι φύει). *Fragmento B 123 DK*.

²⁰ «Spinozas System ist der in den Gedanken erhobene absolute Pantheismus und Monotheismus.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 164.

²¹ «Tudo o que existe existe em Deus, e sem Deus nada pode existir nem ser concebido.» – «Quicquid est, in Deo est, et nihil sine Deo esse neque concipi potest.» SPINOZA, *Ethica*, I, prop. XV, p. 47.

²² «Acusa-se o espinosismo de ser ateísmo: Deus e Natureza (mundo) são um, ambos não estão separados; ele fez da natureza Deus real-efectivo ou Deus Natureza, de modo que Deus desaparece e é posta somente [a] Natureza.» – «Man wirft dem Spinozismus vor, er sei Atheismus: Gott und Natur (Welt) ist eins, beide sind nicht geschieden; er mache die Natur zum wirklichen Gott oder Gott zur Natur, so daß Gott verschwinde und nur Natur gesetzt werde.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 162.

²³ «O espinosismo é, portanto, acosmismo.» – «Der Spinozismus ist also Akosmismus.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 163.

²⁴ «O mundo não tem nenhuma realidade-efectiva verdadeira, mas tudo isto é lançado no abismo de uma identidade.» – «Die Welt hat keine wahrhafte Wirklichkeit, sondern alles dies ist in den Abgrund der einen Identität geworfen.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 195.

“realidade-efectiva concebida” (*begriffene Wirklichkeit*)²⁵, encontra-se aqui posta como “fundamento, ponto de partida” (*Grund, Anfangspunkt*)²⁶ enquanto “Eu” (*Ich*)²⁷.

Mas foi sobretudo Schelling quem pensou e fundou a sua filosofia na unidade de ser e pensar²⁸, objecto e sujeito, “Natureza” e “Inteligência”, constituindo-se como uma filosofia ou sistema da identidade (*Identitätssystem*). Segundo Hegel, o “Eu” ou a “autoconsciência” enquanto “acto” (*Akt*) é, em Schelling, justamente, a unidade “imediate” do subjectivo e objectivo²⁹, mas esta não é nem a “união formal” (*formelle Vereinigung*) espinosista, “nem totalidade subjectiva” como a fichteana³⁰. A identidade schellinguiana é, enquanto “unidade do conceito e da realidade [*Realität*]”, “ideia completa” (*vollendete Idee*) ou “o absoluto”³¹, que enquanto tomada do ponto de vista do ser constitui a Natureza, quando perspectivada como pensar, como subjectiva, constitui o domínio do Espírito (*Geist*)³².

§ 37. Ideia: vida e conhecimento

Ora, em Hegel, a ideia é não só unidade de sujeito e objecto, pensar e ser, mas ainda totalidade dialéctica que se desenvolve em e a partir de si mesma. Como resultado do processo de autodeterminação e objectivação do conceito, a ideia não é, porém, um resultado estático, fechado, mas constitui uma nova esfera em que os seus momentos ser e pensar, objectividade e

²⁵ «Este princípio é a realidade-efectiva concebida.» – «Dies Prinzip ist die begriffene Wirklichkeit». HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 389.

²⁶ «Isto é Eu, é consciência; o Eu é fundamento, ponto-de-partida.» – «Das ist Ich, es ist Bewußtsein; das Ich ist Grund, Anfangspunkt.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 391.

²⁷ «Este conceito que é imediatamente realidade-efectiva, e esta realidade-efectiva que é imediatamente conceito, e na verdade, de modo que não é um terceiro pensamento sobre esta unidade, ainda eu seja uma unidade imediata que não teria nela a diferença, a separação, é Eu.» – «Dieser Begriff, der unmittelbar Wirklichkeit, und diese Wirklichkeit, die unmittelbar ihr Begriff ist, und zwar so, daß nicht ein dritter Gedanke über diese Einheit ist, noch daß es eine unmittelbare Einheit ist, welche den Unterschied, die Trennung nicht an ihr hätte, ist Ich». HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 389.

²⁸ «Schelling coloca como fundamento o princípio de Jacobi da unidade do pensar e ser, só que começa a determiná-lo mais precisamente.» – «Schelling legt Jacobis Prinzip von der Einheit des Denkens und Seins zum Fundamente, nur daß er es näher zu bestimmen anfängt.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 420.

²⁹ «Eu é o ponto onde sujeito e objecto são um imediato; e isto é o acto da *autoconsciência*.» – «Ich ist der Punkt, wo Subjekt und Objekt unvermittelt eins sind; und das ist der Akt des *Selbstbewußtseins*.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 427.

Na introdução ao seu *Sistema do Idealismo Transcendental*, Schelling afirma que o Eu ou inteligência e a Natureza são dois “conceitos” “contrapostos” que se encontram, de facto, unidos no “saber”, em que nenhum é “primeiro” ou “segundo”, “ambos são simultâneos e um [*Eins*]”. – «Beide Begriffe sind sich entgegengesetzt.»; «Im Wissen selbst – *indem* ich weiß – ist Objektives und Subjektives so vereinigt, daß man nicht sagen kann, welchem von beiden die Priorität zukomme. Es ist hier kein Erstes und kein Zweites, beide sind gleichzeitig und Eins.» F. W. J. SCHELLING, *System des Transzendentalen Idealismus*, Einleitung, § 1, *Ausgewählte Schriften* (doravante: AS), vol. I, ed. Manfred Frank, Frankfurt am Main, 2003³, p. 407.

³⁰ «Es ist nicht formelle Vereinigung des Spinoza, noch subjektive Totalität wie bei Fichte, sondern Totalität mit der unendlichen Form; dieses sehen wir in der Schellingschen Philosophie hervorgehen.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 423.

³¹ «é a unidade do conceito e da realidade. A unidade absoluta, em que o existente não é diverso do conceito, esta ideia completa é o absoluto, somente Deus.» – «es ist Einheit des Begriffs und der Realität. Die absolute Einheit, wo das Existierende vom Begriffe nicht verschieden ist, diese vollendete Idee ist das Absolute, nur Gott». HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 424.

³² «Assim a Natureza continua-se no Espírito, assim o Espírito na Natureza. Cada um pode ser feito primeiro, e ambos têm de suceder; tanto o Eu como a Natureza têm de ser feitos primeiros.» – «So treibt die Natur sich zum Geist, so der Geist zur Natur fort. Jedes kann zum Ersten gemacht werden, und beides muß geschehen; sowohl das Ich als die Natur muß zum ersten gemacht werden.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 424.

«Ou o objectivo é feito primeiro, e pergunta[-se]: como um subjectivo se junta a ele, que esteja de acordo com ele.»; «Ou o subjectivo é feito primeiro, e a tarefa é: como um objectivo [se] junta, que esteja de acordo com ele.» – «Entweder wird das Objektive zum Ersten gemacht, und gefragt: wie ein Subjektives zu ihm hinzukomme, das mit ihm übereinstimmt.»; «Oder das subjektive wird zum Ersten gemacht, und die Aufgabe ist die: wie ein Objektives hinzukomme, das mit ihm übereinstimmt.» SCHELLING, *System des Transzendentalen Idealismus*, Einleitung, § 1, AS I, pp. 408, 409.

subjectividade são agora expostos enquanto pertencentes a uma mesma identidade, ou seja, como dois aspectos da unidade *ideal* (*ideel*).

Contudo, segundo Hegel, “na unidade *negativa* da ideia o infinito transborda [*greift hinüber*] sobre o finito, o pensar sobre o ser, a subjectividade sobre a objectividade”³³, pois a verdadeira superação da contraposição entre finito e infinito é a infinitude ideal ou da razão, entre ser e pensar é o conceber dialecticamente o ser pelo e no pensar, entre subjectivo e objectivo, perspectivar a objectivação como acção teleológica do conceito enquanto sujeito. A unidade dialéctica-especulativa de real e ideal é, em Hegel, ela mesma *ideal*. Como tal, a “unidade da ideia é subjectividade, pensar, infinitude, e por isso essencialmente de diferenciar da ideia como *substância*”³⁴.

A ideia compreende, então, segundo Hegel, uma dimensão substancial, surgindo, enquanto “*imediata*”, como “*vida*” (*Leben*)³⁵. Como tal, é “unidade simples” do subjectivo e do objectivo na forma da “*exterioridade*” (*Äußerlichkeit*)³⁶. Porém, porque a ideia é essencialmente processo e, por conseguinte, desenvolvimento progressivo e mediação, o “processo da vida consiste portanto em superar [*überwinden*] a imediatez, na qual a mesma está ainda embaraçada [*befangen*]”³⁷ e passar à contradição dos seus momentos.

A ideia diferencia-se, assim, no interior (*innerhalb*) de si mesma³⁸, isto é, devém “*juízo*” que, enquanto “*relação reflexiva*” (*Reflexionverhältnis*) do subjectivo como ideia e o objectivo como “*mundo imediato encontrado*” ou “*pressuposto*” põe em relação os dois aspectos como momentos de uma mesma identidade³⁹. A ideia constitui-se, deste modo, como “*conhecer*” (*Erkennen*), em que subjectivo e objectivo perdem a sua “*unilateralidade*” (*Einseitigkeit*)⁴⁰, que enquanto momentos do conceito implicavam, na medida em que a “*ideia é duplicada* [*verdoppelt*] – no conceito subjectivo, cuja realidade ele mesmo é, e no objectivo que é a vida”⁴¹.

O conhecimento ou “*ideia do verdadeiro*” (*Idee des Wahren*) caracteriza-se, pois, segundo Hegel, pela relação da ideia consigo mesma na sua separação imanente em subjectivo e objectivo,

³³ «Aber in der *negativen* Einheit der Idee greift das Unendliche über das Endliche hinüber, das Denken über das Sein, die Subjektivität über die Objektivität.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 215, W 8, pp. 272-273.

³⁴ «Die Einheit der Idee ist Subjektivität, Denken, Unendlichkeit und dadurch wesentlich von der Idee als *Substanz* zu unterscheiden.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 215, W 8, p. 273.

³⁵ «Die *unmittelbare* Idee ist das *Leben*.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 216, W 8, p. 273.

³⁶ «Na Lógica [a vida] é o simples ser-em-si, o qual alcançou na ideia da vida a sua exterioridade verdadeiramente correspondente a ela». – «In der Logik ist es das einfache Insichsein, welches in der Idee des Lebens seine ihm wahrhaft entsprechende Äußerlichkeit erreicht hat.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 471.

³⁷ «Der Prozeß des Lebens besteht dann darin, die Unmittelbarkeit, in welcher dasselbe noch befangen ist, zu überwinden.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 216, *Zusatz*, W 8, p. 274.

³⁸ «A sua subjectividade determinada até à universalidade é puro diferenciar no interior dela.» – «Ihre zur Allgemeinheit bestimmte Subjektivität ist reines Unterscheiden innerhalb ihrer.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 223, W 8, p. 377.

³⁹ «na medida em que este juízo é puro diferenciar dentro dela mesma, ela [é] para si ela mesma e o seu outro; assim ela é a certeza da identidade que é em-si deste mundo objectivo com ela.» – «insofern dies Urteil reines Unterscheiden innerhalb ihrer selbst ist (vorherg. §), sie für sich sie selbst und ihre andere; so ist sie die Gewißheit der an sich seienden Identität dieser objektiven Welt mit ihr.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 224, W 8, p. 378.

⁴⁰ «Este processo é em geral o conhecer. Em-si a oposição, a unilateralidade da subjectividade coma unilateralidade da objectividade é numa actividade superada nele.» – «Dieser Prozeß ist im allgemeinen das Erkennen. An sich wird in ihm in einer Tätigkeit der Gegensatz, die Einseitigkeit der Subjektivität mit der Einseitigkeit der Objektivität, aufgehoben.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 225, W 8, p. 378.

⁴¹ «Durch dieses Urteil ist die Idee verdoppelt - in den subjektiven Begriff, dessen Realität er selbst, und in den objektiven, der als Leben ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 487.

em que o último, enquanto mundo existente, é pressuposto. Como tal, o conhecer é essencialmente finito⁴² e, por conseguinte, simplesmente “razão activa como *entendimiento*”⁴³.

Por outro lado, a ideia constitui-se como relação entre subjectivo e objectivo em que o último surge, não como pressuposto, mas como o que é determinado pela “ideia subjectiva” que é essencialmente “impulso a realizar-se” “segundo a sua *finalidade*” (*Zweck*). A ideia devém, então, “*querer*” (*Wollen*), cujo “conteúdo” não é senão “o *bem*” (*das Gute*). O querer representa, por conseguinte, a “relação inversa face” ao conhecer (*umgekehrte Verhältnis gegen die Idee des Wahren*)⁴⁴.

As duas configurações da relação entre subjectivo e objectivo enquanto diferenciação imanente da ideia correspondem, no quadro da *Fenomenologia*, respectivamente à “razão observante” e à “realização-efectiva da autoconsciência racional por si mesma”, como se viu, à razão teórica e à razão prática em geral. Enquanto a *Fenomenologia* tem por fim fundar a unidade de autoconsciência e mundo existente pela elevação da consciência imediata ao saber absoluto, unidade que constitui, em Hegel, a natureza da razão, na *Lógica*, a diferenciação dos dois domínios, teórico e prático, dizem respeito ao desenvolvimento da ideia nos seus momentos constituintes no interior de si mesma. Naquela pretendia-se mostrar o percurso da consciência desde a separação de ser e pensar, objecto e sujeito, até à sua unidade, neste caso o percurso é o inverso, ou seja, revelar como a ideia, a partir da sua unidade fundamental, se constitui ora como “ideia teórica”, ora como “ideia prática”, dependendo da relação expressa na sua diferenciação em ideia *subjectiva* e ideia *objectiva*.

A superação da diferença que a ideia produz em si mesma, por que subjectivo e objectivo, teórico e prático, se medeiam e (re)unem, revelando-se na sua “*verdade*”, é, então, segundo Hegel, “o conceito da ideia”, isto é, o que “para o qual a ideia como tal é o objecto [*Gegenstand*], para o qual o objecto [*Objekt*] é ela”. Deste modo, a ideia é o conjunto de “todas as determinações” enquanto dialecticamente expostas e reunidas (*zusammengegangen*)⁴⁵.

A ideia devém, deste modo, “ideia que se pensa a si mesma” (*die sich selbst denkende Idee*), ideia “pensante” (*denkende*) ou “ideia lógica” (*logische Idee*). É a “unidade” que é “a *verdade absoluta*”, ou seja, a verdade “*toda*” (*die absolute und alle Wahrheit*)⁴⁶, unidade que, inicialmente apenas *em-si* (*an sich*), se torna “para si” (*für sich*) na superação da sua primeira imediatez e da relação que em si mesma estabelece na diferenciação dos seus momentos⁴⁷. Enquanto no conhecer

⁴² «A finitude do conhecer reside na pressuposição de um mundo encontrado, e o sujeito que conhece aparece aqui como uma *tabula rasa*» – «Die Endlichkeit des Erkennens liegt in der Voraussetzung einer vorgefundenen Welt, und das erkennende Subjekt erscheint hierbei als eine *tabula rasa*.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 226, *Zusatz*, W 8, p. 379.

⁴³ «Es ist die als *Verstand* tätige Vernunft.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 226, W 8, p. 379.

⁴⁴ HEGEL, *Enzyklopädie*, § 233, W 8, p. 386.

⁴⁵ «Die Idee als Einheit der subjektiven und der objektiven Idee ist der Begriff der Idee, dem die Idee als solche der Gegenstand, dem das Objekt sie ist; – ein Objekt, in welches alle Bestimmungen zusammengegangen sind.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 236, W 8, p. 388.

⁴⁶ «Diese Einheit ist hiermit die *absolute und alle Wahrheit*, die sich selbst denkende Idee, und zwar hier *als* denkende, als *logische* Idee.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 236, W 8, p. 388.

⁴⁷ «No conhecer tínhamos a ideia na figura da diferença [*Differenz*], e o processo do conhecer mostrou-se-nos como a superação dessa diferença e como o restabelecimento daquela unidade, a qual como tal e na sua imediatez é em primeiro lugar a ideia da vida.» – «Im Erkennen hatten wir die Idee in der Gestalt der Differenz, und der Prozeß des Erkennens hat sich uns als die Überwindung dieser

e no querer, subjectivo e objectivo são mediados e postos em concordância como dois aspectos de uma mesma identidade, a ideia devém “em e para si” (*an und für sich*), isto é, “é objectivamente si mesma” (*sich selbst gegenständlich*) e como tal se apreende. A ideia que é em e para si corresponde, portanto, segundo Hegel, à noção aristotélica de “νόσις νοήσεως”, ou seja, pensar que é essencialmente pensar de si mesmo⁴⁸.

A ideia é, assim, “ideia absoluta” (*absolute Idee*). Nesta ser e pensar encontram-se na sua identidade completamente desenvolvida. “Conteúdo” e “forma” não são senão ela mesma, de modo que o primeiro constitui, na perspectiva de Hegel, o “sistema do lógico” (*System des Logischen*), isto é, o conjunto das determinações da ideia absoluta correspondentes às diferentes categorias que a *Lógica* percorre, e a segunda, “o método deste conteúdo”, ou seja, a sua exposição dialéctica e determinação progressiva⁴⁹, ora como diferenciação e cisão (*Entzweiung*), ora como união e reconciliação (*Versöhnung*).

A unidade ou identidade de ser e pensar que, enquanto perspectivada como ideia, não é senão a unidade de objecto e sujeito, o objectivo e o subjectivo, no pensar, é, deste modo, elevada à sua verdade, é, como tal, completamente realizada na ideia absoluta. Esta não é, portanto, nada mais que a totalidade do real na sua constitutiva idealidade, isto é, a realidade-efectiva apreendida na sua essencial racionalidade.

§ 38. Real-efectivo e racional

Ora, “conceber” a “unidade do pensar e [do] ser”, ou seja, apreender a ideia absoluta na sua constitutiva unidade especulativa, a “apropriação racional da racionalidade” inerente ao real⁵⁰ é, justamente, na perspectiva hegeliana, “a tarefa da filosofia”⁵¹. Esta afirmação está, no entanto, longe de ser trivial, no quadro do horizonte ontológico hegeliano e sua inteligibilidade.

A afirmação de que “o que é racional é real-efectivo e o que é real-efectivo é racional”⁵², como se pretendeu demonstrar, significa, simultaneamente, contra a separação entre a realidade e a idealidade no sentido de pensar e conhecimento subjectivos, que a ideia, enquanto totalidade

Differenz und als die Wiederherstellung jener Einheit ergeben, welche als solche und in ihrer Unmittelbarkeit zunächst die Idee des Lebens ist.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 236, *Zusatz*, W 8, p. 388.

⁴⁸ «Até agora nós tivemos como nosso objecto a ideia no desenvolvimento através seus diversos graus; agora, porém, a ideia é [para] si mesma objectiva. Isto é o νόσις νοήσεως que já Aristóteles designou como a forma mais elevada da ideia.» – «Bisher haben wir die Idee in der Entwicklung durch ihre verschiedenen Stufen hindurch zu unserem Gegenstand gehabt; nunmehr aber ist die Idee sich selbst gegenständlich. Dies ist die νόσις νοήσεως, welche schon Aristoteles als die höchste Form der Idee bezeichnet hat.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 236, *Zusatz*, W 8, p. 288.

Cf. ARISTÓTELES, *Metafísica*, Λ, 9, 1074b 33; *De Anima*, 430a.

⁴⁹ «o verdadeiro conteúdo não é contido nenhum outro senão o sistema total, cujo desenvolvimento considerámos até agora.» – «der wahre Inhalt ist indes kein anderer als das ganze System, dessen Entwicklung wir bisher betrachtet haben.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 237, *Zusatz*, W 8, p. 389.

⁵⁰ «Em termos hegelianos, é a própria tarefa da filosofia que se desenha e perfila como intento de apropriação racional da racionalidade que na história de desdobra e manifesta». BARATA-MOURA, A «Realização da razão». *Um programa hegeliano?*, p. 33.

⁵¹ «A tarefa da filosofia determina-se em constituir como objecto e conceber a unidade do pensar e do ser, que é a sua ideia fundamental, i. e. o mais interno da necessidade, alcançar o conceito.» – «Die Aufgabe der Philosophie bestimmt sich darin, die Einheit des Denkens und Seins, welche ihre Grundidee ist, selbst zum Gegenstande zu machen und sie zu begreifen, d.i. das Innerste der Notwendigkeit, den Begriff zu erfassen.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 314.

⁵² HEGEL, *Grundlinien der Philosophie des Rechts*, Vorrede, W 7, p. 24; HEGEL, *Enzyklopädie*, § 6, W 8, p. 47.

dialéctica, como conceito que se realiza objectivamente, é *real-efectiva*, e que a realidade-efectiva, totalidade dialecticamente desenvolvida nos seus momentos particulares determinados, é, como tal, *racional*.⁵³ Este compreende, por sua vez, duas dimensões, em si mesmas indissociáveis e fundamentais para a compreensão do núcleo crucial da ontologia dialéctica e idealista hegeliana.

O real-efectivo em Hegel é, portanto, racional, uma vez que é categorial e logicamente inteligível na sua racionalidade interna ou, o que é em Hegel o mesmo, racionalmente inteligível na sua lógica interna. Ora, a lógica hegeliana é, fundamentalmente, racional, o domínio do pensar que se pensa a si mesmo, que tem a razão ela mesma por objecto, e esta é, segundo Hegel, dialéctica por natureza.

Viu-se, porém, que a razão, para além de dialéctica e especulativa, é ainda, na perspectiva hegeliana, simultaneamente substância, o objectivo na ideia absoluta, e sujeito, aquilo que em e a partir de si mesmo se desenvolve progressivamente e dialecticamente se determina e devém *para si*.⁵⁴ Quando Hegel afirma, por conseguinte, que a ideia absoluta é a “concordância” (*Übereinstimmung*) e a “reconciliação” (*Versöhnung*) da “razão autoconsciente” (*selbstbewußte Vernunft*) “com a realidade-efectiva”, esta não é senão a razão enquanto “*sendo*”, razão que é (*seiende Vernunft*)⁵⁵. Portanto, “conceber o que é [*das was ist*], é a tarefa da filosofia, pois o que é [*das, was ist*] é a razão”⁵⁶.

Conceber a realidade-efectiva na sua verdadeira natureza, isto é, dialéctica ou racionalmente é, portanto, no quadro da filosofia hegeliana, produzir ou tornar para si (*für sich*), trazer à consciência subjectiva, a unidade do ser com o pensar, do objectivo com o subjectivo, que é inicial e imediatamente apenas em-si (*an sich*). Este devir consciente da razão como totalidade que separa os seus momentos e regressa à sua unidade como à sua verdade é o processo mesmo da ideia lógica que, como ser e essência, conceito e objectividade, se supera a si mesma na sua determinidade abstracta unilateral e se constitui como ser que é *em e para si* (*Anundfürsichsein*).

A “verdade” (*Wahrheit*) não é, portanto, em Hegel, a concordância ou adequação de um juízo ou pensamento subjectivo ao real, “que eu *sei* como algo *é*”. Isto não é senão “a verdade formal, a mera correcção [*Richtigkeit*]”⁵⁷, como movimento que vai do sujeito autoconsciente até ao objecto

⁵³ «Die Realität ist für Hegel insofern “wirklich”, als sie vernünftig ist, das heißt sich als Manifestation dieses einen Selbstbestimmungsprozesses begreifen lässt.» Michael QUANTE, *Die Wirklichkeit des Geistes*, Berlin, Suhrkamp Verlag, 2011, p. 32.

⁵⁴ Neste sentido, é possível afirmar: «Pois a dialéctica de Hegel, apesar da amplitude abstracta do seu pensamento fundamental, é já na sua origem tanto lógica como histórica, concebida tanto em direcção ao conceito puro como em direcção à realidade-efectiva.» – «Denn Hegels Dialektik ist, trotz der abstrakten Weite ihres Grundgedankes, schon in ihrem Ursprung ebensowohl logisch, wie historisch, ebensowohl in der Richtung auf den reinen Begriff, wie in der Richtung auf die Wirklichkeit konzipiert.» CASSIRER, *Das Erkenntnisproblem*, p. 308-309.

⁵⁵ «assim como é de ver como o fim mais elevado da ciência o produzir, pelo conhecimento desta concordância, a reconciliação da razão autoconsciente com a razão *que é*, com a realidade-efectiva». – «so wie es für den höchsten Endzweck der Wissenschaft anzusehen ist, durch die Erkenntnis dieser Übereinstimmung die Versöhnung der selbstbewußten Vernunft mit der *seienden* Vernunft, mit der Wirklichkeit hervorzubringen». HEGEL, *Enzyklopädie*, § 6, W 8, p. 47.

⁵⁶ «Das *was ist* zu begreifen, ist die Aufgabe der Philosophie, denn das *was ist*, ist die Vernunft.» HEGEL, *Grundlinien der Philosophie des Rechts*, Vorrede, W 7, p. 26.

⁵⁷ «Sob verdade entende-se, em primeiro lugar, que eu *sei* como algo *é*. Isto é, contudo a verdade apenas em relação à consciência ou a verdade formal, a mera correcção.» – «Unter Wahrheit versteht man zunächst, daß ich *wisse*, wie etwas *ist*. Dies ist jedoch die Wahrheit nur in Beziehung auf das Bewußtsein oder die formelle Wahrheit, die bloße Richtigkeit.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 213, Zusatz, W 8, p. 369.

em consideração, na pressuposição da sua diferença e oposição, o que constitui uma visão parcial, um conhecimento finito de um objecto também ele finito.

Na perspectiva hegeliana, “pelo contrário [*dahingegen*], a verdade em sentido mais profundo consiste em que a objectividade é idêntica com o conceito”, ou seja, “quando a sua realidade corresponde ao seu conceito”⁵⁸. A verdade corresponde, portanto, à identidade ontológica de real e ideal, real e racional, na medida em que esta é, não só em-si (*an sich*), mas sobretudo para si, realizada e concebida como tal⁵⁹.

Deste modo, o verdadeiro é, como refere Hegel, “o devir de si mesmo, o círculo [*Kreis*] que pressupõe e tem por começo [*Anfänge*] o seu termo [*Ende*] como sua finalidade [*Zweck*] e pela execução [*Ausführung*] e o seu termo [*Ende*] é real-efectivo”⁶⁰. Como tal, “o verdadeiro” é, em Hegel, “o todo” (*das Ganze*)⁶¹ que se desenvolve e realiza na multiplicidade e variedade dos seus aspectos e se completa na unidade dialéctica especulativa.⁶²

A verdade é, portanto, por um lado, identidade, mas identidade tal como esta se determinou logicamente, ou seja, identidade que compreende em si a diferença, a oposição, a contradição⁶³, enquanto momentos superados, o que significa que a verdade é ainda totalidade exposta e realizada dialecticamente. É o subjectivo que compreende em si o objectivo, reflexão que é simultaneamente imediatez determinada, conceito objectivo ou ideia real. É o “resultado” do lógico, mas resultado que é inseparável do processo que o constitui, contém em si mesmo o seu “devir”⁶⁴. O verdadeiro é, pois, a realidade-efectiva (*Wirklichkeit*) na sua completa determinidade, na medida em que supera a unilateralidade dos seus momentos e devém a totalidade desenvolvida que constitui o conceito e a ideia.⁶⁵

A verdade não é, portanto, em Hegel, uma propriedade subjectiva, um conhecimento particular enquanto pertencente a um sujeito autoconsciente, mas assume uma dimensão ontológica, é a totalidade do ser e do seu devir essencial na sua expressão racional, ou seja, na sua conformidade e unidade com o conceito. Neste sentido, defende Hegel, uma realidade determinada (*Realität*) que apenas reflecte o seu conceito de um modo parcial, incompleto, não é em si mesma verdadeira.

⁵⁸ «Dahingegen besteht die Wahrheit im tieferen Sinn darin, daß die Objektivität mit dem Begriff identisch ist.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 213, *Zusatz*, W 8, p. 369.

⁵⁹ «O verdadeiro e o conceito são, como Hegel diz ele mesmo, un Logisch-Reelles, algo de lógico e de real ao mesmo tempo, un conceito realizado ou uma realidade concebida.» – «Le Vrai et le Concept sont, comme Hegel le dit lui-même, un Logisch-Reelles, quelque chose de logique et de réel en même temps, un concept réalisé ou une réalité conçue.» KOJÈVE, *Introduction à la lecture de Hegel*, p. 448.

⁶⁰ «[Das Wahre] ist das Werden seiner selbst, der Kreis, der sein Ende als seinen Zweck voraussetzt und zum Anfänge hat und durch die Ausführung und sein Ende wirklich ist.» HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, Vorrede, W 3, p. 23.

⁶¹ «O verdadeiro é o todo. O todo, porém, é somente a essência que se completa pelo seu desenvolvimento.» – «Das Wahre ist das Ganze. Das Ganze aber ist nur das durch seine Entwicklung sich vollendende Wesen.» HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, Vorrede, W 3, p. 24.

⁶² Como se lê na “Introdução” da *Fenomenologia do Espírito*, «somente o absoluto é verdadeiro ou somente o verdadeiro é absoluto» – «das Absolut allein wahr oder das Wahre allein absolut ist.» HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, Einleitung, W 3, p. 70.

⁶³ «Toda a autêntica verdade só existe enquanto se a faz surgir do seu contrário, do falso. Ela só é neste processo lógico da sua auto-produção e da sua auto-afirmação.» – «Alle echte Wahrheit besteht nur, sofern sie sich aus ihrem Gegenteil, dem Falschen, herstellt. Sie ist nur in diesem logischen Prozeß ihrer Selbsterzeugung und Selbstbehauptung.» CASSIRER, *Das Erkenntnisproblem*, p. 303.

⁶⁴ «Porque a Coisa não se esgota no seu fim, mas no seu desenvolvimento, nem o resultado é o todo real-efectivo, mas [o resultado] juntamente com o seu devir.» – «Denn die Sache ist nicht in ihrem Zwecke erschöpft, sondern in ihrer Ausführung, noch ist das Resultat das wirkliche Ganze, sondern es zusammen mit seinem Werden.» HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, Vorrede, W 3, p. 13.

⁶⁵ «A ideia é a verdade; pois a verdade é que a objectividade corresponde ao conceito.» – «Die Idee ist die Wahrheit; denn die Wahrheit ist dies, daß die Objektivität dem Begriffe entspricht.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 213, W 8, p. 368.

Como tal, não representa ainda aquilo que “deve ser” (*sollen*)⁶⁶, não é a realização acabada, verdadeira, do conceito, podendo, segundo Hegel, ser considerada como uma “má” realidade (*das Schlechte*), uma existência não-verdadeira (*unwahr*)⁶⁷ e, portanto, não racional que, enquanto tal, “cessa[...] de existir”⁶⁸.

Ora, se a filosofia tem como fim trazer à ideia, à dimensão racional, o que é real-efectivo, isto é, reconhecer no *que é* a sua racionalidade e idealidade, e como tal determinar como verdadeiro o que na sua objectividade expressa e realiza a sua verdadeira natureza conceptual, ela não é, segundo Hegel, “o estabelecer [*Aufstellen*] de um além [*eines Jenseitigen*]”⁶⁹ ou de um dever-ser⁷⁰. A filosofia consiste fundamentalmente na apreensão racional da realidade-efectiva, ou seja, em reconhecer e expor a constitutiva dialecticidade daquela, “reconhecer a razão como a rosa na cruz do presente”⁷¹.

Isto não exclui, naturalmente, um posicionamento crítico relativamente ao real existente na sua positividade, por um lado, nem constitui um apelo à passividade ou inacção, por outro, como se, na apreensão da racionalidade do real-efectivo, se esgotasse a actividade filosófica ou mesmo a prática humana. Se, como se viu na introdução da problemática que constitui o ponto central do presente estudo e se tem vindo a reforçar, o que é simplesmente real (*real*), positivo, existente, não corresponde à totalidade do seu conceito e, como tal, não é em si verdadeiro e, portanto, racional, não chega a razão consciente reconhecer a condição parcial e abstracta do que é somente momento do processo dialéctico que percorre e faz correr a realidade-efectiva, não chega reconhecer o carácter contraditório e transitório do finito que, porque instanciação necessariamente deveniente, tende para a sua superação num outro finito, num finito a ele contra-posto, não chega ainda reconhecer a dialecticidade e historicidade do que é real-efectivamente, mas contribuir, filosófica e *realmente*, isto é, inscrever a racionalidade no real, realizar efectivamente a razão.⁷² A “realização da razão” (*Verwirklichung der Vernunft*) é, pois, uma exigência decorrente da identidade

⁶⁶ «Estes objectos são *verdadeiros*, quando são o que *devem ser*, i. e. quando a sua realidade corresponde ao seu conceito.» – «Diese Gegenstände sind *wahr*, wenn sie das sind, was sie sein *sollen*, d. h. wenn ihre Realität ihrem Begriff entspricht.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 213, *Zusatz*, W 8, p. 369.

⁶⁷ «Assim compreendido o não-verdadeiro é o mesmo que o que é normalmente também chamado o mau.» – «So aufgefaßt ist das Unwahre dasselbe, was sonst auch das Schlechte genannt wird.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 213, *Zusatz*, W 8, p. 369.

⁶⁸ «Totalidades como o Estado, a Igreja, quando a unidade do seu conceito e da sua realidade é dissolvida, cessam de existir.» – «Ganze, wie der Staat, die Kirche, wenn die Einheit ihres Begriffs und ihrer Realität aufgelöst ist, hören auf zu existieren.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, II, W 6, p. 464.

⁶⁹ «Isto é precisamente a posição da filosofia para com a realidade-efectiva, [...] porque ela é o racional compreendido, justamente com isto o apreender do presente e real-efectivo, não é o estabelecer de um além, que sabe Deus onde está» – «Es ist eben diese Stellung der Philosophie zur Wirklichkeit, [...] weil sie das Ergründendes Vernünftigen ist, eben damit das Erfassen des Gegenwärtigen und Wirklichen, nicht das Aufstellen eines Jenseitigen ist, das Gott weiß wo sein sollte.» HEGEL, *Grundlinien der Philosophie des Rechts*, Vorrede, W 7, p. 24.

⁷⁰ «A lógica do dever-ser é, por assim dizer, uma *lógica de substituição* de uma realidade (má) por uma outra (boa) que nada tem a ver com ela. A lógica de Hegel, nesta matéria, apresenta-se, pelo contrário, como bem diferente: é uma *lógica de transformação*, isto é, de elevação (progressiva) do existente a uma condição de (maior) racionalidade.» BARATA-MOURA, A «*Realização da razão*». *Um programa hegeliano?*, p. 123.

⁷¹ «Die Vernunft als die Rose im Kreuze der Gegenwart zu erkennen und damit dieser sich zu erfreuen, diese vernünftige Einsicht ist die *Versöhnung* mit der Wirklichkeit» HEGEL, *Grundlinien der Philosophie des Rechts*, Vorrede, W 7, pp. 26-27.

⁷² Como salienta Vasco Magalhães-Vilhena, «O caminho que conduz à compreensão do real e o caminho que conduz à realização do ideal são, no fundo, momentos solidários de um só processo.» VASCO MAGALHÃES-VILHENA, «A Teoria, Força Material» in *Ideia e Matéria. Comunicações ao Congresso Hegel – 1976*, Lisboa, Livros Horizonte, 1978, pp. 9-50, p. 37.

ontológica hegeliana⁷³ que, longe de se dar na figura de uma imediatez definitiva ou de constituir um pressuposto fortuito, implica o operar, o pôr em movimento o processo dialéctico do contraditório e sua resolução, que conduz a cada momento a uma maior concreção, a uma maior realização-efectiva (ou real-efectivação)⁷⁴, a uma mais desenvolvida racionalidade. O ideal não é, pois, o que apenas “deve-ser”: é o que “é” efectivamente e na sua racionalidade concreta realizada⁷⁵. A unidade do real e do racional não é, portanto, absolutamente neutra no que respeita à positividade existente mas, pelo contrário, pode (e deve) ser perspectivada como pedra de toque na avaliação crítica do real na sua positividade e princípio orientador na sua transformação⁷⁶.

§ 39. Idealismo

A filosofia representa, assim, na perspectiva hegeliana, o conhecimento da ideia enquanto unidade especulativa, como verdade realizada, da realidade-efectiva. A multiplicidade e variedade que dialecticamente constitui o que é real-efectivamente (*wirklich*) não é senão enquanto fundada na unidade racional que se encontra por detrás da complexa série de momentos determinados e que impele a sua processualidade e progressiva superação e concreção.

A ideia, ou razão que é na sua dimensão ontológica, é, portanto, segundo Hegel, “a substância que é imanente e o eterno que é presente” no “aparecer do temporal e passageiro” e este não é mais que o vir à “existência” daquela nas suas diferentes “configurações” (*Gestaltungen*)⁷⁷. O verdadeiro, o racional é, pois, não a multiplicidade aparente, fenoménica, mas a unidade dialéctica que é a sua natureza interna e que em cada momento do seu desenvolvimento realiza exteriormente um aspecto determinado da sua totalidade. Esta é, porém, ideal.

O sistema filosófico hegeliano é, deste modo, fundamentalmente idealista. Como se viu a propósito da dialéctica entre finito e infinito, a idealidade é a verdadeira natureza do finito⁷⁸ que, contraditório em si mesmo, se resolve na superação da sua finitude como unidade ideal de si mesmo e do que se encontra para lá do seu limite. O idealismo, tal como Hegel o entende,

⁷³ «Para além de corresponder a uma atitude com alcance e implicação política, a reivindicação de uma realização da racionalidade enraíza, em Hegel, naquele que, porventura é o núcleo fundamental e animador de toda a sua ontologia: o reconhecimento da unidade do real em termos de idealidade como forma (idealista) de aceder e de vincar a sua constitutiva dialecticidade.» BARATA-MOURA, A «Realização da razão». *Um programa hegeliano?*, p. 108

⁷⁴ Note-se que neste caso o conceito não é o de *Realisierung* mas *Verwirklichung*, o que se justifica pelo facto de que à razão não corresponde aquela positividade imediata que é somente real (*real*), mas sobretudo o que é real-efectivo (*wirklich*), a realidade concreta que é simultaneamente resultado e processo, é o activo e operante em si mesmo.

⁷⁵ «O “ideal” não se contenta com a condição de mera bondade que “deve-ser”. O “ideal” é, é o autêntico e concretamente racional e, por isso, pode, deve e tem que ser realizado – não num “além” do mundo, mas num “aquém” terreno.» BARATA-MOURA, A «Realização da razão». *Um programa hegeliano?*, p. 123.

⁷⁶ «A racionalidade assume-se, deste modo, não apenas como uma medida “ideal” de realidade, mas como uma verdadeira medida “real” da realidade.» BARATA-MOURA, A «Realização da razão». *Um programa hegeliano?*, p. 119.

⁷⁷ «Isso depende de reconhecer no aparecer do temporal e passageiro a substância que é imanente e o eterno que é presente. Pois o racional, que é sinónimo da ideia, na medida em que na sua realidade-efectiva ocorre simultaneamente na existência exterior, surge numa riqueza infinita de formas, fenómenos e configurações». – «Darauf kommt es dann an, in dem Scheine des Zeitlichen und Vorübergehenden die Substanz, die immanent, und das Ewige, das gegenwärtig ist, zu erkennen. Denn das Vernünftige, was synonym ist mit der Idee, indem es in seiner Wirklichkeit zugleich in die äußere Existenz tritt, tritt in einem unendlichen Reichtum von Formen, Erscheinungen und Gestaltungen hervor». HEGEL, *Grundlinien der Philosophie des Rechts*, Vorrede, W 7, p. 25.

⁷⁸ «Mas a verdade do finito é antes a sua idealidade». – «Aber die Wahrheit des Endlichen ist vielmehr seine Idealität.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 95, W 8, p. 203. V. *supra*, I Parte, §6. Finito e Infinito, p. 28.

caracteriza-se, justamente, por “não reconhecer o finito como um ente [*Seiendes*] verdadeiro”⁷⁹, enquanto existindo e subsistindo em e por si mesmo, afirmando o seu carácter ideal. Não é, portanto, a afirmação de que “fora da minha autoconsciência singular nada é”, como se verifica, nomeadamente, na perspectiva idealista de Berkeley⁸⁰, que constitui um idealismo fundado na consciência subjectiva em que o ser é reduzido ao “ser percebido”⁸¹.

O finito, enquanto algo de determinado e imediato em si mesmo que na sua insuficiência depende e subsiste por intermédio de um outro, enquanto algo de passageiro que na sua condição limitada tende para a sua própria dissolução e superação, é na perspectiva dialéctica hegeliana, à semelhança das concepções de Heraclito e Platão, entre outros, o não autónomo, o efémero, o superficialmente constituído porque fundado num fundo essencial que perpassa e ultrapassa as múltiplas configurações por que ganha forma exterior.

A principal diferença entre uma posição filosófica idealista e uma concepção realista seria, assim, segundo Hegel, a consideração ora da unidade e da “totalidade interconectada” (*interconnected totality*) como primordial e fundamental, na primeira, ora das entidades discretas e autonomamente subsistentes, na segunda.⁸² No último caso, as relações e ligações entre as substâncias seriam secundárias, seriam como meras relações exteriores, que Hegel repetidamente critica e combate, tomando por real o que imediatamente aparece e positivamente se constitui. O idealismo é, pois, para Hegel, como refere Stern, fundamentalmente uma tomada de posição relativamente ao estatuto ontológico do finito, afirmando a sua não-autonomia, não-subsistência e, por conseguinte, não-substancialidade⁸³.

A substância é, em Hegel, a totalidade real-efectiva, o absoluto, enquanto sujeito que no devir contraditório dos seus momentos finitos opera e progressivamente se desenvolve. Ora, na medida

⁷⁹ «O idealismo da filosofia consiste em nada mais do que não reconhecer o finito como um ente verdadeiro.» – «Der Idealismus der Philosophie besteht in nichts anderem als darin, das Endliche nicht als ein wahrhaft Seiendes anzuerkennen.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 172.

⁸⁰ «O idealismo tomado no sentido de que fora da minha autoconsciência singular enquanto individual nada é, ou a refutação do mesmo, de que fora da minha autoconsciência enquanto individual [as] coisas são, é um tão mau quanto o outro. Aquele é o berkeleyano, em que o discurso é apenas sobre [a] autoconsciência enquanto individual». – «Der Idealismus in dem Sinne genommen, daß außer meinem einzelnen Selbstbewußtsein als einzelner nichts ist, oder die Widerlegung desselben, daß außer meinem Selbstbewußtsein als einzelner Dinge sind, ist eins so schlecht als das andere. Jener ist der Berkeleysche, worin allein vom Selbstbewußtsein als einzelner die Rede ist». HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 349.

⁸¹ «Their *Esse* is *Percipi*, nor is it possible they should have any Existence, out of the Minds or thinking Things which perceive them.» BERKELEY, *The Principles of Human Knowledge, The Works of George Berkeley Bishop of Cloyne*, ed. A. A. Luce e T. E. Jessop, London – Edinburgh Paris Melbourne Toronto and New York, Thomas Nelson and Sons Ltd., vol. II, 1949, I, III, p. 42.

⁸² «The idealist thus sees the world differently from the realist, not as a plurality of separate entities that are ‘self-subsistent or grounded in themselves’, but as parts of an interconnected totality in which these entities are dependent on their place within the whole.» STERN, *Hegelian Metaphysics*, p. 60.

⁸³ «It turns out, then, that idealism for Hegel is primarily an ontological position, which holds that the thing of ordinary experience are ideal in the sense that they have no being in their own right, and so lack the self-sufficiency and self-subsistence required to be fully real.» STERN, *Hegelian Metaphysics*, p. 60.

Robert Stern associa, ainda, à definição de idealismo propriamente hegeliana – o “finito é ideal” – um segundo “sentido” de idealismo, “mais clássico”, decorrente do primeiro, de acordo com o qual Hegel seria ainda “anti-nominalista” (*anti-nominalist*), na medida em que “os indivíduos finitos, “não pode[ndo] oferecer um termo de explicação satisfatório”, são perspectivados apenas enquanto “exemplificam” “universais, entidades ideais”, o que pode, segundo Stern, ser considerado “uma forma de *realismo conceptual*”, ou seja, “a crença de que [os] conceitos são parte da estrutura da realidade” – «We have thus found two (related) senses in which Hegel is an idealist, and one in which he is a realist, and shown how these positions are compatible: he is an idealist in his special sense, of holding that the ‘finite is ideal’, and (therefore) an idealist in the more classical (anti-nominalist) sense of holding that taken as mere finite individuals, things in the world cannot provide a satisfactory terminus for explanation, but only when they are seen to exemplify ‘universals, ideal entities’ (in the manner of Thales’ water onwards) which are not given in immediate experience, but only in [reflective] thinking upon phenomena’. Hegel’s idealism, in other words, amounts to a form of *conceptual realism*, understood as ‘the belief that concepts are part of the structure of reality’.» STERN, *Hegelian Metaphysics*, p. 76.

em que a filosofia é considerada como a apreensão da substância verdadeira do ponto de vista da sua racionalidade, e esta não é senão a realidade-efectiva na sua idealidade ou unidade especulativa, segundo Hegel, a “idealidade do finito é a proposição fundamental da filosofia e toda a verdadeira filosofia é, por isso, um *idealismo*”⁸⁴.

Na perspectiva hegeliana, portanto, a “oposição de filosofia idealista e realista é, por isso, sem significação. Uma filosofia que atribuisse ao ser-aí finito como tal ser verdadeiro, último, absoluto, não merece o nome de filosofia”⁸⁵. O finito é, em Hegel, somente um posto, um condicionado, e na medida em que “as coisas sensíveis singulares” (*die einzelnen sinnlichen Dinge*) são “enquanto superadas” (*als aufgehoben*), são somente momentos do “princípio”, do “conceito”, e este é “o *ideal*” (*das Ideelle*), elas mesmas são, por conseguinte, ideais⁸⁶.

Também Fichte afirmava que “a única filosofia possível que permanece é o idealismo”⁸⁷, mas este é, na sua perspectiva, a filosofia que põe o Eu ou inteligência como princípio, distinguindo-se fundamentalmente do “dogmatismo” que parte da coisa-em-si ou o objectivo no conhecer, e desta deduz a consciência subjectiva. A razão central da distinção fichteano encontra-se na defesa da liberdade ou na subordinação do sujeito relativamente ao outro exterior, neste caso o que é do domínio do objectivo, por oposição à esfera subjectiva. Se o sujeito é o essencialmente activo (*thätig*) e a coisa-em-si o que se opõe e contra-põe ao agir da consciência subjectiva, uma filosofia fundada no objecto não pode, segundo Fichte, ser senão a defesa de uma limitação da liberdade e da actividade do sujeito, a imposição de um outro como princípio, ou seja, a perda da autonomia no agir da consciência, tanto no campo teórico como no domínio prático da acção. Idealismo e dogmatismo são, na sua perspectiva, inconciliáveis e reciprocamente irrefutáveis e a decisão pelo idealismo encontra-se, segundo Fichte, no interesse que o filósofo deve ter por “si” mesmo⁸⁸.

Hegel defende, portanto, que “toda a filosofia é essencialmente idealismo ou tem este pelo menos por princípio e a pergunta é, então, apenas em que medida é realmente [*wirklich*] realizado [levado a cabo, *durchgeführt*]”⁸⁹. Este é o princípio orientador segundo o qual os diferentes *idealismos* e as diferentes concepções filosóficas da História da Filosofia são por Hegel perspectivadas.⁹⁰

⁸⁴ «Diese Idealität des Endlichen ist der Hauptsatz der Philosophie, und jede wahrhafte Philosophie ist deswegen *Idealismus*.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 95, W 8, p. 203.

A definição propriamente hegeliana de idealismo encontra-se, portanto, indissociavelmente ligada à sua concepção de verdade. «Man muß Hegels Sätze “Das Wahre ist das Ganze” und “Jede wahre Philosophie ist Idealismus” zusammen lesen». HOLZ, *Aufhebung und Verwirklichung der Philosophie 1. Die Algebra der Revolution. Von Hegel zu Marx*, p. 32.

⁸⁵ «Der Gegensatz von idealistischer und realistischer Philosophie ist daher ohne Bedeutung. Eine Philosophie, welche dem endlichen Dasein als solchem wahrhaftes, letztes, absolutes Sein zuschriebe, verdiente den Namen Philosophie nicht». HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 172.

⁸⁶ HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 172.

⁸⁷ «Als einzig-mögliche Philosophie bleibt der Idealismus übrig.» FICHTE, *Erste Einleitung in die Wissenschaftslehre*, 6, W I, p. 438.

⁸⁸ Cf. FICHTE, *Erste Einleitung in die Wissenschaftslehre*, 5, W I, pp. 429-435.

⁸⁹ «Jede Philosophie ist wesentlich Idealismus oder hat denselben wenigstens zu ihrem Prinzip, und die Frage ist dann nur, inwiefern dasselbe wirklich durchgeführt ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 172.

⁹⁰ Longe de uma exposição exaustiva proceder-se-á a uma análise breve das concepções que parecem ser mais relevantes para o desenvolvimento do idealismo propriamente hegeliano. Incidir-se-á, portanto, preferencialmente nas perspectivas filosóficas a que Hegel mais frequentemente recorre na exposição do seu sistema.

§ 40. Idealismos antigos: Parménides, Heraclito, Anaxágoras

Conforme se viu, a afirmação da identidade de ser e pensar que constitui o princípio fundamental da filosofia eleata representa, na perspectiva hegeliana, o começo do “verdadeiro filosofar” (*eigentliche Philosophieren*), na medida em que Parménides representa “a elevação ao reino do ideal” (*die Erhebung in das Reich des Ideellen*)⁹¹. Esta identidade é, contudo, ainda somente formal, abstracta, pois não compreende qualquer diferença, qualquer negação no interior de si mesma e, por conseguinte, qualquer determinação.

O verdadeiro, segundo Parménides, é a pura e simples identidade de ser-pensar, “o uno” (*das Eine*), pura afirmação, tudo o resto é ilusão, engano, “não-verdadeiro”, mero “fenómeno”⁹², não reconhecendo qualquer valor na “via dos mortais” que, embora fundada parcialmente na via afirmativa, a via verdadeira, não distingue o ser do não-ser, “acredita que o ser e o não-ser são o mesmo e o não-mesmo”⁹³, afirmando e negando indiscriminadamente sobre o que simultaneamente é e não é, ou é somente aparentemente.

Apesar de a dialéctica constituir a “particularidade” do pensamento de Zenão⁹⁴, esta não é, no entanto, relativa ao ser uno e imutável, mas somente característica da aparência, do que está sujeito à mudança, o corruptível. A contraditoriedade essencial do mutável e sua pluralidade, reconhecida nos argumentos de Zenão⁹⁵, é perspectivada como prova da sua ininteligibilidade e incognoscibilidade e, por conseguinte, constitutiva falsidade e não realidade. Só o ser uno é verdadeiramente, pois só este é pensável sem se cair em contradição. Como tal, o “resultado desta dialéctica é nulo, o negativo”⁹⁶, não a unidade especulativa, não a verdade como totalidade processual ideal, como Hegel defende.

De certo modo, também Heraclito compreende na sua filosofia uma dimensão que, na perspectiva de Hegel, constitui um dos elementos fundamentais do idealismo. Este é o facto de que o filósofo “obscuro” (*dunkel*) foi o primeiro a “pronunciar” a verdadeira “natureza do infinito” e “precisamente a natureza enquanto em-si [*an sich*] infinita, i. e. concebeu a sua essência como processo”⁹⁷. Como se referiu anteriormente, todas as coisas encontram-se ligadas e esta conexão,

⁹¹ «Mit Parmenides hat das eigentliche Philosophieren angefangen; die Erhebung in das Reich des Ideellen ist hierin zu sehen.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 18, p. 290.

⁹² «O universal da dialéctica, o princípio geral da escola eleata era portanto: “O verdadeiro é somente o uno, tudo o resto é não-verdadeiro”; como a filosofia kantiana tem como resultado: “Conhecemos apenas fenómenos”.» – «Das Allgemeine der Dialektik, der allgemeine Satz der eleatischen Schule ist also gewesen: “Das Wahre ist nur das Eine, alles andere ist unwahr”; wie die Kantische Philosophie das Resultat hat: “Wir erkennen nur Erscheinungen”.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 18, p. 318.

⁹³ PARMÉNIDES, *Fragmento B 6* (DK).

⁹⁴ «Zenons Eigentümlichkeit ist die Dialektik.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 18, p. 295.

⁹⁵ Cf. ZENÃO, *Fragmentos B 1 e B 3* (DK).

⁹⁶ «Das Resultat dieser Dialektik ist Null, das Negative.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 18, p. 304.

⁹⁷ «assim, ele é aquele que em primeiro lugar exprimiui a natureza do infinito e [que] concebeu em primeiro lugar precisamente a natureza enquanto em-si infinita, i. e. a sua essência como processo. A partir dele é de datar o começo da existência da filosofia; ele é a ideia que permanece, que é a mesma em todos os filósofos até aos dias de hoje, como foi a ideia de Platão e Aristóteles.» – «so ist er derjenige, welcher zuerst die Natur des Unendlichen ausgesprochen und zuerst eben die Natur als an sich unendlich, d. h. ihr Wesen als Prozeß begriffen hat. Von ihm ist der Anfang der Existenz der Philosophie zu datieren; er ist die bleibende Idee, welche in allen Philosophen bis auf den heutigen Tag dieselbe ist, wie sie die Idee des Platon und Aristoteles gewesen ist.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 18, pp. 336-337.

embora invisível, é mais verdadeira e profunda que a multiplicidade superficial. Como se lê no *Fragmento B 10* (DK), “completas e não-completas, convergente e divergente, consonante e dissonante, e de todas as coisas um e de um todas as coisas”⁹⁸. Ora, esta “conjunção” do contraditório ou a unidade do múltiplo, que tão semelhante é à unidade especulativa hegeliana, não é senão, segundo Hegel, expressão do “pensamento profundo, especulativo” que caracteriza a filosofia do efésio⁹⁹. Como tal, Hegel reconhece que “não há uma proposição de Heraclito que eu não [tenha] acolhido na minha Lógica”¹⁰⁰.

Outra perspectiva fundamentalmente idealista é a de Anaxágoras, cuja filosofia tem como “princípio” o “pensamento ou entendimento” (*Gedanken oder Verstand*, νοῦς) enquanto “essência simples do mundo”¹⁰¹. Este é, como tal, “o universal”, ou seja, “o pensamento ele mesmo, em e para si, o universal sem oposição” enquanto “substância”¹⁰². É “infinito” (ἄπειρον), “autônomo” (αὐτοκρατές)¹⁰³, separado da realidade, idêntico em si mesmo. Embora, segundo Anaxágoras, não se “misture” com a multiplicidade e diversidade existente, o *nous* é princípio e fundamento de toda a realidade¹⁰⁴, “a alma [*Seele*] motriz [*bewegende*] em tudo [*in allem*]”¹⁰⁵. Deste modo, na perspectiva de Hegel, “este entendimento, esta razão é ela mesma imanente na natureza”¹⁰⁶.

A proximidade entre os conceitos *lógos* e *nous* e o papel que ambos têm no quadro ontológico dos filósofos que os pensaram é evidente. No entanto, segundo Hegel, o “devir de Heraclito, o que é apenas processo [*Prozeß*] (εἰσαγωγή), ainda não é o que se determina autonomamente, independentemente” mas, pelo contrário, enquanto processo real, “fogo” (*Feuer*), é “passagem ao outro, não autonomia”¹⁰⁷. Ora, de acordo com Anaxágoras, todas as coisas contêm em si um pouco de tudo excepto o *nous* que é em e por si mesmo¹⁰⁸. Como tal, corresponde à “actividade” que, como refere Hegel, “se conserva como o universal, [o] igual a si mesmo”¹⁰⁹. Enquanto em Heraclito o fogo surge como princípio real, material, correspondente ao *lógos*¹¹⁰, em Anaxágoras o

⁹⁸ HERACLITO, *Fragmentos Contextualizados*, p. 49.

⁹⁹ «O obscuro desta filosofia reside, porém, principalmente em que um pensamento profundo, especulativo é expresso nela». – «Das Dunkle dieser Philosophie liegt aber hauptsächlich darin, daß ein tiefer, spekulativer Gedanke in ihr ausgedrückt ist» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 18, p. 323.

¹⁰⁰ «es ist kein Satz des Heraklit, den ich nicht in meine Logik aufgenommen». HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 18, p. 320.

¹⁰¹ «O princípio de Anaxágoras era que ele reconhecia o pensamento ou entendimento em geral, enquanto essência simples do mundo, como o absoluto.» – «Das Prinzip des Anaxagoras war, daß er den Gedanken oder Verstand überhaupt, als das einfache Wesen der Welt, für das Absolute erkannt hat.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 18, p. 380.

¹⁰² «Anaxágoras afirmava então que o universal – não deuses, princípios sensíveis, nem pensamentos que são essencialmente enquanto determinados (determinações-da-reflexão) – mas o pensamento ele mesmo, em e para si, o universal sem oposição, que tudo engloba, é a substância.» – «Anaxagoras nun sagt, das Allgemeine – nicht Götter, sinnliche Prinzipien, Elemente, noch Gedanken, die wesentlich als bestimmte sind (Reflexionsbestimmungen) –, sondern der Gedanke selbst, an und für sich, das Allgemeine ohne Gegensatz, alles in sich befassend, ist die Substanz.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 18, p. 369.

¹⁰³ ANAXÁGORAS, *Fragmento B 12* (DK).

¹⁰⁴ Cf. ANAXÁGORAS, *Fragmento B12* (DK).

¹⁰⁵ «Der νοῦς ist die bewegende Seele in allem». HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 18, p. 392.

¹⁰⁶ «Dies Gesetz, dieser Verstand, diese Vernunft ist selbst immanent in der Natur, ist das Wesen der Natur». HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 18, p. 370.

¹⁰⁷ «Das werden des Heraklits, was nur Prozeß ist (εἰσαγωγή), ist noch nicht das sich selbständig, unabhängig Bestimmende. [...] Das Feuer (der Prozeß nach Heraklit) erstirbt; es ist Übergang ins Andere, keine Selbständigkeit.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 18, p. 382.

¹⁰⁸ Cf. ANAXÁGORAS, *Fragmento B 12* (DK).

¹⁰⁹ «In der sich selbst bestimmende Tätigkeit ist zugleich enthalten, daß die Tätigkeit, indem sie den Prozeß macht, sich erhält als das Allgemeine, Sichselbstgleiche.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 18, p. 382.

¹¹⁰ Cf. HERACLITO, *Fragmentos B 66 e B 90* (DK).

nous permanece em si mesmo “na sua autodeterminação”¹¹¹, sem contacto real com a multiplicidade do que é.

Deste modo, o *nous* não chega a *ser* verdadeiramente, pois, segundo Hegel, na sua “simplicidade”, ele “não é um ser, mas universalidade (unidade)”¹¹² que, na medida em que não devém singularidade, é somente enquanto abstracta, não concreta, “ainda formal”¹¹³. Embora tenha sido, como refere Hegel, o primeiro a “ter enunciado o pensamento de que o *Nus* [*sic*], o pensamento é o princípio do mundo, que a essência do mundo [é] de determinar como o pensamento”¹¹⁴, este não é, no entanto, desenvolvido até constituir verdadeiramente a realidade-efectiva e se “pôr” numa unidade especulativa com a “matéria” (*Materie*)¹¹⁵, permanecendo, por conseguinte, “uma mera palavra” (*ein bloßes Wort*)¹¹⁶.

§ 41. Platão, Aristóteles

Porém, é sobretudo Platão quem pensa a unidade do real na sua natureza ideal e lhe confere o estatuto de verdade, reconhecendo “apenas o universal, a ideia, o bem [*das Gute*] como o essencial [*das Wesenhafte*]”¹¹⁷. A verdadeira filosofia é, na perspectiva platónica, o conhecimento dialéctico do “imutável, imortal e verdadeiro”, o discernir da “essência de cada coisa”¹¹⁸, o inteligível para lá da multiplicidade sensível. A dialéctica, a mais elevada das ciências¹¹⁹, é, assim, o processo por que a inteligência se move no domínio das ideias¹²⁰, conhecendo e reconhecendo o princípio e a unidade da existência aparente e diversa, o que permanece idêntico em si mesmo e é como verdadeira essência do transitório e corruptível.

Como tal, Platão representa, segundo Hegel, a entrada no “mundo intelectual” (*Intellektualwelt*)¹²¹, afirmando como “verdade” “o que é produzido pelo pensamento”¹²², não

¹¹¹ «Das Verstand ist das sich in seiner Selbstbestimmung Erhaltende.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 18, p. 384.

¹¹² «Die Einfachheit des voûs ist nicht ein Sein, sondern Allgemeinheit (Einheit).» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 18, p. 380.

¹¹³ «O voûs de Anaxágoras é ainda formal, embora a identidade do princípio seja compreendida com a realização.» – «Der voûs des Anaxagoras ist noch formell, obgleich die Identität des Prinzips mit der Ausführung eingesehen wurde.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 18, p. 393.

¹¹⁴ «Anaxagoras wird als derjenige gepriesen, der zuerst den Gedanken ausgesprochen habe, daß der *Nus*, der *Gedanke*, das Prinzip der Welt, daß das Wesen der Welt als der *Gedanke* zu bestimmen ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 44.

¹¹⁵ «O que a relação especulativa simples do voûs se refere a esta matéria, assim não são postas ambas especulativamente como um.» – «Was nun die einfache spekulative *Beziehung* des voûs auf diese *Materie* betrifft, so sind beide spekulativ nicht als Eins gesetzt.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 18, p. 392.

¹¹⁶ «Mas como alma do mundo, como sistema orgânico do todo, – o entendimento permanece na realidade em Anaxágoras uma mera palavra.» – «Aber als Seele der Welt, als organisches System des Ganzen, – der Verstand am Realen bleibt bei Anaxagoras ein bloßes Wort.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 18, p. 392.

¹¹⁷ «Er erkennt nur das Allgemeine, die Idee, das Gute als das Wesenhafte.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 19, p. 39.

¹¹⁸ Cf., respectivamente, PLATÃO, *La République*, 585c e 532a-b.

¹¹⁹ Cf. PLATÃO, *Sophiste*, 253c-d.

¹²⁰ Cf. PLATÃO, *La République*, 511b.

«Isto é uma dialéctica [...] que se move em conceitos puros, – o movimento do lógico.» – «Es ist dies eine Dialektik [...] welche sich in reinen Begriffen bewegt, – die Bewegung des Logischen.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 19, p. 61.

¹²¹ «Durch die Darstellung seiner Ideen hat Platon die Intellektualwelt eröffnet.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 19, p. 39.

¹²² «Die Wahrheit setzt Platon allein in das, was durch den Gedanken produziert wird.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 19, p. 56.

enquanto um “pensamento unilateral ou no sentido do mau idealismo [...] mas o pensamento que é em *uma* unidade tanto realidade [*Realität*] como pensar [*Denken*], o conceito e a sua realidade no movimento da ciência”¹²³. A ideia (εἶδος, ἰδέα) platónica é, assim, a unidade e verdade do real, isto é, a verdadeira realidade¹²⁴, e tal como em Hegel, o sensível, o múltiplo, o existente carece de autonomia, subsistência, realidade verdadeira.

A separação de real e ideal, sensível e inteligível não significa, no entanto, segundo Hegel, que a ideia se encontre “além da realidade-efectiva, no céu, num outro lugar, mas ela é mundo real-efectivo”¹²⁵. De facto, a teoria da participação, que procura explicar a relação entre as duas esferas, denota, de alguma maneira, um modo de presença do ideal no real. Não obstante, a ideia permanece em Platão o em si mesmo idêntico, inalterável, e mesmo no *Sofista*, em que se discute um modo de participação entre géneros (γενῶν), de modo a se poder afirmar a falsidade de um discurso acerca do que é, contra o princípio de Parménides – segundo o qual todo o discurso acerca do ser é necessariamente verdadeiro, pois só o ser é e absolutamente, não compreendendo qualquer tipo de negação ou não-ser – esta participação relativa aos próprios géneros ou formas não representa uma modificação nos mesmos, mas somente uma fundamentação da participação simultânea do discurso e do real sensível de formas diversas.

Segundo Hegel, portanto, a “ideia” platónica não é “algo transcendental” (*Transzendentes*), enquanto algo “que se encontra fora” (*Hinausliegendes*), “substancializado, isolado na representação, mas a espécie [*Gattung*], o género [*Genus*]”, ou seja, o “universal” (*Allgemein*)¹²⁶. Deste modo, a ideia é o que, segundo Hegel, “supera em si, superou em si as contradições, as oposições”, é unidade de multiplicidade e, por conseguinte, “o concreto em si”. E na medida em que a dialéctica platónica, “nesta determinação elevada”¹²⁷, representa a apreensão da ideia como “universal concreto” que “se diferencia em si, mas permanece aí livre”, reconhecendo o “uno idêntico consigo mesmo nos outros, nos muitos, diferentes”, constitui, na perspectiva hegeliana, o “verdadeiro” e “interessante” da “filosofia platónica”¹²⁸.

¹²³ «das Absolute im Gedanken und alle Realität der Gedanke ist, – nicht der einseitige Gedanke oder in dem Sinne des schlechten Idealismus [...], sondern der Gedanke, der in *einer* Einheit ebensowohl Realität als Denken ist, der Begriff und seine Realität in der Bewegung der Wissenschaft, – Idee eines wissenschaftlichen Ganzen.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 19, p. 11.

¹²⁴ «Mas elas são igualmente reais; elas são, e somente elas são o ser» – «Aber sie [die Ideen] sind ebenso real; sie sind, und sie sind allein das Sein.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 19, p. 41.

¹²⁵ «Sie ist nicht jenseits der Wirklichkeit, im Himmel, an einem anderen Orten, sondern sie ist wirkliche Welt» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 19, p. 39.

¹²⁶ «Man muß deshalb aber nicht unter Idee etwas Transzendentes, weit Hinausliegendes sich denken; εἶδος ist nicht in der Vorstellung substantiiert, isoliert, sondern die Gattung, das Genus. Idee ist uns geläufiger unter dem Namen des Allgemeinen.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 19, p. 63.

¹²⁷ «O universal é assim determinado como o que resolve em si, resolveu em si, as contradições, as oposições, consequentemente como o concreto, como o concreto em si. A dialéctica nesta determinação mais elevada é a propriamente platónica.» – «So ist das Allgemeine bestimmt als das, welches die Widersprüche, die Gegensätze in sich auflöst, in sich aufgelöst hat, mithin als das Konkrete, als das in sich Konkrete. Die Dialektik in dieser höhere Bestimmung ist die eigentlich Platonische.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 19, p. 65.

¹²⁸ «das tätige, lebendige, konkrete Allgemeine ist daher das, was sich in sich unterscheidet, aber frei darin bleibt. Diese Bestimmtheit besteht nun darin, daß das Eine in dem Anderen, in den Vielen, Unterschiedenen identisch mit sich ist. Dies macht das Wahrhafte, allein Wahrhafte und für das Erkennen allein Interessante aus in dem, was Platonische Philosophie heißt.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 19, p. 76.

A propósito da concepção aristotélica da substância¹²⁹, cuja filosofia se caracteriza, segundo Hegel, face à platónica, por ter introduzido o “princípio da vitalidade” (*Lebendigkeit*) ou da “subjectividade” (*Subjektivität*)¹³⁰, Hegel salienta que o “conceito central da substância é que ela não é apenas *matéria*”¹³¹, ou seja, “o que é” (*das, was ist*) verdadeiramente, o que configura e confere realidade, o que faz o ser ser aquilo que é, é a substância segunda, isto é, a substância formal, essência ou natureza da coisa, razão (λόγος), ideia ou espécie (εἶδος, *Idee*)¹³², adquirindo, portanto, uma dimensão causal¹³³.

A matéria (*Materie*, ὕλη) é, então, “o substrato morto, o sujeito”¹³⁴, tal como Aristóteles o entende, ou seja, o que recebe a configuração ideal que é a substância formal.¹³⁵ Por seu lado, a forma é a “energia” (*Energie*), a “actividade” (*Tätigkeit*), “o que realiza” (*Verwirklichende*)¹³⁶, “acto” (ἐνέργεια) que opera e age (obra, ἔργον), por oposição à matéria, simples “potência” (δύναμις)¹³⁷, e como tal é o princípio (formal e final)¹³⁸ pelo qual o real se desenvolve e alcança a sua completude ou perfeição (ἐντελέχεια)¹³⁹.

Verifica-se, portanto, na ontologia aristotélica, um primado ou anterioridade do acto face à potência¹⁴⁰, e na medida em que o primeiro é identificado com a forma ideal, o universal que, como se viu, não é no entanto separado da substância primeira¹⁴¹, e a segunda com a matéria ou substrato substancial, poder-se-ia afirmar também um primado da forma sobre a matéria, portanto, do que no real é ideal. Recorde-se que, segundo Aristóteles, só é possível uma ciência do universal (essência, ideia), nunca do individual (composto de matéria e forma), e a “filosofia primeira” é justamente a

¹²⁹ Entre as diversas formulações, poder-se-iam salientar, por um lado, a distinção central entre substância primeira e substância segunda, ou seja, o indivíduo ou sujeito real da predicação (Sócrates) e sua respectiva essência (Homem), e, por outro, aquela que afirma que são três os tipos de substância (οὐσία): a matéria (ὕλη), a forma (também essência, razão – εἶδος, λόγος) e a composição destas (o composto, σύνολον), correspondente à substância primeira. Cf. ARISTÓTELES, *Metafísica*, Z, 15, 1039b 20-23; A, 3, 1070a 9.

¹³⁰ «O platónico é em geral o objectivo, porém o princípio da vitalidade, o princípio da subjectividade falta aqui; e este princípio da vitalidade, da subjectividade, não no sentido de uma subjectividade contingente, apenas particular, mas da subjectividade pura é característico de Aristóteles.» – «Das Platonische ist im Allgemeinen das Objektive, aber das Prinzip der Lebendigkeit, das Prinzip der Subjektivität fehlt darin; und dies Prinzip der Lebendigkeit, der Subjektivität, nicht im Sinne einer zufälligen, nur besonderen Subjektivität, sondern der reinen Subjektivität ist Aristoteles eigentümlich.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 19, p. 153.

¹³¹ «Der Hauptbegriff der Substanz ist, daß sie nicht nur *Materie* ist.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 19, p. 15.

¹³² «Aclara-se igualmente que Aristóteles não entende o puro ser ou não-ser, esta abstracção que é essencialmente apenas o passar de um ao outro; mas por aquilo *que é* entende ele essencialmente a substância, ideia.» – «Es erhellt sogleich, daß Aristoteles nicht das reine Sein oder Nichtsein versteht, diese Abstraktion, die wesentlich nur das Übergehen des einen in das andere ist; sondern unter dem, *was ist*, versteht er wesentlich die Substanz, Idee.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 19, p. 153.

¹³³ Cf. ARISTÓTELES, *Metafísica*, A, 3, 983a 25-30.

¹³⁴ «Die Materie ist das tote Substrat, das Subjekt.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 19, p. 156.

¹³⁵ Tecnicamente, o sujeito é aquilo de que se afirmam os diversos predicados e que, por sua vez, não é dito de nenhum outro sujeito (ARISTÓTELES, *Metafísica*, Z, 3, 1028b 37), podendo ser ora um «ser determinado», portanto, o composto de matéria e forma que é a substância primeira, substrato dos diversos acidentes, ora a simples matéria enquanto substrato da forma essencial ou enteléquia (ἐντελέχεια) (ARISTÓTELES, *Metafísica*, Z, 13, 1038b 4-6).

¹³⁶ «Erst die Energie, die Form ist die Tätigkeit, das Verwirklichende, die sich auf sich beziehende Negativität.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 19, p. 154.

¹³⁷ «A matéria ela mesma, porém, é apenas potência, uma possibilidade, ela é apenas δύναμις, – não a realidade-efectiva, esta é a *forma*; que ela seja verdadeiramente, isso pertence à forma, [à] actividade.» – «Die Materie selbst aber ist nur die Potenz, eine Möglichkeit, sie ist nur δύναμις, – nicht die Wirklichkeit, dies ist die *Form*; daß sie wahrhaft sei, dazu gehört Form, Tätigkeit.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 19, p. 154.

¹³⁸ Sobre as quatro causas, material, formal, eficiente e final, v. ARISTÓTELES, *Metafísica*, Δ, 1013a 24 – 1014a 25. De que as causas são princípios, cf. ARISTÓTELES, *Metafísica*, Δ, 1, 1013a 18.

¹³⁹ Cf. ARISTÓTELES, *Metafísica*, Θ, 8, 1050a 20; 1050b 2-3.

¹⁴⁰ ARISTÓTELES, *Metafísica*, Θ, 8, 1049b 5.

¹⁴¹ Ao contrário do que se verifica na leitura hegeliana, a separação do inteligível face ao sensível, do ideal face ao real é justamente o que Aristóteles critica na filosofia platónica. Cf. ARISTÓTELES, *Metafísica*, M, 10, 1086b 6.

ciência do “ser enquanto ser”, isto é, enquanto considerado na sua universalidade e não segundo determinados aspectos¹⁴².

Contudo, segundo Hegel, o “momento central” (*Hauptmoment*) da “filosofia aristotélica” é a unidade entre “o pensar e o pensado”¹⁴³, a afirmação de que o pensar é fundamentalmente “*pensar do pensar*”¹⁴⁴. De acordo com Aristóteles, a “inteligência”, quando versa sobre o que é inteligível, não tem por objecto senão ela mesma, e neste pensar de si mesma, inteligência e inteligível, sujeito e objecto, são idênticos¹⁴⁵. Este é, precisamente, um dos aspectos fundamentais da concepção hegeliana da ideia ou Espírito (*Geist*), na medida em que este é aquilo que se pensa a si mesmo e é, simultaneamente, “aquilo que é”, como tal, o que há a pensar e este mesmo pensar de si enquanto é.

Aristóteles não defende, no entanto, como salienta Hegel, que “o pensamento seja *toda a verdade*”¹⁴⁶, consistindo o verdadeiro na perspectiva aristotélica num juízo ou pensamento adequado à realidade existente determinada, ou seja, uma “ligação” ou “modificação” no pensar¹⁴⁷ que expresse a realidade tal como esta se apresenta constituída, concepção, como se viu, rejeitada por Hegel. Não obstante, ao “considerar tudo” através do pensar e, portanto, ao “transformar [tudo] em pensamento”, Aristóteles compreende, assim, segundo Hegel, uma dimensão “especulativa” na sua filosofia¹⁴⁸.

§ 42. Idealismos modernos: Descartes, Espinosa, Leibniz

Apesar do seu dualismo fundamental, Descartes é, segundo Hegel, “o verdadeiro iniciador [*der wahrhafte Anfänger*] da filosofia moderna, na medida em que ela faz do pensar princípio”¹⁴⁹, e desde logo no sistema cartesiano o “pensar é o primeiro”¹⁵⁰. Este pensar, enquanto “eu penso,” implica “imediatamente o meu ser”¹⁵¹, ou seja, ser e pensar são, na “certeza” subjectiva, “inseparavelmente ligados”, a sua unidade encontra-se imediatamente implicada.

É este o sentido do “célebre *Cogito, ergo sum*”¹⁵². Ser e pensar são, assim, “determinações distintas” da “substância” “real-efectiva” ou “substância pensante”¹⁵³, cuja identidade não é,

¹⁴² ARISTÓTELES, *Metafísica*, K, 3, 1060b 30.

¹⁴³ «Das Hauptmoment in der Aristotelischen Philosophie ist, daß das Denken und das Gedachte eins ist, – daß das Objektive und das Denken (die Energie) ein und dasselbe ist.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 19, pp. 162-163.

¹⁴⁴ «Das Denken ist das *Denken des Denkens*.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 19, p. 163. Cf. ARISTÓTELES, *Metafísica*, Λ, 9, 1074b 33.

¹⁴⁵ Cf. ARISTÓTELES, *Metafísica*, Λ, 7, 1072b 20.

¹⁴⁶ «Além disso dizemos nós que o pensamento é *toda a verdade*; não tanto Aristóteles.» – «Ferner sagen wir, daß der Gedanke *alle Wahrheit* sei; nicht so Aristoteles.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 19, p. 164.

¹⁴⁷ ARISTÓTELES, *Metafísica*, K, 8, 1065a 22.

¹⁴⁸ «Eben dies ist die spekulative Philosophie des Aristoteles, alles denkend zu betrachten, in Gedanken zu verwandeln.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 19, p. 164.

¹⁴⁹ «René Descartes ist in der Tat der wahrhafte Anfänger der modernen Philosophie, insofern sie das Denken zum Prinzip macht.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 123.

¹⁵⁰ «Das Denken ist das Erste.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 131.

¹⁵¹ «Ich denke, dies Denken enthält unmittelbar mein Sein; dies, sagt er, ist das absolute Fundament aller Philosophie.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 131.

¹⁵² «Das Denken als Sein und das Sein als Denken, das ist meine Gewißheit, Ich. Dies ist das berühmte *Cogito, ergo sum*; Denken und Sein ist so darin unzertrennlich verbunden.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 131. Cf. DESCARTES, *Principia Philosophiæ*, I, 7, *Œuvres* VIII, p. 7.

contudo, na perspectiva hegeliana, devidamente “provada”¹⁵⁴, mas fundada no argumento ontológico da existência de Deus¹⁵⁵. Segundo este, o conceito de um ser infinitamente perfeito contém necessariamente a sua existência, de modo que Deus, não podendo ser constringido e limitado por algo distinto ou outro de si mesmo, nem conter qualquer privação, existe necessariamente. Por conseguinte, afirma Hegel, a unidade de ser e pensar “reside então em Deus ou é Deus [ele] mesmo”¹⁵⁶.

Do ponto de vista da realidade¹⁵⁷, à substância pensante opõe-se o “ser simples como negativo da autoconsciência” que é a “*extensão*” (*Ausdehnung*)¹⁵⁸. Enquanto “substâncias”, cuja “definição” corresponde, segundo Hegel, justamente à “unidade da ideia e da realidade”¹⁵⁹, são em si mesmas “uma totalidade para si” (*eine Totalität für sich*) e podem, como tal, “ser apreendidas” (*gefaßt werden*) independentemente uma da outra¹⁶⁰. Isto significa, porém, que a verdadeira unidade, “a identidade completa de ambos os opostos” não se encontra nas substâncias elas mesmas, mas antes em Deus. Apenas este é “a unidade da ideia, do conceito e do real [*Real*]”¹⁶¹.

O princípio da filosofia cartesiana pode, portanto, ser o pensar puro que é imediatamente a unidade de si mesmo e do ser, “mas este pensar é ainda abstracto e simples; o concreto está ainda além do outro lado [*drüben*], e este pensar obtém conteúdo concreto somente da experiência”, não em e a partir de si mesmo¹⁶². Deste modo, a “metafísica de Descartes” é orientada, segundo Hegel, por “um ânimo totalmente ingénuo, nada especulativo”¹⁶³.

¹⁵³ «O que é real-efectivo é uma substância, — alma a substância pensante; ela é para si, diversa e independente de todas as coisas materiais exteriores.» — «Was wirklich ist, ist eine Substanz, — Seele die denkende Substanz; sie ist für sich, von allen äußeren materiellen Dingen verschieden und unabhängig.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 135.

¹⁵⁴ São determinações distintas pensar e ser [...]; que elas são idênticas, esta prova Descartes não conduz.» — «Es sind verschiedene Bestimmungen, Denken und Sein [...]; daß sie identisch sind, diesen Beweis hat Descartes nicht geführt.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 136.

¹⁵⁵ «Die Wahrheit dieses Wissens beruht auf dem Beweise vom Dasein Gottes.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 137.

¹⁵⁶ «Diese Einheit liegt nun in Gott oder ist Gott selbst.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 137.

Deus, pela perfeição máxima que o seu ser implica, só pode, segundo Descartes, ser “sumamente bom” (*optimum*), de modo que, ainda que o sujeito finito possa duvidar de tudo o resto, não pode, porém, duvidar de que duvida. Descartes coloca como hipótese Deus ser como um “génio maligno” (*genium malignum*) que implantasse no sujeito ideias falsas, mas mesmo assim restaria o facto de que, enquanto se “engana”, o sujeito é ainda alguma coisa. A existência do *Cogito* finito é, portanto, ela mesma demonstrada e fundada na existência de Deus. Cf. DESCARTES, *Principia Philosophiae*, I, 7, 14, *Œuvres* VIII, pp. 6-7, 10 e *Meditationes De Prima Philosophia*, “Prima” e “Secunda”, *Œuvres* VII, pp. 22, 24.

¹⁵⁷ «Isto é a diferença real (*distinctio realis*) das substâncias» — «Dies ist der reale Unterschied (*distinctio realis*) der Substanzen.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 148.

¹⁵⁸ «Das einfache Sein als Negatives des Selbstbewußtseins gesetzt, ist es die *Ausdehnung*». HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, pp. 145-146.

¹⁵⁹ «Por substância entendo nada mais que uma coisa (*res*), que não precisa de nenhum outro para existir.» — «Unter Substanz verstehe ich nichts anderes als eine Sache (*rem*), die keines anderen Etwas zum Existieren bedarf.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 147.

«Per substantiam nihil aliud intelligere possumus, quam rem quæ ita existit, ut nullâ aliâ re indigeat ad existendum.» DESCARTES, *Principia Philosophiae*, I, 51, *Œuvres* VIII, p. 24.

«Isto é o que Espinosa diz; pode-se dizer, é também a verdadeira definição, a unidade da ideia e da realidade.» — «Das ist, was Spinoza sagt; man kann sagen, es sei auch die wahrhafte Definition, die Einheit der Idee und der Realität.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 148.

¹⁶⁰ HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 149.

¹⁶¹ «Gott ist die vollkommene Identität beider Gegensätze; da ist die Einheit der Idee, des Begriffs und des Realen.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 157.

¹⁶² «Bei Cartesius war ferner zwar das Prinzip Denken, aber dieses Denken ist noch abstrakt und einfach; das Konkrete steht noch drüben auf der andern Seite, und konkrete Inhalt erhielt diese Denken erst aus der Erfahrung.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 154.

¹⁶³ «In Descartes’ Metaphysik ist einem ganz naive, gar nicht spekulativ zumute.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 154.

Pelo facto de que a substância única e infinita é o princípio fundamental da filosofia espinosista, esta pode ser interpretada do ponto de vista da concepção hegeliana de idealismo – Hegel refere-se mesmo a um “idealismo espinosista” (*Spinozistischen Idealismus*)¹⁶⁴. Como se viu, o espinosismo, segundo Hegel, mais do que um ateísmo, é antes um acosmismo, ou seja, a realidade finita não possui autonomia e subsistência em si mesma, sendo apenas na e pela substância. Como tal, o verdadeiro é, também aqui, o infinito e não o finito. Contudo, “em *Espinosa* a infinitude é [...] apenas a *afirmação* absoluta de uma coisa, portanto somente a unidade imóvel; a substância não vem, por isso, uma vez [*einmal*] à determinação do ser-para-si, ainda menos do sujeito e do Espírito”¹⁶⁵. Não obstante, na medida em que Espinosa coloca a unidade da substância como ponto central da sua ontologia e a partir deste princípio fundamental – o “ponto de vista da substância” que, como se viu, embora imparcial, é também necessário – deriva todo o seu sistema, Hegel defende que “quando se começa a filosofar tem que se ser em primeiro lugar espinosista”¹⁶⁶.

Mas são sobretudo os idealismos de Leibniz, Kant e Fichte que Hegel mais vezes comenta e critica, o que, mais do que revelar um despreço, demonstra, pelo contrário, a consideração hegeliana pelos mesmos, pois a necessidade de se demarcar de algumas características significa, simultaneamente, que Hegel continua e desenvolve algumas das temáticas fundamentais destes pensadores.

A filosofia leibniziana é, nas palavras de Hegel, um “idealismo, [um] intelectualismo”¹⁶⁷, uma vez que “todo o material é um representante [o que representa ou produz uma representação, *Vorstellendes*], percepcionante [*Perzipierendes*]”¹⁶⁸. A natureza da mónada leibniziana, como se referiu anteriormente, é, para além da espontaneidade e da vitalidade que faz daquela um indivíduo ou sujeito, essencialmente “representação” do mundo e entre-expressão das diferentes substâncias, por que estas são postas em relação sem, contudo, comunicarem ou influírem realmente entre si. Ora, como unidade de uma multiplicidade em si mesma encerrada, os diferentes acontecimentos que constituem a sua essência, isto é, a sua “noção completa”, não são senão reflexo, representação subjectiva, da totalidade objectiva ou mundo existente. As “diferenças” que constituem a totalidade serial da unidade monadológica e a distinguem de todas as outras são, assim, somente

¹⁶⁴ «O pensamento simples do idealismo espinosista é: O que é verdadeiro é pura e simplesmente apenas a substância *una*, da qual pensar e extensão (Natureza) são atributos; e somente esta unidade absoluta é real-efectiva, – somente ela é Deus.» – «Der einfache Gedanke des Spinozistischen Idealismus ist: Was wahr ist, ist schlechthin nur die *eine* Substanz, deren Attribute Denken und Ausdehnung (Natur) sind; und nur diese absolute Einheit ist wirklich, ist die Wirklichkeit, – nur sie ist Gott.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 161. HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 161.

¹⁶⁵ «bei Spinoza ist [...] die Unendlichkeit nur die absolute *Affirmation* eines Dinges, somit nur die unbewegte Einheit; die Substanz kommt daher nicht einmal zur Bestimmung des Fürsichseins, viel weniger des Subjekts und des Geistes.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 179.

¹⁶⁶ «Im allgemeinen ist darüber zu bemerken, daß das Denken sich auf den Standpunkt des Spinozismus gestellt haben muß; das ist der wesentliche Anfang alles Philosophierens. Wenn man anfängt zu philosophieren, so muß man zuerst Spinozist sein.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 165.

¹⁶⁷ «Leibnizens Philosophie ist ein Idealismus, Intellektualismus.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 238.

¹⁶⁸ «Daher ist das Leibnizische System ein Intellektualsystem: alles Materielle sei ein Vorstellendes, Perzipierendes.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 242.

“representações”, o que, enquanto constitui a “idealidade” da substância-sujeito, representa, na perspectiva de Hegel, “o interessante da filosofia leibniziana”¹⁶⁹.

A substância ideal é, portanto, simultaneamente, “o simples” e “um diferente nele mesmo”, isto é, “a sua diferencialidade é pois nele mesmo um [*Eins*] e permanece na sua simplicidade”, correspondente, segundo Hegel, às noções idealistas de “Eu” (*Ich*) e “Espírito” (*Geist*)¹⁷⁰. No entanto, “Leibniz não soube levar a cabo [*ausführen*] este representar”¹⁷¹, não o elevou à unidade especulativa do pensar como tal, justamente como “Eu” ou “conceito absoluto”¹⁷², de modo que a “intelectualidade é igualmente multiplicidade [*Vielheit*] infinita”¹⁷³.

§ 43. Idealismo transcendental

Também os idealismos de Kant e de Fichte ficam, segundo Hegel, aquém da unidade especulativa do subjectivo e do objectivo, do finito e do infinito, embora ambos tenham salientado a unidade fundamental da autoconsciência, o “Eu” ou “eu penso”, como actividade fundadora que, enquanto, “pensar” que “se produz a si mesmo”¹⁷⁴, é o princípio de todo o conhecer e do ser conhecido.

Como a Introdução da *Enciclopédia* patenteia, Hegel associa a filosofia crítica ao empirismo, na medida em que ambos constituem a “segunda posição do pensamento face à objectividade”¹⁷⁵, afirmando nas *Lições sobre História da Filosofia* que “para não falar da terminologia bárbara, Kant permanece encerrado [*eingeschlossen*] no interior da visão [*Ansicht*] psicológica e da maneira empírica [*empirische Manier*]”¹⁷⁶. Com isto Hegel entende que Kant, em vez de fundar e constituir de raiz as diferentes faculdades, mostrando, nomeadamente na passagem do entendimento à razão, a sua necessidade, “encontra”-as “psicologicamente”, isto é, como um dado empírico¹⁷⁷. Por conseguinte, a unidade originariamente sintética da apercepção, que é o princípio que regula o

¹⁶⁹ «Diese Idealität in der Monade ist in ihr selbst ein Ganzes, so daß diese Unterschiede nur Vorstellungen sind. Dies ist das Interessante der Leibnizische Philosophie.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 243.

¹⁷⁰ «Näher ist darin dieser Idealismus enthalten, daß das Einfache ein an ihm selbst Unterschiedenes sei und ungeachtet seiner Unterschiedenheit an ihm selbst doch Eins sein und in der Einfachheit bleibe, wie z. B. Ich, mein Geist.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 242.

¹⁷¹ «Das Große an Leibniz ist diese Intellektualität, aber Leibniz hat dieses Vorstellen nicht auszuführen gewußt.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 253.

¹⁷² «Assim ele é o outro lado do meio espinosista, a individualidade, o ser-para-si, a mónada, mas o pensado, – não [é] como Eu, não [é] o conceito absoluto.» – «So macht er die andere Seite der Spinozistischen Mitte, die Individualität, das Fürsichsein, die Monade, aber die gedachte, - nicht als Ich, nicht den absoluten Begriff.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 233.

¹⁷³ «Und aus diesem Grunde ist diese Intellektualität zugleich unendliche Vielheit.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 253.

¹⁷⁴ «Das, was das Denken produziert, ist Einheit; so produziert es sich selbst, denn es ist das Eine. [...] Das ist die *transzendente Apperzeption*; das reine Apperzipieren des Selbstbewußtseins ist die synthesierende Funktion.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 344.

¹⁷⁵ As três posições (*Stellung*) “do pensamento face à objectividade” são, segundo Hegel, 1) a “metafísica” (*Metaphysik*), 2) o “empirismo” (*Empirismus*) e a “filosofia crítica” (*kritische Philosophie*) e, por fim, 3) o “saber imediato” (*unmittelbares Wissen*). Cf. HEGEL, *Enzyklopädie*, §§ 26, 37, 40, 61, W 8, pp. 93, 106, 112 e 148.

¹⁷⁶ «Von der barbarischen Terminologie nicht zu sprechen, bleibt Kant innerhalb der psychologischen Ansicht und empirischen Manier eingeschlossen.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 337.

¹⁷⁷ «Kant geht von dem Verstand nun ebenso psychologisch zur Vernunft fort; sie wird eben auch angetroffen.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 351.

múltiplo da experiência, ou seja, o “Eu kantiano não chega com efeito à razão, mas permanece novamente a autoconsciência singular como tal, que é contraposta ao universal”¹⁷⁸.

Por outro lado, o princípio fundamental do idealismo transcendental, a distinção entre fenómeno e númeno, que enquanto tomado em sentido “negativo” corresponde à coisa-em-si¹⁷⁹, e a redução do campo da experiência possível ao primeiro, implica que, na filosofia crítica, o objectivo seja sempre e apenas subjectivo, pois é somente fenómeno, ou seja, é já a unidade da matéria dada na intuição pura (espaço e tempo) como forma da sensibilidade e das categorias do entendimento¹⁸⁰.

É no desenvolvimento deste princípio kantiano que Fichte funda a sua resolução da coisa-em-si, afirmando que esta consiste simplesmente em “todas as relações compostas pela imaginação e [...] todas essas ligações tecidas juntamente”, o que significa que a coisa-em-si “surge absolutamente por um acto da inteligência”, não sendo mais que “a síntese originária de todos esses conceitos”¹⁸¹. Deste modo, a “matéria” da representação é, segundo Fichte, “a forma como totalidade das formas (*die gesammte Formheit*)”¹⁸², de modo que se prescinde de toda a existência exterior como princípio material ou fundamento último, ainda que inatingível, como é a coisa-em-si kantiana, da objectividade¹⁸³.

Enquanto a crítica hegeliana da coisa-em-si incindia sobretudo na incognoscibilidade da mesma, Fichte, pelo contrário, põe o acento na questão da Liberdade do sujeito, na medida em que a coisa-em-si, enquanto permanece face ao sujeito transcendental e se lhe contrapõe, constitui um entrave, uma limitação do campo da liberdade e da actividade subjectiva. Ao eliminar a figura da coisa-em-si como algo exterior, incondicionado, subsistente por si mesmo, Fichte deixa intacta a

¹⁷⁸ «Aber das Kantische Ich kommt eigentlich nicht zur Vernunft, sondern bleibt wieder das einzelne Selbstbewußtsein als solches, das dem allgemeinen entgegengesetzt ist.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 349.

¹⁷⁹ «Se entendemos por númeno uma coisa, na medida em que não é objecto da nossa intuição sensível, enquanto abstraímos do nosso modo de intuir a mesma, então esta é um númeno em sentido negativo. Se a entendemos, porém, como um objecto de uma intuição não-sensível, admitimos um modo particular de intuição, nomeadamente a intelectual, que, todavia, não é a nossa, de que nem podemos encarar a possibilidade e que seria o númeno em sentido positivo.» – «Wenn wir unter Noumenon ein Ding verstehen, so fern es nicht Object unserer sinnlichen Anschauung ist, indem wir von unserer Anschauungsart desselben abstrahiren, so ist dieses ein Noumenon im negative Verstande. Verstehen wir aber darunter ein Object einer nichtsinnlichen Anschauung, so nehmen wir eine besondere Anschauungsart an, nämlich die intellectuelle, die aber nicht die unsrige ist, von welcher auch die Möglichkeit nicht einsehen können, und das wäre das Noumenon in positive Bedeutung.» KANT, *Kritik der reinen Vernunft*, B 307.

¹⁸⁰ «Mas o objectivo, que deve fazer a oposição, é ele mesmo igualmente subjectivo, não pertence na verdade ao meu sentimento, mas permanece no círculo do sujeito, encerrado no Eu puro da minha autoconsciência, na região do entendimento pensante.» – «Aber das Objektive, was den Gegensatz machen soll, ist selbst ebenso subjektiv, gehört zwar nicht meinem Gefühl an, aber bleibt im Kreise des Subjekts, in dem reinen Ich meines Selbstbewußtseins, dem Gebiet des denkenden Verstandes, eingeschlossen.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 351.

¹⁸¹ Hegel apresenta uma perspectiva semelhante ao afirmar que, «embora seja fácil de ver que um tal abstracto como coisa-em-si é ele mesmo apenas um produto do pensar e na verdade somente [do pensar] que abstrai [abstrai]», Kant perspectiva-a como algo “estranho” (estrangeiro, *Fremdes*) e “exterior” ao sujeito pensante. – «obgleich leicht einzusehen ist, daß ein solches Abstraktum wie Ding-an-sich selbst nur ein Produkt des, und zwar nur abstrahirenden Denkens ist.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 60.

¹⁸² «a coisa surge, no entanto, por um agir em direcção a este posto, a coisa não é nada mais do que – todas estas relações reunidas pela faculdade da imaginação, e todas estas relações umas com as outras são a coisa; o objecto é, na verdade, a síntese original de todos aqueles conceitos. Forma e matéria não são peças particulares; a formalidade inteira é a matéria, e só na análise obtemos formas singulares.» – «das Ding entsteht allerdings durch ein Handeln nach diesen Gesetzen, das Ding ist gar nichts anderes, als – alle diese Verhältnisse durch die Einbildungskraft zusammengefasst, und alle diese Verhältnisse mit einander sind das Ding; das Object ist allerdings die ursprüngliche Synthesis aller jener Begriffe. Form und Stoff sind nicht besondere Stücke; die gesammte Formheit ist der Stoff, und erst in der Analyse bekommen wir einzelne Formen.» FICHTE, *Erste Einleitung in die Wissenschaftslehre*, 7, W I, p. 443.

¹⁸³ «O idealismo transcendental mais consequentemente levado a cabo reconheceu a nulidade do fantasma da coisa-em-si, desta sombra abstracta, isolada de todo o conteúdo, deixado ainda pela filosofia crítica, e teve o fim de a destruir completamente.» – «Der konsequenter durchgeführte transzendente Idealismus hat die Nichtigkeit des von der kritischen Philosophie noch übriggelassenen Gespensts des Dings-an-sich, dieses abstrakten, von allem Inhalt abgeschiedenen Schattens erkannt und den Zweck gehabt, ihn vollends zu zerstören.» HEGEL, *Wissenschaft der Logik*, I-I, W 5, p. 41.

liberdade do sujeito transcendental que a partir de si mesmo, por pura espontaneidade e actividade originária, constrói o seu horizonte de inteligibilidade e acção.

Kant não nega, portanto, a existência de uma realidade independente do sujeito cognoscente, o que poderá identificar-se, de certo modo, com um realismo ontológico. Esta realidade não é, contudo, na sua dimensão autónoma e transcendente, objecto de conhecimento, escapando à experiência sensível, a única, segundo Kant, possível. Todo o conhecimento verdadeiro é, por conseguinte, na filosofia crítica kantiana, apenas do condicionado, do finito, do que é dado objectivamente na experiência e enquadrado pelas categorias do sujeito transcendental. O incondicionado, a totalidade da experiência, na medida em que não pode ser apreendida como tal, não é, portanto, cognoscível.

A separação dos domínios transcendental e transcendente, fenómeno e realidade em si mesma, condicionado e incondicionado resulta, pois, como se referiu, numa configuração dualista que não reconhece a unidade fundamental dos opostos. Como refere Hegel, “é uma grande afirmação [palavra, *Wort*] que a razão produz ideias; em Kant, porém, é abstracção. O concreto da razão seria só a união do incondicionado com o condicionado”¹⁸⁴, o que não acontece com as ideias transcendentais, na medida em que não correspondem a um objecto possível da experiência, permanecendo o indeterminado ou incondicionado somente abstracto.

A perspectiva fichteana pretende superar as *aporias* da crítica kantiana. É exemplo disso a referida resolução da exterioridade e autonomia da coisa-em-si como mero resultado da conjugação das diferentes categorias subjectivas. Fichte coloca, assim, dentro da esfera do próprio sujeito o que em Kant era ainda exterior, independente de toda a actividade cognitiva.

O objecto surge agora, em Fichte, como resultado da auto-posição do sujeito que, na sua actividade interna originária, é tanto criador do “Eu” ou “inteligência”, como do “não-Eu” correspondente ao ser objectivo na consciência. O acto originário pelo qual o Eu se põe a si mesmo é, portanto, condição inaugural, simultaneamente, da oposição do não-Eu e da consequente composição de ambos que corresponde, em Hegel, à negação da negação ou superação dialéctica dos dois primeiros momentos abstractos. Fichte explica, assim, a constituição da autoconsciência como fundamento último de todo o conhecimento e, por conseguinte, de todo o objectivo no conhecer, afirmando o “agir” (*Handeln*) da inteligência como princípio absoluto¹⁸⁵.

A *Doutrina da Ciência* assenta, deste modo, na noção de “intuição intelectual”¹⁸⁶ por que o Eu surge imediatamente perante si mesmo enquanto pensante e activo¹⁸⁷, como existente em e para si,

¹⁸⁴ «Es ist großes Wort, daß die Vernunft Ideen hervorbringt; bei Kant ist es aber Abstraktion. Das Konkrete der Vernunft wäre erst die Vereinigung des Unbedingten mit dem Bedingten.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 353.

¹⁸⁵ «Es ist daher gar nicht so unbedeutend, als es einigen vorkömmt, ob die Philosophie von einer Thatsache ausgehe, oder von einer Thathandlung (d. i. von einer Thätigkeit, die kein Object voraussetzt, sondern es selbst hervorbringt, und wo sonach das *Handeln* unmittelbar zur *That* wird).» FICHTE, *Zweite Einleitung in die Wissenschaftslehre*, 5, W I, p. 468.

¹⁸⁶ «Sie ist das unmittelbare Bewusstseyn, dass ich handle, und was ich handle: sie ist das, wodurch ich etwas weiss, weil ich es thue.» FICHTE, *Zweite Einleitung in die Wissenschaftslehre*, 5, W I, p. 463.

¹⁸⁷ Werner Becker apresenta a figura da intuição intelectual, central nos sistemas idealistas de Fichte e de Schelling e que se encontra na origem do conceito de Eu (*Ich-Begriff*), como “um saber, cujo objecto não é independente dele, portanto um saber que é ao mesmo tempo um produzir do seu objecto – uma intuição, a qual em geral é livremente producente e na qual o que produz é um e o mesmo

e na medida em que a filosofia parte deste “facto da consciência” e distingue o que na “consciência comum” se encontra “unido” e reconhece o carácter fundador da actividade do “Eu originário” (*ursprüngliche Ich*), constitui-se, necessariamente, como idealismo¹⁸⁸.

No entanto, na perspectiva de Hegel, Fichte permanece, por um lado, na oposição entre subjectivo e objectivo, não superando o paradigma dualista da consciência, o que significa, por outro, que o seu idealismo se mantém “na figura da subjectividade”¹⁸⁹. Como tal, a coisa-em-si não é verdadeiramente superada¹⁹⁰, pois não é posta como momento da unidade especulativa, e a “filosofia fichteana”, permanece, portanto, no “mesmo ponto de vista da filosofia kantiana”, isto é, “o último é sempre a subjectividade, ela é o que é em e para si”¹⁹¹.

Tanto Kant como Fichte não alcançam, assim, o que Hegel defende ser a “ideia da *razão*, como da unidade completa, real do sujeito e objecto, ou do Eu e não-Eu”. A ideia não passa, na filosofia crítica ou transcendental, de um “dever-ser” (*Sollen*), um mero “crer” (*Glauben*) que nunca chega verdadeiramente a ser real-efectivamente¹⁹². Por conseguinte, o idealismo fichteano “apenas reconhece o espírito finito, não o infinito, não como pensar universal” o que, segundo Hegel, não é, mais uma vez, senão uma filosofia “formal”¹⁹³. Como tal, o idealismo transcendental é, na perspectiva de Hegel, também ele incompleto, imparcial, não expressando, portanto, a verdade.

§ 44. Schelling

A filosofia de Schelling surge, justamente, na perspectiva de Hegel como o “ultrapassar [*Hinausgehen*] da filosofia fichteana mais importante ou em consideração filosófica [o] único importante”¹⁹⁴. Face ao idealismo subjectivo expresso pela filosofia crítica, a posição

com o produzido.» – «ein Wissen, dessen Objekt nicht von ihm unabhängig ist, also ein Wissen, das zugleich ein Produzieren seines Objekts ist – eine Anschauung, welche überhaupt frei produzierend und in welcher das Produzierende mit dem Produzierten eins und dasselbe ist.» Werner BECKER, *Hegels Begriff der Dialektik und das Prinzip des Idealismus. Zur systematischen Kritik der logischen und der phänomenologischen Dialektik*, Stuttgart – Berlin – Köln – Mainz, Verlag W. Kohlhammer, 1969, p. 72.

¹⁸⁸ «[O] Eu faz do objecto sua representação, nega-o; assim esta filosofia é *idealismo*, todas as determinações do objecto são ideais.» – «Ich macht das Objekt zu seiner Vorstellung, negiert es; so ist diese Philosophie *Idealismus*, alle Bestimmung des Gegenstandes sind ideelle.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 404.

¹⁸⁹ «Fichte, porém, não apreendeu este princípio como ideia, mas ainda na consciência do que fazemos como saber e manteve na figura da subjectividade.» – «Fichte hat aber dies Prinzip nicht als Idee, sondern noch im Bewußtsein über das, was wir als Wissen tun, aufgefaßt und in der Gestalt der Subjektivität festgehalten.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 391.

¹⁹⁰ «Para o Eu permanece sempre a coisa em si; o dualismo não se resolve.» «Für das Ich bleibt immer das Ding an sich; der Dualismus löst sich nicht auf.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 405.

¹⁹¹ «Die Fichtesche Philosophie hat denselben Standpunkt als die Kantische Philosophie; das Letzte ist immer die Subjektivität, sie ist an und für sich seiend.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 407.

¹⁹² «Em segundo lugar, Fichte não vem até à ideia da *razão* como da unidade completa, real do sujeito e objecto, ou do Eu e não-Eu; ela é um dever-ser, como em Kant, um fim, um *crer* de que ambos são em-si um, mas um fim cujo alcance é a mesma contradição que em Kant, que não tem a realidade-efectiva presente nele.» – «Zweitens kommt Fichte nicht zur Idee der *Vernunft*, als der vollendeten, realen Einheit des Subjekts und Objekts, oder des Ich und Nicht-Ich; sie ist ein Sollen, wie bei Kant, ein Ziel, ein *Glauben*, daß beides an sich eins sei, aber ein Ziel, dessen Erreichung derselbe Widerspruch wie bei Kant ist, nicht die gegenwärtige Wirklichkeit an ihm hat.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 408.

¹⁹³ «A filosofia fichteana conhece apenas o espírito finito, não o infinito, não o pensar universal, como o kantiano o não-verdadeiro; ou ela é formal.» – «Die Fichtesche Philosophie erkennt nur den endlichen Geist, nicht den unendlichen, nicht als allgemeines Denken, wie die Kantische das Nichtwahre; oder sie ist formell.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 409.

¹⁹⁴ «Das bedeutendste oder in philosophischer Rücksicht einzig bedeutende Hinausgehen über die Fichtesche Philosophie hat Schelling endlich getan.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 420.

schellinguiana relativamente à “identidade originária” que é o Eu¹⁹⁵, embora similar ao Eu fichteano, confere-lhe um desenvolvimento distinto.

Na sua “ideia geral” (*allgemeine Idee*), a filosofia de Schelling caracteriza-se, segundo Hegel, por pensar a unidade de sujeito e objecto, infinito e finito como dois aspectos de uma mesma identidade que é o “absoluto”. O Eu ou actividade originária (*Akt*), “por que o pensar em geral se torna objecto” e em que subjectivo e objectivo são “um”¹⁹⁶, constitui o princípio da “filosofia transcendental” (*Transzendentalphilosophie*) que se distingue da “filosofia da natureza” (*Naturphilosophie*)¹⁹⁷ na medida em que nesta o objectivo, o real, o “representável” (*Vorstellbar*)¹⁹⁸, surge como “primeiro” (*Erst*). Estas são, segundo Schelling, as “ciências fundamentais” (*Grundwissenschaften*)¹⁹⁹, pois cada uma desenvolve um dos dois elementos da identidade primordial, reconduzindo-o ao seu oposto. Na primeira, o subjectivo devém objectivo, o ideal real, na segunda a natureza devém “inteligência”, pensar²⁰⁰.

No entanto, a “inseparabilidade” (*Untrennbarkeit*) dos dois momentos é, na perspectiva de Hegel, “apenas” no absoluto ou identidade originária, “em Deus”. Cada um dos aspectos da unidade, na medida em que é “finito”, encontra-se essencialmente “separado” do seu outro, não é em si mesmo a “unidade concreta” como “processo” e “movimento vivo” por que se identifica com o momento contrário²⁰¹. Por seu lado, o “absoluto é a identidade absoluta do subjectivo e do objectivo, a absoluta indiferença [*Indifferenz*] do real e do ideal, da forma e da essência, do universal e do particular; na identidade de ambos nem é um nem o outro”²⁰².

É neste sentido que, para Hegel, o absoluto, tal como Schelling o entende, não é senão, como se viu a propósito da categoria de absoluto, “a noite em que, como se costuma dizer, todos os gatos são pardos”²⁰³, pois na perspectiva dialéctica hegeliana o absoluto não é a mera “unidade abstracta, vazia, seca: isto é a identidade lógica, o classificar segundo o comum”, em que “a diferença” é excluída²⁰⁴. O absoluto é antes totalidade processual como identidade da identidade e da diferença.

¹⁹⁵ «Ich ist als ursprüngliche Identität festgehalten.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 421.

¹⁹⁶ «Der Begriff des Ich, d. h. der Akt, wodurch das Denken überhaupt sich zum Objekte wird, und das Ich selbst (das Objekt) sind absolut eins; außer diesem Akt ist Ich nichts.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 427.

¹⁹⁷ Cf. HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, pp. 424, 426.

¹⁹⁸ «A inteligência é originalmente pensada como o mero representante, a Natureza como o mero representável, aquela como o consciente, esta como o desprovido [de] consciência.» – «Die Intelligenz wird ursprünglich gedacht als das bloß Vorstellende, die Natur als das bloß Vorstellbare, jene als das Bewußte, diese als das Bewußtlose.» SCHELLING, *System des Transzendentalen Idealismus*, Einleitung, § 1, AS I, p. 407.

¹⁹⁹ SCHELLING, *System des Transzendentalen Idealismus*, Einleitung, § 1, AS I, p. 410.

HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 424.

²⁰⁰ «A teoria completa da Natureza seria aquela em virtude da qual a Natureza toda se resolve numa inteligência.» – «Die vollendete Theorie der Natur würde diejenige sein, kraft welcher die ganze Natur sich in eine Intelligenz auflöste.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 425.

²⁰¹ «Die konkrete Einheit kann nur so gefaßt werden, daß sie Prozeß ist und die lebendige Bewegung in einem Satze. Diese Untrennbarkeit ist eben nur in Gott; das Endliche ist dagegen dasjenige, was diese Trennbarkeit an ihm hat.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 421.

²⁰² «O absoluto é a identidade absoluta do subjectivo e do objectivo, a indiferença absoluta do real e do ideal, da forma e da essência, do universal e particular; na identidade de ambos é nem um nem outro.» – «Das Absolute ist die absolute Identität des Subjektiven und Objektiven, die absolute Indifferenz des Reellen und Ideelle, der Form und des Wesens, des Allgemeinen und Besonderen; in der Identität beider ist weder das eine noch das andere.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 434.

²⁰³ V. *supra*, I Parte, § 16. Realidade-efectiva: Absoluto, p. 62.

²⁰⁴ «Não é, porém, a unidade abstracta, vazia, seca: isto é a identidade lógica, o classificar segundo o comum; a diferença encontra-se, porém, aí fora.» – «Es ist aber auch nicht abstrakte, leere, trockene Einheit: das ist die logische Identität, das Klassifizieren nach Gemeinschaftlichem; der Unterschied bleibt aber da draußen liegen. HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 434.

Deste modo, segundo Hegel, o “deficiente” (*das Mangelhafte*) é, justamente, “que o ponto da indiferença do subjectivo e do objectivo [é] colocado [*hingestellt*] no princípio [*vorn*], [que] esta identidade é apresentada [*aufgestellt*] sem que seja demonstrado [*bewiesen*] que isto é o verdadeiro”²⁰⁵.

Do ponto de vista do *idealismo transcendental*, é pela intuição intelectual (*intellektuelle Anschauung*) que o Eu se apreende a si mesmo imediata e simultaneamente como sujeito-objecto²⁰⁶. Este é o *fichteanismo* de Schelling²⁰⁷. Mas é na “arte” (*Kunst*) que a identidade de sujeito e objecto se realiza, isto é, devem “objectividade” (*Objektivität*). Como refere Hegel na sua exposição da filosofia schellinguiana, a “obra de arte” (*Kunstwerk*) “é o modo [*Weise*] mais elevado da objectivação da razão, porque aí representação sensível está unida [é uma, *geeint*] com intelectualidade; o ser-aí sensível é apenas expressão [*Ausdruck*] da espiritualidade [*Geistigkeit*]”²⁰⁸. Desta forma, a identidade objectiva de sujeito-objecto é “o que Schelling chama *faculdade da imaginação*” (*Einbildungskraft*)²⁰⁹.

Ora, de acordo com a perspectiva hegeliana, “arte e faculdade de imaginação não são o mais elevado”, pois expressam a ideia do ponto de vista da “intuição” (*Anschauung*), isto é, enquanto algo “sensível” que, como tal, “não pode corresponder ao Espírito”²¹⁰. Recorde-se que a certeza sensível e a intuição correspondem, no todo da *Fenomenologia*, aos primeiros estádios da consciência subjectiva, em que o objecto é considerado na sua dimensão mais imediata, abstracta, incompleta e, portanto, não verdadeira. Por conseguinte, o que em Schelling constitui “o último ponto” (*der letzte Punkt*), a faculdade de imaginação e a arte, é, segundo Hegel, somente um “ponto

²⁰⁵ «Das Mangelhafte in der Schellingschen Philosophie ist, daß der Punkt der Indifferenz des Subjektiven und Objektiven vorn hingestellt, diese Identität absolut aufgestellt wird, ohne daß es bewiesen wird, daß dies das Wahre ist.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 435.

²⁰⁶ «A consciência imediata desta identidade é a intuição, internamente, porém, devém a »*intuição intelectual*«; ela é um saber que é o produzir do seu objecto». – «Das unmittelbare Bewußtsein dieser Identität ist das Anschauen, innerlich aber wird es die »*intellektuelle Anschauung*«; sie ist ein Wissen, das Produzieren seines Objekts ist». HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 427.

²⁰⁷ A intuição intelectual coloca a filosofia de Schelling, segundo Hegel, não só na esteira da de Fichte, mas ainda das perspectivas por Hegel denominadas como “saber imediato” e entre as quais se encontra, nomeadamente, Jacobi. «Schelling ist einerseits von der Fichteschen Philosophie ausgegangen, und andererseits macht auch er wie Jacobi zum Prinzip das unmittelbare Wissen, - die intelligente Anschauung, die der Mensch haben müsse und besonders der Philosoph.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 427.

²⁰⁸ «Es ist die höchste Weise der Objektivität der Vernunft, weil da sinnliche Vorstellung geeint ist mit Intellektualität; das sinnliche Dasein ist nur Ausdruck von Geistigkeit.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 433.

«O mundo idealista da arte e o [mundo] real dos objectos são, portanto, produtos de uma e da mesma actividade; a coincidência de ambos (do consciente e do inconsciente) *sem* consciência dá o mundo real-efectivo, *com* consciência o estético.» «O mundo objectivo é apenas a poesia original, ainda inconsciente do espírito; o organon da filosofia – e o toque final da sua abóbada total – a *filosofia da arte*.» – «Die idealische Welt der Kunst und die reelle der Objekte sind also Produkte einer und derselben Tätigkeit; das Zusammentreffen beider (der bewußten und der bewußtlosen) *ohne* Bewußtseyn gibt die wirkliche, *mit* Bewußtseyn die ästhetische Welt.»; «Die objektive Welt ist nur die ursprüngliche, noch bewußtlose Poesie des Geistes; das allgemeine Organon der Philosophie – und der Schlußstein ihres ganzen Gewölbes – die *Philosophie der Kunst*.» SCHELLING, *System des Transzendentalen Idealismus*, Einleitung, § 3, AS I, p. 417.

²⁰⁹ «A objectividade mais elevada, que o Eu, o sujeito alcança, a identidade mais elevada do objectivo e do subjectivo é então o que Schelling chama *faculdade da imaginação*; e o objecto, a intuição inteligente do mesmo, é a arte.» – «Die höchste Objektivität, die Ich, das Subjekt erlangt, die höchste Identität des Objektiven und Subjektiven ist nun das, was Schelling *Einbildungskraft* nennt; und das Objekt, die intelligente Anschauung derselben, ist die Kunst.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, pp. 433-434.

²¹⁰ «Mas arte e faculdade da imaginação não são o mais elevado. Pois a ideia, o espírito não pode ser expresso verdadeiramente de uma maneira como a que em que a arte expressa a sua ideia. Isto é sempre o modo da intuição; e por causa desta forma da existência, este modo sensível a obra-de-arte não pode corresponder ao espírito.» – «Aber Kunst und Einbildungskraft ist nicht das Höchste. Denn die Idee, der Geist kann nicht auf eine Weise wahrhaft ausgedrückt werden wie die, in der die Kunst ihre Idee ausdrückt. Dies ist immer Weise der Anschauung; und wegen dieser Form der Existenz, dieser sinnlichen Weise kann das Kunstwerk nicht entsprechen dem Geist.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 434.

de vista subordinado” (*untergeordneter Standpunkt*)²¹¹. A identidade deve ser apreendida na sua idealidade, ou seja, como ideia absoluta, e não como Schelling afirma na sua dimensão meramente sensível ou objectiva.

Como tal, Schelling, à semelhança de Kant e Fichte, não concebe a identidade de subjectivo e objectivo, ideal e real, na sua unidade especulativa ou como razão dialecticamente desenvolvida e realizada. Os dois processos possíveis a partir da unidade imediata, “da natureza até ao sujeito” e “do Eu até ao objecto”²¹², não correspondem à “verdadeira realização” (*Durchführung*) que é, segundo Hegel, a forma “lógica”, na medida em que esta “contém o puro pensamento”²¹³. A identidade originária, isto é, “a intuição intelectual ou o conceito da razão” é, em Schelling, somente “um pressuposto”, e não “exposta” (*dargestellt*), fundada na sua “necessidade”, o que naturalmente constitui, segundo Hegel, “uma falha” no seu sistema²¹⁴.

Não obstante, a filosofia de Schelling surge, na perspectiva de Hegel, como sistema em que, na medida em que considera o “verdadeiro” como “unidade do objectivo e subjectivo”, o verdadeiro é “o concreto”²¹⁵. Além disso, a sua Filosofia da Natureza consiste em “demonstrar” as “formas do Espírito” enquanto estas se encontram “na Natureza”²¹⁶. Como tal, a “filosofia schellinguiana tem”, reconhece Hegel, “um conteúdo especulativo profundo” (*ein tiefer spekulativer Inhalt*)²¹⁷. Ela não é, contudo, elevada à ideia, tal como Hegel a entende, ao pensar como “ideia concebida” (*begriffene Idee*) como domínio do verdadeiro.²¹⁸

Deste modo, nem o idealismo subjectivo de Kant ou Fichte, nem o idealismo de Schelling que, à semelhança do sistema leibniziano, poderia ser caracterizado como objectivo²¹⁹, expressam a verdade, tal como Hegel a entende, portanto, a ideia ou razão como unidade especulativa de objecto e sujeito, real e ideal, ser e conceito.

²¹¹ HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 434.

²¹² «Eine Seite ist dabei diese Durchführung der Natur zum Subjekt, die andere die des Ichs zum Objekt.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 435.

²¹³ «Um aspecto em geral esta realização da Natureza até ao sujeito, a outra a do Eu até ao objecto. A verdadeira realização, porém, pode apenas acontecer de forma lógica; pois esta contém o pensamento puro.» – «Eine Seite im allgemeinen diese Durchführung der Natur zum Subjekt, die andere die des Ichs zum Objekt. Die wahre Durchführung aber könnte nur auf logische Weise geschehen; denn diese enthält den reinen Gedanken.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 435.

²¹⁴ «Daß die intellektuelle Anschauung oder der Begriff der Vernunft ein Vorausgesetztes ist und seine Notwendigkeit nicht dargestellt ist, dies ist ein Mangel, durch den sie diese Gestalt hat.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 439.

²¹⁵ «Die Idee selbst ist bei Schelling herauszuheben, daß das Wahre das Konkrete ist, die Einheit des Objektiven und Subjektiven.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 453.

²¹⁶ «Das zweite Große Schellings ist, in der Naturphilosophie die Formen des Geistes in der Natur nachgewiesen zu haben.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 453.

²¹⁷ HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 453.

²¹⁸ HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 454.

²¹⁹ A filosofia de Leibniz foi por Hegel considerada como perspectiva em que “o absoluto é o objecto”. Cf. *supra*, II Parte, § 26. Objectividade, p. 96.

§ 45. Idealismo hegeliano

As diferentes configurações idealistas que percorrem a História da Filosofia são, por conseguinte, na perspectiva hegeliana, incompletas.²²⁰ Elas representam, no entanto, algo de verdadeiro, na medida em que exprimem um determinado ponto de vista, um determinado aspecto do que em Hegel constitui o saber absoluto da ideia no elemento da razão. “A Ideia é, deste modo – em-si concreta e desenvolvendo-se – um sistema orgânico, uma totalidade, que contém em si uma riqueza de estádios e momentos”²²¹, e cada uma das concepções filosóficas apreende e expressa a ideia absoluta de acordo com o momento determinado que historicamente constitui. Tal como o desenvolvimento da ideia lógica procede de uma configuração imediata e abstracta (o puro ser) e a partir desta devém e se mediatiza consigo mesma constituindo e expressando-se por categorias progressivamente mais concretas (essência, existência, fenómeno...), também na História da Filosofia, “as primeiras filosofias são as mais pobres e as mais abstractas; nelas, a Ideia está o menos determinada, atêm-se apenas à universalidade, não estão preenchidas”²²².

Adivinha-se, portanto, que a “última filosofia” a constituir uma configuração da ideia é, necessariamente, mais rica que as suas antecessoras e deverá apreender a ideia na sua dimensão concreta, ou seja, na sua natureza verdadeira. Ora, uma vez que a verdade é, como se viu, o todo, a filosofia verdadeira deverá compreender todos os pontos de vista determinados que somente na sua unidade correspondem à totalidade que é o próprio objecto da filosofia, a realidade-efectiva na sua racionalidade. Deste modo, a verdadeira filosofia “é o resultado de todas as anteriores; nada é perdido, todos os princípios são conservados”²²³. Esta é, naturalmente, a filosofia hegeliana que, como tal, se propõe como ponto de vista total, unitário, que supera, isto é, nega e mantém, simultaneamente, todos os pontos de vista particulares. Ela é, por conseguinte, um “idealismo absoluto”.

A filosofia é, assim, segundo Hegel, fundamentalmente “sistema” (*System*), ou seja, perspectiva global que enquadra a multiplicidade e diversidade de aspectos e configurações segundo um mesmo princípio²²⁴, mas uma perspectiva que, porque absoluta, é ela mesma idêntica com o todo “efectivamente real” ou não é senão o desenvolvimento deste na imanência ou “interioridade” do saber²²⁵. A totalidade do real é, portanto, apreendida por Hegel como devir da substância nas suas várias determinações, mas enquanto desenvolvimento do mesmo em e a partir

²²⁰ Aristóteles formula uma noção muito semelhante relativamente aos seus antecessores: ARISTÓTELES, *Metafísica*, α, 1, 993b 1-4.

²²¹ «Die Idee ist so – konkret an sich und sich entwickelnd – ein organisches System, eine Totalität, welche einen Reichtum von Stufen und Moment in sich enthält.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, Einleitung, W 18, p. 46.

²²² «die ersten Philosophien die ärmsten und abstraktesten sind; die Idee ist bei ihnen am wenigsten bestimmt, sie halten sich nur in Allgemeinheiten, sind nicht erfüllt.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, Einleitung, W 18, p. 60.

²²³ «Die letzte Philosophie ist das Resultat aller früheren; nichts ist verloren, alle Prinzipien sind erhalten.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, W 20, p. 455.

²²⁴ «A verdadeira figura, na qual a verdade existe, pode somente ser o sistema científico da mesma.» – «Die wahre Gestalt, in welcher die Wahrheit existiert, kann allein das wissenschaftliche System derselben sein.» HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, W 3, p. 14.

²²⁵ «O Sistema do Saber hegeliano não é uma especulação exterior, é a interiorização do processo efectivamente real! Ele é o Saber Absoluto do Absoluto!» Carlos João CORREIA, “Hegel e a Verdade do Ser” in *Ideia e Matéria. Comunicações ao Congresso Hegel – 1976*, Lisboa, Livros Horizonte, 1978, pp. 139-155, p. 146.

de si mesmo. O absoluto é, como se viu, o sujeito que se determina e diferencia nos seus diferentes momentos, é o conceito que, na sua negatividade simples, se objectiva e regressa à unidade da sua idealidade e realidade, à totalidade que é a sua verdade²²⁶.

O verdadeiro é, por conseguinte, segundo Hegel, a realidade-efectiva que, enquanto identidade do diferente e unidade do contraditório, compreende a espessura e complexidade do que é concreto e tem a ideia, totalidade desenvolvida simultaneamente real e racionalmente, por “*resultado*”²²⁷. E na medida em que a filosofia é, precisamente, o trazer da racionalidade inscrita no que é real-efectivamente à consciência, ao domínio do saber, ou seja, efectuar no pensar a concordância entre realidade e ideia, a filosofia não é senão o produzir da verdade, constituindo, assim, a configuração mais elevada e adequada da ideia.²²⁸

O idealismo hegeliano implica, portanto, a afirmação da idealidade de todo o real-efectivo. A unidade de ser e pensar é, no entanto, em Hegel, não uma identidade imediata e abstracta, estática, imutável, mas essencialmente o devir e o determinar-se no interior de si mesmo do próprio ser que, enquanto razão autoconsciente se conhece na sua dimensão real, objectiva. A ideia é, por conseguinte, o sujeito que no e pelo seu movimento devém real, existente, e a totalidade do seu processo de determinação não é senão a realização do conceito que assim se objectiva e se revela na sua completa determinidade. Como tal, “a ideia” é o absoluto, ou seja, “apenas a única e universal *substância*, mas a sua realidade-efectiva, evolvida e verdadeira é ser como *sujeito* e, portanto, como Espírito”²²⁹.

Pensar a substância como sujeito e, por conseguinte, a razão como Espírito constitui, portanto, uma das especificidades do idealismo hegeliano. A unidade fundamental do real, que pode conduzir à afirmação de um monismo ontológico à maneira espinosista²³⁰, e a sua apreensão como identidade de ser e pensar, como ser pensado e pensar que é, como espontaneidade e actividade

²²⁶ «Que o verdadeiro apenas como sistema ou que a substância é essencialmente sujeito, é expresso na representação que pronuncia o absoluto como *Espírito*». – «Daß das Wahre nur als System wirklich oder daß die Substanz wesentlich Subjekt ist, ist in der Vorstellung ausgedrückt, welche das Absolute als *Geist* ausspricht». HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, Vorrede, W 3, p. 28.

²²⁷ «É de dizer do absoluto que ele é essencialmente *resultado*, que ele só no fim é o que é na verdade; e aqui reside a sua natureza de ser real-efectivo, sujeito ou devir-de-si-mesmo.» – «Es ist von dem Absoluten zu sagen, daß es wesentlich *Resultat*, daß es erst am *Ende* das ist, was es in Wahrheit ist; und hierin eben besteht seine Natur, Wirkliches, Subjekt oder Sichselbstwerden zu sein.» HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, Vorrede, W 3, p. 24

²²⁸ A arte constitui o primeiro estágio de apreensão da ideia enquanto «*imediata*, a forma da intuição» – «*die unmittelbare, die Form der Anschauung*» (HEGEL, *Enzyklopädie*, § 557, W 10, p. 367); o segundo corresponde à religião que, enquanto «*religião revelada*» (*geoffenbarte Religion*) apreende a unidade do real e espiritual na «forma da representação finita» – «*endliche Vorstellungsweise*» (HEGEL, *Enzyklopädie*, § 565, W 10, p. 374); o terceiro é, então, a filosofia que «*concebe*» (*begreift*) a ideia, isto é, apreende a mesma na sua verdadeira natureza, como unidade especulativa, concreta e dialéctica (HEGEL, *Enzyklopädie*, §§ 572 e ss, W 10, pp. 378 e ss).

²²⁹ «die Idee zunächst nur die eine, allgemeine *Substanz* ist, aber ihre entwickelte, wahrhafte Wirklichkeit ist, daß sie als *Subjekt* und so als *Geist* ist.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 213, W 8, p. 368.

«Wenn aber die Substanz Subjekt und wenn somit das Absolute Geist ist, so folgt: Was immer besteht, ist Moment oder Produkt eines Prozesses, der ebenso aus sich selbst verständlich und von nichts in ihm Vorausgesetzten herzuleiten ist wie die tätige Selbstbeziehung der sich wissenden und in diesem Sichwissen einzig überhaupt wirklichen Ichheit.» HENRICH, “Hegels Logik der Reflexion. Neue Fassung”, p. 207.

²³⁰ A caracterização do sistema hegeliano como monista não é consensual. Robert Stern, por exemplo, rejeita esta interpretação, na medida em que a mesma representa “ignorar a complexidade do pensamento de Hegel” acerca da relação entre finito e infinito, implicando a constituição do infinito em “indivíduo ou substância autónoma” (*self-standing individual or substance*) em detrimento da “individualidade dos existentes finitos” (*individuality of finite existents*). A posição hegeliana significa mais propriamente, segundo Stern, “pensar os existentes finitos como incorporação [materialização] do infinito, mas não de um modo que os priva da sua individualidade” (*to think of finite existents as embodiments of the infinite, but not in a way that robs them of their individuality*). STERN, *Hegelian Metaphysics*, p. 64. Ora, esta é justamente a crítica que Marx dirige a Hegel (v. *ifnra* § seguinte).

originariamente fundada em si mesma, princípio englobante da totalidade de configurações, que coloca, tanto no início como no fim, o “eu penso” (Eu, espírito), a autoconsciência como paradigma da interioridade plena de conteúdo e da imanência do diferente no idêntico, são traços que a filosofia hegeliana possui em comum com os idealismos anteriores.²³¹ Hegel afirma, porém, que esta totalidade racional, esta unidade ideal, é dialecticamente constituída, e que o princípio e o fim não são senão o mesmo que, determinando-se progressivamente, negando e superando os seus momentos determinados, devém para si (*für sich*) uma totalidade desenvolvida, completa, devém real-efectivo e concreto. O que era no princípio somente em-si (*an sich*), portanto, potencialmente uma multiplicidade de aspectos encerrada na interioridade simples não desenvolvida, não exposta, é, na negação da sua condição meramente abstracta e imediata, o desenrolar da sua natureza conceptual, a exposição da sua noção completa.

Na sua dimensão eminentemente dialéctica, a concepção ontológica hegeliana confere, deste modo, um papel fundamental à negação como princípio e impulsor do movimento por que o real devém em si mesmo, passa de uma determinação a outra, compreendendo e assumindo diferentes aspectos e momentos contraditórios. Na sua contínua constituição, a realidade substancial é, por Hegel, perspectivada como o que é fundamento e razão última da totalidade dos seus acontecimentos internos, o “negativo” em si mesmo, que distingue e separa, retém e supera, o finito e limitado, e devém igual a si mesmo na “mediação” e “*devir simples*” que é em si mesmo²³². É, pois, pelo “tremendo poder do negativo”, isto é, “a energia do pensar, do eu puro”²³³, que a ideia é, simultaneamente, identidade e contradição, ou seja, totalidade dialéctica.

Hegel afirma, por conseguinte, que no que se refere à realidade-efectiva como tal ou à sua apreensão racional, não pode faltar “a seriedade, a dor, a paciência e o trabalho do negativo”²³⁴, pois o concreto, o verdadeiro, é a identidade da identidade e da diferença, da contradição que todo o vivo compreende²³⁵, é a ideia que, enquanto sujeito do seu devir se conhece ou sabe que a objectividade não é senão ela mesma na sua exteriorização, a razão que é (*seiende Vernunft*).

²³¹ «Kant's claims about spontaneity and apperception have been transformed into a claim about the “self-determining” or even infinitely self-relating nature of pure thought, and his claims about the necessary unity of apperception have been transformed into a claim about the systematic or holistic “dialectical” interrelatedness of any possible Notion.» PIPPIN, *Hegel's Idealism. The Satisfactions of Self-Consciousness*, pp. 232-233.

²³² «Porque a mediação não é nada mais que a igualdade a si mesma que se move, ou ela é a reflexão em si mesma, o momento do Eu que-é-para-si, a negatividade pura ou, reduzida à sua pura abstracção, o *devir simples*.» – «Denn die Vermittlung ist nichts anderes als die sich bewegende Sichselbstgleichheit, oder sie ist die Reflexion in sich selbst, das Moment des fürsichseienden Ich, die reine Negativität oder, auf ihre reine Abstraktion herabgesetzt, das *einfache Werden*.» HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, Vorrede, W 3, p. 25.

²³³ «Mas que o accidental separado do seu contorno como tal, o unido e só real-efectivo na sua conexão com outro, consiga um ser-aí próprio e uma liberdade isolada, é o tremendo poder do negativo; é a energia do pensar, do eu puro.» – «Aber daß das von seinem Umfange getrennte Akzidentelle als solches, das Gebundene und nur in seinem Zusammenhange mit anderem Wirkliche ein eigenes Dasein und abgesonderte Freiheit gewinnt, ist die ungeheure Macht des Negativen; es ist die Energie des Denkens, des reinen Ichs.» HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, Vorrede, W 3, p. 36.

²³⁴ «esta ideia afunda-se até à edificação e mesmo até à insipidez, quando aí falta a seriedade, a dor, a paciência e o trabalho do negativo.» – «diese Idee sinkt zur Erbaulichkeit und selbst zur Fadheit herab, wenn der Ernst, der Schmerz, die Geduld und Arbeit des Negativen darin fehlt.» HEGEL, *Phänomenologie des Geistes*, Vorrede, W 3, p. 24.

²³⁵ «Esta contradição interior do concreto é propriamente aquilo que impele ao desenvolvimento.» – «Dieser innere Widerspruch des Konkreten ist selbst das Treibende zur Entwicklung.» HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, Einleitung, W 18, p. 44.

O idealismo hegeliano funda-se, portanto, na pretensão de pensar o que é como todo, ou seja, não como mera soma ou conjunto de uma multiplicidade de seres determinados individuais, a “*Vielheit*” leibniziana, mas uma verdadeira totalidade em que o fundamental é a unidade ou continuidade no diferente, no outro, que não é senão o mesmo.²³⁶ Ora, esta unidade do contraditório que percorre e abrange o devir dialéctico do real-efectivo na sua concreção, não pode ser, na perspectiva de Hegel, senão ideal, o infinito que engloba todo o finito, a razão especulativa que apreende e constitui a identidade dos diferentes momentos. É porque procura pensar o real dialecticamente como totalidade deveniente e nessa processualidade contraditória inteligível na sua verdadeira natureza, que Hegel coloca a unidade de ser e pensar, enquanto razão dialéctica especulativa, como princípio e fim da sua ontologia. E na medida em que a razão é perspectivada como sujeito da sua historicidade²³⁷ é, segundo Hegel, Espírito (*Geist*).

§ 46. Consequências ontológicas

O resultado da concepção da razão que ontologicamente governa e é sujeito do processo real do existente, a afirmação de que o Espírito é o verdadeiro sujeito da História e que mesmo a Natureza não é senão a “*Ideia como ser*” (*Idee als Sein*)²³⁸, no fundo, o princípio fundamental do idealismo, tal como Hegel o entende, e o edifício onto-lógico que constrói em torno do mesmo, coloca, de certo modo, em causa o estatuto dos indivíduos “reais” (Marx) ou “finitos”²³⁹ que, enquanto instanciação do universal, conceito ou ideia que se dá na forma do ser e da realidade-efectiva como progressiva realização das suas possibilidades contraditórias porque unidade concreta que dialecticamente se desenvolve, perdem a sua (pretensa) autonomia e subsistência, perdem a sua radicalidade originária e irreduzível. Elemento nevrálgico de variadas críticas, a “questão do indivíduo” é, na perspectiva de Carmo Ferreira, “o *ponto crítico* em que tudo se decide, [e como tal] impõe-se, iniludível, a necessidade de saber *se* e *como* no interior do sistema é ultrapassado o tratamento do indivíduo como pura função do universal, como mera singularidade na acepção do astrónomo, ou seja, como lugar e momento de acontecimentos que resultam do simples cruzamento de forças e de legalidades com uma origem e um destino que lhes são indiferentes”²⁴⁰. Trata-se, portanto, de garantir (ou não) um estatuto ontológico consistente ao individual e singular no interior da incontornável plataforma de relações postas em movimento pela realidade dialéctica.

²³⁶ «A totalidade que se demanda é uma totalidade de e na racionalidade, não uma mera acumulação de irreflectidas e imediatas positividade. O todo só pode reunir – e não apenas ajuntar – porque articula, isto é, porque não abre mão do logos que sistematicamente o estrutura.» BARATA-MOURA, A «*Realização da razão*». *Um programa hegeliano?*, p. 116.

²³⁷ «A filosofia hegeliana toda, por sua vez, corresponde a um grandioso processo de ensaio de penetração na racionalidade de um real que não pode senão transcorrer em termos históricos. Historicidade da razão e racionalidade da histórica entrelaçam-se na demanda da inteligibilidade profunda do acontecer. BARATA-MOURA, A «*Realização da razão*». *Um programa hegeliano?*, p.33.

²³⁸ HEGEL, *Enzyklopädie*, § 244, Zusatz, W 8, p. 393.

²³⁹ «For many, this means a Hegelian claim about the exclusive reality of Absolute Spirit, and so the unreality of finite individuals.» PIPPIN, *Hegel's Idealism. The Satisfaction of Self-Consciousness*, p. 190.

²⁴⁰ CARMO FERREIRA, “A questão da individualidade em Hegel”, p. 189.

As implicações da formulação hegeliana do sujeito como Espírito que se conhece e devém outro de si mesmo – a Natureza é ela mesma a ideia “*no seu ser-outro*” (*in ihrem Anderssein*)²⁴¹ – e o que define como idealismo – o carácter não-autónomo de todo o finito e a consequente idealidade do mesmo – são, justamente, dois dos aspectos centrais da crítica que Marx dirige ao sistema hegeliano. Em *Para a Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, embora o seu objecto central seja, em primeiro lugar, o desenvolvimento e exposição da concepção hegeliana acerca do Estado e as relações que neste se estabelecem, Marx não deixa de criticar a ontologia de fundo que se encontra na base da perspectiva elaborada por Hegel. Marx salienta, assim, que ao “subjectivar” (*versubjektivieren*) a ideia, Hegel transforma os “sujeitos reais-efectivos” (*wirklichen Subjekte*) em “significantes *não* reais-efectivos de outro [*unwirklichen anderes bedeutend*], momentos objectivos da Ideia”²⁴². Isto significa, portanto, que a “realidade-efectiva [*Wirklichkeit*] não é pronunciada enquanto ela mesma, mas enquanto uma outra realidade-efectiva”²⁴³, como instanciamento de um “outro” que é a ideia.

Verifica-se, desta forma, segundo Marx, uma “inversão” entre sujeito e predicado, na medida em que o universal que é a ideia não é, como na metafísica tradicional, predicado e atributo do singular ou individual²⁴⁴, mas sujeito que se determina e diferencia até à singularidade e mediante esta se realiza e devém concreto²⁴⁵. O verdadeiro processo e movimento dialéctico é, pois, em Hegel, o da ideia²⁴⁶, enquanto as “relações” (*Verhältnisse*) efectivamente reais (*wirkliche*), segundo Marx, não são senão mera aparência ou fenómeno (*Erscheinung, Phänomen*) daquele²⁴⁷, o que, não obstante a pretensão hegeliana de pensar a totalidade do real a partir da unidade fundamental e dialéctica, resulta num desdobramento da realidade-efectiva em dois planos distintos, o essencial ou ideal, o verdadeiro real, por um lado, e o existente ou aparente, por outro. A perspectiva ontológica hegeliana é, assim, expressão do que Marx caracteriza como “misticismo lógico, panteísta”²⁴⁸ e, contra todos os esforços de Hegel, um “dualismo”²⁴⁹, em que a dialéctica ou

²⁴¹ HEGEL, *Enzyklopädie*, §18, W 8, p. 63.

²⁴² «Wenn aber die Idee versubjektiviert wird, werden hier die wirklichen Subjekte, bürgerliche Gesellschaft, Familie, “Umstände, Willkühr etc.” zu *unwirklichen* anderes bedeutenden, objektiven Momenten der Idee.» KARL MARX, *Zur Kritik der Hegelschen Rechtsphilosophie*, MEGA I / 2, p. 8.

«A verdadeira objecção ao tipo de dialéctica hegeliana não é a de que humaniza mas que conceptualiza [converte em conceito].» – «Der echte Einwand gegen die Hegelsche Art Dialektik ist nicht der, daß sie vermenschlicht, sondern daß sie verbegrifflicht.» BLOCH, *Subjekt – Objekt. Erläuterung zu Hegel*, p. 135.

²⁴³ «Die Wirklichkeit wird nicht als sie selbst, sondern als eine andere Wirklichkeit ausgesprochen.» MARX, *Zur Kritik der Hegelschen Rechtsphilosophie*, MEGA I / 2, p. 8.

²⁴⁴ Cf. ARISTÓTELES, *Metafísica*, Z, 13, 1038b 15.

²⁴⁵ «o universal só tem realidade, verdade e presença no e mediante o individual; somente na consciência de si individual o espírito universal ganha existência efectiva: é o indivíduo que fecunda o universal e este, em troca, abre-lhe o mundo infinito de possibilidades como um programa». CARMO FERREIRA, “A questão da individualidade em Hegel”, p. 203.

²⁴⁶ «Para Hegel, o processo do pensamento, que ele transforma mesmo num sujeito autónomo sob o nome de Ideia, é o demiurgo do real, que forma apenas o seu fenómeno exterior. Para mim, inversamente, o ideal não é senão o material transposto e traduzido na cabeça do homem.» – «Für Hegel ist der Denkprozeß, den er sogar unter dem Namen Idee in ein selbständiges Subjekt verwandelt, der Demiurg des Wirklichen, das nur seine äußere Erscheinung bildet. Bei mir ist umgekehrt das Ideelle nichts anderes als das im Menschenkopf umgesetzte und übersetzte Materielle.» KARL MARX, *Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie*, Nachwort zur zweiten Auflage, *Marx Engels Werke* (doravante: MEW), vol. 23, Berlin, Dietz Verlag, 1983, p. 27.

²⁴⁷ «Diese Tatsache, dieß *wirkliche Verhältnisse* wird von der Spekulation als *Erscheinung*, als *Phänomen* ausgesprochen.» MARX, *Zur Kritik der Hegelschen Rechtsphilosophie*, MEGA I / 2, p. 8.

²⁴⁸ «An dieser Stelle erscheint der logische, pantheistische Mysticismus sehr klar.» MARX, *Zur Kritik der Hegelschen Rechtsphilosophie*, MEGA I / 2, p. 8.

²⁴⁹ «A substância mística devém, portanto, sujeito efectivamente real e o sujeito real [*reelle*] aparece como um outro, como um momento da substância mística. Precisamente porque Hegel parte dos predicados, das determinações universais em vez do Ens real [*reellen*]

“núcleo racional” se encontra “de cabeça para baixo” e envolvido num “invólucro místico”²⁵⁰. Como refere Marx, em Hegel, não se trata tanto da “lógica da Coisa” (*Logik der Sache*), mas sobretudo da “Coisa da Lógica” (*Sache der Logik*)²⁵¹, mesmo quando o objecto de investigação é a realidade-efectiva enquanto tal ou uma sua configuração determinada.

Embora programaticamente distinto, o próprio Hegel afasta da sua concepção a acusação de misticismo, afirmando que este não é senão a perspectiva do entendimento que, não podendo conceber a dialecticidade do real, perspectiva o racional e especulativo como “místico”, do domínio do misterioso. Isto não significa, contudo, que o mesmo seja “inacessível e inconcebível para o pensar” que se coloque do ponto de vista da razão, e todo o seu programa consiste em demonstrar isso mesmo.²⁵² O cerne da crítica marxiana é, evidentemente, outro. Hegel pretende fundar uma visão dialéctica que supere o que considera ser uma concepção limitada, abstracta, não completa, condicionada pelo entendimento. Marx, por seu lado, critica a subjectivação do conceito, da ideia, decorrente do primado do todo racional sobre os momentos incompleta ou imperfeitamente constituídos, e a esta inversão, à afirmação da unidade especulativa, ideal, como o que é real-efectivamente e, portanto, verdadeiramente, chama misticismo. Não porque o que Hegel salienta como natureza última do que é – a dialecticidade – seja inconcebível, mas porque a

(ὁποκειμενον, Sujeito) e tem porém de lá estar um portador desta determinação, a Ideia mística torna-se este portador. É isto o dualismo, que Hegel não considera o universal como a essência efectivamente real do finito efectivamente real, isto é, existente, determinado ou o ens real-efectivo como o *sujeito verdadeiro* do infinito». – «Zum wirklichen Subjekt wird daher die mystische Substanz und das reelle Subjekt erscheint als ein andres, als ein Moment der mystischen Substanz. Eben weil Hegel von den Prädicaten, der allgemeinen Bestimmung satt von dem reellen Ens (ὁποκειμενον, Subjekt) ausgeht und doch ein Träger dieser Bestimmung da sein muß, wird die mystische Idee dieser Träger. Es ist dieß der Dualismus, daß Hegel das Allgemeine nicht als das wirkliche Wesen des Wirklich Endlichen, d. i. Existierenden, Bestimmten betrachtet oder das wirkliche Ens nicht als das *wahre Subjekt* des Unendlichen.» MARX, *Zur Kritik der Hegelschen Rechtsphilosophie*, MEGA I / 2, pp. 24-25.

²⁵⁰ «Nele, ela [dialéctica] está de cabeça para baixo. Há que virá-la para descobrir o núcleo racional no invólucro místico.» – «Sie steht bei ihm auf dem Kopf. Man muß sie umstülpen, um den rationellen Kern in der mystischen Hülle zu entdecken.» MARX, *Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie*, Nachwort zur zweiten Auflage, MEW 23, p. 27.

«O “misticismo” de Hegel não é, nem no contexto histórico nem na primordialidade teórica, doutrinar. Decorre, sim, da *forma* fundamentalmente *idealista* do seu pensamento.» BARATA-MOURA, *A «Realização da razão». Um programa hegeliano?*, p. 128. A mesma circunstância é por Ernst Bloch perspectivada como expressão de uma elaboração “mitológica”, em que o “espírito puro” surge como princípio do processo dialéctico real, enquanto “os produtores laboriosos da história” são “abstraídos” em nome da totalidade. «Die Füße, mit denen sich die Dialektik bewegt, sind die der arbeitenden Produzenten der Geschichte, nicht die des Geistes, des reinen Geistes, der von Hegel aus der Geschichte abstrahiert und mythologisiert worden ist.» BLOCH, *Subjekt – Objekt. Erläuterung zu Hegel*, p. 138.

²⁵¹ «Nicht die Logik der Sache, sondern die Sache der Logik ist das philosophische Moment.» MARX, *Zur Kritik der Hegelschen Rechtsphilosophie*, MEGA I / 2, p. 18.

²⁵² «Na vida comum costuma ser usado a expressão *especulação* num sentido muito vago e ao mesmo tempo subordinado [...]. A respeito do significado de especulativo é aqui ainda de referir que sob o mesmo se entendeu o que anteriormente, especialmente em relação à consciência religiosa e o seu conteúdo, o que costuma ser designado como o *místico*.» – «Im gemeinen Leben pflegt der Ausdruck *Spekulation* in einem sehr vagen und zugleich untergeordneten Sinn gebraucht zu werden [...]. Hinsichtlich der Bedeutung des Spekulativen ist hier noch zu erwähnen, daß man darunter dasselbe zu verstehen hat, was früher, zumal in Beziehung auf das religiöse Bewußtsein und dessen Inhalt, als das *Mystische* bezeichnet zu werden pflegte.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 82, *Zusatz*, W 8, p. 178.

«Quando hoje em dia se fala do místico, isto vale em regra como significando o mesmo que o misterioso e inconcebível [...]. Porém, como vimos, o pensar abstractamente de entendimento é tão pouco um fixo e último, que o mesmo se demonstra antes como o superar constante e como alterar[-se] no seu contraposto, ao passo que o racional consiste como tal em conter em si os contrapostos como momentos ideais. Todo o racional é portanto ao mesmo tempo de designar como místico, com o que, contudo, é apenas tanto dito que o mesmo excede o entendimento, e de modo nenhum que o mesmo seja em geral considerado como inacessível e inconcebível para o pensar.» – «Wenn heutzutage vom Mystischen die Rede ist, so gilt dies in der Regel als gleichbedeutend mit dem Geheimnisvollen und Unbegreiflichen [...]. Nun aber ist, wie wir gesehen haben, das abstrakt verständige Denken so wenig ein Festes und Letztes, daß dasselbe sich vielmehr als das beständige Aufheben seiner selbst und als das Umschlagen in sein Entgegengesetztes erweist, wohingegen das Vernünftige als solches gerade darin besteht, die Entgegengesetzten als ideelle Momente in sich zu enthalten. Alles Vernünftige ist somit zugleich als mystisch zu bezeichnen, womit jedoch nur so viel gesagt ist, daß dasselbe über den Verstand hinausgeht, und keineswegs, daß dasselbe überhaupt als dem Denken unzugänglich und unbegreiflich zu betrachten sei.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 82, *Zusatz*, W 8, p. 179.

«Em conformidade, só para o entendimento, só para uma consideração não dialéctica da realidade, o racional se vem a perfilar como algo de “místico”.» BARATA-MOURA, *A «Realização da razão». Um programa hegeliano?*, p. 130.

configuração que Hegel lhe confere – ideal – não corresponde à verdadeira realidade-efectiva, na concepção de Marx, isto é, aos verdadeiros sujeitos, aos verdadeiros indivíduos, à realidade material do efectivamente existente.

Outro aspecto que gira ainda em torno da mesma problemática é a questão do monismo²⁵³ que, afirmando como substância-sujeito do real e natureza última do que é a unidade dos opostos que é a ideia (razão, Espírito), coloca Hegel, como se viu ao longo do texto, desde logo como herdeiro de Parménides, mas sobretudo de Espinosa.²⁵⁴ O programa hegeliano constitui um forte ataque a qualquer tipo de dualismo ou pluralismo ontológico, rejeitando um carácter originário à multiplicidade. Sem negar a diferença e diversidade, ou conferir-lhe um estatuto irreal, como o faz Parménides, Hegel concebe, contudo, como mais fundamental e primordial a unidade, a identidade, que permanece no decorrer da transformação e diversificação do real-efectivo. Ela é o ponto de partida e o ponto de chegada. É o conceito que na sua constitutiva densidade e complexidade compreende todo um processo de desdobramento imanente que é o devir real, o tornar-se ser, da sua essência, que regressa à unidade desenvolvida e concreta como ideia absoluta. A considerar como tal, o monismo hegeliano não implica, portanto, uma unicidade mono-lógica, mas, pelo contrário, “o que é” real-efectivamente é multiplicidade e diferença enquanto intrinsecamente enraizadas na unidade e na identidade ideal.

²⁵³ «Assim [a] filosofia de Hegel é em primeiro lugar radicalmente monista; em termos ontológicos há apenas uma substância (o Absoluto ou a Ideia), e em termos metodológicos há com a subjectividade absoluta apenas um princípio (o autoconhecimento e [auto]-realização).» – «So ist Hegels Philosophie erstens radikal monistisch; in ontologischer Hinsicht gibt es nur eine Substanz (das Absolute oder die Idee), und in methodologischer Hinsicht gibt es mit der absoluten Subjektivität nur ein Prinzip (der Selbsterkenntnis und -realisierung).» QUANTE, *Die Wirklichkeit des Geistes*, p. 23.

Segundo Pippin, por exemplo, «it is so inaccurate to associate Hegel's position with a traditional monism, particularly one that depends on the thesis of “internal relations.” The central claim of such a position, that there is only one substance, often also entails the claim that all parts or determinations of that substance are what they are only in their relation (and even possible relations) to all other determination of that substance, that there exist no relations apart from, ontologically independent of, relata.» PIPPIN, *Hegel's Idealism. The Satisfactions of Self-Consciousness*, p. 199.

²⁵⁴ Recorde-se as afirmações que Hegel efectua relativamente à filosofia como necessariamente espinosista. Cf., II Parte, § 20. Conceito, p. 77.

Conclusão

A dialéctica hegeliana, perspectiva desenvolvida no sentido de pensar o fundamental carácter relacional de todo o imediato como momento de um processo que o transcende, não porque se encontra fora ou para lá do mesmo, mas porque o ultrapassa na sua dimensão particular e abstracta, superando-o e enquadrando-o na totalidade e na unidade que é, em última instância, a verdadeira natureza do real, a verdade de tudo “o que é”, é, por conseguinte, a afirmação da primazia do concreto face ao abstracto, da mediação face à imediatez, do todo face à parte, do completo face ao parcial. A unidade especulativa, que assume uma configuração ideal, é, assim, o que a cada momento se encontra presente no que positiva e imediatamente é, no existente enquanto tal, e simultaneamente o dissolve na sua aparência de independência e autofundação. O absoluto não é cada um dos momentos, mas o real-efectivo completo que expressa a concreção do seu conceito. Não é ainda algo de uma vez e para todo o sempre determinado, mas o que se constrói e transforma num processo em que o principal motor é a contradição interna ao real, numa contínua realização do racional.

O idealismo hegeliano, embora na sua configuração sistemática fundamentalmente distinto dos idealismos de Kant, Fichte ou Schelling, em especial na sua constitutiva matriz dialéctica e especulativa, não deixa, como se viu, de reflectir alguns dos aspectos característicos do paradigma idealista. A reformulação da concepção de sujeito como unidade substancial da realidade-efectiva que no seu processo de autodeterminação e progressivo desenvolvimento põe autónoma e espontaneamente os múltiplo e diversos momentos que constituem a sua essência, como absoluto cuja identidade pressupõe e implica o devir e a transformação dialéctica, tensão e superação de contraditórios, não é senão a transposição da noção expressa por Kant na unidade originariamente sintética da apercepção (*eu penso*), ou por Fichte no conceito de Eu ou inteligência, o qual deriva da sua identidade originária um Não-Eu que lhe é contra-posto. Tanto no caso de Hegel como nos dois expoentes do idealismo transcendental (ou mesmo Leibniz), o sujeito é fundamentalmente uma unidade de multiplicidade, uma síntese do diverso e do contraposto, actividade criadora, espontaneidade absoluta. Tanto num como noutros, essa unidade é a da consciência, de natureza ideal, embora no quadro da filosofia hegeliana, esta não seja, como se viu, a consciência subjectiva de indivíduos determinados, mas o Espírito, a substância absoluta, a totalidade do real.

Pode-se, portanto, afirmar que é esta concepção eminentemente idealista da consciência, cuja natureza é, justamente, ser a unidade do distinto, do subjectivo e do objectivo, pensar e ser, que constitui o paradigma que permite pensar a ligação do diferente, a relação e mediação do aparentemente separado¹. Como salienta Hans Heinz Holz, na tentativa de pensar o todo, não como

¹ A problemática da identidade, característica dos programas idealistas, encontra-se naturalmente ligada à questão da unidade da consciência que, pelo menos desde Leibniz e teorizada de um modo detalhado por Kant, é pensada como unidade de um diverso ou de uma multiplicidade de estados. A consciência é o que é capaz de conter a diferença, mantendo a sua identidade intocada.

mera soma de substâncias discretas, como acontece numa perspectiva atomística, mas como multiplicidade fundada numa unidade essencial, em que cada elemento contém na sua determinação própria uma relação ao outro, Hegel elabora a noção de unidade especulativa, simultaneamente, dialéctica e ideal, na medida em que aquele só é inteligível como tal enquanto ideia, isto é, “podemos ter este todo apenas idealiter e nunca materialiter como objecto”².

Deste modo, poder-se-ia dizer que é na concepção dialéctica e especulativa, em sentido hegeliano, que se encontra a razão do seu idealismo, não porque o real é reduzido ao domínio de uma consciência individual subjectiva, mas porque o ser, na sua concreção deveniente, se resolve em ideia e a totalidade do que é em função do Espírito, substância absoluta. É por procurar pensar o todo na sua unidade fundamental e fundar uma ontologia em que a figura da relação não inere nas substâncias como algo exterior e não-fundamental, mas enquanto concorrendo essencialmente para a sua identidade, constituindo a sua própria natureza, que a perspectiva hegeliana resulta em idealismo³.

No seu sentido específico, o idealismo hegeliano não é, portanto, contrário a um realismo – entenda-se, evidentemente, não no sentido em que o próprio Hegel o concebe, isto é, como perspectiva filosófica que se funda no carácter imediato do real e da experiência, associado, portanto, ao empirismo, em que a consciência assume uma vertente meramente passiva e receptora, sem espaço para a espontaneidade e dinamismo tanto no objectivo como subjectivo, e que constitui, em última instância, o que Hegel entende por materialismo⁴ – na medida em que não nega a realidade exterior e materialmente constituída e, sobretudo, a possibilidade de um conhecimento verdadeiro do real, o que poderá ser perspectivado como um “realismo epistemológico”, mas, pelo contrário, o seu “idealismo absoluto”, ainda que no seguimento das perspectivas em que toda a realidade é somente enquanto “para” ou produzida por ou mesmo reduzida a (uma) consciência divina ou humana (Berkeley, Fichte), no caso de Hegel, a Ideia ou Espírito absoluto, é justamente a afirmação de que o real pode e deve ser conhecido na sua natureza mais íntima e verdadeira⁵. Que esta não seja senão a Ideia que no seu processo de realização se dispersa e diferencia, se aliena, e a si regressa pelo movimento dialéctico que é a sua actividade própria no constante apreender e compreender de si mesma é a resposta hegeliana, dialéctica, contra a imediatez tanto do que é

Werner Becker, por exemplo, defende que os conceitos hegelianos de “mediação” e “oposição” encontram-se fundados na concepção idealista do Eu como actividade infinita e produção de si mesmo que distingue o pensar do pensado, o “Eu-sujeito” (*Ich-Subjekt*) do “Eu-objecto” (*Ich-Objekt*). Cf. BECKER, *Hegels Begriff der Dialektik und das Prinzip des Idealismus*, p. 77.

² «weil wir dieses Ganze nur idealiter und nie materialiter als Gegenstand haben können». Hans Heinz Holz, “Das Erbe der spekulativen Philosophie” in H. F. Fulda, H. H. Holz, D. Pätzold (eds.), *Perspektiven auf Hegel*, Köln, Jürgen Dinter, 1991, pp. 29-45, p. 34.

³ «Ousaria afirmar mesmo que o idealismo – na acepção materialista deste conceito (não na hegeliana) – é o preço filosófico que Hegel entende pagar para o desenvolvimento de uma ontologia dialéctica e unitária.» José BARATA-MOURA, *Totalidade e Contradição. Acerca da Dialéctica*, Lisboa, Editorial «Avante!», 2ª ed. aumentada e revista, 2012, p. 131.

⁴ «O materialismo, [o] naturalismo é o sistema consequente do empirismo.» – «Der Materialismus, Naturalismus ist das consequente System des Empirismus.» HEGEL, *Enzyklopädie*, § 60, W 8, p. 145. Para o tema do idealismo e materialismo em Hegel v. BARATA-MOURA, “Hegel: Idealismo, Materialismo e Dialéctica”.

⁵ «Este idealismo absoluto ontológico prova-se, contudo, não apenas como não incompatível com um realismo directo epistemológico, mas possibilita-o exactamente.» – «Dieser ontologische absolute Idealismus erweist sich jedoch nicht nur nicht als unvereinbar mit einem epistemologischen direkten Realismus, sondern ermöglicht ihn gerade». Ludwig SIEP, Christoph HALBIG, Michael QUANTE, “Direkter Realismus. Bemerkungen zur Aufhebung des Alltäglichen Realismus bei Hegel” in Ralph Schumacher (ed.), *Idealismus als Theorie der Repräsentation?*, Paderborn, Mentis, 2001, pp. 147-163, p. 158.

abstractamente, como do saber que, na sua perspectiva, caracteriza o realismo ou materialismo.⁶ O idealismo hegeliano não é, por conseguinte, como o kantiano, a aceitação de uma realidade “em-si” em toda a sua extensão – que justifica o seu realismo ontológico – e o reduzir e confinar do campo do cognoscível ao domínio do transcendental e da experiência, mas inversamente como o alargamento do último à primeira, a totalidade do que é, pela absolutização e subjectivação da Ideia, transformando o idealismo epistemológico (de Kant) em idealismo ontológico, e o realismo ontológico em realismo epistemológico ou, como sugere Stern, “*conceptual*”⁷. Porque todo o real é ideia, razão, sujeito que se objectiva, conceito que é ser, é necessariamente em si mesmo cognoscível, uma vez que o horizonte deste é idêntico e o mesmo que o do cognoscente.

Naturalmente, Hegel não supera, como os seus antecessores e a História da Filosofia em geral, a concepção de que a matéria é o inerte, o “morto e, como tal, não pode ser princípio de movimento, mas somente sujeito a este”⁸, não pode por si mesma estabelecer relações, apenas ser posta em relação por meio da intervenção de uma consciência ou ser consciente, de um princípio formal ou ideal que transcende, no sentido em que perdura (através de), a transformação sensível e material.⁹ O activo é a forma, a ideia, a consciência, o Espírito e o idealismo a afirmação do primado do dinâmico e do espontâneo no que é real. A matéria é ainda, para este paradigma, o irremediavelmente discreto, fragmentário, a descontinuidade insuperável¹⁰ que carece de um outro que lhe confira ordem, forma, sentido.¹¹

Quando à dialéctica, ela é justamente o dispositivo conceptual e doutrinário que permite pensar o real do ponto de vista da unidade, da continuidade, da permanência no diferente, na transformação, no movimento e multiplicidade do que é. Ela é, em Hegel, o que, sob configurações muito diversas, já em Heraclito, Platão ou Kant se verificava¹². Do primeiro, Hegel guarda a dimensão ontológica, a presença e imanência da razão e medida (*lógos*) no que se manifesta à superfície; dos últimos, o mote da processualidade contraditória que é a progressão de ideia em ideia, conceito em conceito, categoria em categoria (no caso de Platão) em direcção ao que simultaneamente compreende e ultrapassa a oposição e contradição do que é apenas de um modo

⁶ A crítica da imediatez estende-se também ao idealismo que funda o seu sistema num primeiro princípio imediato – a auto-posição da consciência – e dele fazem um absoluto do qual deriva o ser, salvaguardando-se, assim, a espontaneidade e autonomia da consciência. O idealismo hegeliano apresenta-se, pois, como superação tanto do realismo/materialismo tradicionais, como do idealismo não dialéctico, na terminologia hegeliana, não especulativo.

⁷ «Hegel’s idealism, in other words, amounts to a form of *conceptual realism*, understood as ‘the belief that concepts are part of the structure of reality’.» STERN, *Hegelian Metaphysics*, p. 75.

«In general, the relatively noncontroversial aspect of reading Hegel as a post-Kantian idealist involves attributing to him various arguments intended to deny the fundamentality or ultimacy of empirical knowledge, or of a “naturalist” or “materialist” explanation. The controversial aspect involves the claim that Hegel is, like Kant, an “antirealist”, not a metaphysical realist, even though he rejects Kant’s “thing-in-itself” skepticism, and so proposes to “overcome” any presumed realist/antirealist opposition.» PIPPIN, *Hegel’s Idealism. The Satisfaction of Self-Consciousness*, nota 15, p. 262.

⁸ Veja-se, por exemplo, o caso de Aristóteles. Cf. *supra* § 41. Platão, Aristóteles, p. 142.

⁹ Mais uma vez, é este o papel do “motor imóvel” na ontologia realista aristotélica, concebido como inteligência suprema, princípio último de todo o movimento real, “acto puro”, ou o intelecto de Anaxágoras, princípio último de toda a realidade.

¹⁰ «Idealismo é, pois, a conexão puramente contínua em si mesma, imperturbada também nas suas negações; materialismo, porém, é interrupção.» – «Denn Idealismus ist der rein in sich fortlaufende, der auch in seinen Negationen noch ungestörte Zusammenhang; Materialismus aber ist Unterbrechung.» BLOCH, *Subjekt – Objekt. Erläuterung zu Hegel*, p. 135.

¹¹ Já Aristóteles defendia que a matéria é incognoscível em ou por si mesma. Cf. ARISTÓTELES, *Metafísica*, Z, 10, 1036 a 8-9.

¹² «Simultaneamente, esta concepção fundamental representa agora para Hegel a verdadeira síntese do moderno e do antigo idealismo, a síntese entre Kant e Platão.» – «Zugleich stellt nunmehr diese Grundanschauung für Hegel die eigentliche Synthese des modernen und des antiken Idealismus, die Synthese zwischen Kant und Platon dar.» CASSIRER, *Das Erkenntnisproblem*, p. 306.

incompleto, superando-as na unidade concreta que é a verdadeira realidade, na realidade-efectiva e concreta que suporta e produz a contradição que é a Ideia ou razão (como em Kant), conceito que é simultaneamente subjectivo e objectivo, ideal e real, cujo fim (resultado e destino) é, porém, ser na forma da idealidade e subjectividade enquanto Espírito.

Dialéctica e idealismo estão, por conseguinte, indissociavelmente ligados na perspectiva ontológica hegeliana.¹³ Toda a sua concepção é determinada pela figura da identidade, uma identidade não-estática, não-abstracta, e a sua configuração sistemática não é excepção. Isto não significa, contudo, que uma perspectiva dialéctica tenha necessariamente de se constituir idealisticamente, como mostraram, nomeadamente, Marx e Engels.¹⁴ Ou, em sentido negativo, que um materialismo não pode ser senão a afirmação de um real petrificado, atomístico, um mero agregado de coisas em que se encontra ausente um princípio de unidade entre as diversas entidades discretas.

Naturalmente, uma ontologia dialéctica não idealista terá de deitar por terra muitos dos aspectos e (pres)supostos que a Lógica hegeliana compreende, e colocar de uma outra forma toda a problemática expressa por Hegel no seu conceito de unidade especulativa e das relações entre o ser e o pensar, o real e o ideal, o objectivo e o subjectivo. A figura do sujeito, em particular, que, como se viu, é determinante na configuração dialéctica idealista da filosofia hegeliana, terá de ser (re)pensada no sentido de permitir uma consideração do individual e singular sem a sua dissolução no todo, no universal, em Hegel, no conceito, sem, contudo, se reduzir a teia de relações a uma mera projecção ou construção subjectiva. A dialéctica, como Hegel a entende, é justamente essa tensão entre opostos que contraditoriamente se excluem e determinam reciprocamente, e no dinamismo que constituem, não isoladamente como autómatos encerrados em si mesmos, mas na relação que se estabelece a cada instante entre diferentes e contrários. O individual não é sem o comum, o conjunto ou o universal, do mesmo modo que este não passa de uma entidade vazia sem o concurso efectivo do particular. E pensar o todo na sua unidade e identidade fundamental, a multiplicidade a partir da continuidade, a fundação de uma ontologia dialéctica, é o programa hegeliano.

¹³ «O idealismo de Hegel, por objectivo que seja, se bem que reconheça a existência de um mundo independente do sujeito, não deixa de ser idealismo e, como tal, igualmente adverso ao materialismo. Dizer que o hegelismo como idealismo dialéctico continha dois elementos: a dialéctica, que era um método fecundo, e o idealismo, que era um sistema estéril, e que Marx e Engels retiveram a dialéctica e rejeitaram o idealismo, substituindo-o pelo materialismo – é apenas, na sua visão simplista, a forma extrema de uma falsa maneira de entrar na questão. O hegelismo é um idealismo. Dialéctico, certo, mas idealismo da base ao topo. Idealistas são o método – a dialéctica – como o sistema, forçados numa só peça.» MAGALHÃES-VILHENA, “A Teoria, Força Material”, p. 14.

«No pensamento hegeliano a forma da dialéctica é o idealismo. Quer isto dizer que, em ordem a desenvolver uma perspectiva dialéctica, Hegel entende como necessária a suposição do idealismo, da coincidência do ser e do pensar, da final redução (ou inclusão) do ser no pensar por intermédio do próprio pensar.» BARATA-MOURA, “Hegel: Idealismo, Materialismo e Dialéctica”, p. 123.

«Na medida em que a argumentação específica de Hegel, que é dialéctica, imediatamente ligada com esta versão especialmente idealista de uma oposição e uma identidade que impele esta oposição para a superação, tem que se dizer agora também que a argumentação dialéctica está *insolúvelmente* ligada com estas *premissas idealistas*.» – «Insofern die spezifische Argumentationsweise Hegels, die dialektische, unmittelbar mit dieser speziell idealistischen Fassung eines Gegensatzes und einer diesen Gegensatz zur Aufhebung treibenden Identität verbunden ist, muß man jetzt auch sagen, daß die dialektische Argumentation mit diesen ihren *idealistischen Prämissen unlösbar* verbunden ist.» BECKER, *Hegels Begriff der Dialektik und das Prinzip des Idealismus*, p. 81.

¹⁴ Sobre a problemática da relação Hegel – Marx / Engels a bibliografia é vastíssima. Embora incontornável, não se insere no âmbito do presente estudo.

Bibliografia

I. Obras de Hegel

G. W. F. HEGEL, *Systemfragment von 1800, Werke*, vol. 1, red. Eva Moldenhauer e Karl Markus Michel, Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag, 1994³.

G. W. F. HEGEL, *Phänomenologie des Geistes, Werke*, vol. 3, red. Eva Moldenhauer e Karl Markus Michel, Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag, 1993⁴.

G. W. F. HEGEL, *Wissenschaft der Logik. Erste Band. Die objektive Logik* [1812], Nürnberg, Johann Leonhard Schrag, 1812.

G. W. F. HEGEL, *Wissenschaft der Logik I, Erste Teil. Die objektive Logik. Erstes Buch* [1832], *Werke*, vol. 5, red. Eva Moldenhauer e Karl Markus Michel, Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag, 1993³.

G. W. F. HEGEL, *Wissenschaft der Logik II, Erste Teil. Die objektive Logik. Zweites Buch; Zweiter Teil. Die subjektive Logik, Werke*, vol. 6, red. Eva Moldenhauer e Karl Markus Michel, Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag, 1993³.

G. W. F. HEGEL, *Grundlinien der Philosophie des Rechts oder Naturrecht und Staatswissenschaft im Grundrisse*, Vorrede, *Werke*, vol. 7, red. Eva Moldenhauer e Karl Markus Michel, Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag, 1995⁴.

G. W. F. HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse* (1830), *Erste Teil. Die Wissenschaft der Logik mit den mündlichen Zusätzen, Werke*, vol. 8, red. Eva Moldenhauer e Karl Markus Michel, Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag, 1995⁴.

G. W. F. HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie, Werke*, vols. 18-20, red. Eva Moldenhauer e Karl Markus Michel, Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag, 1993².

II. Traduções consultadas

G. W. F. HEGEL, *Ciencia de la Lógica*, trad. Augusta e Rodolfo Mondolfo, Buenos Aires, Solar S. A. / Hachette S. A., 1968.

G. W. F. HEGEL, *Science de la Logique. Premier tome – la Logique objective. Premier livre. La doctrine de l'Être. Version de 1832*, trad., apres. e notas Gwendoline Jarczyk e Pierre-Jean Labarrière, Paris, Éditions Kimé, 2007.

G. W. F. HEGEL, *Science de la Logique. Premier tome – la Logique objective. Deuxième livre. La doctrine de l'Essence*, trad., apres. e notas Gwendoline Jarczyk e Pierre-Jean Labarrière, Paris, Éditions Kimé, 2010.

G. W. F. HEGEL, *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Epítome*, vol. I, trad. Artur Mourão, Lisboa, Edições 70, 1988.

III. Outras fontes

ANAXAGORAS of Clazomenae, *Fragments and Testimonia. A Text and Translation with Notes and Essays* by Patricia Curd, Toronto – Buffalo – London, University of Toronto Press, 2007.

ARISTÓTELES, *Metafísica de Aritóteles*, ed. Valentín García Yebra, ed trilingue Grego, Latim e Castelhana, Madrid, Gredos, 1990.

ARISTÓTELES, *Da Alma (De Anima)*, trad., intro. e notas Carlos Humberto Gomes, Lisboa, Edições 70, 2001.

George BERKELEY, *The Principles of Human Knowledge, The Works of George Berkeley Bishop of Cloyne*, vol. II, ed. A. A. Luce e T. E. Jessop, London – Edinburgh Paris Melbourne Toronto and New York, Thomas Nelson and Sons Ltd., 1949.

Giordano BRUNO, *De la Causa, Principio e Uno, III, Dialoghi italiani. Dialoghi metafisici e dialoghi morali*, ed. Giovanni Aquilecchia, Firenze, Sansoni, 1958³.

Nicolai de CUSA, *De docta ignorantia. Die belehrte Unwissenheit*, vol I, Latim-Alemão, Hamburg, Felix Meiner Verlag, 1977. (Tradução portuguesa: Nicolau de CUSA, *A Doutra Ignorância*, trad., intro e notas João Maria André, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003).

René DESCARTES, *Meditationes De Prima Philosophia, Œuvres*, vol. VII, ed. Charles Adam e Paul Tannery, Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 1996.

René DESCARTES, *Principia Philosophiæ, Œuvres*, vol. VIII, ed. Charles Adam e Paul Tannery, Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 1996.

Hermann DIELS, Walther KRANZ, *Die Fragmente der Vorsokratiker*, Griechisch und Deutsch, Berlin – Neuköln, Weidmannsche Verlagsbuchhandlung, 1956⁸.

J. G. FICHTE, *Erste Einleitung in die Wissenschaftslehre, Werke*, vol. I, ed. Immanuel Hermann Fichte, reprod. Berlin, Walter de Gruyter, 1971.

J. G. FICHTE, *Zweite Einleitung in die Wissenschaftslehre, Werke*, vol. I, ed. Immanuel Hermann Fichte, reprod. Berlin, Walter de Gruyter, 1971.

HERACLITO, *Fragmentos Contextualizados* (Edição bilingue), trad. de Alexandre Costa, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

Friedrich HÖLDERLIN, *Urteil und Sein, Werke. Briefe. Dokumente*, ed. Friedrich Beißner, München, Winkler-Verlag, 1963, pp. 490-491.

Immanuel KANT, *Kritik der reinen Vernunft, Gesammelte Schriften*, vol. III, ed. Königlich-Preussische Akademie der Wissenschaften, Berlin, Reimer, 1911.

G. W. LEIBNIZ, *Discours de metaphysique, Die Philosophischen Schriften*, vol. IV, ed. Gerhardt, Hildesheim – New York, Georg Olms Verlag, 1978.

G. W. LEIBNIZ, *Monadologie, Die Philosophischen Schriften*, vol. VI, ed. Gerhardt, Hildesheim – New York, Georg Olms Verlag, 1978.

G. W. LEIBNIZ, *Principes de la Nature et de la Grace, fondés en raison, Die Philosophischen Schriften*, vol. VI, ed. Gerhardt, Hildesheim – New York, Georg Olms Verlag, 1978.

G. W. LEIBNIZ, *Leibnizens mathematische Schriften*, II-II, ed. Gerhardt, in *Leibnizens gesammelte Werke*, III-VI, ed. Georg Heinrich Pertz, Halle, H. W. Schmidt, 1860.

Karl MARX, *Zur Kritik der Hegelschen Rechtsphilosophie, Marx Engels Gesamtausgabe*, vol. I / 2, Berlin, Dietz Verlag, 1982.

Karl MARX, *Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie*, “Nachwort zur zweiten Auflage”, *Marx Engels Werke*, vol. 23, Berlin, Dietz Verlag, 1983.

PARMÉNIDES, *Da Natureza* in José Trindade dos Santos, *Da Natureza. Parménides*, Queluz, Alda Editores, 1997.

PLATÃO, *La République, Œuvres Complètes*, trad. Émile Chambry, Paris, Les Belles Lettres, Tome VI, 1981; Tome VII – 1^{re} Partie, 1989⁹; Tome VII – 2^e Partie, 1982⁸.

PLATÃO, *Sophiste, Œuvres Complètes*, Tome VIII, 3^e Partie, trad. Auguste Diès, Paris, Les Belles Lettres, 1963⁴.

F. W. J. SCHELLING, *System des Transzendentalen Idealismus, Ausgewählte Schriften*, vol. I, ed. Manfred Frank, Frankfurt am Main, 2003³.

Benedicti de SPINOZA, *Ethica, Opera Quotquot Reperta Sunt*, vol. I, ed. J. Van Vloten e J. P. N. Land, Hagae, Martinus Nijhoff, 1914³. (Tradução portuguesa: Bento de ESPINOSA, *Ética*, trad. da Parte I Joaquim de Carvalho, Lisboa, Relógio D'Água, 1992.)

ZENÃO, *Fragmentos*, in Hermann DIELS, Walther KRANZ, *Die Fragmente der Vorsokratiker*, vol. I, Griechisch und Deutsch, Berlin – Neuköln, Weidmannsche Verlagsbuchhandlung, 1956⁸, pp. 255-258.

IV. Estudos e autores citados

José BARATA-MOURA, “Hegel: Idealismo, Materialismo e Dialéctica” in *Ideia e Matéria. Comunicações ao Congresso Hegel – 1976*, Lisboa, Livros Horizonte, 1978, pp. 99-135.

José BARATA-MOURA, *A «Realização da razão». Um programa hegeliano?*, Lisboa, Caminho, 1990.

José BARATA-MOURA, *Estudos sobre a ontologia de Hegel. Ser, Verdade, Contradição*, Lisboa, Editorial «Avante!», 2010.

José BARATA-MOURA, *Totalidade e Contradição. Acerca da Dialéctica*, Lisboa, Editorial «Avante!», 2ª ed. aumentada e revista, 2012.

Werner BECKER, *Hegels Begriff der Dialektik und das Prinzip des Idealismus. Zur systematischen Kritik der logischen und der phänomenologischen Dialektik*, Stuttgart – Berlin – Köln – Mainz, Verlag W. Kohlhammer, 1969.

David BELL, “Is Empirical Realism Compatible With Transcendental Idealism?” in Ralph Schumacher (ed.), *Idealismus als Theorie der Repräsentation?*, Paderborn, Mentis, 2001, pp. 167-179.

J. BIARD, D. BUVAT, J.-F. KERVEGAN, J.-F. KLING, A. LACROIX, A. LÉCRIVAIN, *Introduction à la lecture de la Science de la logique de Hegel, La doctrine du concept*, Paris, Aubier Montaigne, 1987.

Ernst BLOCH, *Subjekt – Objekt. Erläuterung zu Hegel, Gesamtausgabe*, vol. 8, Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag, 1977.

Rüdiger BRAUCH, *Hegels “Wissenschaft der Logik”. Untersuchung zum Verhältnis von Logik und Ontologie*, Dissertation zur Erlangung des Grades eines Doktors der Philosophie der Eberhard-Karls-Universität Tübingen der Philosophischen Fakultät, 1986.

Xaver BRENNER, *Die Kategorie des Werdens in der Hegelschen Logik des Seins*, Inaugural-Dissertation zur Erlangung des Doktorgrades der Philosophie an der Ludwig-Maximilians-Universität München, München, Xaver Brenner, 1987.

Hans BROCKARD, *Subjekt. Versuch zur Ontologie bei Hegel*, München – Salzburg, Verlag Anton Pustet, 1970.

Manuel J. CARMO FERREIRA, “A questão da individualidade em Hegel” in *Biblos*, Coimbra, Universidade de Coimbra, vol. LXII, 1986, pp. 189-210.

Ernst CASSIRER, *Das Erkenntnisproblem in der Philosophie und Wissenschaft der neueren Zeit. Dritter Band. Die Nachkantischen Systeme*, Hildesheim – New York, Georg Olms Verlag, 1974.

Carlos João CORREIA, “Hegel e a Verdade do Ser” in *Ideia e Matéria. Comunicações ao Congresso Hegel – 1976*, Lisboa, Livros Horizonte, 1978, pp. 139-155.

Kristina ENGELHARD, “Das Problem des Widerspruchs in Hegels System” in Christoph Jamme, Yohichi Kubo (eds.), *Logik und Realität. Wie systematisch ist Hegels System?*, München, Wilhelm Fink Verlag, 2012, pp. 207-231.

Diogo Falcão FERRER, *Lógica e Realidade em Hegel. A Ciência da Lógica e o Problema da Fundamentação do Sistema*, Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2006.

Hans Friedrich FULDA, “Ontologie nach Kant und Hegel” in Dieter Henrich und Rolf-Peter Horstmann (eds.), *Metaphysik nach Kant?*, Stuttgart, Ernst Klett Verlage, 1988, pp. 44-82.

Hans Friedrich FULDA, “Spekulative Logik als “die eigentliche Metaphysik”. Zu Hegels Verwandlung des neuzeitlichen Metaphysikverständnisses” in Detlev Pätzold und Arjo Vanderjagt (eds.), *Hegels Transformation der Metaphysik*, Köln, Dinter, 1991, pp. 9-27.

Hans Friedrich FULDA, “Spekulatives Denken dialektischer Bewegung von Gedankenbestimmungen” in Dieter Wandschneider (ed.), *Das Problem der Dialektik*, Bonn, Bouvier Verlag, 1997, pp. 19-31.

Hermann GLOCKNER, *Der Begriff in Hegels Philosophie. Versuch einer logischen Einleitung in das metalogische Grundproblem des Hegelianismus*, Tübingen, Verlag von J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1924.

Dieter HENRICH, “Hegels Logik der Reflexion. Neue Fassung” in Dieter Henrich (ed.), *Die Wissenschaft der Logik und die Logik der Reflexion*, Bonn, Bouvier Verlag Herbert Grundmann, 1978, pp. 203-324.

Hans Heinz HOLZ, “Hegels Konzept der ‘eigentlichen Metaphysik’” in Detlev Pätzold und Arjo Vanderjagt (eds.), *Hegels Transformation der Metaphysik*, Köln, Dinter, 1991, pp. 28-42.

Hans Heinz HOLZ, “Das Erbe der spekulativen Philosophie” in H. F. Fulda, H. H. Holz, D. Pätzold (eds.), *Perspektiven auf Hegel*, Köln, Jürgen Dinter, 1991, pp. 29-45.

Hans Heinz HOLZ, *Aufhebung und Verwirklichung der Philosophie 1. Die Algebra der Revolution. Von Hegel zu Marx*, Berlin, Aurora Verlag, 2010.

Jean HYPPOLITE, *Logique et existence. Essai sur la logique de Hegel*, Paris, Presses Universitaires de France, 2002⁴.

Alexandre KOJÈVE, *Introduction à la lecture de Hegel. Leçons sur la Phénoménologie de l'Esprit professés de 1933 à 1939 à l'École des Hautes-Études*, ed. Raymond Queneau, Paris, Gallimard, 1971.

Bernhard LAKEBRINK, *Studien zur Metaphysik Hegels*, Freiburg, Verlag Rombach, 1969.

Georg LUKÁCS, “Hegels falsche und echte Ontologie”, *Zur Ontologie des gesellschaftlichen Seins, Werke*, vol. 13, Darmstadt - Neuwied, Hermann Luchterhand Verlag, 1984, pp. 468-558.

Vasco MAGALHÃES-VILHENA, “A Teoria, Força Material” in *Ideia e Matéria. Comunicações ao Congresso Hegel – 1976*, Lisboa, Livros Horizonte, 1978, pp. 9-50.

Georges NOËL, *La logique de Hegel*, Paris, Félix Alcan, 1897.

Robert B. PIPPIN, *Hegel's Idealism. The Satisfactions of Self-Consciousness*, Cambridge, Cambridge University Press, 1989.

Michael QUANTE, *Die Wirklichkeit des Geistes*, Berlin, Suhrkamp Verlag, 2011.

Nathan ROTENSTREICH, *Reason and Its Manifestations. A Study on Kant and Hegel*, Stuttgart-Bad Cannstatt, Frommann – Holzboog, 1996.

Georg SANS, *Die Realisierung des Begriffs. Eine Untersuchung zu Hegels Schlusslehre*, Berlin, Akademie Verlag, 2004.

Ludwig SIEP, Christoph HALBIG, Michael QUANTE, “Direkter Realismus. Bemerkungen zur Aufhebung des Alltäglichen Realismus bei Hegel” in Ralph Schumacher (ed.), *Idealismus als Theorie der Repräsentation?*, Paderborn, Mentis, 2001, pp.147-163.

Ivan SOLL, *An Introduction to Hegel's Metaphysics*, Chicago – London, The University of Chicago Press, 1969.

Robert STERN, *Hegelian Metaphysics*, Oxford, Oxford University Press, 2009.

Tilman WEGERHOFF, *Hegels Dialektik. Eine Theorie der positionalen Differenz*, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 2008.

Tomoyuki YAMANE, *Wirklichkeit. Interpretation eines Kapitels aus Hegels »Wissenschaft der Logik«*, Frankfurt am Main – Bern – New York, Peter Lang, 1983.

Índice de Nomes

Anaxágoras, 138-139, 140, 162.

Aristóteles, 1, 4, 11, 38, 48, 65-68, 85-87, 92, 103, 112, 131, 138, 140, 142-143, 153, 157, 162.

Barata-Moura, José, 3, 7, 14, 43, 65-67, 80, 85, 124, 126, 131, 134-135, 156, 158, 161-162.

Becker, Werner, 148-149, 160, 163.

Bell, David, 5.

Berkeley, George, 136, 161.

Biard, J., 94-95, 100-105, 107.

Bloch, Ernst, 2, 8, 157-158, 162.

Brauch, Rüdiger, 7-8.

Brenner, Xaver, 28-29.

Brockard, Hans, 67.

Bruno, Giordano, 24-25.

Buvat, D., 94-95, 100-105, 107.

Carmo Ferreira, Manuel J., 79, 86, 112, 156-157.

Cassirer, Ernst, 10, 121, 132-133, 162.

Correia, Carlos João, 153.

Cusa, Nicolai de, 24-25.

Descartes, René, 16, 46, 94, 143-144.

Engelhard, Kristina, 19, 44-45, 80.

Ferrer, Diogo Falcão, 15, 17, 19, 37, 45, 52-53, 84.

Fichte, J. G., 13-14, 22, 78, 80-81, 95, 127-128, 137, 145-149, 151-152, 160-161.

Fulda, Hans Friedrich, 4-7, 160.

Glockner, Hermann, 8.

Halbig, Christoph, 161.

Henrich, Dieter, 78, 80, 154.

Heraclito, 12, 30, 126-127, 136, 138-139, 162.

Holz, Hans Heinz, 6-7, 44, 46, 137, 160.

Hyppolite, Jean, 4, 8.

Kant, Immanuel, 4-6, 13, 16, 22, 31, 42-43, 45, 72, 79-81, 94-95, 102-103, 108-110, 117-118, 120-121, 125, 145-149, 152, 155, 160-162.

Kervegan, J.-F., 94-95, 100-105, 107.

Kling, J.-F., 94-95, 100-105, 107.

Kojève, Alexandre, 7, 13, 133.

Lacroix, A., 94-95, 100-105, 107.

Lakebrink, Bernhard, 9.

Lécrivain, A., 94-95, 100-105, 107.

Leibniz, G. W., 30, 36, 45-46, 66-67, 69, 78- 80, 96, 98-99, 113, 122, 143, 145-146, 152, 160.

Lukács, Georg, 47.

Magalhães-Vilhena, Vasco, 134, 162.

Marx, Karl, 124-125, 137, 154, 156-159, 162-163.

Noël, Georges, 124.

Parménides, 9-12, 20, 118-119, 127, 138, 141, 159.

Pippin, Robert B., 5, 13, 15, 79-80, 155-156, 159, 162.

Platão, 4, 12, 20-21, 38, 112, 118, 136, 138, 140-141, 162.

Quante, Michael, 132, 159, 161.

Rotenstreich, Nathan, 125.

Sans, Georg, 5-6, 120.

Schelling, F. W. J., 62, 128, 148-152, 160.

Siep, Ludwig, 161.

Spinoza, Benedicti de, 16, 64, 76-77, 94, 127-128, 144-145.

Stern, Robert, 2-3, 5, 7, 136, 154, 161.

Wegerhoff, Tilman, 42.

Yamane, Tomoyuki, 67.

Zenão, 118, 138.